THEODORO SAMPAIO

O TUPI
NA
GEOGRAPHIA NACIONAL

Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo

SEGUNDA EDIÇÃO
CORRECTA E AUGMENTADA

1914
Empresa Typographica «O Pensamento»
S. PAULO

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

THEODORO SAMPAIO

O TUPI

NA

GEOGRAPHIA NACIONAL

Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo

SEGUNDA EDIÇÃO

CORRECTA E AUGMENTADA

1914

Empresa Typographica Editora «O Pensamento»
Rua Senador Feijó, 19 — S. PAULO

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Entra agora na sua segunda edição *O Tupi na Geographia Nacional.*

Pelo objecto que elle visa, como pela natureza do estudo especialissimo que elle representa, este facto, por si só, significa que o livrinho, ora reimpresso, logrou alguma acceitação e sympathia no meio brasileiro. Para mim, em verdade, nada mais colhí alem do acoroçoamento moral, que entre nós costuma ser a recompensa unica das lettras ao serviço do progresso intellectual da nossa terra; e porque o desejo de contribuir ainda para esse progresso me seduz mais do que uma esperança qualquer de lucro, que os livros deste genero, de ordinario, não têm, é que me abalanço a dar esta segunda edição, ora bas-

tante augmentada e melhorada em relação á primeira. Dar-me-ei, pois, por bem compensado si, com o tentamen novo, me não faltar a boa acolhida da opinião nacional.

A acceitação, que logrou do publico a primeira edição, tive-a bem manifesta nas apreciações espontaneas da imprensa do paiz; no espontaneo parecer dos competentes; no muito accentuado pendor que de então se observou no nosso povo de restaurar as antigas denominações indigenas das localidades; nas repetidas solicitações para dar a traducção tupi de nomes portuguezes de povoados e de cidades, nomes que, por muito repetidos e frequentes, estavam dando motivo a lamentaveis confusões e até a prejuizos nas relações de toda a ordem dessas localidades do mesmo nome; na preferencia decidida do tupi para a denominação dos logares novos. De Goyaz, por exemplo, solicitavam-me pessôas de consideração e de influencia da Cidade de *Entre-Rios* a traducção deste nome para a lingua indigena, por já estarem sem conta os damnos que a localidade vinha experimentando de muito tempo, causados pela confusão de logares que trazem o mesmo nome. De Minas Geraes pedia-me um de seus representantes ao Congresso Legislativo a traducção de bom numero de nomes portuguezes antigos e viciosos de localidades do Estado, por estar deliberado a apresentar projecto de lei, propondo a substituição desses nomes por outros da lingua indigena. De diversas companhias de estradas de ferro me chegaram pedidos para dar nomes tupis, de conformidade com a feição topographica local, ás novas estações que se inauguravam ou ás povoações que se iam formando ao longo dessas linhas de penetração pelos sertões apartados e a acceitação immediata, com que taes nomes eram acolhidos pelas populações, bem prova a sua decidida predilecção por essa maneira genuinamente nacional de designar localidades. A tentativa, pois, de restaurar o tupi como factor genuino e preferencial nas denominações geographicas da nossa terra, teve tão bom exito que até excedeu á minha espectativa.

Estudos historicos, questões judiciaes em debate, não raro provocaram pareceres e consultas ou deram motivo a buscar-se, na interpretação de nomes indigenas, fundamento para uma identificação de logares, na certeza de que o significado desses nomes indigenas traduz fielmente a caracteristica natural de cada localidade.

Nomes de individuos se me pediram tambem, traduzidos para o tupi, talvez porque os quizessem assim mais doces, mais brasileiros e quiçá mais poeticos.

De alguns dos nossos homens de maior cultura nas lettras patrias recebi, com os seus applausos e com a animação que me deram, muitas indicações de valor e notas interessantes que

aqui tomei na devida consideração. De uns tive mesmo a honra de uma apreciação methodica e competente, estampada nos jornaes ou em revistas nacionaes e estrangeiras. A do Rev.mo Padre Carlos Teschauer, da Companhia de Jesús, historiador e polygrapho notavel, dou-a aqui na integra, com a devida permissão, traduzida de uma revista allemã. A do Dr. Caetano de Campos, distincto engenheiro e emerito conhecedor das cousas patrias, dou-a ainda inedita e na mesma forma de affectuosa missiva com que me honrou.

Não me é possivel, bem se vê, dar aqui conta das apreciações diversas, da critica mais ou menos erudita que este livrinho mereceu na sua primeira edição. Não devo, porem, deixar sem resposta, pela consideração que me merece o seu auctor e pelo tom independente com que discrepou do nosso parecer, a critica, no «Correio da Manhã», feita por José Verissimo. A autoridade do critico todos no paiz a reconhecem; firmou-se e se consagrou mui legitimamente na opinião nacional. Demais disso, José Verissimo, paraense de nascimento, conhecendo de perto o meio Amazonico a cujo estudo desde cedo se dedicou, é uma opinião que deve ser acatada, em se tratando de *indianismo* no Brasil. O critico illustre feriu de preferencia, na sua apreciação, o ponto do animismo e da idéa de Deus entre os tupis, vendo nas explicações que dei de algumas palavras da lingua desse povo

uma idéa, erronea de minha parte, quanto á capacidade psychica e religiosa dessa raça. Procurei responder a isso e a mais alguns pontos dessa critica, em uma carta que a 19 de Janeiro de 1902 dirigi, de S. Paulo, a Rocha Pombo, ao offerecer-lhe o meu livrinho que elle então desejava conhecer. Nessa carta lhe escrevia eu: «Devo chamar a attenção de V. Ex.ª para um ponto capital. Não tive, com esse meu estudo, e isso deixei bem claro nos primeiros capitulos, a intenção de apurar as origens remótas dos vocabulos e explicar-lhes a etymologia na lingua primitiva e mais pura dos povos da raça tupi. Ao contrario, procurei esclarecer essa questão, invocando não só o tupi dos primeiros tempos da conquista, como o tupi que depois se fez *lingua geral,* já sob o influxo do europeu.

«Tenho para mim, que a mór parte dos nomes tupis que se encontram na geographia brasilica não foi dada pelo gentio barbaro, ou pelo selvagem não influenciado pela civilisação do branco invasor, mas sim pelas populações que se seguiram á colonisação, pelos nascidos no paiz, quer de procedencia européa pura, quer mixtiça, populações a quem coube o encargo de alargar a conquista do territorio, já no afan de captivar, ou como então se dizia, de *descer* indios bravos, já na irresistivel paixão de descobrir ouro nos sertões, gente que os chronistas e escriptores coévos são concordes em dizer que

toda ou quasi toda falava o tupi *(lingua geral)*. Muitos nomes de localidades, rios e montanhas são evidentemente de procedencia mais culta do que a do selvagem que, pode-se dizer, não tinha cultura alguma. Temos aqui em S. Paulo exemplo disso. Referem-nos os mais antigos viajantes e escriptores que os indios davam ao rio que passa aqui em S. Paulo o nome *Anhemby*, que tambem por algum tempo se chamou *Rio Grande de Anhemby*. Entretanto, mais tarde, já depois que as *bandeiras* começaram a descer por esse rio, foi-lhe a denominação mudada para *Tietê*, *(curso d'agua verdadeiro)*, como que já traduzindo ou procurando significar o papel que esse rio passou a desempenhar na historia dos descobrimentos. Isto é, para quem penetrava do littoral para o sertão, o curso d'agua consideravel, proprio para se navegar, *o rio verdadeiro*, era esse *Anhemby* do gentio ou mais propriamente *Tietê*. Demais disso, só elle se prestava á uma navegação regular, conduzindo ao intimo do continente. Ao norte ficavam rios impraticaveis (*pará-ahyba* ou *paranã-ahyba*), ao sul outro grande rio imprestavel tambem (*paranã-panema*). Essa denominação *Tietê*, substituida á primitiva (*Anhemby*), exprime, pois, um progresso, ou o resultado de um conhecimento mais completo do paiz interior; é nome evidentemente de procedencia *mameluca*.

«Da mesma procedencia é o nome *Botucavarú* (*Ibytú-cabarú*) que quer dizer: — *cavallo das nuvens*, applicado a uma montanha alta sobre a qual as nuvens constantemente pousam ou ficam a cavalleiro. A idéa de *cavallo* (cabarú) os indios não a tiveram senão depois da invasão européa.

«O nome *Tupã* teve, decerto, dous ou mais sentidos, desde o tupi primitivo até a *lingua geral*, esta já profundamente influenciada pela cultura européa. *Tupã*, no tupi primitivo, genuinamente indigena, é *tub-ã*, o que fica alto ou erguido, o que está no alto; e assim, *tupã-beraba* é *o que está no alto reluzindo, o relampago; tupã-cynynga, o que está no alto roncando, o trovão*. Na *lingua geral*, já influenciada pelo missionario, pela religião nova, *Tupã* (de *tub*=o que fica, permanece ou reside; *ã*=alto, erguido), por uma extensão naturalissima do significado, vae até exprimir: — *o que domina, o que fica superior, Deus, o Altissimo*. O missionario, o catechumeno acharia, pois, no nome *Tupã* mais alguma cousa. *Tupã* pode proceder de *tub*=*tup* que quer dizer *pae* e *ã* erguido, superior, isto é, *pae superior, pae do alto, pae que está nas alturas ou no céo.*

«No meu estudo, tive, pois, que considerar o vocabulo tupi, não tão sómente do ponto de vista do gentio genuino, mas tambem do ponto de vista do *mameluco*, da população néo-portugueza que se foi constituindo nos seculos imme-

diatos á conquista européa e a quem se deve attribuir, com justa razão, a maior parte do nosso vocabulario geographico de hoje.

«José Verissimo, o emerito critico do «Correio da Manhã», não viu a questão senão por uma face, a genuinamente tupi, não levou em consideração o elemento historico, não reconheceu a intervenção do homem civilisado ou semicivilisado na applicação e significado dos nomes tupis que a nossa geographia regista. Incorre n'esta falta a sua critica, e devo chamar a attenção de quem me ler para esse facto, afim de que não venha a extranhar mais de uma interpretação do meu vocabulario.

«Outro ponto para o qual desejo chamar a attenção de V. Ex.ª é sobre o que diz respeito ás diversas interpretações que um mesmo vocabulo de procedencia tupi pode ter, como resultado da corrupção dos diversos elementos que o compõem. José Verissimo acha nisso um defeito, uma prova do atrazo desses estudos linguisticos, quando, na realidade, não o é. Dá-se isso em todas as linguas, onde se encontram vocabulos com identidade de forma e sentido bem differente; e para bem se comprehenderem as razões que explicam essa diversidade de interpretações, quando estas não se apartam das regras da sciencia philologica, devo chamar a attenção dos que me lerem para o Capitulo IV.»

Nesta 2.ª edição, além das correcções indis-

pensaveis que o objecto requeria e da materia do texto mais desenvolvida, augmentei consideravelmente o «Vocabulario Geographico Brasilico», dando nelle entrada a bom numero de localidades com referencia na Historia; e quanto aos nomes indigenas, proprios de pessôas, dada a predilecção de que gozam, no meio nacional, organisei um pequeno vocabulario e o precedi de algumas considerações a proposito da genese desses nomes, a mesma em toda a parte, e entre todos os povos, como que moldada nos eternos principios da natureza humana.

Os nomes e termos, com emprego na sciencia e nas artes, não existiam propriamente no tupi, mas o diuturno contacto do selvagem com um povo mais culto, trazendo idéas novas, deve ter influido no vocabulario indigena, determinando a formação de neologismos e de uma technologia acommodada ás necessidades novas. Procurei attender a essa parte, reunindo o maior numero de termos primitivos com applicação possivel nas sciencias e artes e de alguns outros de formação mais recente com o mesmo destino.

Esforcei-me na presente edição, como na anterior, por dar dos vocabulos, submettidos á interpretação e exame, a respectiva formação etymologica, nos moldes scientificos, perseguindo-lhes a evolução de conformidade com as leis que regem a especie. E' possivel que esse meu

esforçar nem sempre se tenha coroado de bom exito e que as soluções a que cheguei, nem todas tenham esse cunho de certeza, proprio a convencer e a illuminar; todavia não são ellas, por isso, menos dignas do nosso esforço, nem este se pode considerar perdido por este simples facto. Em philologia, todo o esforço erudito, para o fim de identificar ou elucidar um texto ou vocabulo obscuro, é um trabalho util, como condição necessaria da historia do espirito humano e do estudo do passado. Ha nisto muito mais de amor reminiscente ou reflectido, muito mais de espirito philosophico do que mera curiosidade natural com que, de ordinario, se nutre a paciencia do investigador. Para muita gente, a pesquisa philologica em torno de um vocabulo, evoluido n'uma lingua viva ou de uma expressão que se fossilisou n'uma lingua morta, parecerá um esforço vão e talvez cogitação com que bem se não compadecem os espiritos sérios; a verdade é, porém, que neste afan de reunir dados linguisticos, comparar fórmas primitivas e novas, acompanhar a marcha evolutiva de um vocabulo, explicar-lhe a variação da fórma e do sentido através dos tempos, traduzir-lhe o significado d'agora como o de outr'ora, o que com isto se visa, no sentido mais lato, é fazer a propria historia do espirito humano e o estudo do passado. Escrevendo o *Tupi na Geographia Nacional* não tive outro intuito que não o de con-

tribuir, embora modestamente, para uma e outra cousa, isto é, acompanhar, surprehender, n'um vocabulo evoluido da lingua dos primitivos incolas, as diversas modalidades de sentimento que elle já exprimiu, sem perda substancial do seu sentido primeiro, ao passar de um povo a outro povo e, portanto, sem discontinuidade de idéa nos dominios do intellecto, como sem interrupção de consanguinidade nas expansões da raça.

THEODORO SAMPAIO.

Bahia, 22 de Janeiro de 1914.

APRECIAÇÕES

TH. SAMPAIO. - O Tupy na Geographia Nacional

A lingua Tupi dá á Geographia e á Historia da America do Sul um cunho especial, pois nellas se econtram, em larga escala, nomes e denominações pertencentes ao vocabulario d'esta lingua.

Entretanto as palavras primitivas foram, pouco a pouco truncadas no correr do tempo, o que torna a sua etymologia quasi impossivel de decifrar-se.

Apezar de já existirem differentes obras sobre esta lingua, nenhuma d'ellas trata da sua etymologia sob o ponto de vista applicado por Th. Sampaio.

Ainda ha pouco tempo, depois da publicação da obra em questão, appareceu uma semelhante, que não poude ser terminada pelo seu auctor Dr. J. Mendes de Almeida.

D'entre os que se occuparam com semelhantes estudos destacamos os nomes seguintes: — Frei Francisco dos Prazeres, Dr. Fr. de Lacerda e Almeida, Dr. Freire Allemão, Braz da Costa Rubim, o senador Candido Mendes de Almeida, o General Couto Magalhães, Baptista Caetano de Almeida Nogueira; de Extrangeiros: — Ricardo Burton, Dr. Fredrick Hart e muito especialmente, von Martius.

Esses estudos, porém, foram feitos occasionalmente nos diccionarios de Martius, o que levou esse tão celebre investigador do Brazil a tirar muitas deducções erradas.

A obrasinha que temos em mão, escripta com uma certa graça e elegancia, divide-se em duas partes: a primeira é dedicada a estudos de linguistica, em 4 capitulos; a segunda consta de um vocabulario geographico com a etymologia das palavras, sendo tomados tambem em consiração os nomes encontrados na Historia.

No 1.º Capitulo mostra Th. Sampaio a disseminação dos nomes geographicos não somente no Brazil, mas tambem nos rios limitrophes do Paraguay e do Paraná, o que elle attribue não só aos Indigenas, como tambem aos Europeus immigrados, que adoptaram esta lingua.

Até o começo do 18.º seculo a relação do Tupi para o Portuguez era de 3:1. Em algumas Capitanias como S. Paulo, Amazonas e Pará, ainda muito tempo depois predominava o Tupi.

No Rio Grande do Sul, ainda ha meio seculo se falava o Tupi em diversas regiões, especialmente nas do Occidente.

No segundo Capitulo dá um esboço grammatical do Tupi, tomando em consideração o fim a que elle se propoz.

Um discipulo intelligente poderia facilmente, sem outros recursos, com este simples esboço, chegar ao fim desejado, tanto mais quanto o auctor trata o assumpto com muita certeza.

No 3.º Capitulo mostra o auctor as transformações que soffreu o Tupi sob a influencia da lingua portugueza. Esta lingua, que só mais tarde ganhou a preponderancia, tomou, pelo contacto com o Tupi, um colorido especial, uma tal feição que a distancia cada vez mais da lingua falada em Portugal. Entre o Tupi do 18.º seculo e o antigo do veneravel Anchieta, nota-se já uma grande differença; as palavras são mais simples, desappareceram muitos sons gutturaes e nazaes.

Quando o Portuguez se tornou a lingua principal, conservaram-se do Tupi ainda os nomes de instrumentos, de plantas, de animaes, de localidades etc., mas já bastante polidos e mais

adaptados ao Portuguez. As denominações geographicas reflectem, por assim dizer, o caracter de uma região, si montanhosa ou plana, si coberta de palmeiras ou de araucarias (Curityba). Grande numero de localidades tem nomes, que fazem lembrar as lendas dos espiritos bons e maus das florestas e dos campos, e ainda hoje se encontram palavras de tal origem, como *Caiporismo,* etc. Alguns nomes lembram a influencia do Christianismo, como *Abaré* que significa *sobrenatural,* que não é como os outros homens, nome que elles davam aos Missionarios.

A's vezes chamavam os Jesuitas *roupa preta,* e aos religiosos *Paytucura,* gafanhotos, allusão ao capuz. O vasto territorio do Brazil, seus campos, suas florestas e montanhas, os desertos e as cidades falam em nomes tupis, do trabalho inolvidavel d'aquelles Missionarios, que cultivaram esta lingua, que a salvaram da aniquilação, pois ella nunca desapparecerá da Geographia patria.

No ultimo capitulo, mostra o modo de explicar as palavras que, á primeira vista, parecem enigmaticas, apresentando regras, mais ou menos seguras para a sua decifração. O auctor é de opinião que a tarefa principal a resolver é a identificação da palavra primifiva.

Achada a forma primitiva escripta, diminue a difficuldade da analyse etymologica, porque as palavras se compõem de elementos, integrantes,

cada um dos quaes tem a sua significação ou determina o todo de um modo certo.

Eis porque esse estudo toma antes a forma de um exame historico do que lexicologico.

Devem, pois, ser consultados os archivos mais antigos, as chronicas, as descripções de viagens, as cartas geographicas, para se poder com bom exito proceder á decifração da palavra enigmatica. Uma vez, porem, que as palavras se prestam frequentemente a diversas interpretações, convem confrontar a producção caracteristica do lugar com o nome que tem; porquanto os Indigenas escolhiam, quasi sempre, os nomes das localidades, de accordo com as suas producções naturaes, manifestando muitas vezes um dom de observação admiravel.

Por sobre esta base assentou o sabio *Americanista* uma theoria, segundo a qual poder-se-á com segurança proceder á determinação do sentido d'essas antigas palavras. Este methodo é tambem muitas vezes decisivo para a Historia e a resolução de duvidas.

Para aquelles que iniciam o estudo d'esta lingua difficil esta obrasinha será de grande utilidade.

Os nomes geographicos são conhecidos e estão na bocca de todos; servem elles, portanto, de ponto de partida e se tornam um auxilio que não deve ser desprezado para desenvolver a memoria.

Por meio deste trabalho consciencioso e profundo alcançou-se perfeitamente este intento.

Um bom conhecedor do Tupi, o Rev.mo Bispo da Diocese do Amazonas, D. José Lourenço da Costa Aguiar, recommendou esta obrasinha e o seu auctor, com palavras as mais encomiasticas, por occasião de ser recebido como membro do Instituto Historico do Rio de Janeiro. Elle chama o livro uma obra prima e do auctor affirma: — De todos que são conhecidos nenhum parece ter actualmente maior competencia.

PADRE CARLOS TESCHAUER, S. J.

(Extrahido da Revista)

Historisches Yahrbuch der Goerresgeselschaft — München).

Rio de Janeiro, 19 de Janeiro de 1902.

Bom e presado amigo Th. Sampaio,

Tardei, mas cumpro o agradavel dever de accusar e agradecer o seu erudito e paciente «Tupi na Geographia Nacional».

Depois da gratidão por ver lembrado e honrado com tão valioso trabalho, tive a admiração pelo esforço e firme vontade de ser util em quem emprega os seus lazeres raros, e horas de repouso a tão consumidas occupações diuturnas, nas cansadiças pesquizas por alfarrabios e poeiras, que outros em maioria desdenham por enfadadas. *Ex digito...* E pelo dêdo vê-se não só o labutador competente, como o engenheiro, o applicador pratico das suas e alheias vigilias ao beneficio da humanidade. O perscrutador da

historia não se contenta em averiguar o passado sómente para a certeza do occorrido no disputar de instruidos; excava, pondera, medita e compara e ajusta e mede para o proveito e vantagem dos que vivem e viverão.

Obrigado; muito obrigado!

Tambem lá para as minhas bandas, «nas minhas plagas do Norte» andavam e creio que ainda hoje, na linguagem corrente do povo e não raro dos instruidos, muitas palavras em maioria da mesma filiação, creio eu, por consulta ao Martius, como por V. vejo confirmado.

Não só no interior, mas na capital, em S. Luiz, toda a gente chama *namby* a quem têm só uma orelha; *curuba* ao — já começa d'aqui; *panema* ao atoleimado, incapaz. *Cica* tem tudo que cheira á resina; *tabatinga* é o nome da argila plastica branca; *tauá* a ferruginosa; *taboca* é a taquara de que se fazem flexas para foguetes, etc. *Tycoara* (ou *xibé*) todos bebem, de cajá, burity ou manga, como da mandioca *puba* muitos comem bolos ou *mingáo*. O *xibé*, entretanto, é mais a *jacuba* d'aqui. *Trauyra* é sempre o lagarteto dos muros não rebocados e ruinas. No *tijuco* ou *tujuco* qualquer se atola a apanhar carangueijos, convidativos quando andam ao *atá*, a *uatá*, *goatá* ou como seja, que assim sôa ao ouvido, — o que significa andarem á solta ou doidamente (epocha da fecundação?) e por isso faceis de se deixarem apanhar: ao

atá, muitos apanhei eu. A *trauyra-peua* ou *péva* é sobremodo tida por venenosa.

Quantos, ao meio dia, se não acolhem dos ardores do sol ao seu *tejupá*, *tejupar* ou *paba* e tantos até á sua *tipoia*, nome que tambem recebe o lenço atado pelas pontas e pendente do pescoço, em que se acama e descança um antebraço ou mão doente. Alguns até aproveitam o ensejo para um trago da *tikira*. Quem, menino, não atou á *embira* o seu mólho ou feixe qualquer, e crescido escapou sempre ás *embiras*? ou que rapariga não levou á fonte a sua *igaçaba*? e os rapazes, si viam a airosa *cunhã* logo se *cotucavam*, quando a mais atrevidas cousas não se abalançavam. E' facto mui frequente as moças casadas evitarem comer banana *cõe* por medo de gemeos; não assim porem ao *mandoby* ou *mendobim* (que os diccionarios dizem que é *amendoim* com toda a seriedade), que muito apreciam torrado e as *mãis-tingas* não rejeitam comquanto chegado a *perébas*, que felizmente o *moruru* refresca em folha.

Já teve occasião de provar *mocororó*, naturalmente; mas não sei si o *assahy*. A *juçára* do Norte encontrei *jiçára* no Paraná.

Por esta palavra e varias outras pareceu-me que o *ü* accentua-se em *u* á medida que vamos ao equador; *mbürity* é mais praieiro que *merity*. Em aula ouvi ao emerito Saldanha da Gama, que *burity* é o vermelho e da grandeza do ovo

da gallinha e *merity* o menor, de casca amarella; não encontrei tal no povo meu, mas já ouvi a outrem que pelo valle amazonico assim é.

Na minha ilha a *tacuruba* (*itá-curuba*?) era geral e até na cidade as usava quem sem posse a comprar fogão.

O *Codó* de onde virá? será parente de *xópótó* e *choró*? E o *Cajapió* e *Carnapijó, Caparaó*? Oriçanga será *Yroiçang* de Martius?

Pocar, papocar, pipocar, espocar (que o Aulete diz *espoucar*) não são de *pipoca* ou *pópóca*? Não vejo de prompto porque os *gapó* no Maranhão são *ypoeíras* da Bahia. Virá o parentesco de *yg-apó* (ortographia de Martius) e *yg-apó êra*? Haverá, quiçá, a differença de ser *gapó* a recente lagôa de transbordo do rio e *ypoêira* ou *êra*, a antiga?

Ainda outras vulgares: do peixe *moquêado* todos gostam, seja em *mokeca* ou mesmo *paçoca* como si fôra carne; do *pitiú* que elle tem fresco, não; nem do *pixé* que deixam nas mãos certos corpos em bom estado ou em decomposição. Os carregadores d'antes andavam de *maracá*, fossem sós ou em *mallócas*. A *urupema* é de todas as cosinhas.

Fôra emfim um não-acabar ennumerar ou citar a todos, tão frequentes e acceitos são.

Imagino o successo que não teve o seu livro. E quantas tolices como as que estou fazendo

lhe não terão feito amargar e quiçá arrepender-se da publicação! Mas a sua indulgencia as perdoará; e tem um remedio — é não lel-as todas e proseguir sem embargo nos estudos tão uteis a que se deu.

Desculpe e creia-me sempre seu

Criado amigo e admirador e agradecido

C. CAMPOS.

INTRODUCÇÃO

Não é novo, até pelo contrario, muito frequentemente debatido, o objecto do presente estudo. Sobra-lhe, porém, interesse historico, exalça-o notavelmente o valor que assume na geographia nacional e, sobretudo, o recommenda a attenção sympathica que sempre logrou despertar no nosso meio literario.

Encarando-o agóra por uma face nova, outro não é o nosso intuito, aliás despretencioso e modesto, que não o de methodisar ou submetter a regras esse estudo linguistico que por ahi anda ao belprazer das phantasias de uns e ao desazo dos que, menos familiarisados com a lingua dos primitivos habitadores desta terra, a deturpam e desfeiam, attribuindo-lhe aos vocabulos sentido

e significados absurdos ou procurando interpretar aquelles, já adulterados ou assimilados pela dicção vulgar, por processos extranhos ás leis glottologicas que regem a materia.

Não ha quem desconheça a predominancia do *tupi* nas nossas denominações geographicas. As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades como os simples povoados trazem geralmente nomes barbaros que o gentio, dominador outrora, lhes applicou, que os conquistadores respeitaram e que hoje são de todos preferidos, pois, não raro, se trocam, se substituem nomes portuguezes de antigas localidades, por outros de procedencia indigena, ás vezes lembrados ou compostos na occasião, ás vezes restaurados pelos amadores de coisas velhas e tradicionaes.

Mas essas denominações geographicas, explicaveis e naturalissimas numa época em que o *tupi* era a *lingua geral* ou a mais fallada no paiz, são agora para as modernas gerações verdadeiros enigmas que as alterações quotidianas ou as inevitaveis corruptellas vão tornando indecifraveis.

Portanto, preservar-lhes a graphia verdadeira, e a verdadeira pronuncia, fixar-lhes o significado, interpretado através do véo obscuro dos metaplasmas, vale tanto como resguardar um monumento historico.

Sim, porque se a geographia póde passar intangivel por um nome fossilisado ou cruel-

mente adulterado pelo correr dos annos, com a Historia já não succederá o mesmo, sem damno sensivel para a perfeita comprehensão dos successos com que ella evoca as eras passadas.

Já ninguem desconhece o valor da philologia nos estudos historicos, a qual, como é sabido, explicou as migrações dos povos, anteriores a qualquer tradição oral ou escripta.

Simples vocabulos, diz Cesar Cantú, revelam ou confirmam, ás vezes, uma circumstancia importante da Historia.

Carlos von Martius, na sua dissertação sobre «como se deve escrever a Historia do Brasil» considera a lingua dos *indios* como o documento mais geral e mais significativo e accrescenta:

«Pesquizas, nesta actualmente tão pouco cultivada esphera, não pódem jámais ser sufficientemente recommendadas, e tanto mais que as linguas americanas não cessam de achar-se continuamente em uma séria *fusão,* de sorte que algumas dellas em breve estarão inteiramente extinctas» (1).

Quando isso não bastasse; quem é que, viajando a nossa terra, se não tomará de curiosidade a mais justificada e não indagará pelo significado de tantos nomes barbaros applicados aos logares, ás regiões que vae atravessando?

---

(1) Carlos von Martius — Revista do Instituto Historico e Geographico, vol. 6.º, pag. 389.

Quem de nós não terá, por vezes, inquirido pelo significado de tantos nomes extranhos, cuja pronunciação já corre adulterada e cujo sentido já ninguem comprehende?

E são, todavia, vocabulos doces e sonoros, longos muitas vezes, excellentes em geral como designação de logares, mas que muito perdem do seu valor, por se não saber o que exprimem, o que recordam, o que nos revelam do sentir e do genio do povo primitivo que nol-os legou.

E como na America esta triste verdade se assignalou tão breve!

No Brasil, nem sequer o idioma do gentio desappareceu totalmente como lingua viva. Nos seus vastissimos sertões, ainda vagam numerosos os representantes das nações selvagens que outrora os possuiram.

As vozes tupis se escutam ainda hoje nas margens do Amazonas, como nos campos do Paraguay e do Paranã. Mas o esquecimento dessa lingua, que os cultores de outrora acharam tão rica e tão bella, lavra intenso no seio da moderna e culta sociedade que lhe desconhece o valor e atira, para o ról das coisas enigmaticas e incomprehensiveis, os nomes com que designa as cidades opulentas onde ora vive e prospéra.

Comtudo, nesse diluvio de esquecimento, alguns espiritos de eleição se ergueram com os

seus trabalhos litterarios, pondo em contribuição os thesouros de poesia e de inspiração que se encerram nos costumes e nas scenas pittorescas da vida selvagem. Gonçalves Dias, Domingos de Magalhães, José de Alencar, cultores do *americanismo* na litteratura nacional, lograram despertar entre os seus contemporaneos o gosto pelos estudos relativos á raça indigena.

Mas, se com o exemplo delles, os escriptos de Anchieta, Luiz Figueira, Montoya e Restivo lograram reviver, aos esforços de abalisados cultores, como Couto de Magalhães, Baptista Caetano, Barbosa Rodrigues, Mendes de Almeida, José Verissimo e Macedo Soares, todavia o gosto por estudos deste genero se não generalisou ou tão largamente se não diffundiu que viesse a reclamar dos competentes a creação de escolas onde se aprendesse a lingua dos aborigenes ou cursos especiaes onde se preparassem os que, para taes estudos, mostrassem predilecção.

Estudos, porém, systematicamente guiados, para o fim de explicar o vocabulario geographico de procedencia tupi, poucos cultores têm tido, bem que não raros o tenham tentado.

Frei Francisco dos Prazeres Maranhão foi, ao que nos consta, o primeiro a encetar taes estudos, mas fel-o tão incompletamente e sem aquella indispensavel e criteriosa analyse que a materia requeria, que as suas *Etymologias Brasileiras,* publicadas no volume 8.º da Revista do Instituto

Historico, não têm outro merito que o de uma obra de iniciação.

Antes delle, alguns chronistas e viajantes tentaram parcial ou isoladamente o mesmo assummpto, mas, no geral, sem resultado apreciavel. O padre Simão de Vasconcellos dá-nos, na sua *Chronica da Companhia de Jesus,* taes interpretações de vocabulos tupis que se chega a duvidar dos conhecimentos linguisticos do celebre jesuita.

O Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, como se verifica do seu *Diario de viagem pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso, Cuyabá e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790,* é dos viajantes aquelle que, com mais interesse e competencia, tractou desta materia. As suas etymologias brasileiras, constantes das notas do citado *Diario,* são tão numerosas e interessantes que bem se o póde considerar um precursor nestes estudos.

O trabalho de Frei Francisco dos Prazeres se, de facto, não é tão copioso e exacto nas interpretações, como o objecto comportava, é, comtudo, o unico systematisado e tal que, como diz o seu auctor: «... não deixará de ser de alguma utilidade, ou porque dará principio a uma obra nova, ou porque alguma coisa accrescentará a essa obra, talvez já principiada». Tal era a importancia por elle ligada ao objecto, que não só se suppunha precedido, como achava que a

obra, por outrem emprehendida, devia ser de vulto, isto é, em *ponto grande,* para usar das suas proprias palavras. O certo, porém, é que, do ponto de vista de um estudo methodico e systematisado, Frei Francisco dos Prazeres Maranhão não teve predecessor, como bem pouco foram os seus continuadores.

O Dr. Francisco Freire Allemão, em uma *Memoria,* publicada na Revista do Instituto Historico (tomo 45, pag. 351) em 1850, tractou do assumpto sob o titulo: «*Questões propostas sobre alguns vocabulos da lingua geral brasiliana*», mas como o proprio titulo o manifesta, o seu trabalho não passava de uma investigação sem nenhum caracter de generalisação, e sem methodo, embora exhibindo erudição e conhecimento da materia.

Braz da Costa Rubim seguiu-lhe os passos, com processo identico e identico resultado, como se verifica do mesmo volume da citada Revista.

O Senador Candido Mendes de Almeida occupou-se da materia, exhibindo criterio seguro, vasta erudição e notavel penetração nos poucos estudos que pubbicou sob o titulo — *Notas sobre a historia patria,* na já citada Revista. O seu irmão, o Dr. João Mendes de Almeida, era outro dedicadissimo cultor do *brasilianismo,* se assim podemos designar a materia do presente escripto, e consta até que deixou a respeito obra inedita de copioso cabedal.

O general Couto de Magalhães tinha a peito e em muita conta os estudos deste genero. Varias publicações fez, explicando o significado de muitas denominações geographicas de procedencia tupi e, mais recentemente, numa das ultimas sessões do Instituto Historico a que assistira e quando apresentou o seu plano commemorativo do quarto centenario do descobrimento do Brasil, indicou, como dos mais importantes assumptos e dos mais adequados para essa commemoração, o estudo das etymologias brasilicas, isto é, do *brasilianismo*, feito em collaboração com alguns cultores da lingua tupi que o fallecido general indicaria ou convidaria opportunamente.

Ricardo Burton, annotando a traducção da obra de Hans Staden, em 1874, enriqueceu esse livro com abundantes e preciosissimos estudos sobre os vocabulos indigenas referidos na sobredita obra.

O Dr. Frederico Hart, tão cedo roubado ás investigações scientificas de que fizéra theatro predilecto o nosso Brasil, enriqueceu tambem a litteratura do *brasilianismo* com as mais eruditas e criteriosas interpretações ou contribuições.

Baptista Caetano de Almeida Nogueira, nas suas annotações á *Narrativa epistolar de Fernão Cardim;* Barbosa Rodrigues, nos seus varios escriptos sobre a lingua do gentio, são dois cultores do *brasilianismo* que se recommendam pela

sua erudição, senso critico e especial criterio nas interpretações.

O trabalho, porém, de maior monta que até aqui se ha publicado sobre este objecto é, incontestavelmente, o do Dr. Carlos von Martius, trabalho publicado em annexo no *Glossaria Linguarum Brasiliensium.* Era o Dr. von Martius, a quem tanto deve a botanica brasileira, mui versado na lingua tupi; tinha muito viajado o nosso paiz; possuia vasta erudição scientifica e os melhores elementos para um trabalho de vulto nesta questão da origem e interpretação dos vocabulos tupis, usados na geographia nacional. Infelizmente não lhe pôde o illustre sabio dar o preciso desenvolvimento, nem aprofundar as suas investigações, como era mister, lendo as chronicas, as relações antigas de viagem, isto é, consultando o elemento historico para descobrir a verdadeira graphia primitiva dos vocabulos, muitos dos quaes, sem isso jámais seriam explicaveis ou traduziveis do ponto de vista etymologico.

Com tudo, procuramos sempre no presente trabalho seguir os passos do naturalista bavaro. Mas, seguindo-o tão de perto quanto possivel no que respeita ao exame etymologico, preferimos o processo critico de Freire Allemão, reconhecendo primeiro a identidade do vocabulo, discutindo as alterações subsequentes, antes de traduzil-o ou dar-lhe o respectivo significado.

Fiz, por isso, preceder o trabalho, propriamente interpretativo e etymologico, de uma rapida apreciação sobre o caracter da lingua tupi, a sua extensão na America, e especialmente no Brasil, as suas alterações sob a influencia do portuguez, analysando ao mesmo tempo o processo, segundo o qual, se deram as ditas alterações, na phonetica dessa lingua.

Não presumo com isso dar a ultima palavra na questão. Mas acredito ter adiantado alguma cousa, firmando alguns principios que, no futuro, hão de servir a outros e melhores investigadores e eliminando umas tantas obscuridades que affectam a graphia e, portanto, o significado ou sentido de não poucos vocabulos indigenas com applicação á nossa geographia. Terei, entretando, levantado uma ponta desse véo de esquecimento, que pésa sobre a memoria do povo desapparecido a quem succedemos no dominio desta terra, cujas vozes barbaras, na sua lenta e secular fossilisação, perdida a primitiva e original estructura, já não têm sentido nem expressão, designando as prosperas cidades dos novos dominadores.

CAPITULO I

Da expansão da lingua tupi e do seu predominio na geographia nacional

A vasta superficie que, por um exame geographico do nosso paiz, se reconhece ter sido avassalada pelo *tupi*, não póde, de modo algum, ser attribuida á força de expansão, propria da raça primitiva, que dominava no littoral e em grande parte do interior, ao tempo do descobrimento pelos portuguezes.

Vastissima, na verdade, era a região por onde dominou a *lingua tupi* no novo continente; no Brasil, porém, deve-se a sua mais notavel expansão aos proprios conquistadores europeus, ás numerosas expedições ou *bandeiras* que penetraram nos sertões para descerem escravos indios e para a pesquiza do ouro; deve-se principalmente á cathechese que tornou *geral* esse idioma barbaro e o cultivou.

Occupavam, com effeito, os povos da raça tupi o littoral quasi todo, por cerca de seiscentas leguas, donde haviam expellido outros povos, sem duvida conquistadores antes delles, e que, por sua vez, tiveram de ceder deante de forças mais numerosas e aguerridas; dominavam ainda o valle do Paraná-Paraguay na sua média zona, onde se limitavam com outras nações de procedencia andina e lançavam colonias atravéz dos valles do Araguaya, Tapajós e Madeira, alcançando o Amazonas, cujo curso disputavam e partilhavam com outros povos, desde a fóz até grande extensão em direcção ás cabeceiras, e ainda para além das Guyanas, no valle do Orinoco, e nas Antilhas, entre os *carahibas*, se encontravam representantes delles.

Nas chapadas centraes, nas regiões de sólo mais ingrato, nos grandes valles interiores menos accessiveis, quedavam-se, como encurralados, os povos da raça vencida, que os *tupis* denominavam commummente *tapuyas*, equivalente a *barbaro* ou *extrangeiro*, como vieram a chamar *tapuytinga* ao europeu e *tapuyuna* ao africano.

Ao europeu, porém, ou aos seus descendentes cruzados que realisaram as conquistas dos sertões é que se deve a maior expansão do *tupi*, como *lingua geral*, dentro das raias actuaes do Brasil. As levas, que partiam do littoral, a fazerem descobrimentos, fallavam, no geral, o tupi; pelo tupi designavam os novos descobertos, os

rios, as montanhas, os proprios povoados que fundavam e que eram outras tantas colonias, espalhadas nos sertões, fallando tambem o tupi e encarregando-se naturalmente de diffundil-o.

O portuguez era, sim, a lingua official, como ainda hoje o hespanhol no Paraguay; a lingua do commercio nos portos do littoral, nas cidades e villas de mais importancia, e no seio das familias propriamente portuguezas, mas, ainda ahi, apparecia o tupi, fallado pelos famulos, quasi todos indios ou de descendencia india.

Nos povoados mais apartados, a cathechese, iniciada e desenvolvida pelo jesuitas, ia dando á lingua barbara os fóros de um vehiculo civilisador. Fallavam os padres a lingua dos aborigenes, escreviam-lhe a grammatica e vocabulario e ensinavam e prégavam nesse idioma. Nos seminarios para meninos e meninas, *curumins* e *cunhatains*, filhos dos indios, mistiços ou brancos, ensinavam, de ordinario, o portuguez e o tupi, preparando deste modo os primeiros catechumenos, os mais idoneos, para levarem a conversão ao lar paterno.

Até o começo do seculo XVIII, a proporção, entre as duas linguas falladas na colonia, era mais ou menos de tres para um, do tupi para o portuguez. Em algumas capitanias, como em S. Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas e Pará, onde a cathechese mais influiu, o tupi prevaleceu por mais tempo ainda. Nas duas primeiras,

fallava-se, entre os homens do campo, a *lingua geral* até o fim do seculo XVII. No Amazonas e no Pará. ainda é commum o tupi no seio da população civilisada dos *tapuyas*, como vulgarmente ahi se appelidam os indios.

Mas, naquelles tempos, quando o desbravamento dos sertões apenas começava e as expedições para o interior se succediam, com a obstinação das cousas fataes e irresistiveis, o tupi era devéras a lingua dominante, a lingua da colonia.

Todos a fallavam ou a comprehendiam. Parecia mesmo haver certa predilecção por ella (1).

Saudavam-se no tupi, dizendo: *Enecoêma*, que equivale dizer *bom dia*, a que respondia o interlocutor, repetindo a mesma saudação ou dizendo simplesmente: — *Yauê*.

Ao toque da Ave Maria, o christão da America erguia-se persignando: *Santa Curuçá rangaua recê*, que quer dizer: *pelo signal da Santa Cruz* e repetia na sua lingua a oração da tarde.

---

(1) O Padre Vieira em 1694 escrevia: «E' certo que as familias dos portuguezes e indios em S. Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras que as mulheres e os filhos se criam mystica e domesticamente, e a lingua que nas ditas familias se fala é a dos indios e a portugueza a vão os meninos aprender á escola;...» (Obras Varias, I, 249).

Adoptavam os proprios portuguezes os usos e até o fallar brasilico, preferindo as expressões tupis aos dizeres da propria lingua, em que, alás, não faltavam vocabulos e locuções egualmente expressivas e adequadas.

Appellidavam-se muitas vezes pelo tupi (1); e tinham cantares e folguedos nesta lingua, ou num mixto comprehensivel do portuguez e do indio. A conhecida canção popular *Caranguejo andou uatá* vem desde esse tempo.

Alteravam-se ao contacto dessa lingua barbara a prosodia e a syntaxe portugueza. Desappareceram as vogaes mudas ou breves e prevalesceram as graves e agudas. Os verbos tupis modelaram-se pelos do portuguez, incorporando-se em grande numero neste ultimo, como incorporaram-se os nomes de plantas, animaes, fructas e objectos de uso domestico.

Fazia-se a conquista tendo por vehiculo a propria lingua dos vencidos, que era a lingua da multidão.

---

(1) Pela época da independencia voltou o uso dos nomes e appellidos de procedencia tupi. Muito conhecidos se tornaram depois os de Francisco Gê Acayaba de Montesuma, Dendê Bús, Sucupira, Caminhoá, Sobragy, Barauna, Sarahyba, Paranaguá, Cansanção de Sinimbú, Japiassú, Tupinambá, Jaguaribe, Jucá, Piragibe, Cuim Atuá, Pitanga e tantos outros.

As *bandeiras* quasi que só fallavam o tupi. E se por toda a parte onde penetravam estendiam os dominios de Portugal, não lhe propagavam, todavia, a lingua, a qual só mais tarde se introduzia com o progresso da administração, com o commercio e os melhoramentos. (1).

Recebiam então um nome tupi as regiões que se iam descobrindo e o conservavam pelo tempo adiante, ainda que nellas jámais tivesse habitado uma tribu de raça tupi. E assim é que no planalto central, onde dominam povos de outras raças, as denominações dos valles, rios e montanhas e até das povoações são pela mór parte da *lingua geral.*

Bem poucos, na verdade, são os nomes de procedencia tapuya, conservados na Geographia Nacional, e estes mesmos nas regiões centraes, onde a cathechese jámais penetrou ou se iniciou muito tarde por motivos particulares que atrazaram a conquista.

Tomando-se uma carta do paiz e examinando-a quanto ao que diz respeito ás denominações geographicas, reconhece-se para logo o predomi-

---

(1) No Maranhão, diz Ayres do Casal, fallava-se a *lingua geral.* «A lingua portugueza começou a ser geral ou, para melhor dizer, a ter uso em 1755.» Chorographia Brasilica, Tom. II, pag. 256; pag. 73.

nio do tupi em toda a região littoral; nota-se que elle penetra fundo nos sertões pelo valle dos grandes rios, onde se tornou facil o accesso do lado do mar, nota-se mais que elle assignala através dos divisores das grandes bacias fluviaes o trajecto costumeiro dos bandeirantes ou descobridores; reconhece-se tambem que elle persiste como vestigio indelevel da catechese, onde quer que, ou isoladamente ou seguindo uma serie de estações intermediarias, penetrou o christianismo pelo trabalho apostolico dos missionarios.

Consideremos, por exemplo, essa parte do Brasil entre o Rio de S. Francisco e o Maranhão. Notamos logo no littoral e nos valles mais accessiveis e ferteis, os nomes tupis em grande numero. ao lado de alguns nomes portuguezes, designando os logares e os varios accidentes topographicos; no interior, porém, as denominações *tapuyas* prevalecem, designando as aguadas, e as feições mais salientes da região. As montanhas e as chapadas se desígnam, em grande extensão, pelo nome *Cariry*, do povo mais numeroso que outrora as possuiu. Os rios do interior, que não alcançam directamente o mar, donde lhes podia vir a denominação tupi, prevalescente no littoral, têm nomes tapuyas: *Maceió, Chitroá, Priáca, Quebrangúlo, Capiá, Pariconia, Cafuchy,* nas Alagôas; *Moxotó, Ororobá, Chocó, Cabrobó, Tacaratú, Orocó e Ibó,* em Pernambuco; *Piancó, Gurunhem, Catolé, Bodó-Congó,* na Parahyba;

Gramació, Siridó, Caycó, Mipibú e Patú, no Rio Grande do Norte; *Quixeramobim, Quixadá, Quixelô, Quixossô, Quinquilerê, Cococy, Sitiá, Coronzó, Quipá*, no Ceará; *Jaicós, Gurguêa, Longá*, no Piauhy, *Amanagê, Codó, Timbirá, Apinagê*, no Maranhão.

Nesta região, cujo interior reveste um aspecto mais aspero e as seccas periodicas tornam o viver incerto e atormentado, as levas dos conquistadores atravessam sem encontrar algures o que as retenha, sem descobrir uma mina cuja riqueza determine ou justifique um estabelecimento permanente, ou um sólo fertil tentando a cobiça dos aventureiros. Elles passam sem intenção de ficar.

Só o gentio adaptado ahi permanece como que protegido pela propria inclemencia do sólo.

O tupi ahi não penetra, como não penetra o portuguez, senão depois que o gado, invadindo as catingas áridas e entranhando-se no deserto, abriu as veredas e guiou o vaqueiro até as varzeas onde se assentaram as primeiras fazendas. O gentio, sem grande resistencia, submetteu-se então, e assim se explica, como alguns vestigios da sua lingua perduraram nas denominações dos logares, recordando a raça dos vencidos.

Desça-se, porém, das chapadas áridas e assoladas pela secca e se procure mais além ou o curso do Parnahyba a Oéste ou o do S. Francisco, mais ao Sul e, para logo, apparecem de novo

os nomes tupis, designando os accidentes geographicos.

Transpondo-se o S. Francisco em direcção ao Sul, penetra-se de novo numa região ingrata pela inclemencia do céo e se vae atravessando a bacia elevada do Vasa Barris, antes de ganhar os trechos esparsos e mais deprimidos das chapadas bahianas que, depois do salto de Paulo Affonso, depois de Canudos e de Monte Santo, levam á Itiuba, ao Tombador e ao Assuruá. Ahi, nesse trecho do patrio territorio, aliás dos mais ingratos, onde outrora se refugiaram os perseguidos destroços dos Orizes, Procás e Carirys, de novo apparecem, designando os logares, os nomes barbaros de procedencia *tapuya* que nem o portuguez, nem o tupi logrou supplantar. Lêm-se então no mappa da região, com a mesma frequencia dos accidentes topographicos, os nomes como *Pambú, Patamoté, Xingó, Bendegó, Propriá, Cumbe, Massacará, Cocorobó, Tragagó, Canché, Chorrochó, Quincuncá, Cochó, Centocé, Assuruá, Chique-chique, Jequié, Sincorá, Catulé* ou *Catolé Mocugé, Jussiape, Gagau, Orobó, Procá, Cocobocó* e outros egualmente barbaros e extranhos.

Mais para o Sul, penetrando já na região mineira, entre a zona littoranea e a Serra do Espinhaço, que foi o paiz dos botocudos, dos porys e de numerosas tribus *tapuyas*, já a raridade dos nomes selvagens na geographia local resalta logo. Prevalescem denominações portuguezas entre al-

guns nomes tupis. Difficilmente se encontrará ahi um nome *tapuya, botocudo, pory* ou *camacan*, designando um monte, um rio ou um povoado. *Caparaó, Chopotó, Pojichá, Norek, Map-map-krac, Tamonhuec, Giporok, Matipoó, Patachó, Crakmun, Poté, Machacali, Malali, Bakue*, são bem poucos vestigios da lingua dos primitivos dominadores, acaso salvos do diluvio tupi ou portuguez, que o bandeirante ou o missionario estendeu por toda a parte.

Levando a pesquiza para as regiões do Sul, e do centro, na larga superficie pela mór parte deserta, como na mais densamente povoada, observa-se logo que o tupi é a lingua dominante na geographia. Em Minas Geraes o portuguez leva vantagem ao tupi.

No Rio de Janeiro as duas linguas se equilibram.

Em S. Paulo o predominio do tupi é quasi completo, notando-se o mesmo do Paraná para o sul até o Rio Grande e para o centro, em direcção ao valle do Paraguay.

Rarissimas são as denominações tapuyas, perdidas na grande torrente tupi-portugueza que alastrou por toda a parte. Os nomes *Chopin, Chapecó, Chancheré, Goyó, Copré, Gambré, Yonghe, Chagú, Erê, Erêchim, Irany, Goyoen, Nonohay* na região dos Coroados, dentre o Iguassú e o Uruguay; *Nioak, Xarayés, Poconé, Coxipó, Caraxará, Nabilek, Mbotetehú, Aquidauana, Aquidaban, Ivinheyma, Queyma, Channé* e alguns poucos entre os Guayacurús de Matto Grosso e os nomes dos rios da bacia superior do Amazonas, eis tudo o que se salvou das linguas barbaras dos tapuyas deante da invasão tupi, impulsionada pelos portuguezes. Eis porque, para o objecto que nos occupa, não é mister discriminar as regiões, que serviram de *habitat* a cada raça selvagem; basta reconhecer no tupi, generalisado na geographia nacional, o effeito da influencia civilisadora dos europeus.

CAPITULO II

Breves apontamentos sobre a lingua tupi com relação ao objecto deste escripto e resumo da Grammatica Tupi.

1 — Estava a lingua tupi no segundo periodo da sua evolução morphologica, o da agglutinação; e, cumtudo, era um idioma rico no vocabulario e bastante expressivo.

Anchieta, assim como o padre Figueira, admirava tanto as qualidades dessa lingua que a comparava, na perfeição, á grega. (1)

---

(1) O Padre Manuel da Nobrega achava esta lingua muito semelhante á biscainha. Dizia elle de referencia ao Padre J. Aspilcueta Navarro: «... e ja sabe a lingua delles que, ao que parece, muito se conforma com a biscainha, de modo que com elles se entende e a todos nos leva vantagem. ...»

(4.ª Carta de 1549, escripta ao Dr. Navarro).

«E' admiravel, diz o auctor do *Diccionario Brasiliano*, que, tendo os povos que a fallavam limitadas as suas idéas a um pequeno numero de coisas, as quaes julgaram necessarias ao seu modo de vida, pudessem, comtudo, conceber signaes representativos de idéas com capacidade de abranger objectos de que elles não tiveram conhecimento; e isto não de qualquer modo; mas com muita propriedade, energia e elegancia». (1)

O padre Figueira, na sua *Arte da Lingua Tupi*, diz que é esta «... uma lingua suave, elegante, mas extranha e copiosa».

João de Laet repete em latim os mesmos conceitos: «... nam facilis est, copiosa, neque insuavis...»

2 — O tupi e o guarany entendem muitos por linguas differentes ou extranhas e são apenas irmans differenciadas por influencia dialectal.

E' o guarany ou o tupi fallado no Paraguay o que entre os indios desta parte do continente se chama *abanhehen*, lingua de gente. O tupi fallado no Amazonas é, porém, conhecido por *nhehen-gatú*, isto é, lingua bôa. (2)

Observa o general Couto de Magalhães que

---

(1) *Diccionario Portuguez Brasiliano*, impresso em Lisbôa em 1795.

(2) Couto de Magalhães — *O selvagem*.

a differença entre ellas é a mesma que se nota entre *paulistas* e *mineiros* fallando o portuguez. (1)

Parece-nos, entretanto, que a differença é um pouco mais accentuada como já o fizéra sentir o mesmo auctor citado, no seu *Estudo Anthropologico*, publicado na *Revista do Instituto Historico* (2), onde, tractando do *tupi* e do *guarany*, compara-os, no grau de semelhança, ao portuguez e ao castellano. São, de facto, o *tupi* e o *guarany* «... a mesma lingua em dois periodos diversos: o *tupi* num periodo mais primitivo, quasi monosyllabico, conservando com escrupulos as raizes com que formou a agglutinação; o *guarany* em um periodo mais desenvolvido, aquelle em que a raiz monosyllabica perde a significação para abandonal-a ao vocabulo agglutinado. Portanto, conclue o auctor citado, o *tupi* é a fonte e por isso denominamos o grupo com o nome *tupi*». (3)

Alguns exemplos bastam para deixar bem assignalada a differença. Assim é que no *tupi* se diz: *ajura, pirapora, caraiba, jaguara, curupira. cuéra, pungaba,* ao passo que no *guarany* se diz, correspondentemente: *ajú, pirapó, carahy, jaguá, curupi, cué, pungá,* isto é, ficando os vocabulos mais contractos neste ultimo idioma.

---

(1) Couto de Magalhães — *O Selvagem*.
(2) Idem. Revist. Inst. Hist., vol. 36.
(3) Idem, idem.

Foram ambas as linguas bastantes falladas no Brasil, quer pelo gentio propriamente dito, quer pelas populações que ao depois se formaram sob a influencia européa.

3 — Desde o Amazonas até Cananéa, com raras interrupções pelo littoral, e com uma faxa mais ou menos larga ao par delle, e varias projecções pelo interior, dominava o *tupi*, fallado por *Tupinambás, Tobayaras, Petunguaras, Cahétes, Tupinaquins* (1), *Tamoyos*, e depois por seus descendentes, mistiçados com europeos e africanos.

De Cananéa para o Sul, pela costa, e, pelo interior, abrangendo grande parte do sertão paulista, nos valles do Paraná, Tieté e Paranapanema, descendo para o Sul em direcção ao Rio Grande, pelos campos elevados que o Tibagy, o Ivahy, o Iguassú e o Uruguay atravessam, e apezar de algumas tribus tapuyas interpostas, dominava o *guarany*, fallado por *Carijós, Tapes* e outros.

Na geographia da região em que essas linguas foram falladas, encontram-se, agora, nas denominações dos logares, os vestigios indeleveis do dominio de cada uma. Este facto carece de estar sempre presente ao tractar-se da interpretação dos vocabulos tupis com applicacão á geographia nacional.

---

(1) o Padre Nobrega, nas suas primeiras cartas escriptas do Brasil, escrevia *Tupinakins*.

Resumo da Grammatica Tupi

DO ALPHABETO USADO NESTA LINGUA

4 — No alphabeto tupi não ha mais que dezenove letras, não existindo *f, l, j, z,* nem *v*.

Não tem *d*, inicial puro, para os vocabulos, mas sim *d* nazal ou mixto, isto é, *nd*, como por exemplo, *ndê*, tu, teu, tua. Por corrupção, esse *ndê* nazal se altera muitas vezes em *dê* ou *enê* e só assim, apparece no tupi o *d* como consoante inicial do vocabulo. No geral, a lettra *d* apparece no meio da palavra, mas ainda assim precedida de uma voz nazal. Ex: *Nhandeyara, Itamirindyba.*

O *j*, que depois se introduziu nos vocabulos tupis, já vem por influencia portugueza, é adulteração do *i* primitivo, tal como se deu no latim em relação ás linguas modernas que delle se derivaram. Assim, em vez de *jaguara, japy, japecanga*, se diriam primitivamente: *iaguara, iapy, iapecanga.*

Tambem o *l* é introduzido em alguns vocabulos tupis por influencia lusitana. No tupi não havia *itaculumi, alambary, calumbi,* e sim *itacurumi, aramberi, canumbi,* cujos *rr* ou *nn* brandissimos foram substituidos por *ll.*

O tupi não tem *r* forte, por quanto é essa lettra sempre branda, até no começo das palavras, dizendo-se *rerú, rera, rangaua*, com o *r* inicial tão fraco, como quando entre duas vogaes.

Não tem *s* sibilado e sim chiado, como em *synunga, sipó*, que outros escrevem *cynunga* e *cipó* e que se hão de pronunciar: *xinunga, xipó.*

O *v* jamais existiu no tupi; equivale a *u* ou a *b* brando; mas ficou introduzido no fallar do

vulgo, como erroneamente se vê em os nomes: *uváia, vossoroca, voturantim.*

O *z* é tambem resultante da influencia do contacto com o portuguez. Os nomes tupis *ananaz, guayanaz, goitacaz, papanaz*, são simples corruptelas de longa data dos primitivos vocabulos: *nanã, guayanã, guayatacá, papaná.*

5 — As consoantes tupis todavia, são muito dubias ou confusas e ás vezes tão difficeis de apprehender que o padre Vieira desesperava de conseguil-o ainda com o ouvido applicado á bocca do barbaro.

Frequentissimas entre ellas são as mutações.

As labiaes *p, b, m,* se substituem ou se confundem, não raro, na composição dos vocabulos, quer por motivo de uma articulação indistincta, quer por acção dialectal.

Os vocabulos *boy* e *moy* que são do mesmo significado; assim como *burity* e *murity*; *berú* e *merú*, formas diversas desses nomes, demonstram essa substituição ou confusão.

A influencia dos dialectos é muito sensivel de uma tribu a outra tribu, e a ella se devem as mutações, mui communs, como: *bibiri* por *pipiri*; *boboc* por *popoc*; *maranã* por *paranã.*

As mutações, porem, são mais frequentes sob a influencia da nazalação, na composição dos vocabulos. João de Lery, por exemplo, nos transmittiu dos Tupinambás do Rio de Janeiro o nome *Guanabará*, erroneamente pronunciado entre nós *Guanabara*, e, neste nome, que é composto de *Guanã-pará* se mostra como o *p* do vocabulo composto se alterou para *b* sob a acção da syllaba nazal precedente. Dá-se o mesmo com o nome *Pernambuco*, originariamente

Paranã-puca que a acção nazal abrandou em *Paranã-buca* ou *Paranambuca.*

7 — O abrandamento da consoante, por effeito de uma nazalação precedente, dá invariavelmente a troca da guttural *c* em *g*, como se vê com o suffixo *caba* ou *caua*, com que se formam substantivos. Nos vocabulos sem nazalação, diz-se, por exemplo: *Piracicaba, Sorocaba*; naquelles, porem, em que a nazalação existe, dá-se o abrandamento do *c* em *g* e diz-se então: *Porangaba, Monhangaba, Anhangaba.* Sob o influxo da mesma nazalação, o suffixo *coéra* muda-se em *goéra*, como em *Anhangoéra, Cangoéra*; o suffixo *tyba*, sob a nazalação, muda o *t* em *d*, e então temos *Itamirindyba, Cutindyba, Massarandyba.*

8 — Não raro, a guttural *c* se muda para a labial *p*, como em *tapéra*, por *tacuéra*; *ibirapuéra, ipuéra*, por *ibiracuéra, icuéra.*

9 — Sob a influencia da nazalação precedente, o abrandamento da guttural em uma labial vae até a quéda ou obliteração da lettra, como, por exemplo, no vocabulo *teoncuéra*, que quer dizer *cadaver,* e que tambem se escreve: *teongoéra, teon-boéra* e finalmente *teôéra.*

10 — As gutturaes antes de vogal têm o mesmo valor que no portuguez. Por isso, para supprir a falta do *c* aspero antes do *e, i, y*, frequente no tupi, é mister empregar-se o *k*, á moda grega, escrevendo-se com essa lettra os vocabulos *kiriri, okena, okir,* e não *quiriri, oquena, oquir*, porque nessa lingua o *u* depois de *q* deve ser sempre liquido.

11 — Dá-se o mesmo com a guttural *g*.

Quando esta consoante houver de ser aspera antes de *e, i, y,* mister é fazel-a seguir de

um *h*, escrevendo-se *gh* como nos vocabulos *amoinghê, nhamonhanghi.*

Nos nomes *anhanguéra*, *guirá*, *piaguy*, a syllaba *gu* tem o mesmo valor que na palavra portugueza *guella*, isto é, o *u* sempre liquido.

12 — A consoante *q* está nos mesmos casos. Os nomes tupis: *itaki, itakiri, ibakê* não se devem escrever *itaqui, itaquiry, ibaquê*, como ordinariamente se escrevem, porque o *u* deve ser sempre liquido depois de *q*.

13 — As consoantes no fim dos vocabulos se pronunciam perfeitamente como se terminassem por uma vogal brandissima, como, por exemplo, em *menar* ou *mendar, aguacem,* que se pronunciarão: *menare* ou *mendare* e *aguaceme.*

O *m* final se ha de pronunciar apertando os labios.

14 — Os grupos consoantes ou dithongos *mb, nd, ng, nh, ch*, são frequentes no tupi, onde é mui sensivel a tendencia para a nazalação, que esses grupos implicam.

O primeiro grupo *mb*, cuja gamma nazal particularissima equivale proximamente a *umb*, ora se reduz, por vicio de pronuncia, a simples *b*, ora a *m*.

Por essa razão, o celebre vocabulo *mboy*, que alguns erroneamente pronunciam *emiboy*, ignorando que *mb* é o signo de um *b* nazal, se transformou, em alguns logares, em *boy* e, em outros, em *moy*, como se verifica na composição dos vocabulos *boytuva* e *mogy*.

O nome tupi *mbyryty* é outro frisante exemplo. No norte do Brasil se alterou para *burity*, no sul para *myrity*.

Nesta lingua não ha combinações dando vozes como *bla, cla, gla, pla, sla, tla, vla; bra, cra, gra, pra, tra;* não ha conjuncção de duas consoantes, muta e liquida.

Riquissima é, porém, a gamma das vogaes tupis.

Ha seis vogaes oraes: *a, e, i, o, u, y*, e outras tantas nazaes, mas as tres primeiras devidamente accentuadas dão tres sons cada uma: a, â, á; e, ê, é; i, î, í; o, ô, ó; u, ú.

16 — O *y* representa uma vogal guttural especialissima «... que se fórma na garganta, dobrada a lingua com a ponta inclinada abaixo, e lançando o halito opprimido na garganta com um som mixto e confuso entre *i* e mais *u*, e que não sendo *i* nem *u*, envolve a ambos...» (1)

A emissão deste som é seguida de um ruido que o padre Anchieta procurou figurar por um *g* posposto á vogal, escrevendo *yg*. Este *y* assim guttural exprime *agua;* fóra disto, o som de *y* é o mesmo que tem no grego, um som mixto de *i* e *u*, mui approximado do *ü* allemão ou do *u* francez.

DO SUBSTANTIVO

17 — O substantivo tupi representa cousa ou pessoa material ou abstracta.

Poucos vocabulos porém tinha a lingua com significação abstracta. A' catechese, á religião nova importada pelos europeos, dada a facilidade de se comporem vocabulos novos, é que se

---

(1) *Diccionario Portuguez Brasiliano.*

deve a introducção de grande numero de substantivos abstractos.

18 — Usavam os tupis designar-se a si mesmos por nomes proprios ou apellidos emphaticos, conforme se verifica dos que a Historia ou a legenda nos trasmittiu:

Itagybá, o braço de ferro.

Abaetê, o bravo, o homem de respeito, o illustre.

Iaguanharon, que o poeta da «Confederação dos Tamoyos» transformou em *Yaguanháro* e que quer dizer: *onça brava.*

Poty, o camarão.

Gupeva, aliás *Cû-peba* que quer dizer: *lingua rasteira* para exprimir o que pega na falla, o gago.

Cunhambébe, nome que é uma phrase inteira: *cû-nhã-béba*, e quer dizer litteralmente *lingua que corre rasteira*, isto é, o gago, o homem que pega na falla.

Yaparoby, o arco verde.

Tibireçá (T-yby-re-chá), o chefe da terra, o principal ou maioral.

Os nomes de mulher, que chegaram até nós, trazem um sainete de legenda ou de poesia que talvez não existesse no animo do gentio:

Potyra de que Domingos de Magalhães fez *Bartyra* e que quer dizer: *flor, bonina.*

Moêma, da legenda do *Caramurù*, que exprime: *a que faz doucura*; a dulçurosa; a meiga.

Yracema, o flux de mel; a meliflua.

Aracê, a sahida do dia; a aurora.

Aracy, a mãe do dia; o sol.

Guaraciaba (*Co-aracy-ába*), os cabellos do sol, isto é, da côr do sol; a loura ou Laura.

Myriba ou *Byriba*, gente ou pessôa má, equivalendo ao nome Barbara.

Os nomes proprios do gentio, os da sua lavra genuina, reflectem qualidades salientes do individuo ou defeitos physicos; nada têm de poeticos e, no geral, são de significados bem feios: *Aracundá*, o papagaio arrufado ou parrudo; *Aracaê*, o papagaio briguento; *Piragybà*, a barbatana; *Guiraquinguira*, o trazeiro de passaro, ou urupigio; *Miquiguacù*, as nadegas grandes; *Mandiopuba*, a mandioca podre; *Nhaêmirim*,a panella pequena; *Timbéba*, o nariz chato; *Baepeba*, o baixote, o curto; *Baêna*, o vigilante; *Cipòuna*, cipó preto; *Cururupeba*, o sapo miudo; *Guiràopina*, o passaro pellado; *Yucuguaçù*, a farpa grande. São nomes que se encontram nas chronicas e livros de viagens dos seculos XVI e XVII.

Com a introducção do christianismo, o catechumeno possou a trocar o nome pagão pelo do kalendario e a historia nos transmittiu, por Frei Vicente do Salvador, os nomes que o gentio affeiçoou a seu modo, segundo a indole de sua lingua. *Duhi* por Luiz; *Pancicù*, por Francisco; *Però*, por Pedro.

Depois de baptisado, o catechumeno junctava ao seu nome indigena o do kalendario christão e apparecem então na historia os que mais se distinguiram, com os seus nomes e appellidos: *Antonio Apiaba; Martim Affonso Araygboia; Martim Affonso Tibireçá; Pero Cangatã; Jorge de Albuquerque Iniaoba; João Caiuby.*

19 — Os nomes communs têm grande riqueza e força de expressão:

abà ou *auá*, gente, pessoa, individuo, homem.

apyâba, homem, ou macho.

cunhã, mulher, ou fêmea.

iaguàra, o cão, a onça.
tapyra, a anta.
guirá, o passaro, a ave.
caà, folha, matto, monte.
yby, a terra, o chão.
ybytyra, o monte, o serro.
guà, o valle, a bacia, o seio.
parà, o mar.
yg, a agua, o rio.
ybytû, o ar, o vento, a nuvem.
tatà, o fogo.

Uma das originalidades desta lingua é que o substantivo têm tempos como os verbos, o presente o passado, o futuro. Ex: *abà*, o homem no presente; *abacuéra* ou *abacué*, o homem que já foi, no passado; *abarama*, o homem que hade ser, no futuro; *abaranguêra*, o homem que havia de ter sido.

20 — Depois da invasão dos europeus, grande numero de vocabulos portuguezes foram introduzidos no tupi, uns representando animaes, artefactos e objectos importados, como *cabarù* ou *cavarú*, o cavallo; *purucù*, porco; *pana*, pano, tecido; *papéra*, papel; *librù* ou *ribrù*, livro; *mocaba*, fuzil; *curuçá* ou *curuzù*, cruz; *missa*, missa: *suràra*, soldado. Outros foram evidentemente compostos pelos missionarios para exprimirem idéas novas, abstractas, segundo o exigia a nova doutrina, taes como: *Ibakè-turyba*, ceo, paraizo, ou, litteralmente: *alegria do alto*.

Caraybêbê: anjo, isto é, o santo que vôa.
Tupanaroca, egreja ou casa de Deus.
Angatecô, alma peccadora.
Tecôayba, peccado.
Ycarayba. agua benta.

Tupana tayra rangaba, crucifixo, ou imagem do filho de Deus.
Tuparendaba, sacrario.
Muyracuruçà, rosario.
Yimboêçaba, reza, oração.

21 — Os substantivos derivados de verbo se formam, accrescentado ao infinitivo deste, o suffixo *caba* ou bem *çaba, gaba, aba* ou *daba*, conforme o radical; assim por exemplo: de *epiaca*, ver, se forma *epiacaba*, a vista, a observação, o logar de ver; do infinitivo *cyca*, tomar, colher, se faz *cycaba*, a tomada, a colheita; de *çô*, ir, se faz *çoàba*, a ida; de *çoca*, picar, pungir, *çocaba*, a picada, a punção; de *jucà*, aliás *iucâ*, matar *iucaçaba*, a matança; de *céna*, pouzar, estar sentado, *cendaba* ou *tendàba*, pouso, assento; de *é*, dizer, *eaba* ou *iaba*, o dito, a dicção; *túr*, vir, *tuçaba*, a vinda, a occasião de vir; *papar*, contar, calcular, *papaçaba*, a conta, o calculo, o numero, a numeração; *tecò*, estar, *tecoàba*, a estada, o logar; *maenduar*, lembrar, recordar *maenduaba*, a lembrança, a recordação; *nhan*, correr, *nhandaba*, a corrida, a carreira; *meên*, dar, offerecer, *meêngaba*, a dadiva, a offerta, *monhang*, fazer, agir, *monhangaba*, o feito, a acção; *soroc*, rasgar, romper, *sorocaba*, o rasgão, a ruptura.

Os substantivos derivados de um adjectivo seguem a mesma regra: *catù*, bom, *catùçaba* bonbade; *poxi*, mau, feio, *poxicaba*, maldade, fealdade; *poran*, bello, formoso, *porangaba*, belleza, formosura; *guaçú*, grande, *guaçuçâba*, grandeza; *mirim*, pequeno, *miringaba*, pequenez.

22 — Quando o substantivo verbal exprime o que faz a acção, o autor, emprega-se depois do infinitivo do verbo o suffixo *àra* ou *çàra*, assim, por exemplo: de *monhang*, fazer, *monhan-*

gara, o agente, o fautor, o autor; *caamondò*, caçar, *caamondoçara*, o caçador; *iucà*, matar; *iucaçàra*, o matador; *mondà*, furtar, *mondaçara*, o ladrão.

23 — Os substantivos compostos se formam por agglutinação de outros substantivos, de adjectivos e de verbos. Por exemplo, de *ara*, hora, tempo, e *rangaba*, signal, figura, se fez *ararangaba*, relogio; de *yby*, terra, e do adjectivo *peba*, chata, plana, se fez *ybypeba*, planicie; *yby*, terra, e do verbo *ryry*, tremer, *ybyryry*, terremoto; de *ybytyra* monte, e do verbo *poca*, partir, arrebentar, *ybytypoca*, volcão, serro que se arrebenta ou se fende.

Com os vocabulos *rerú*, *rendy*, e *acema* ou *acê* se formam grande numero de outros compostos, como se vê: de *itaiuba*, ouro, e *rerú*, vaso, continente, se formou *itaiubarerú*, thesouro; de *yacy*, lua, e *rendy*, estar, *yacyrendy*, luar; de *ira*, mel, *acema* ou *acê*, fluir, correr, *iracema* ou *iracê*, fluencia de mel; de *pirá*, peixe, e *acêma*, sair, se faz *piracêma*, cardume, bando de peixe.

Na composição, quasi sempre, o primeiro dos componentes se contrae: *Aguará* o cachorro do matto, o cão montez; *nambi*, orelha; *Aguanambi*, em vez de *Aguaranambi*, exprimirá — orelha de cão. *Yaguara*, a onça, o felino; *mimbaba*, manso, domesticado; *Yaguamimbaba* em vez de *Yaguaramimbaba* exprimirá — o cão, animal domestico, *Epiacaba*, vista; *catú*, bom, bôa; *Epiacatú*, bôa vista.

24 — **Do genero dos nomes** — São invariaveis na sua terminação para os generos os nomes tupis.

Quando, porém, se querem distinguir os sexos, antepõem-se ou pospõem-se aos substantivos os

nomes: *apygaua* (1), macho, e *cunhã*, femea, dizendo-se então, por exemplo: *yaguara-apygaua*, cão, *yaguara-cunhã*, cadella; *apygaua-monhangára*, auctor, *cunhã-monhangara*, auctora.

25 — **Do Numero** — Tambem não têm flexão para os numeros os nomes nesta lingua. O mesmo nome, sob a mesma forma, pode estar no singular ou no plural, dependendo isso tão somente do sentido da phrase: *oca*, a casa ou as casas; *itá*, a pedra, ou as pedras. Todavia, com o auxilio dos adjectivos *etá*, muitos, e *cuéra* que, alem de *antigo*, significa — repetido, reiteirado, multiplicado, se consegue fazer o plural dos nomes; assim, por exemplo: *paca*, a paca, *pacaetá* as pacas; *guiratinga*, a garça, *guiratingaetá*, as garças; *itá*, a pedra, *itáquera*, as pedras; *curù*, o fragmento, o pedacinho, *curuéra*, os fragmentos, os pedacinhos, *tabatinga*, a tabatinga, *tabatinguéra*, as tabatingas; *boyá*, o servo, *boyéra*, os servos; *Abaretama*, a terra do homem, *Abaretamboéra*, as terras do homem; *Sumé pipuérangaba*, os signaes dos pés de Sumé; *pi*, o pé, *pipuéra*, os pés.

No geral, porem, os nomes tupis sã invariaveis para o numero. (2)

26 — **Collectivos** — Os nomes collectivos se

---

(1) Diz-se tambem, por influencia dialectal — *apyaba*.

(2) No guarany antigo, segundo o Padre Restivo, podia-se formar o plural dos nomes com os suffixos *(guéra, cuéra, gué, cué)*. No tupi antigo (1645) dava-se o mesmo, como se vê de uma carta de D. Diogo Pinheiro Camarão, um dos *Potis*, onde se lê a expressão: — *Christan-gué* como plural de christão. Com esses suffixos temos: *mocangué*, os moquens; *pirácué*, os peixes; *pócué*, as mãos; *ybirá*, a madeira, *ybiracué*, as madeiras.

formam, no tupi, com o emprego de varios suffixos, como: *tyba, reiya, rendaba.*

O suffixo *tyba*, que a má pronuncia do *y* desdobrou em *tiba* ou *tuba*, exprime *abandancia* e vale pelo suffixo portuguez *al* ou *eiro*. Assim é que de *curi*, pinhão, *curityba*, pinhal; de *itá*, pedra, *itatyba*, pedregal; de *rery*, ostra, *rerytyba*, ostreira; *caapii*, capim, *caapityba*, capinzal. A corrupção de pronuncia tem dado: *itatiba; capitiba* ou *capitúba*; assim como, *Imbetuba* ou *Imbetiba; araçátiba* ou *araçatuba; guaratiba* ou *guaratuba.*

O suffixo *reya* explime multidão, e vale pelo suffixo portuguez *ada*. Assim, de *guirá*, passaro, *guirareiya*, passarada; de *tãyaçù* ou *tanhaçù*, porco, *tayaçureiya*, porcada; de *cabarú*, cavallo, *cabarureiya*, cavalhada.

O suffixo *rendaba* exprime *collecção* e com elle se formam, por exemplo: de *potyra*, flôr, *potyrendaba*, jardim, collecção de flôres; de *camoci*, póte, cantaro, *camocirendaba*, cantareira; de *librú* ou *ribrú*, livro, *librurendaba*, bibliotheca.

27 — **Do Gráo** — O gráo augmentativo no tupi se fórma com a posposição ao nome, no gráo positivo, de algum dos termos: *guaçú ou açû, êtê* ou *têy*; por exemplo: de *parà*, rio, *paraguaçú*, rio caudal, grande; de *yaguara*, cachorro, *yaguarêtê*, cachorrão, onça; de *tamanduà*, tamanduá, *tamanduatêy*, tamanduá grande.

O augmentativo, no tupi, é ainda susceptivel de augmento, pela repetição do suffixo, como, por exemplo: *caaêtê*, matto virgem, mattão, *caaêtê-êtê*, que se contráe em *caetetê*, o mattão multiplicado, grandissimo.

A repetição de nomes para exprimir abundancia, por frequencia, ou multiplicação, equivalendo a augmentativo, é um recurso gracioso

e elegante dessa lingua. Ex.: *piri-piri*, juncal grande, extenso; *çoohú*, animal que morde, *çoohû-hû*, animal que morde muito. Os mesmos nomes collectivos tomam augmentativo com a repetição do suffixo. Ex.: *caatyba*, floresta, matto abundante, *caatyba-tyba*, matto abundante continuado, ou multiplicado.

28 — O gráo diminutivo se fórma com a posposição ao positivo dos vocabulos: *mirim* ou *mini*, pequeno, ou simplesmente da particula *y* ou *im*, como, por exemplo, de *itá*, pedra, *itamirim* ou *itaim* ou *itay*, pedrinha; de *pirá*, peixe, *pirahim* ou *piray*, peixinho; de *aba*, homem, *abay* ou *abaim*, homemzinho.

O diminutivo no feminino se fórma com a posposição do vocabulo *tahim, tay* ou *tem*, como: de *cunhã*, mulher, *cunhãtahim* ou *cunhãtem*, menina.

29 — **Da distincção dos casos.** — A distincção dos casos se faz, no tupi, por meio de proposições que são em verdade *posposições*, porque sempre se empregam depois dos nomes a que regem.

No *nominativo*, o vocabulo tupi se apresenta sem artigo, que nesta lingua não ha, sem preposição, e, ou só ou acompanhado de adjectivo, é o agente na oração. Ex.: *Curumî*, o menino ou os meninos; *pirá*, o peixe ou os peixes; *pirá guaçú*, o peixe grande ou os peixes grandes.

O *genitivo* se exprime por meio da agglutinação ou reunião dos substantivos, de modo que aquelle que estiver em primeiro logar, fica sendo genitivo, isto é, toma o primeiro logar o possuidor e o segundo o possuido. Ex.: *Tupãcy*, a mãe de Deus. O nome *Tupã* é o genitivo ou

o possuidor; *cy*, mãe, é o possuido. *Guirapepô*, a aza do passaro.

A materia de que uma cousa é feita se exprime por essa mesma fórma do genitivo. Ex: *itaóca*, casa de pedra; *imiracuruçá*, cruz de madeira.

O genitivo da cousa pertencente se forma com o emprego das preposições, *pe, rehe, guara*, invertida porém a ordem dos substantivos. Ex: *ybake mbaê*, as cousas do céo; mas para se dizer — *das cousas do céo*, se disporá a phrase de outro modo, *mbaê ybake guara*, ou *mbaê ybag rehe guara*.

O *dativo* se exprime com as preposições *upê* ou *çupê*, e tambem a preposição *pe*, modificada ás vezes em *be*. *Abaré-upê* ou *abaré-çupê*, ao padre; *yaguarype* (yaguar-y-pe) no rio da onça ou ao rio da onça. Do mesmo modo o nome *yaguarybe* (yaguar-y-be), que tem o mesmo significado.

O dativo dos pronomes pessoaes como o do indefinido *acê*, se fórma com as preposições *be* ou *bo*; assim: *ixébe*, a mim; *ndébe* ou *ndébo*, a ti; *orébe* ou *orebo*, a nós outros; *iandébe* ou *iandébo*, á nós todos; *peéme* ou *peémo*, a vós outros. O pronome da terceira pessoa, fóra do nominativo, é *y*; no dativo se dirá *y çupê*, a elle, á ella, a elles, a ellas, lhe, lhes. O indefinido *acê* faz o dativo *acébe* ou *acébo*.

O *accusativo* apparece, no tupi, junto ao verbo, anteposto ou posposto; *amonhan oca*, eu faço a casa; podendo-se dizer tambem *oca amonhan*. Com os verbos de movimento se empregam as preposições *pyri, pe, rupi, bo*. Para se ir ter com alguem, a um logar e por certo caminho, o nome da pessoa recebe a preposição *pyri* que vale por *ad* no latim; o do logar recebe a preposição *pe*, que é o mesmo que *ad*; e o do caminho recebe a preposição *rupi* que vale por *per*. Ex.:

Vou ter com meu pae, á cidade, indo pelo campo
Açô xe ruba pyri, mairy pe, nhû rupi

A preposição *bo* exprime movimento por onde; rege accusativo e vale pelo *per* do latim. Ex.: *Açô caábo*, eu vou pelos mattos ou pelos montes; *Oùr apébo*, elle vem pelos caminhos.

O *vocativo*, pelo modo como se fórma no tupi, é uma das originalidades desta lingua. O vocativo se exprime sempre de accordo com o sexo do individuo que chama. Os homens empregam para isso o suffixo *gué* ou *guí* e as mulheres *iù* ou *ió*. Ex.: *Abarégué!* oh! padre; *Abaréiù!* oh! padre; a primeira fórma para homens, isto é, usada por pessoas do sexo masculino; a segunda é só usada por mulheres: assim pela fórma do vocativo se verifica o sexo de quem chama.

O vocativo nos nomes terminados por vogal, com syllaba predominante na penultima, se fórma eliminando a vogal; assim, o vocativo de *Tuxàba* é *Tuxàb!* oh! chefe!

O *ablativo* se exprime com a preposição *çuí* que vale por *ex* ou *de* do latim. *Our mairy çuí*, elle vem da cidade. Muitas outras preposições concorrem para a formação do ablativo. Ex: *curumî irùnamo* ou *curumî irùmo*, com o menino.

O ablativo para exprimir a materia de que uma cousa é feita se faz do mesmo modo que com o genitivo da cousa pertencente; ex.: *mbaê iratí reheguara*, cousa feita de cêra.

DO ADJECTIVO

30 — **Do Adjectivo Qualificativo** — Os adjectivos se pospõem aos substantivos e se declinam como elles, com as mesmas particulas; são invariaveis no genero e no numero. Ex.: *poranga* ou *porã*, bello, formoso, bonito; *catú*, bom, boa; *nharõ*, bravo, feroz; *tinga, tin, pitinga*, branco, alvo; *beràba* ou *berà*, brilhante, crystalino, claro; *morotinga* ou *morotin*, feito branco, branqueado, alvejado; *una, un, û, pixuna*, negro, preto, escuro; *piranga, pirã, pitanga, pitã*, vermelho; *oby* ou *obim*, verde; *yuba*, amarello; *çuguí*, azul; *pixuna cerane*, roxo.

Na phrase tupi, o adjectivo qualificativo se põe sempre depois do nome substantivo. Ex.: *itá poranga*, pedra bonita; *abá una*, homem preto; *guirá tinga*, passaro branco, a garça; *itá morotî*, pedras branqueadas; *y pitã* ou *y pitanga* ou *y piranga*, agua vermelha; *caá oby*, folha verde.

31 — Os adjectivos, que se derivam de substantivos, formam-se com os suffixos *oéra* e *rapixara*, como, por exemplo: de *pereba*, sarna, *perebaoéra*, sarnento; de *cunhã*, mulher, *cunhãrapixára*, mulherengo, effeminado.

32 — Os adjectivos, que se fórmam de outros adjectivos, têm por suffixos; *oéra* e *cerane*. Ex.: de *puxi*, mau, *puxioéra*, malvado, perverso; *pitinga*, branco, *pitingacerane*, esbranquiçado; *pixunacerane*, roxo ou annegrado; *pitangacerane*, avermelhado.

33 — Os adjectivos derivados de verbos, os participios passados, se fórmam com o suffixo *pyra*, como: de *yucá*, matar, *yucapyra*, morto; *çaiçu*, amar, *çaiçupyra*, amado.

34 — Formam-se ainda adjectivos com os suffixos *ima* ou *eíma*, como: de *ceçá*, olho, *ceçaíma*, cégo; *nheenga*, falla, *nheengaeíma*, mudo; *rera*, nome, *reraeíma*, pagão; *paya*, pae, *payaeíma*, orphão.

35 — **Do gráo dos adjectivos** — O gráo dos adjectivos se exprime com o emprego dos suffixos *peure* para o comparativo e *êtê* para o superlativo. Ex.: *catú*, bom; *catúpêure*, melhor; *catuêtê*, optimo. *Turuçú*, grande; *turuçupeure*, maior; *turuçuetê*, maximo.

Nas phrases comparativas, no tupi do Brasil se empregam as preposições *çuí* ou *çoçê* depois do ultimo termo da comparação. No tupi do Sul, ou guarany, se emprega a preposição *guí* ou *heguí*. Ex.: Eu sou melhor do que tu; no tupi do Brasil se dirá: *xe catupêure ndê çuí*; no guarany se dirá: *xe catubê ndehegui* ou simplesmente *xe catú ndehegui*. Outro exemplo: A matta está mais alta do que a pedra; no tupi se dirá: *caá turuçupeure itaçocê*; no guarany, *caá turuçubê itaheguí*, ou simplesmente *caá catu itaheguí*.

O superlativo se fórma ainda com o accrescentarem-se ao positivo os adverbios: *êtê, etéy, matetê, teî, tecatù* e outros. Ex.: O valorosissimo Potí; *Potî apiaoçù matetê* ou *apiaoçuetê*.

Com os superlativos tambem se formam comparativos, bastando para isso empregar-se no ultimo termo a preposição *guí*, no guarany, e *çuí* ou *çocê*, no tupi. Ex.: *caá turuçuêtê itaheguí*; ou *caá turuçuetê itaçocê*.

36 — **Os adjectivos determinativos** são sómente os numeraes ou quantitativos, os possessivos, os demonstrativos e os indefinitos.

Não ha artigos no tupi.

Os Numeraes — Os numeraes ou quantitativos raro excediam de quatro ou cinco entre os selvagens, mas com o contacto civilisador dos europeus, entre os catechumenos e christãos, a numeração decimal se desenvolveu. Primitivamente só havia: *yepê,* um; *mocõe,* dois; *moçapira,* tres; *irundi,* quatro. Mais tarde, porém, a numeração subiu e se accrescentaram então: *uaxiny,* cinco; *moçuny,* seis; *ceyé,* sete; *oicé,* oito; *oicépê,* nove; *peyé,* dez (1). Dahi por deante formaram-se os vocabulos para designar os numeros segundo o processo decimal: *peyé-yepê,* onze; *peyé-mocõe,* doze; *peyé-moçapira,* treze; *mocõe-peyé,* vinte; *mocõe-peyé-yepê,* vinte e um; *mocõe-peyé-mocõe,* vinte e dois; *moçapyra-peyé,* trinta; *irundi-peyé,* quarenta; *yepê-papaçaua,* cem; *mocõe-papaçaua,* duzentos; *peyé-papaçaua,* mil; *mocõe-peyé-papaçaua,* dois mil; *peyè-peyè-papaçaua,* dez mil; *peyé-papaçaua-yepè-papaçaua,* um milhão.

37 — **Os ordinaes** — Os ordinaes se formam com o suffixo *uara*; *yepérum-ara,* o primeiro; *mocõiuara,* o segundo; *moçapirauara,* o terceiro; *peyéuara,* o decimo; *peyéuara-yepê,* o undecimo. O Padre Figueira dá *Imocõia,* o segundo; *Imo-*

---

(1) No tupi do Brasil, diz-se *yepê* ou *iepé* para exprimir *um*; no guarany é mais usado *peteî* ou *nhepeteî,* que quer dizer: *elle por si só,* (.). *Mocõi,* dous, é o mesmo que *mbo-cõe* e significa *faz par,* (..). *Moçapir* ou *moçapyt,* tres, derivado de *mbo capir* que quer dizer: *faz ponta,* (∴). *Irundí* ou *monherundy* que significa: *ajuntar pares,* (::). *Acêpó,* uma mão de gente, exprime *cinco.* ● Padre Figueira diz *ambó,* significando uma mão que tem cinco dedos; e *xepó xepyg,* meus pés e mãos para exprimir *vinte*; *opacombó,* dez, ou ambas as mãos.

çapyra, o terceiro; o Padre Montoya, porém, dá *Imocõibaê,* o segundo, e *Imombohapí,* o terceiro.

38 — **Os numeraes distributivos** — O numeral distributivo se fórma repetindo o cardinal: *yepê-yepê,* um a um; *mocõe-mocõe,* dois a dois.

39 — **Os Adjectivos Demonstrativos** — Os adjectivos demonstrativos são *ahè,* este; *aõa,* estes; *Icó, có,* este, servindo para os dois sexos. Ex.: *Co ara,* este tempo.

40 — Os *adjectivos possessivos* são: *che* ou *xe,* meu, minha, para ambos os numeros; *ndê,* teu, tua; *i,* seu, sua; *ianê* ou *ore,* nosso, nossa; *penhê, pê,* vosso, vossa; *i,* seu, delles, dellas.

41 — Os *indefinitos* são: *yepê,* um, certo; *amô* ou *amû,* algum, alguma, outro, outra; *cetê,* muito, muita; *auà* ou *abà,* qual; *mobyr,* quanto, quanta.

DO PRONOME

42 — **Os pronomes pessoaes e possessivos** — Os pronomes pessoaes são, no singular: *ichê, chê* ou *xê,* eu; *ndê* ou *inê,* tu; *i,* elle, ella; no plural: *iandê* ou *ore,* nós; *penhê* ou *pê,* vós; *i,* elles, ellas.

As variações dos casos dos pronomes, além das de que tratamos no § 29, ha as seguintes: *xearama* ou *chearama,* a mim ou para mim; *xeirúmo,* commigo; *ndearama,* a ti ou para ti; *ndeirúmo,* comtigo; *iandearama,* á nós ou para nós; *iandê-irúmo,* comnosco, e assim os mais.

Os *pronomes possessivos* são como os pessoaes e podem tomar o plural: *xê* ou *chê,* o meu; no plural, *xeretá,* os meus; *ndê,* o teu; *ndêtá,*

os teus; *iandetá,* os nossos; *pendetà,* os vossos; *iaetá,* os delles.

43 — **Os pronomes demonstrativos** — Os pronomes demonstrativo são como os adjectvos da mesma classe: *ahê,* este; *aõa,* estes; *aéaé, aébaé,* esse mesmo, esse.

44 — Um dos caracteres morphologicos mais salientes do tupi é a divisão em duas classes dos themas quanto ao modo de exprimir as relações de possessão e do genitivo, como passamos a expôr:

Na *primeira classe,* a relação *de mim, de ti, de nós todos, de nós outros* se exprime pospondo aos pronomes pessoaes regidos, o thema regente, affectado dos prefixos *r, re.* Seja, por exemplo, o thema *t-etama,* no estado absoluto ou de não possessão; applicando-lhe, porém, as relações, temos: *cê-r'etama,* minha patria; *nê-r'etama,* tua patria, ou patria de ti; *ianê-r'etama,* a patria de nós todos.

A relação *delle, della* se exprime pela prefixação de *c* ou *ce,* dizendo-se *c'etama,* a patria delle ou della.

A relação do genitivo se exprime pospondo ao thema regido, o thema regente affectado dos prefixos *r* ou *re,* com; *aba r'etama,* a patria do homem; *Tupana r'oca,* a casa de Deus.

A relação de *vós* se exprime pospondo ao pronome pessoal regido, o thema regente affectado dos prefixos *nd, nde.* Ex.: *pê nd'etama,* a patria de vós outros.

Na *segunda classe,* a relação de *mim,* de *ti,* de *nós todos,* de *nós outros,* de *vós,* se exprimem pospondo simplesmente o thema regente aos pronomes regidos: *ce'tama,* a patria de mim, ou minha patria; *enê curuçà,* a cruz de ti.

A relação do genitivo se exprime com a simples posposição do thema regente ao thema regido. Ex.: *guirá-tim,* o bico do passaro; *piráácanga,* a cabeça do peixe; *aba-nheen,* a lingua da gente.

A relação *delle, della* se exprime pela prefixação de *i* ao fhema. Ex.: *i-anama,* os parentes delle; *i-kicê,* a faca delle, ou sua faca.

45 — O pronome relativo é: *uaá,* que, o qual, os que, os quaes, as quaes; pronome que sempre se colloca no fim da phrase a que pertence. Ex.: *a mulher que é bonita.* No tupi a phrase ficará assim disposta: *mulher bonita que,* e se diz: *cunhã poranga uaá.*

46 — Os pronomes interrogativos são: *auá,* quem, qual, que coisa? *aua-uaá,* quem, qual delle, quaes? *maá,* que, qual, qual coisa? *maàtàa*? que, a que?

47 — Os pronomes indefinitos são: *auà-amô,* alguem; *nitio auà,* ninguem; *opabinhê,* tudo; *nitio-mbaê,* nada.

DO VERBO

48 — O verbo no tupi não se conjuga como no portuguez e no latim, por modificações na terminação, mas por anteposição de particulas. No portuguez, por exemplo, se diz: *mat-o, mat-as, mat-a, mat-amos, mat-aes, mat-am.* No tupi, ao contrario, como, por exemplo, no verbo *jucá,* matar: *a-jucá, re-jucá, o-jucá, ya-jucá, pe-jucá, o-jucá,* e então se conjuga com os pronomes:

eu mato	*chê ajucá*
tu matas	*ndê rejucá*

elle mata . . . . *i ojucá* ou *ahé ojucá*
nós matamos . . *ianê yajucá*
vós mataes . . . *penhê pejucá*
elles matam . . . *i ojucá* ou *aetá ojucá.*

Ha no tupi verbos activos, passivos, neutros e absolutos. Todos têm as suas fórmas negativas e se conjugam, como acima vimos, por meio de particulas que se lhes antepõem, sendo para as tres pessôas do singular — *a, ere* ou *re, o*; para as do plural: *oró* ou *ia, pe, o.* Com taes particulas se conjugam os verbos, dispensando até os pronomes pessoaes.

No geral, a voz núa dos verbos é sempre a mesma ao exprimir os diversos tempos, presente, preterito imperfeito, perfeito e o mais que perfeito, colligindo-se sómente dos antecedentes ou do sentido da phrase o tempo em que se fala.

Assim, por exemplo:

Ajucá, póde exprimir: eu mato, eu matava, matei, matara ou tinha morto.

Erejucá, tu matas, tu matavas, tu mataste, matáras.

Ojucá, elle mata, elle matava, elle matou, elle matara.

Yajucá, nós (incluindo com quem se fala), matamos, matavamos, etc.

Orójucá, nós (excluindo com quem se fala), matamos, matavamos, etc.

Pejucá, vós mataes, vós mataveis, vós matastes, etc.

Ojucá, elles matam, elles matavam, etc.

49 — Para firmeza do sentido, quanto ao tempo do verbo, na incerteza de o colligir dos antecedentes da phrase, empregam-se então certas particulas e adverbios que tudo esclarecem:

O *preterito imperfeito* do Indicativo, no tupi, se nota com a particula *aéreme,* posposta ao verbo no presente, assim, por exemplo: *Ajucà,* eu mato; *Ajucàaéreme*, eu matava. No guarany, a notação se faz com a particula *binhã* ou *bià,* e se diz: *Ajucabinhã*, eu matava. No tupi do Amazonas, se emprega o adverbio *yepê*, e se diz: *Ajucayepê*, eu matava.

O *preterito perfeito* do modo indicativo se nota com a particula *umã*, que exprime já, no tupi como no guarany. Ex.: *Ajucàumã,* eu matei; *Erepureumã*, tu pulaste; *Ourumã*, elle veiu. No tupi do Norte se emprega a particula *ana*, para formar esse preterito; *Ajucàana*, eu matei; e no guarany, ou tupi do Sul, se emprega tambem o adverbio *racó*; exemplo: *Ojucà racó*, elle matou.

O *preterito mais que perfeito* se nota com o emprego simultaneo das sobreditas particulas: *aéreme, umã.* Ex.: *Ajucà umã aéreme*, já eu tinha morto, ou matara. No guarany se usam a particula *umã* e o adverbio *acoîramõ.* Ex.: *Ahaihú umã acoîramõ,* já eu o tinha então amado.

O *futuro imperfeito* nota-se com a particula propria *ne* e é um tempo fixo. Ex.: *Ajucàne*, eu matarei; *Erejucàne*, tu matarás; *Ojucáne,* elle matará. No tupi do Norte, emprega-se a particula *curí*, que exprime *desejo.* Ex.: *Amonhan curi*, eu farei.

No *Modo Imperativo*, o presente se exprime pela fórma seguinte: *Ejucà*, mata tú; *Tojucà*, mate elle; *Tiajucà,* matemos nós; *Pejucà,* matae vós; *Tojucà*, matem elles. No tupi do Norte, tambem se fórma o imperativo presente pela simples posposição do pronome ao verbo. Ex.: *Yucá ndê*, mata tu; *çaiçù penhê*, amae vós.

No *Modo Conjunctivo*, no presente, no imperfeito, no preterito, mais que perfeito, como no futuro, a forma é sempre a mesma. No verbo *jucà*, matar, o conjunctivo é, no tupi, *Jucàreme*, e no guarany *Jucàramo*. No tupi do Norte, se consegue exprimir o presente do conjunctivo com o emprego da particula *cuôre*, dizendo-se, por exemplo, *Ajucà cuôre*, que eu mate. Emprega-se a particula *ramé* para o imperfeito; e *mairamé* para o futuro; ex.: *Arecó ramé*, que eu tivesse; *Orecó mairamé*, quando elle tiver.

No *Modo Infinitivo*, presente, o verbo apparece sem notas e vale até por um substantivo. Ex.: *jucà*, matar; *mboé*, ensinar; *monhang*, fazer. O preterito e o mais que perfeito no Infinitivo se exprimem com a particula *agoéra*; ex.: *Jucaagoéra*. O futuro e o supino em *dum*, se exprimem com a particula *rama* ou *ôama*; ex.: *Jucarama* ou *Jucaôama*, para haver de matar. O futuro imperfeito do Infinitivo é *Jucaramboéra*. O supino passivo, ou participio faz *Ijucapyrama*, o que hade ser morto, e o gerundio e o supino fazem *Jucabo*, a matar, para matar, matando.

Só dos verbos activos é que nasce o supino passivo ou participio em *yra*, com as suas variedades de tempos. O verbo *jucà* é activo, o seu supino passivo é, pois, *Ijucapyra*, o que é morto, e os demais tempos: *Ijucapyroéra*, o que foi morto; *Ijucapyrama*, o que hade ser morto; *Ijucapyramboéra*, o que houvera de ser morto, mas não foi.

50 — No tupi ha ainda, na conjugação dos verbos, o *modo mandativo*, o *optativo* e o *permissivo*.

No *modo mandativo* ha apenas a fórma do futuro, para as terceiras pessôas. Ex.: *terejucáne*, matarás tu; *tapejucàne*, matareis vós outros.

No *optativo*, os diversos tempos se formam com os do Indicativo, accrescentando-se-lhes a expressão *temomã* que vale pela portugueza-arabica *oxalá*. Ex.: *Ajucátemomã*, oxalá matasse eu, no presente e no imperfeito. No preterito perfeito e mais que perfeito, usa-se da expressão *meimã* ou *meimomã*; ex.: *Erejucámeimã*, tiveras tu morto; no futuro usa-se da expressão *momã*; ex.: *Ajucámomã*, oxalá mate eu.

No *permissivo*, presente, se diz *tajucá*, mas que mate eu; *Tojucá*, mate elle embora; *Tiajucá*, mas que matemos. No imperfeito, diz-se *Ajucamo*, eu matara ou mataria; *Pejucamo*, vós matarieis. No preterito perfeito e mais que perfeito: *Ajucaumãmo*, já eu teria morto; *Iajucaumãmo*, já nós então teriamos morto. No futuro, *Tajucáne*, matarei eu embora.

51 — A conjugação do verbo pela negativa se faz com o emprego das particulas *na* ou *nda*, antes do verbo na affirmativa, e a particula *i*, no fim, annexando-se tudo ao verbo. Ex.: *Ajucá*, matar; *Najucái*, não matar. No presente do indicativo faz: *Najucái*, eu não mato; *Nderejucái*, tu não matas; *Ndojucái*, elle não mata; *Ndiajucái* ou *Norojucái*, nós não matamos; *Napejucái*, vós não mataes; *Nojucái*, elles não matam. No futuro do Indicativo, faz: *Najucaixoéne*, eu não matarei; *Nojucaixoéne*, elle não matará.

No *Imperativo*, presente, faz *Ejucáumé*, não mates tu; *Tojucáumé*, não mate elle; *Tiajucáumé*, não matemos nós e vós; *Pejucaumé*, não mateis vós. No futuro mandativo, faz: *Torejucauméne*, tu não matarás; *Tapejucauméne*, vós não matareis.

No *Optativo*, pela negativa, faz, no presente, imperfeito e mais que perfeito: *Najucaixoemeimã*, oxalá não tivera eu morto. No futuro faz: *Najucaixoemomã*, praza a Deus que não mate eu.

No *Permissivo*, no presente, faz: *Tajucaumé*, não mate eu. No imperfeito, preterito e mais que perfeito: *Ndajucaixoémo*, eu não matara. No futuro, *Tajucauméne*, não matarei eu.

No *Conjunctivo*, pela negativa, no presente, imperfeito, preterito e mais que perfeito, faz: *Jucaeyma*, eu não mate, porque eu não mate, etc.

No *Infinitivo*, pela negativa, faz, no presente, imperfeito, *Jucaeyma*, não matar. No preterito e mais que perfeito, *Jucaeymagoéra*, não ter morto. No futuro perfeito e supino: *Jucaeymaõama*, para não haver de matar. No supino passivo e participio: *Ijucapyreymãama*, cousa que não hade ser morta. No gerundio e supino passivo: *Jucaeyma*, a não matar ou para não matar.

No tupi do Norte tambem se conjuga pela negativa empregando-se o adverbio *enti, nti* ou *ti*, antes do verbo na activa, dizendo-se: *entiapore*, eu não pulo; *entiaçaiçú*, eu não amo, no presente do Indicativo; *entiaçaiçù yepê*, eu não amava, no imperfeito; *entiaçaiçú ana*, eu não amei; *entiaçaiçú curì*, eu não amarei.

52 — Para conjugar os verbos pela *interrogativa* ou *dubitativa*, basta pospôr á fórma regular dos tempos a particula *cerá?*, a qual, todavia, não se emprega nas primeiras pessôas do singular ou plural. Ex.: *monhan*, fazer; *amonhãn?* ou *monhan ichê?*, faço eu?; *remonhan cerá?*, fazes tu?; *omonhan cerá?*, faz elle?; *amonhan yepê ichê?*, fazia eu?; *eremonhan curi cerá?*, farás tú?

No guarany se empregam as particulas *pã?, panga?, pe?, piã?, pi?, rae?* para fazer interrogações, todas essas particulas, menos a ultima, se collocando logo em seguida ao verbo. Ex.: *Amonhapã?*, faço eu?; *Amanõpá?*, morro eu; *Açaiçupiãne?*, amarei eu?; *Arupichene?*, heide trazel-o eu? O emprego dellas depende unicamente do bom effeito euphonico da phrase. Assim se poderá dizer: *Chêpã?*, sou eu? como *Chêpanga?, Chêpe?, Chêpiã ou Chêpi?*, conforme o requerer a elegancia ou effeito do dizer.

53 — **Os verbos auxiliares.** Não ha no tupi o verbo substantivo *ser*, mas, com o emprego adequado de pronomes suppre-se-lhe a falta. Assim, todos os nomes ou adjectivos que, conjugados com pronomes se fazem verbos, incluem em si o verbo *ser*, latente, e tambem o sentido de *ter*, como no latim. Seja, por exemplo, o adjectivo *catú*, bom, com o pronome pessoal, *che catú*, quer dizer: *eu sou bom*; com o adjectivo *poranga*, ajunctando-se pronome pessoal, *ndêporanga*, quer dizer: *tu és bello*; *guaçú*, grande, *pêguaçú*, vós sois grandes; *oca*, casa, *cheoca*, eu tenho casa; *cy*, mãe, *chêcy*, eu tenho mãe; *ndeoca*, tens casa; *icó*, elles têm roça.

O verbo *Aicô* tem propriamente o significado de *estar*, mas vale tambem *ser* e póde servir de auxiliar. O verbo *Recô*, ter, possuir, tambem serve de auxiliar. Os tempos principaes do verbo *Aicô*, nos diversos modos são: No Indicativo, presente, *Aicô*, eu estou; *Ereicô*, tu estás; *Oicô*, elle está; *Iaicô* ou *Oroicô*, nós estamos; *Peicô*, vós estaes; *Oicô*, elles estão. No imperfeito *Aicoaéreme* ou *Aicoyepê*, eu estava; no preterito *Aicôumã*, eu estive; no mais que perfeito *Aicôumã aéreme*, eu estivera; no futuro *Aicóne*, eu

estarei. No tupi do Norte, se diz no futuro *Aico curi*, eu estarei. No Modo Imperativo: *Eicô*, está tú, *Peicô*, estae vós. No Modo Conjunctivo, em absoluto, *Tecóreme*, estando eu, e *Cecóreme* no relativo. No Modo Infinitivo, *Tecô*, estar; no Gerundio, *Guitecóbo*, estando eu; *Eicóbo*, estando tu; *Oicóbo*, estando elle; *Iaicóbo* ou *Oroicóbo*, estando nós; *Peicóbo*, estando vós; *Oicóbo*, estando elles. Os substantivos verbaes são: *Tecoara*, o que está; *Tecoaba*, o logar de estar, o tempo de estar.

54 — **O verbo pela voz passiva** — Os verbos activos se fazem passivos, no tupi, com o emprego das particulas *nhê* ou *ie*, de entremeio. Assim de *ajucá*, eu mato, na activa, se faz na passiva *Aicjucá* eu sou morto: de *aimonhang*, eu faço, se deduz *anhemonhang*, eu sou feito; de *aú*, eu como, se faz *aieú*, eu sou comido.

No guarany, o verbo passivo se forma com o participio em *yra*, do verbo activo, pospondo-se-lhe os pronomes pessoaes. Ex.: de *ijucapyra*, o que é morto, se fazem na passiva: *ijucapyra ichê*, sou morto, ou o morto sou eu; *ijucapyra ndê*, tu ês morto; *ijucapyra iandê*, nós somos mortos; *ijucapirêra ichê*, eu fui morto; *ijucapyrama ndê*, tu serás morto; *ijucapyrangoéra ichê*, o que havia de ter sido morto sou eu.

«Esta lingua, diz o Padre Montoya, não tem mais passivos que esta voz *pyra*, a qual se põe no fim do verbo, antepondo a este o relativo *h* ou *y*, conforme o verbo o pedir, e depois de *pyra* os pronomes». (1)

Quando os verbos, na activa, terminam em

(1) Padre Antonio Roiz de Montoya, «Arte de la lengua guaraní», p. 44.

vogal nazal, o suffixo *pyra* se abranda em *mbyra* e então se diz, de *Ameê*, eu dou; *Imeembyra*, o dado; *Imeembyra ichê*, eu sou dado; *Imeembyréra ichê*, eu fui dado; *Imeembyrama ichê*, eu serei dado; *Imeembyrangoéra ichê*, o que havia de ter sido dado sou eu.

O verbo passivo pela negativa se forma com o suffixo *eyma*. Ex.: *Ijucapyreyma ichê*, eu não sou morto; *Ijucapyreyma ndê*, tu não és morto; *Ijucapyrereyma cuîbae*, aquelle não foi morto; *Ijucapyrameyma iandê*, somos nós os que não hão de ser mortos.

No tupi do Norte, no valle do Amazonas, entre os caboclos, ja o verbo *aicô* apparece como auxiliar na formação da voz passiva. Ex.: *Açaiçú*, eu amo; *Açaiçú icô*, eu sou amado; *Açaiçú icô yepê*, eu amava; *Oçaiçú icô cuôre*, que elle seja amado.

55 — **Os verbos reflexivos** — Os verbos reflexivos se formam como os passivos, com o emprego das particulas *nhe* ou *ie*, intromettidas no verbo activo. Ex.: *Ajucá*, eu mato; *Aiejucá*, eu me mato; *Peiejucá*, vós vos mataes; *Nhemombeú*, confessar-se; *anhemombeú*, eu me confesso; *renhemombeuaéreme*, tu te confessavas.

56 — Os verbos de acção reciproca se exprimem pela prefixação das particulas *jô*, *ju* e *nhô*, conforme a gamma do thema. Ex.: *Çaiçú*, amar; *joçaiçú*, amar-se um ao outro; *iajoçaiçú*, nós nos amamos uns aos outros; *onhonupã*, elles se batem uns nos outros.

57 — **Do gerundio-supino e participios nominaes** — São de grande valor no tupi o gerundio e os participios nominaes e, por isso, adverte o Padre Figueira que, para se falar bem esta lin-

gua, indispensavel é entender a ordem e formação dos gerundios dos verbos.

O gerundio, no tupi, corresponde aos gerundios latinos em *do, dum* e ao supino. Assim, por exemplo, *apóbo*, gerundio do verbo *apó*, agir, actuar, fazer, equivale a *faciendo*, *faciendum*, *factum*.

Em regra geral se forma o gerundio-supino com a posposição ao thema da particula *bo* ou *obo*. A regra e as excepções se illustram com os seguintes exemplos: *jucá*, matar, *jucábo*, matando; *uatá*, caminhar, *uatábo*, caminhando; *jaceó*, chorar, *jaceoábo*, chorando; *apar*, encurvar, *apábo*, encurvando; *kaê*, seccar, *kaêmo*, seccando; *âm*, erguer, levantar, *ama*, erguendo, levantando; *aman*, envolver, rodear, *amana* ou *amanda*, rodeando; *pam*, bater, *pama* ou *pana*, batendo; *apin*, tosquiar, pellar, *apina*, tosquiando, pellando; *nupã*, espancar, *nupâmo*, espancando; *meeng*, dar, offerecer, *meenga*, dando, offerecendo; *nhan*, correr, vagar, *nhana* ou *nhanga*, correndo, vagando; *endub*, ouvir, *endupa*, ouvindo; *epiac*, ver, *epiaca*, vendo; *pac*, despertar, *paca*, despertando; *kái*, queimar, *kaita*, *káia*, queimando; *sorog*, rasgar, *soroca*, rasgando; *açoy*, cobrir, abrigar, *açoyábo*, cobrindo; *aé*, dizer, *guiiábo*, dizendo; *ajur*, vir, *guyiú*, vindo; *ajúb*, jazer, *guytupa*, jazendo; *aicó*, estar, *guitecóbo*, estando. *aiké*, entrar, *guikeábo*, entrando; *ajar*, tomar, *tá*, tomando; *açó*, ir, *guixóbo*, indo; *araçó*, levar, *ceraçóbo*, levando.

Os participios nominaes se formam com os suffixos *ara* ou *çara* para aquelle que exprime o que faz a acção, e com *aba* ou *çaba* para aquelle que exprime o tempo, o logar, o momento da acção. Ex.: *uatá*, caminhar, *uataçara*, o caminheiro, *uataçaba*, o momento de caminhar, a viagem; *monhang*, fazer, *monhangara*, o fautor, o autor, *monhangaba*, a factura, a acção; *camonó*, caçar, *camonoçára*, o caçador, *camonoçaba*, a caçada; *açoy*, cobrir, *açoyára*, o cobridor, *açoyaba*, a cobertura; *kái*, queimar, *kaitára*, o queimador, *kaitaba*, a queimada; *soróg*, rasgar, *sorocára*, o rasgador, *sorocaba*, o rasgão; *ù*, comer ou beber, *guára*, o comedor ou bebedor, *guába*, a comida ou bebida, o logar de comer ou beber.

Ha ainda participios nominaes que se formam com o suffixo *baé* (*uaá*, no tupi do Norte), nas terceiras pessôas do Indicativo, para exprimir aquelle que exerce a acção. Ex.: *oikébaé*, aquelle que entra, o entrante; *opucábaé*, aquelle que ri, o ridente; *onhãbaé*, o que corre, o corrente. Tambem com o suffixo *bóra* se formam alguns verbaes, e neste caso com o fim de exprimir o costume ou acto habitual do individuo. Ex.: *canhî*, fugir, *canhimbóra*, o que tem por habito fugir, o fujão. Veja-se § 21.

58 — **Do participio passado adjectivo** — Este participio se forma, como vimos na conjugação dos verbos, com o suffixo *pyra* ou *byra*, aos themas verbaes transitivos, affectados do indice pronominal da terceira pessôa. Ex.: *jucá*, matar, *ijucápyra*, o morto ou o que foi sacrificado; *çaiçú*, amar, *içaiçupyra*, o amado; *caí*, envergonhar, *icaipyra*, o envergonhado, o acanhado.

59 — **Do participio passado substantivo** — Este participio se forma com os prefixos: *tembi* ou *temi*, *rembi* ou *remi*, *sembi* ou *semi*, *gembi* ou *gemi*, segundo a gamma dos themas. Ex.: *temimboé*, o ensinado ou o discipulo: *temirecô*, a desposada ou a esposa; *tembi-ú*, a comida, alterando-se todavia o vocabulo em *remi-ú* ou *semi-ú* se-

gundo as relações de pessôa, na composição da phrase, assim, por exemplo: *che remiú*, a minha comida, *sembiú* ou *semiú*, a sua comida, delle.

60 — No tupi, os substantivos, os adjectivos, os verbos no infinito, os participios formam diversos tempos com o emprego dos suffixos *coéra, rama,* e dos suffixos compostos *coérama, rangué* ou *ranguéra*. Ex.: *pirá-coéra,* o peixe que foi, o do passado; *pirá-rama*, o peixe que hade ser; *pirá-coérama*, o peixe que seja; *pirá-rangué*, o peixe que seria; *piranga*, vermelho; *pirangoéra,* vermelho que foi; *pirangarama,* vermelho que será, etc. Veja-se § 19.

61 — A particula *guára* é de muito frequente emprego na formação dos nomes tupis. No sentido litteral, exprime ella, como participio nominal que é do ver *ù*, comer, o individuo que come, o comedor, mas, no sentido lato, quer dizer — *ente, vivente, morador, habitante.* Ex.: *tobáy,* em frente, fronteiro; *çobay*, em frente delle, fronteiro a elle; *çobayguára,* o que vive fronteiro a elle, o morador de outra banda, o de outro lado, o estrangeiro; *che retama*, meu paiz, *che-retamaguára,* o habitante do meu paiz, o meu compatriota; *irùnamo*, juncto, de juncto, *irùna-moguára*, o que vive juncto, o companheiro, collega ou socio, tambem se diz, no tupi, *irùmo-guára*; *Piauhyguára*, o habitante do Piauhy; *mairyguára*, o morador da cidade, o cidadão; *caápeguára*, o morador no matto, o monteiro.

No tupi do Sul, a particula *guára* se contráe e toma a forma *guá*, e, então, apparecem na linguagem vulgar nomes como: *Paiaguá,* por *Paiaguára*; *Caataguá*, por *Caataguára*; *Cayuá* ou *Cayguá,* por *Caayguára.*

DAS PREPOSIÇÕES

62 — As preposições no tupi são verdadeiras *posposições*, porque sempre se empregam após os nomes a que regem. Ex.: *Itaçocê* (*Itá-çocê*), sobre as pedras; *Tupã-recê*, por amor de Deus, ou por Deus.

As principaes preposições são:

Áribo, com o accento tonico na primeira, vale o mesmo que *sobre,* ou *em cima*, equivale ao latim *supra.* Ex.: *ocáribo (oca áribo),* em cima da casa.

Bo, vale pelo latim *per*, pelo, pela. Ex.: *iché-bo,* por mim, ou a mim; *coá-bo*, pelo matto; *oajuri-bo*, pelo pescoço. *Bo* se altera para *mo,* segundo o thema: *otîmo,* pelo nariz.

Be, pe, me, valem pelo latim *in,* com accusativo, com verbos de movimento. Ex.: *Açó caápe,* vou ao matto; *eraçô mairype*, elle leva para a cidade. Como preposição de ablativo se emprega com os verbos de quietação. Ex.: *Aicó ócape,* estou em casa. Nas denominações de logares é frequente o emprego desta preposição: *Yaguar-y-be* ou *Yguar-y-pe*, no rio da onça; *Tápe* (contracção de *tába-pe)* na aldêa; *Ybi-pe*, em terra; *Y-pe*, n'agua, no rio; *Camaragybe,* nos rio dos camarás. Quando a ultima syllaba do thema é nazal, em vez de *be,* ou *pe*, uza-se de *me.* Ex.: *Nhû-me*, no campo; *Paranã-me*, no mar; *Che retã-me,* na minha patria, no meu paiz.

Çocê vale pelas preposições latinas *super* ou *supra,* e *plusquam.* Ex.: *Itá-çocê*, sobre a pedra, ou por cima das pedras; *Ymyrá-çocê*, sobre um madeiro; *Açaiçubaê-ndeçocê,* sou mais querido do que tú.

Coty, vale pelo latim *versus*, contra, até; Ex.: *Camonoçara oçó yaguara coty*, o caçador avançou contra a onça; *che coty*, contra mim; *Che nde coty*, eu sou contra ti.

Çui equivale ao latim *ex* ou *de*, preposição de ablativo. Ex.: *Acêm taba çui*, eu saio da aldêa.

Çupi, equivale ao latim *secundum*, isto é, como, com etc., tomando as formas *upi*, *çupi*, *gupi*, *rupi*, comforme o thema: Ex.: *Imena çupi*, ao marido, segundo o marido; *Apé rupi*, pelo caminho; *Nde rupi*, comtigo.

Eymebé, vale pelo latim *ante*, ou *priusquam*. Ex.: *Nde uatá eymebé che acém*, eu saio antes de partires.

I vale pelo latim *ad*, *circa*, a, para, em. Ex.: *Ajur-i*, ao pescoço; *Apir-i*, ao cume, no ápice; *Y-páume-r-i*, ao entre rios, na mesopotamia.

Irúnamo ou *Irúmo*, equivale ao latim *cum* e *juxta*, traduzindo-se por, junto, perto, em companhia, com, e. Ex.: *Chê irúnamo*, commigo; *Camonoçara yaguara irùnamo*, o caçador e o cão.

Pocé corresponde ao portuguez *com*, para exprimir uma união intima. Ex.: *Che pocé oké*, dorme commigo, na mesma cama.

Porupi, ao longo de, ao lado de; Ex.: *Nde porupi aker*, durmo ao teu lado, ou ao longo de ti.

Pupé corresponde ao *in* latino, com ablativo, isto é, em, com, a; Ex.: *Che ygára pupé*, na minha canôa; *Nde mbaé pupé*, com o teu negocio; *Tupã rêra pupé*, em nome de Deus. Escreve-se tambem *pypé*, *mpypé*, no guarani ou tupi do Sul.

Pyri corresponde a *com*, *para*, *em*, *a*, equivalendo ao latim *ad*, com accusativo. Ex.: *Açó Cunhambebe pyri*, vou ter com Cunhambebe; *Ajur nde pyri*, venho para ti, ou á tua procura. Alguns autores escrevem *puri*, *pyre*, *pire* e até *pere*.

Recé corresponde ao latim *propter*, por causa de, por amor de, á vista de, com, a, para. Ex.: *Abá-recé*, por amor de alguem; *yandê recé*, por amor de nós, por nossa causa; *Nde ruba recé*, por causa de teu pae. De accordo com o thema se empregam as varias formas: *ecé cecé*, *guecé*, *recé*.

Ri tem o mesmo significado que *recé*, podendo-se empregar ora uma, ora outra, conforme a elegancia do dizer.

Riré, *roiré*, *rè*, correspondem ao latim *post* ou *post-quam*, depois, em seguida; Ex.: *co riré*, depois disto; *Poracê riré*, depois da dansa.

Rupi, corresponde ás preposições latinas, *per*, *cum*, *juxta*, *propter*, *in*. Ex.: *yby rupi açó*, vou por terra; *che anama rupi aicó*, estou com os meus parentes; *yandê ruba rupi ayapó*, faço comforme os nossos paes; *Nde recobê rupi ayù*, venho por causa da tua vida; *Nhû rupi guára*, morador no campo. Veja-se *Çupi*.

Tenondé vale pelo *ante* latino, diante de, preposição que, comforme o thema, toma a forma *enondé*, *guenondé*, *renondé*, Ex.: *Che renondé*, diante de mim.

Tobaké, ou *tobaquê*, corresponde a *coram*, *apud*, no latim, isto é, em presença de, diante de, etc., tomando as formas *robaké*, *hobaké*, segundo o thema. Ex.: *Nde robaké*, diante de ti.

Upé, ou *çupé*, corresponde ao latim *ad*, para,

mas, no geral, é preposição que rege ao dativo: Ex.: *Ameê nde ruba çupé*, offereço a teu pae; *Açó mairy upé*, vou para a cidade; *A-i-meê Tupã cy çupé*, eu o offereço á Mãe de Deus.

DOS ADVERBIOS

63 — Os adverbios são:

De logar: *mamé*, onde; *iké*, aqui, *mime*, alli; *arpe*, acima; *uerpe*, abaixo; *apé*, longe; *apé-katu*, la, longe.

De tempo: *mairaré*, quando; *koité*, então; *ajii*, ou *uhy*, hoje; *uirandé*, amanhan; *kisé*, hontem; am*ôkisé*, ante-hontem; *kury*, já, agora; *arir*y, depois; *ranhé*, ainda.

De quantidade: *uetepe*, muito, bastante; *amoiré*, mais; *chinga*, menos, apenas; *pau* ou *pauué*, tão, tanto; *muôre*, quão, quanto; *retè*, demais; *nhum*, só; *nhonte*, sómente; *mirente*, quasi; *upaem*, assaz.

De modo: *catuente* ou *ecatù*, bem; *meoán*, mal; *yauê*, assim; *mahy*, como; *empó*, talvez.

Em geral, os adverbios de modo, os terminados em *mente*, se fórmam pospondo aos adjectivos ou substantivos o suffixo *rupy* ou *retê*. Ex.: *meuè-rupy*, vagarosamente; *catù-rupy*, licitamente; *çantan-rupy*, duramente; *piaahyba-rupy*, apaixonadamente; *caturetê*, excellentemente.

De affirmação: *heen*, sim; *çupi catù*, certamente; *çupirupy*, realmente.

De designação: *cocicôi*, eis, eis aqui.

De interrogação: *maiabê*, como? *mbaè recê*, porque? *mbaé-ramé*, quando?

De negação: *ani*, *nitio*, *enti*, *onti*, não; *nitio mbaé*, nada; *áne*, nunca.

DAS CONJUNCÇÕES

64 — As conjuncções são:

Copulativas: *y* ou *auê*, e, tambem; *maá*, que; *chê* ou *cê*, si;

Disjunctivas: *u*, ou; *ni*, nem;

Continuativas: *anhê*, pois;

Adversativas: *arery*, mas, porém, todavia;

Conclusivas: *açuhy*, logo, portanto;

Condicionaes: *çaé*, si;

Causaes: *mahy*, como, porque, porquanto;

Concessivas: *ajubéte*, embora.

DA SYNTAXE

65 — A syntaxe tupi é singela. A oração tem os tres membros essenciaes: sujeito, verbo e attributo, ou o sujeito e o predicado. Ex.:

Deus é bom.
Tupã catù

Eu mato a cobra
Ajucá boia

Nós honramos a Deus
Oroimoetê Tupã

No geral, a construcção da phrase é directa, ficando em primeiro logar o nominativo ou sujeito, em seguida o verbo, e por ultimo o accusativo. Ex.:

O menino matou a cobra
Curumî ojucá boia

A cobra matou o menino
Boia ojucá curumî

66 — Quando, por ventura, ha transposição, como muitas vezes acontece por necessidade, ou elegancia, a oração perde em clareza, mas, geralmente se entende que, dando-se esse facto com dous nomes da terceira pessoa, o nome que ficar mais perto do verbo, esse será o accusativo. Ex.: *Curumî boia ojucá.* O nome *boia*, por estar mais perto do verbo, é o accusativo e então se traduzirá: — *o menino matou a cobra.*

Citemos mais alguns exemplos para se bem conhecer a natureza desta lingua. Ex.:

a) *Deus, senhor nosso, que estás no cèo.*

Para se verter para o tupi, mistér se torna dar á phrase outra forma e dizer-se:

Deus, nosso senhor, cèo no que estás.
Tupã, iandê yara, ybákepe tecoára.

b) *Venha a nós o teu reino.*

Disponha-se a phrase de outra forma:

Que venha nós a o teu reino.
Toúr orêbe ndê reino.

c) *Seja feita a tua vontade.*
Que seja feita a tua vontade.
Tonhemonhang ndê remimotára.

d) *Assim na terra como no cèo.*
Terra na, ceo no, fazendo-se assim.
Yby pe, ybák pe onhemonhanga yaba.

e) *Ave, Maria, cheia de graça.*
Ave, Maria, graça pela que saes brilhando.
Ave, Maria, graça recê tyricembaê.

f) *O Senhor é comtigo.*
Comtigo o teu Senhor está.
Ndê irùnamo ndê Iára recó.

g) *Bemdicta sois entre as mulheres.*
Bemdicta sois mulheres entre.
Imombeúcatupyram reicó cunhã çuí.

h) *Bemdicto é o fructo do teu ventre, Jesùs.*
Bemdicto tambem teu filho, Jesùs.
Imombeúcatúpyrambe ndê membyra, Jesùs.

A ordem directa é, como se vê, a natural na phrase tupi, mas esta deve ser arranjada ou disposta de maneira que as preposições e conjuncções vão para o fim e sempre após o thema regido. Ex.:

O caçador e o seu cão entraram no matto.

A disposição mais conveniente a dar-se a esta phrase, para a sua versão de accordo com a indole da lingua, é como se segue:

O caçador seu cão junto matto no entraram.
Camonoçára yaguara irúmo caá upé oiké.

Merece especial attenção o verbo na construcção na phrase tupi, quando a ella concorrem varias pessoas, umas no nominativo e outras no accusativo.

Quando n'uma oração, a primeira pessôa ou a segunda fôr nominativo e a terceira accusativo, o verbo activo deve trazer expresso o indice da pessoa que é nominativo. Ex.: *Amo a Deus, Açauçub Tupã*, com o indice *A* da primeira pessoa. *Fazes uma casa, Oca remonhang*, com o indice *re* da segunda pessoa.

Quando a terceira é que é nominativo e a

primeira ou segunda pessoa accusativo, o verbo não traz o indice pessoal da terceira. Ex.: *O Padre ensinou-me, Abaré che mboé* e não *omboé. A cobra te mordeu. Boia ndê çuú* e não *oçuú.*

Com o verbo no modo permissivo ou imperativo e com a terceira no nominativo e a primeira ou segunda no accusativo, o indice *To* ou *Ta* desses modos se conserva, interpondo-se a elle e ao verbo o pronome no accusativo. Ex.: *Tojucá,* mate elle; *Tachejucá Pedro,* mate-me Pedro; *Tandejucá yaguara,* mate a ti a onça.

Si a terceira pessoa é nominativo e outra terceira pessoa é accusativo, o verbo leva o seu indice pessoal nos tempos em que o tem. Ex.: *A onça comeu o veado, Yaguára oú soaçú,* com o indice *o,* no verbo *ú,* comer.

Quando a segunda pessoa é nominativo e a primeira accusativo, o verbo não toma o indice da segunda pessoa, mas recebe a particula *yepé.* Ex.: *Tu me matas, Ndê che jucá yepé* e não *Ndê che rejucá,* com o indice *re.*

Quando a primeira pessoa é nominativo e a segunda accusativo, o verbo não toma o indice pessoal da primeira, mas toma por accusativo, no singular, *oro,* em vez de *ndê,* e *opo,* no plural da primeira, em vez de *penhê.* Ex.: *Eu te amo, Ichê oroçauçub* e não *Ichê ndê açauçub. Eu vos espero, Ichê opoçaron* e não *Ichê penhê açaron.*

Occorrendo na oração dous verbos com um *que* interposto, o segundo vae para o infinito. Ex.: *Faço que comas, Ambo ndê ú* e não *Ambo ndê reú. Não quero que mates o passaro, Naipotári ndê guyrà jucá* e não *rejucà.* Si o segundo verbo fôr neutro, poderá tomar o seu caso

com uma preposição. Ex.: *Lembro-me de que me amais, Ichê maenduàr ndê che rauçuba recê.*

Si na oração occorrerem dous verbos sem *que,* interposto, dos dous verbos faz-se um só composto. Ex.: *Quero ir, Açópotár; Quero fazer, Amonhãpotár; Fazer subir, Mbojupyr.*

Sempre que na phrase occorrerem expressões como *a ver, para fazer,* equivalentes ao supino latino em *tum,* o verbo vae para o supino. Ex.: *Vou a ver o mar, Açó paranã repiacaõáma. Venho a buscar-te, Ajur ndê rececaõáma recê.*

Nas phrases em que entra o gerundio, tambem servindo de supino, não se admitte regencia nem de verbo nem de preposições. Ex.: *Estou escrevendo ao padre, Aicó abaré quatiabo. Ando escrevendo, Che quatià guitecobo.*

Demos mais alguns exemplos, que illustram as regras precedentes:

Minha terra tem palmeiras
Che retama orecó pindoetà

Onde canta o sabiá
Máme onheengar çobià

As aves que aqui gorgeam
As aves aqui que gorgeam
Guirà iké onheengarebaê

Não gorgeam como lá
Não gorgeam lá como
Nonheengári apé yabê

Aos socios do Instituto offerece o autor
Instituto socios aos offerece o autor
Instituto irumoguàra çupé omehên monhangàra.

95

CAPITULO III

Das alterações phonicas no tupi sob a influencia da lingua portugueza

67 — As duas linguas, portugueza e tupi, em contacto no Brasil, por um largo periodo de annos, experimentaram, ao calor uma da outra, quer no vocabulario, quer na phonologia, uma acção identica ao que em calorimetria se denomina *equilibrio movel* de temperatura de dois corpos em presença. As duas linguas, em niveis differentes, se foram com effeito alterando, trocando entre si elementos, assimilando palavras, segundo a phonetica peculiar a cada uma, até o apparecimento de um idioma geral, médio, uma lingua *brasilica*, fallada pela maioria da população da colonia nos dois seculos que se seguiram ao descobrimento.

A lingua tupi tinha-lhe já a Arte deduzido as regras grammaticaes, como a escripta lhe fixára o vocabulario.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

As palavras passaram a ter fórmas fixas, perdendo aquelle dubio e indefinido caracter em que as mantinham a difficilima apprehensão das articulações e a diversidade e vicios de pronunciação de uma tribu para outra.

Mais rapida e proveitosa evolução assumiu então o tupi, a despeito da decisiva ascendencia que o portuguez ao depois adquiriu. Verifica-se com effeito, das publicações do seculo XVIII, comparadas com as dos dois seculos precedentes, que o tupi melhorou sensivelmente.

O tupi antigo, segundo se colhe dos trabalhos de Anchieta e de Figueira, mais chegado ao fallar do selvagem, não é de certo o nheengatú de hoje, de que tractam Magalhães e Barbosa Rodrigues, como não é o tupi de que temos noticia pelo diccionario *Portuguez-Brasiliano*, e pelo de Ferreira França, este, sem duvida, referente a manuscripto anterior a 1757 e aquelle de 1735 (1).

Observa-se na verdade que o tupi, como *lingua geral*, ganhára em vocalisação, tornára-se menos fanhoso ou nazal, e simplificaram-se-lhe as palavras, caindo grande numero de sons asperos ou gutturaes. A gamma das vogaes se

(1) A arte e vocabulario de Anchieta são de 1595; os do padre Figueira, sob o titulo: «Arte da grammatica da lingua do Brasil», traz a data de 1611.

reduziu a um minimo a que o proprio portuguez não escapou.

68 — Quando, emfim, o tupi cede o passo ao portuguez e desapparece até dentre as populações do campo, o residuo, que delle perdurou nas denominações dos utensilios, das plantas, animaes e das localidades, trouxe já de época remota as alterações phonicas que bem evidenciam a força assimiladora, cedo exercida pela lingua culta que ficou predominando. Assim é que as consoantes duplas: *mb, nb, nt,* participantes de uma branda nazalação, se desdobraram ou se reduziram a uma consoante simples, dizendo-se então: *baé* ou *maé* por *mbaé*; *boy* ou *moy* por *mboy*; *enê* por *ndê*; *nitio* ou *inti* por *ntio*. Os nomes geographicos: *Baependy*, *Maecurú*, *Boypeba*, *Mogy* ou *Moygy*, *Antimary*, são frisantes exemplos.

69 — Tambem o som nasal final em *an* ou *on* tomou logo o timbre portuguez em *ão*, dizendo-se por isso *Maranhão* por *Maranan* ou *Maranã*; *Banharão* por *Mbaénharon*; *Jaguarão* por *Jaguanharon*.

Geralmente, porém, o som nasal em *ã* ou *an* final dos vocabulos tupis, transformou-se, sob a influencia do portuguez, em *á* agudo, dizendo-se, por exemplo: *Paraná* por *Paranã*; *Guayaná* por *Guayanã*, *irapuá* por *irapuan*; *puá* por *poã*; *porá* por *porã*; *pitá* por *pitã*.

70 — Observa-se a mesma alteração com o

som nasal *im* ou *î*, do final de certos vocabulos, como por exemplo: *poti* por *potim* ou *poty*, o camarão; *camocim* ou *cambucim*, cantaro, passou a ser pronunciado *camoci* ou *cambocy*; *tuyutim*, lameiro branco, pronunciou-se *tuyuty*.

71 — A vogal *ê*, com accento tonico na penultima syllaba dos vocabulos tupis, passou a valer pelo diphtongo *ei*, dizendo-se commummente: *capueira* por *caapuêra*; *ipueira* por *ypuêra*; *pereira* por *pyrêra*.

72 — A vogal pura *o* substituiu-se quasi que geralmente por *u*, no meio dos vocabulos e no *Nheengatú* do Amazonas até na ultima syllaba delles. Nos escriptos dos seculos XVI a XVIII se lê sempre: *coêra* ou *goêra*, *goá*, *coàra* que hoje se escrevem e se pronunciam commummente: *cuéra* ou *guéra*, *guà*, *cuàra* ou *quàra*.

O verbo *icô*, ser ou estar, é pronunciado no Amazonas *icú*; assim como o verbo *ricô*, ter, pronuncia-se *ricù*; *amô*, outro, *amú*.

73 — As vogaes duplas: *aa* e *ii*, contraiam-se em uma só, guardando, todavia, o accento primitivo; assim é que se diz hoje *capim* por *caapy* ou *caapiî*; *catinga* por *caatinga*; *capueira* por *caa-poêra*; *tapyira* hoje se pronuncia commummente *tapira*, a anta.

Frequente é a troca do *t* por *s*, e vice-versa no começo das palavras, dizendo-se, por exemplo: *sambá* por *tambá*, *sabará* por *tabará*.

74 — Certos vocabulos que entram mui frequentemente na composição das donominações geographicas experimentaram desde cedo alterações phonicas que a prosodia portugueza perfeitamente explica.

Examinemos cada um destes vocabulos com mais vagar, a começar por aquelles que exprimem os quatro principaes elementos dos antigos: a *agua*, a *terra*, o *ar* e o *fogo*:

75 — A agua diz-se *Y*, monosyllabo que no tupi é uma vogal guttural unica, e que nenhuma graphia conseguiu ainda representar exactamente; dahi tambem a variedade de sons que se lhe tem attribuido. Não existindo no portuguez o som do *y* grego, ou *u* dos francezes, a pronuncia da guttural tupi ficou, ora equivalente a *i* simples, como nos vocabulos: *Icatú*, *Ipanema*, ora equivalente a *u*, como em *Utinga*, *Umirim*, *Unhã*.

Outras vezes, se procurou representar ou simular o som guttural do vocabulo, por meio de um *h* anteposto, ou de um *g* posposto, escrevendo-se *Hicatú*, agua bôa; *Hipanema*, agua ruim; *Pirahy*, rio do Peixe; *Iperuig* ou *Ipirú-yg*, rio do Tubarão.

Da mesma e difficil vocalisacão do *y*, cuja gamma, como dissemos, está entre *i* e *u*, resultou a desinencia em *u* ou *hu*, que se nota em certas denominações do norte e sul do Brasil, como em *Mojú* ou *Moyú*, rio das cobras; *Cunhaú* ou *Cunhã-hú*, rio das mulheres; *Mondahú*, rio do

furto; *Tambahú*, rio das conchas; *Anhangaba-hú*, rio da maldade ou das diabruras, os quaes se poderão escrever: *Mogy*, *Cunhãy*, *Mondahy*, *Tambahy*, *Anhangabahy*.

A imperfeição no emittir o som da guttural *y*, chegou ao ponto de se dizer no Ceará *Acaracú*, por *Acarahú* ou *Acarahy*, donde procede a tão debatida denominação *Caracú*, dada a uma variedade de gado bovino, nos sertões do centro e do sul do Brasil.

Não raro, o *y* inicial e médio de certos vocabulos tupis se alterou tambem para *o*, escrevendo-se muitas vezes *Otinga* por *Utinga*, ou melhor *Ytinga*, agua branca; *Oriçanga* ou *Ouriçanga* por *U-röyçang* ou *Y-royçanga*, agua fria; *Paraopeba* por *Pará-u-peba*, ou melhor *Parà-y-peba*, rio de agua rasa.

Em documentos de 1720 a 1723, publicados no *Archivo do Estado de S. Paulo*, sob a direcção do nosso consocio dr. Antonio de Toledo Piza, se lê o nome da cidade de *Ytú* com a graphia *Outú*, o que bem revela que, nessa época, ainda passava pelo cadinho da assimilação a difficil guttural *y*.

75 — *Yby*, a terra, o sólo, de que a vocalisação imperfeita do *y* grego entre os portuguezes, cedo corrompeu a prosodia do vocabulo dizendo-se, ora *ibi*, como se verifica nos nomes: *ibiapina*, terra calva ou pellada; *ibicui*, areia;

ora *ubu* (1), que, pela apherese do *u* da primeira syllaba, se reduziu a *bu* e ainda a *bo*. Esta ultima corruptella, já se notava em fins do seculo XVI. Na historia do Brasil de Frei Vicente do Salvador, escripta em 1627, já se lê o nome da serra interposta ao Ceará e Piauhy com a graphia *Boapaba* por *Ibiapaba*. O nome *bossoroca*, que outros ainda dizem *vossorôca*, procede de corruptella identica. Em vez de *Yby-soroca*, terra rasgada ou fendida, se passou a dizer a principio *ubu-soroca* e depois, pela aphérese do primeiro *u*, *bu-soroca* e dahi *bossoroca* ou *vos-soroca*, como é hoje vulgar.

Os nomes: *Butantan* (2), *Bupeva* não são senão corruptellas de *Yby-tantã*, e de *Yby-peba*, explicaveis do mesmo modo e significando a primeira, *terra firme* ou *dura*, e a segunda, *planicie* ou *terra-chã*.

Mas não obstante essa tendencia corruptora, evidenciada desde seculos, o nome *Yby*, como radical, tem resistido intacto ou apenas modificado, na sua graphia verdadeira, em certos vocabulos para cuja composição concorre, dizendo-

---

(1) O conselheiro Martin Francisco, o velho, no seu «Diario de uma Viagem Mineralogica» (R. I. Hist., tomo 9.º, p. 527), refere haver colhido no Juquiá sementes de *ubucuúba*. E' a mesma *yby-cuyba* de outros logares do Brasil.

(2) Em documento antigo, de 1592, lê-se—*Ubutãtã*.

se, por exemplo: *Ibitinga* por *Yby-tinga*, terra branca; *Ibicui* por *Yby-cui*, terra fina, areia.

77 — *Ybytú*, o vento, o ar, o clima, a nuvem, é vocabulo composto de *Yby*, terra, e de *tú*, golpe, tombo, impulso, quéda; soffreu desde cedo as mesmas corruptellas do seu radical, já anteriormente apontadas.

A principio se pronunciava alterado em *ibitu*, *ibutu* ou *ubú-tú*, mas depois, pela quéda da primeira syllaba se passou a dizer *bitu* ou *butu* e ainda *botú* ou *votú*.

Em documentos antigos, dos seculos XVII e XVIII, se encontram especimens das ditas corruptellas. O nome *Botucavarú* é disso notavel exemplo.

No ultimo quartel do seculo XVIII, deram os habitantes de Sorocaba de buscar minas de ouro para os lados da Serra do Mar, de cujo cimo divisavam em longinquo horisonte altissimo monte, coroado se nuvens. Os roteiros do tempo davam-lhe sete a oito leguas de comprido e o qualificavam de *desformemente alto*. Tal era o lendario *Botucavarú*, descoberto por João Baptista Victoriano em 1780. Nesse tempo ainda se escrevia *Ivutucavarú*, como se verifica de velhos documentos do archivo do Estado de S. Paulo. A corrupção, porém, do vocabulo tupi começava apenas, dizendo-se então: *Ivutu-cavarù* por *Ybytù-cavarù* que quer dizer: *cavallo das nuvens*, isto

é, monte em cujo cimo as nuvens pousam ou ficam a cavalleiro.

O nome *Botucatù*, que procede do mesmo radical *Ybytù* é outra corruptella de procedencia antiga. Em documento de 1772, quando se tratava de assegurar e abastecer a praça de *Guatemy* na fronteira do Paraguay, já se faz referencia aos campos do *Botucatù*, por onde passava a nova estrada do sertão, na direcção daquella praça. A graphia do vocabulo tupi, andava, porém, incerta, escrevia-se *Botucatù*, *Ubutucatù* e este ultimo ainda alterado para *Wutucatù* (1).

Mas esta ultima graphia deixa bem perceber que o primitivo vocabulo *Ybytu-catù*, que quer dizer *bons ares*, primeiro se alterou para *Ubutucatù*, de que, aliás, pela aphérese do *u* inicial se fez *Butu-catù*.

Os nomes *Buturuy*, *Butuay*, *Butupitá* são, pelo mesmo processo, corruptellas dos vocabulos tupis *Ybytu-roy*, que quer dizer *vento frio*, assim como *ybytu-aí*, *vento mau*, e *ybytu-pitá*, *vento duravel*.

Não raro se confunde o radical de taes vocabulos depois de alterados com a palavra *motuca* ou *butuca*, que no tupi designa a conhecida mosca sanguinosa, e dahi as erroneas interpretações correntes, a que mais adiante voltaremos.

78 — *Tatà*, o fogo, o lume, é vocabulo que

---

(1) Archivo do Estado de S. Paulo, vol. III, pag. 53.

tambem se alterou na linguagem vulgar, em grande numero de casos em que entra na composição de outros vocabulos. Assim é que se diz hoje, commummente, *catapora* por *tatapora*, que quer dizer *fogo irrompe* ou *erupção*, afogueamento da pelle; *sasurana* ou *taturana* por *tatàrana* que se applica a uma grande lagarta de tom avermelhado e que, na verdade, significa *tirando a fogo* ou *afogueada*, razão porque em alguns logares são taes larvas conhecidas por *lagartas de fogo*.

Não raro, a corrupção do vocabulo *tatà* se dá pela paragoge accrescentando-se um *u* no fim, e dizendo-se por exemplo: *Tatauhy*, por *Tatá-hy*, que quer dizer *rio do fogo*.

79 — Examinemos agora os vocabulos tupis com accepção geographica, de emprego mais frequente e cuja corrupção mais convém conhecer.

Comecemos pelas denominações applicadas á terra e aos varios aspectos do seu relevo.

Já vimos que o vocabulo *yby*, a terra, o sólo, estando independente na phrase, guardou a fórma *ibi*, mas entrando na composição de outros vocabulos se alterou para *ubù*, *bu*, *bó* ou *vó*.

80 — A terra elevada, ou uma simples elevação, se diz no tupi *ityra* ou *atyra*, que mais propriamente quer dizer cabeço, montão, cumulo. Este vocabulo entra na composição de muitos outros, e, por effeito dos metaplasmas, apparece, não raro, alterado para *tyra*, *tyr*, *try* e *tra*, e

ainda em *tura*, *tur*, como se verifica dos nomes: *Ibityra*, *Tripui*, *Trapuà*, *Turuna*, que não são senão *Yby-ityra*, terra elevada; *Ityra-poî*, monte delgado ou estreito; *Ityra-puã*, cabeço redondo; *Ityr-una*, cabeço escuro, altura negra.

81 — A montanha, ou serro elevado se diz no tupi *ybytyra*, que como acima dissemos se decompõe em *yby-ityra*, isto é, *elevação de terra* ou *terra alta*. A alteração metaplastica desse vocabulo é a mesma dos seus elementos componentes (vejam-se 76 e 78); por isso, é frequente encontrarem-se denominações de logares com as graphias do radical: *butur*, *ibitur*, *bitur*, fórmas alteradas de *ybytyra*, as quaes se não devem confundir com as do vocabulo *ybytù*. No tupi do Sul, o vocabulo *ybytyra*, contrahido, deu *ybyty* e, de suas diversas alterações, na composição de de outros vocabulos, nasceram as fórmas: *ibitú*, *bitú*, *butú*. Os nomes *Ibituruna*, *Buturuna* ou *Voturuna*, são apenas fórmas diversas de um mesmo vocabulo — *ybytyruna*, que quer dizer *monte negro*. *Butujurú* é simples corruptella de *ybyty-jurú*, que quer dizer *boca do monte*. *Botucaray* é alteração de *ybyty-caray*, donde *Ubutucaray*, *Butu-caray* ou *Botu-caray*, significando *monte santo*.

O nome *Voturantim*, do conhecido salto do rio Sorocaba, é corruptella do *Ybytyra-tin*, de que o primeiro vocabulo se alterou para *butura* ou *votura*, e o segundo não é senão a fórma

contracta de *tinga,* branco, branca, commum no dialecto guarani, que chegou até S. Paulo.

Portanto, *voturantim* significa mui propriamente: *montanha branca*, pois que o salto do Sorocaba, neste logar, não é mais do que uma encosta alta, coberta de um alvo manto de espumas.

A denominação dada á famosa serra de excellente clima no Ceará, *Baturité*, é um notavel exemplo da corrupção dos vocabulos tupis. Em outro tempo se chamou *Buturité*, e ainda hoje, entre os homens do sertão se diz *Butrité*, guardando melhor o primitivo radical; pois que *Baturité* é simples corruptella de *Ybytyra-etê*, transformado primeiro em *Ubutura-eté*, ou *Butureté* que qner dizer montanha verdadeira, isto é, a *Serra*, por excellencia.

Por desconhecer a alteração do primeiro vocabulo componente é que José de Alencar, nas notas do seu romance *Iracema*, interpretou o nome *Batureté* como alteração de *Batuira-eté*, narceja verdadeira, que nenhuma relação tem com o objecto denominado ou com a localidade.

82 — O pico ou o monte agúdo se diz no tupi *ttaimbé* ou *ytá-aymbé* que litteralmente significa: pedra afilada ou ponteagúda, como tambem se diz *itatim (ità-tim)*, significando nariz ou ponta de pedra. O primeiro vocabulo se alterou, porém, para *itambé,* e com elle se designam, em alguns logares, as pontas de pedra, as escarpas

e arestas vivas, nas encostas rochosas dos montes. Em Minas Geraes, um dos pontos culminantes do seu systema orographico, na Serra do Espinhaço, se denomina *Itambé.*

O vocabulo *itatim* se conservou, porém, inalterado, e com essa denominação se conhece no territorio paulista, na sua zona maritima, uma alta serra, a dos *Itatins*, que é como se dissesse: *a serra dos picos*, pelos muitos e bem caracterisados que nessa montanha se descobrem.

83 — A terra alta com margens escarpadas ou talhadas a prumo, dizia-se, no tupi do Sul, *Yby-ã*, litteralmente, *terra alta*, de que por corrupção se fez *Ibià*. A chapada, com margens assim talhadas, dizia-se *Ibiãmucú*. O nome *Ibiapaba (yby-ã-paba)*, litteralmente exprimindo — *o extremo* ou *fim da terra alta, o extremo do escarpado,* por causa da forma tão caracteristica da serra a que se applicou, passou a designar, no Norte do Brasil, *chapada* ou *planalto.*

A serrania ou cordilheira dizia-se — *Ybytyruçú*, por corrupção — *buturuçú*; a cumiada da serra, *Ybytyrapí*; o pico proeminente, *Yara-quà*. que quer dizer — *dêdo de Deus*; o ápice do pico, *Tin-quà*, por corrupção *Tinguá*. O penhasco de encosta lisa, tão frequente nas regiões graniticas ou gneissicas, *Itapé-cerica*, que quer dizer—*penha escorregadia*; o penhasco de encosta reluzente, por effeito dos manadeiros e da luz solar — *Itáberaba,* ou, litteralmente traduzindo — *pedra re-*

luzente, penha que resplandece; o penedo avultado, *Itá-guaçú*; a lage, *Itá-peba,* por corrupção, *Itapeva* e, por contracção, quando entra na composição de outros vocabulos — *Itapé*; a lage lisa ou polida, *Itapé-chinga*; a pedra empinada *Itábira*. A bocaina, ou garganta, *Ybyty-jurú*, por corrupção *Butujurú*; a montanha furada, ou fendida, *Ibyty-póca*, por corrupção, *Butupóca, Votupóca*.

84 — O valle, a bacia, o seio, a depressão entre montanhas se dizia no tupi: *Ibyty-goaya,* ou simplesmente *goá* ou *guá*, que se vê empregado na composição dos vocabulos *Paranagoá, Jaragoá, Paragoá, Igoá*. Não raro, se encontra o vocabulo *goá* seguido da particula *pe,* posposição de quietude, valendo pela preposição *em* ou *a*. Assim é que se diz *Igoape* (*y-goá-pe*) significando *no seio d'agua* ou *no lagamar,* e *Marangoape (Maran-goá-pe)* no valle da batalha, ou baixa da desordem.

O nome *Yacarepaguá*, tão extranho, com que se designa a lagôa visinha da pittoresca montanha da Gávea, no Rio de Janeiro, é corrupção do tupi *yacaré-upá-goá*, que quer dizer, *seio da lagôa dos jacarés*, ou *baixada da lagôa dos jacarés*.

85 — O deserto, a região despovoada e esteril, se diz no tupi: *porapora-eyma,* que litteralmente significa *sem habitantes*, donde, por conhecida corruptella, vem o nome *Borborema*, da

elevada serrania que, como uma extensa chapada, deserta se extende desde o Rio Grande do Norte, através da Parahyba, até Pernambuco. Tambem se diz *tabeyma* que quer dizer *sem aldeias*.

86 — O sertão, o territorio interior desconhecido, para onde se refugiaram as tribus *tapuyas* expellidas do litioral, se dizia no tupi: *Tapuyrama*, cuja traducção é: *região dos tapuyas* ou *dos barbaros*.

87 — O campo, o terreno naturalmente despido de vegetação arborescente, se denomina *nhû,* por corruptella *inhum* e até para *nû*. Os nomes *Inhumirim* e *Nuporanga* são exemplos dessa alteração do primitivo vocabulo, devendo-se escrever *nhû-mirim*, campinho, *nhû-poranga*, campo bello.

O conhecido vocabulo *jundû*, usado ainda hoje á beira-mar, para designar uma zona adjacente á praia propriamente dita e já invadida pela vegetação, mas que nem é praia, nem é matto, é uma corruptella de *uhû-tu*, que quer dizer: *campo sujo*, alterado para *inhuntu* e mais tarde para *jundú*.

88 — O matto espinhento, retorcido e aspero, que cobre uma terra arenosa e quasi esteril, dominando largas extensões no territorio brasileiro, denominava-se no tupi: *caá-tinga,* matto branco, de que procede o vocabulo *catinga*, affeiçoado já ao portuguez e muito commummente empre-

gado no Norte do Brasil, mas, de facto, bastante expressivo, porque pinta o aspecto particular dessa vegetação, no tom geral, acinzentada e esbranquiçada.

No interior de S. Paulo, dá-se ao matto rasteiro, espinhento e mui fechado a denominação *catanduva*, procedente do tupi *caá-ãtan-dyba*, que se traduz: matagal rijo, áspero. No guarani *câtã* ou *cânã*, exprime *folgado*, *ralo*, *esparso*, e assim *catãdyba* ou *catãduba*, significaria *a charnéca*.

Ao matto ralo, como o cerrado, se denominava no tupi *caa-catú*, que se traduz: matto bom ou accessivel.

A matta virgem, corpulenta, denominava-se *caá-eté*, que quer dizer *matto verdadeiro*, com que se designam, no paiz, varias localidades e que o vulgo tem alterado para *caité* ou *caheté*.

Ao matto que se renova sobre os destroços de uma matta primitiva, dava-se o nome *caápoêra*, de que a corruptella fez *capueira*, que significa *matto extincto*.

A' entrada da matta, ou o sitio em que a estrada penetra na floresta, se dava o nome *caájurú*, bocca da matta, com que se conhecem no Brasil não poucas localidades.

O matto que cresce ilhado no meio do campo denominava-se *caá-pãu*, ilha de matto, de que procede o vocabulo *capão*, hoje geralmente adoptado no Brasil para significar essa fórma de

vegetação. Algumas vezes se diz tambem *capuão*, mas já derivado de outro vocabulo tupi, *caáapoan*, matto redondo, e podendo significar um *oasis*.

89 — No Brasil central, é commum denominar-se *araxá* aos chapadões que se estendem mais ou menos ondeados entre as bacias fluviaes. Couto de Magalhães é de parecer que esse vocabulo vem do tupi-guarani e quer dizer: *ver o dia*, decompondo-se em *ara*, dia, tempo, luz, e por extensão o sol, e *echá* que no guarany significa *ver*, *observar*, *avistar*.

O *araxá* é, assim, a região elevada donde primeiramente se vê o dia, ou se observa o despontar do sol. Creio, porem que é vocabulo tapuya.

90 — As diversas formas do relevo do solo, no Brasil, tomaram nomes, ás mais das vezes, de procedencia indigena. Assim, ao morro em forma de torre, que se destaca do macisso, e a que no Sul se denomina *Cuscuzeiro*, *Ityra-poã*, por corrupção *Trapuá*; ás collinas arredondadas, ou meias-laranjas, *Câma-poã*, que quer dizer: *peito levantado*; e ás collinas conicas, como *pontas de peito*, *Cama-quã*; ao morro pellado ou calvo *Ityrapina*; á terra naturalmente despida de matto, *Ibyapina*.

A região das mattas diz-se, no tupi, *Caáretama* ou *Caárama*; a região dos campos, *Nhûretama*; a região das palmeiras, *Pindóretáma* e, por contracção, *Pindorama*.

91 — Riquissimo é o vocabulario tupi nas denominações hydrographicas.

Ao *mar* ou *oceano* chamavam *pará*, vocabulo cuja origem difficilmente se explica. Baptista Caetano aventa a hypothese de proceder esse vocabulo de *marã*, revolto ou desordenado, ou de *y-pá-rá* que quer dizer *aguas todas colhe*, ou o colhedor das aguas. Si, como opinam alguns scientistas, os *tupis* eram um povo do interior, que só mais tarde, quando se expandiram, viram o mar, o nome, com que o designaram, deve ter sido um vocabulo derivado de outro exprimindo idéa semelhante. A agua confinada, ou lagôa, *ypá*, seria o vocabulo primeiro, traduzindo uma idéa, ou imagem de uma cousa familiar ao selvagem das regiões centraes, para quem o *mar*, visto pela primeira vez, seria comparavel á uma *lagôa de aguas revoltas* ou *encrespadas*, e dahi o nome *ypá-rá*, que litteralmente significa *lagôa crespa* ou *agitada*. De accordo com essa hypothese, *pará* é simples derivado de *ypará*. Depois da expansão pelas regiões maritimas, o nome *parà* ficou sendo em definitiva a denominação do *mar*.

O *mar alto*, o oceano, chamou-se *pará-uaçú*, e ao caudal grande, semelhante ao mar, *paranã*, que quer dizer, *parecido com o mar*, e que ora, por corrupção, se diz *paraná*.

92 — O vocabulo *pará*, de emprego communissimo na geographia nacional, não soffreu alteração senão no seu composto *paranã*. Algumas corrupções como *Pracatú* por *Pará-catú*, rio bom, não tiveram curso. Assim é que a palavra *pará* se mantem intangivel nos vocabulos: *parahyba* ou *pará-ayba*, rio ruim, ou impraticavel pelos obstaculos naturaes do seu leito; *parahupeba* ou *pará-y-peba*, rio de agua raza; *parahytinga* ou *pará-y-tinga*, rio de agua branca; *parahybuna* ou *Pará-yb-una*, rio de agua preta; *parahypitanga* ou *pará-y-pitanga*, rio de agua vermelha.

93 — A palavra *paranã*, sob a influencia do portuguez, alterou-se bem depressa, nos seus compostos. Por syncope do *a* no meio da palavra, passou-se a dizer *parnã*. E em documentos antiquissimos já se encontra esta ultima corruptella modificada para *pernã* entre portuguezes e para *fernã* entre francezes. Os primeiros fizeram de *Paranã-buc*, Pernambuco, e os segundos *Fernambouc*.

A palavra *parnahyba*, corruptella de *paranãahyba*, commummente empregada, como *parahyba*, para designar, nos grandes rios, os trechos impraticaveis, onde a navegação se torna impossivel, tambem se encontra em antigos documentos com a graphia *Pernahyba* (1).

94 — Ao mar largo, ao oceano, davam os tupis, como vimos, o nome *paranãuaçú*, como

(1) Archivo do Estado de S. Paulo, vol. 3.º pag. 62.

chamavam *paranagoá* ao golfo, ou bahia grande, pois que tal palavra outra cousa não é senão *paranã-goá*, que litteralmente se traduz: bacia do mar ou baixada do mar. Por esse motivo se encontra entre os Tupinambás o nome *Paranã-goá-açú* ou *Pará-goá-açú*, applicado á bahia que os portuguezes ao depois chamaram de *Todos os Santos*.

O nome *Paranagoá*, applicado á grande bahia que se abre ao sul de Cananéa é disso frisante prova.

95 — Confundiam muitas vezes os tupis a barra ou foz de um grande rio com a barra ou entrada de um golfo ou bahia, denominando-a *pará*. Os portuguezes e seus navegadores do seculo XVI assim tambem o faziam, como se verifica de velhos roteiros, chamando *rio de Janeiro, rio de São Vicente, rio dos Innocentes, rio de Cananéa,* as barras das bahias daquelles nomes.

Os francezes faziam o mesmo. João de Lery, que foi um dos povoadores da *França Antarctica*, do famoso Villegaignon, datava as suas cartas de *Rivière de Goanabara*, e foi o primeiro que nos transmittiu essa denominação dada ao logar pelos tupis, e que hoje erroneamente se pronuncia *Guanabára*, com o accento tonico na penultima syllaba, quando devia estar na ultima, respeitando-se a prosodia franceza.

De facto, *Guanabara*, ou mais correctamente

Guanabará, não é senão o composto de dois vocabulos tupis: *Guanã-bará*, que é o mesmo que *Gua-nã-pará*, tendo-se-lhe abrandado o *p* para *b*, por estar precedido de uma syllaba nazal. *Goá*, seio, bacia; *nã*, semelhante; *pará*, mar; isto é, como interpretou B. Caetano, *seio semelhante ao mar; sinus similis mari.*

Davam ao estreito ou furo o nome de *Mombucaba*, ou *Parajurú*; ao braço de mar *Paranapucú*; ao porto ou surgidouro *Igarapaba*; á praia arenosa *Ibycuí*; á ponta ou cabo *Yaquâ*.

96 — A agua, como os cursos d'agua ordinarios, se designavam pelo vocabulo *y* ou *hy* ou *yg*, de que já anteriormente tratamos, e que entra na composição da grande maioria das denominações hydrographicas. Aos estuarios, lagamares e bahias fluviaes se dava o nome *Ygoá* ou *Ygoape*, e aos estuarios grandes *Ygoá-goaçú*, donde procede a confusa denominação *Ywawassupe* que Hans Staden nos transmittiu, como o verdadeiro nome, entre os Tupis, do estuario de Santos, e que, por Frei Gaspar da Madre de Deus, nos chegou adulterado para *Enguáguassú* e com a significação de *pilão grande*.

97 — Aos canaes, ou braços de rio, quando consideraveis, denominavam *Ygapara*, donde procede o conhecido nome *Ycapára*, que designa a entrada do lagamar de Iguape. Aos canaes menores, aos braços fluviaes de pequena capacidade, chamavam *igarapé*, que litteralmente quer

dizer: *caminho de canôa*, e ainda mui usado em todo o valle do Amazonas.

98 — A's lagôas se dava o nome de *Yupá*, ou simplesmente *Ypaba*, ou *Ypá*, muitas vezes alterado para *upá*, como de ordinario se o encontra na composição de outros vocabulos. Segundo se lê em Antonil (1), o sitio onde está hoje a cidade de Lorena se denominava outr'ora *Goapacaré*, alteração de *Goá-upá-caré*, que quer dizer: *baixa da lagôa torta*, ou do *braço*, em allusão ao braço do Parahyba que ahi existe. Na Chorographia Brasilica de Ayres do Casal se faz menção de uma lagôa *Vupabussú*, lendaria entre os sertanistas de Minas Geraes e que fôra descoberta por Fernão Dias Paes, nas suas entradas á procura das famosas esmeraldas. Esse nome *Vupabussú* é corruptella de *Yupaba-oçú*, que quer dizer *lagôa grande*.

99 — Chamava-se aos alagadiços, aos grandes banhados, *ygapó* ou *yapó*, como os das margens do Amazonas e os do valle do Paraguay.

O simples brejo ou paúl se denominava *tuyuca* de que procede o vocabulo *tijuca* ou *tijuco*, como se diz em Minas Geraes.

100 — No sul do Brasil se designa muitas vezes pelo nome *tremembé* ao logar apaúlado, a uma bacia natural encharcada e coberta de vegetação aquatica, ou ao mesmo brejo, vocabulo que parece de procedencia guarany, ou corruptella de *tereré-membeca* ou *teré-membé*, que quer dizer jorro, curso de agua que se abranda, que se espraia amollecendo.

(1) Cultura e opulencia do Brasil.

Entre o gentio que outr'ora occupou as costas do norte do Brasil se faz menção de uma tribu de *Tremembés*.

E' bem provavel, porém, que o nome lhes venha da região que habitavam, talvez alagadiça ou encharcada.

101 — A's nascentes ou cabeceiras dos rios se dava o nome *Yapi*, mais conforme ao guarany e *y-apira*, segundo o tupi.

O nome *Yapi*, da serra elevada, vizinha da cidade de Jundiahy, equivale, pois, a *cabeceiras* ou *vertentes*, como se dissesse: serra das vertentes ou das cabeceiras.

O vocabulo *goapira*, tão commummente empregado em S. Paulo, é o mesmo que *goá-apira* e se traduz *cabeceira do valle*.

102 — Aos regatos, arroios, ou riachos se dava o nome *ycanga* e tambem *yembó* que se traduzem litteralmente: cabeça de agua ou principio de rio, e fio de agua. O segundo vocabulo apparece muitas vezes alterado em *yembú*, quando entra na composição de outros nomes, como, por exemplo: *Pacaembú*, por *Paca-yembó*, arroio das pacas.

Os nomes *Taquarembó*, *Acarembó* não são

senão corruptellas de *Taquara-yembó*, arroio das taquaras, *Acará-yembó*, arroio dos acarás.

O nome *Ibó*, tão commum no valle de S. Francisco, tambem é alteração de *yembó* e significa *riacho, regato.*

103 — Dava-se aos mananciaes, ás fontes, ou nascentes o nome *ypú,* que, no norte do Brasil, tão parcamente irrigado, se conhece por *olho d'agua*, e representa alli importantissimo papel na distribuição dos povos.

O mesmo vocabulo apparece algumas vezes com a formula *ybú*, entrando na composição de outro, como se verifica do nome *Putribú*, da povoação antiga, situada entre Ytú e Sorocaba, e que, de certo, provém da corruptella de *Potyra-ybú,* que se traduz: fonte das flôres.

Se a graphia *Apoteroby*, usada em velhos documentos, já nos chega viciada, como é bem possivel, o nome *Putribú* passou primeiro pela corruptella *Apotera-obú*, aliás procedente ainda de *Potyra-ybù.*

104 — Aos accidentes do leito do rio, affectando o curso das aguas, como por exemplo: ao salto ou cataracta se denominava *Ytú*; a cachoeira com agua impetuosa *itupeva* ou *ycirica*, e, dada a especial pronuncia do primeiro *c*, que é antes chiado, se formou a variante *Yxirica,* de que procede *Yxiririca* ou *Xiririca*, por apherese do *y* inicial; aos rapidos e correntezas *pyryrica* ou *pyryri* de que provém *byryri* ou *burury* e ainda

bariry; aos recifes e travessões, provocando sensivel desnivelamento da corrente *itaipaba*, ou, como hoje se diz, *îtaipava*; aos redomoinhos ou remansos *yerê*; á confluencia dos rios *yecêaba*; á foz ou bocca do rio, *ymbiaçá* ou *imbiaçaba*; ao porto para quem vem do interior, *peaçá*; ao rio grande, ou trecho largo do mesmo rio, *yrietê.*

105 —Tambem se designava a agua, o liquido, o vapor pelo vocabulo *ty* ou *ti,* com o qual se formaram varias denominações, como *Ti-eté*, agua ou corrente verdadeira, volumosa, nome na verdade adequado ao grande rio paulista se se explicar que era este o primeiro curso de agua consideravel que encontrava o forasteiro ao penetrar de S. Vicente, por Paranapiacaba, em direcção ao sertão.

106 — Ao poço natural no leito dos rios, como ao artificial dava-se o nome *Yquá* ou *Yquara*, que quer dizer – *buraco d'agua. Pyráu (onde falta o pé),* designa a depressão funda e ignorada do leito.

107 — Os nomes de mineraes, vegetaes e animaes entram mui frequentemente na composição dos vocabulos tupis com que se denominam entre nós não poucas localidades. Examinemos desses nomes os mais geralmente empregados sob o ponto de vista das alterações phonicas que tem elles experimentado ao contacto da lingua portugueza.

No tupi se representa pela palavra *itá,* pedra,

todo e qualquer mineral ou metal apenas differenciado ou qualificado pelo seu aspecto physico mais apparente, o da côr. Assim é que denominavam o ferro, *itaúna,* mineral ou pedra preta; a prata, *itá-tinga*, mineral branco; o ouro, *itayúba*, mineral amarello; o cobre, *itá-yúbarana*, mineral amarellado, ou ouro falso. Certo, taes denominações não traduzem um conhecimento positivo dos metaes, antes, pelo contrario, confirmam o que sempre disseram os primeiros exploradores do novo continente, nesta parte do Atlantico, que os naturaes delle ignoravam o uso dos metaes e os desconheciam.

Americo Vespucio, tendo corrido a costa em 1501, com escalas amiudadas, para praticar com o gentio della, retirava-se para outras paragens, convencido de que no paiz não havia mineral algum.

Depois da invasão dos europeus, o gentio começou então a distinguir os metaes e a denominal-os ainda que imperfeitamente.

Assim é que a palavra *itá-tinga*, que significa *prata*, tambem se applica ao calcareo branco, ao marmore, ás rochas arenosas, ao gesso e até á cál. O nome *itá-yûba*, ouro, cujo accento tonico é na penultima syllaba e não na ultima, como geralmente se diz, querendo alguns que o nome *Ytajubá*, da cidade mineira, proceda do ouro que alli se minerou em outro tempo; tambem significa *moéda, dinheiro.* A palavra *itá-yúbarana*

se applica tanto ao cobre como ao latão ou alquime.

Na época dos descobrimentos e explorações sertanejas, a technologia tupi para os mineraes deve ter-se desenvolvido á medida das necessidades novas. Apparecem então no vocabulario brasilico os nomes: *itajyca,* para designar o estanho; *itá-etê,* o aço; *itamembeca,* chumbo; *itàberaba,* ou *itátiberaba,* o crystal; *itaberaba-etê,* o diamante; *itá-em*, pedra hume; *itá-obim,* ou *itá-obi*, a esmeralda; *itá-bubúi,* a pedra pomes.

Ao *ambar* que, segundo os chronistas e viajantes, muito abundou nas nossas praias, davam os selvagens o nome de *pirapoã-repoti,* esterco de baleia, porque suppunham ser essa substancia uma excreção desse cetaceo. Chamavam *jukyra*, ao sal; *jukyrana*, o salitre; *jukyratiba* á salina ou mina de sal, e *jukyry* á salmora. A toda a argila branca e pura davam o nome de *tobatinga*, ou *tabatinga;* á amarella *tauá* ou *taguá;* á vermelha ou corada *tapitanga.*

Nas regiões centraes onde a mineração mais se desenvolveu, como em Minas Geraes, appareceu logo uma technologia mineira de procedencia tupi, porque, como o dissemos, os primeiros exploradores destas paragens, os bandeirantes, eram em sua maioria de descendencia tupi e fallavam o tupi.

Assim é que denominavam *jacutinga* á rocha friavel argilosa, servindo de jazida ao ouro entre

rocha de *itabirita,* talvez pela sua semelhança de coloração com a ave conhecida do genero Penelope. Davam o nome de *canga* ou *acanga,* que quer dizer *cabeça,* á parte superior ou ao topo do veeiro. Chamavam *tapunhunacanga* (*tupuyuna*, o negro, *acanga*, cabeça) isto é, cabeça de negro, a formação constituida por uma crosta negra de hydrato de ferro, cheia de concreções ôcas do mesmo hydrato, e com as paredes interiores cobertas de crystallisações da mesma substancia. Denominavam *guápiara* ao cascalho diamantino que cobre o solo em certos logares de mineração, isto é, da barranca dos ribeiros e do leito destes. A corruptella alterou-o para *gupiára* ou *grupiára.*

Voltemos, porém, á palavra *itá* que, entre os catachumenos e os homens do campo fallando o tupi, passou a representar os objectos metalicos de procedencia extrangeira. Assim é que se denominava *itá-maracá,* ao sino, por elles equiparado ao chocalho de pedra ou de ferro, e que desde os primeiros annos da conquista serviu para designar a maior das ilhas da costa de Pernambuco, e uma das capitanias creadas por d. João III e concedida a Pero Lopes de Souza. O nome *Itamaracá*, cedo, porem, se alterou para *Tamaracá,* apparecendo com essa graphia no Roteiro do Brasil de 1587 nas chronicas do seculo XVII, nas cartas hollandezas desse tempo. Chamavam ao campanario *itai,* ou *itahi,* nome

com que se designam alguns rios e localidades do Brasil.

A' cadeia ou corrente de ferro denominavam *itá-chama;* ao arame ou fio de ferro, *itá-nimbô;* á barra de ferro *itá-pucú.*

A' cruz de ferro denominavam commummente *itá-curuçá,* que tambem se póde entender por *cruz de pedra.*

A's construcções de pedra davam o nome de *itá-oca,* que tambem servia para designar as cavernas, do mesmo modo que *itá-raré* indicava os sumidouros ou solapas feitas pela agua através das rochas, como designava o cano ou conducto de ferro. Assim é que no centro de Minas e Goyaz se chama *sumidouro* ao curso subterraneo das aguas do rio através de rochas calcareas, em S. Paulo e sul do Brasil se diz mais geralmente *itáraré.*

O vocabulo *itá* é um dos de mais frequente emprego na denominação dos logares no Brasil. E' communissimo encontrar-se pelo interior, nomes como: *Itamorontim*, alterado as vezes para *Itámaraty,* pedra alva; *Itámirindyba,* pedregal miudo; *Itácuruba,* cascalho; *Itaipava,* recife ou travessão; *Itá-coéra,* as pedras; *Itapecerica,* lage escorregadia, ou penedo, como sóem se apresentar os cabeços graniticos de encostas lisas, tão frequentes na região littoral desde o Espirito Santo até Santa Catharina; *Itá-beraba,* pedra re-

luzente, ou resplandecente; *Itapuã*, pedra empinada; *Ità-coatiára*, pedra pintada ou escripta; *itaqui*, ou *itaky* pedra de amolar; *Itapetininga*, lageado secco; *Itáporanga*, pedra bonita, e tantos outros.

Tão grande é a tendencia para denominações de logares com o thema *itá*, que não raro acontece darem esse radical a vocabulos que na verdade o não têm, provindo dahi grande numero de corruptellas, assim como *Itaquaquicétuba* por *Taquaquicé-tuba*, taquaral da especie *taquá-quicé*; *Itaguahy*, por *Taguá-hy*, rio do *tauá*; *Itabapoana* por *Cabapoama*, vespas assanhadas. Já nos jornaes mineiros se lê *Itápanhuacanga* por *Tapuyunacanga*, cabeça de negro, a que já nos referimos anteriormente.

108 — Numa região, como o Brasil, onde a vegetação exubera, variada e intensa em vastissimas zonas, a denominação dos logares de procedencia indigina deve, de continuo, traduzir a feição local sob o ponto de vista da sua vestimenta vegetal, ou pelas especies caracteristicas. A geographia aqui reflecte nas denominacões dos logares a caracteristica vegetal de cada uma. Não é, pois, de extranhar-se o frequente emprego de nomes de plantas, arvores, para indicar um rio, um banhado, um valle, um povoado, uma serra, um accidente topographico qualquer.

Couto de Magalhães refere ter ouvido entre

os individuos de uma tribu tupi do interior o nome *Pindorama* (*Pindó-retama*), região das palmeiras, com indicativo das terras do littoral brasileiro, e podendo-se applicar ao paiz todo.

As palmas são, de facto, um typo vegetal tão distincto, tão caracteristico e tão commum na nossa terra, que a sua belleza e frequencia em certa parte do paiz, não podia deixar de influir para o nome que o devia designar.

Dahi vem encontrarem-se amiudadas vezes no nosso mappa geographico as denominações tupis das diversas especies de palmeiras.

O nome *Carnahuba*, corruptella de *Caraná-hyba*, da magnifica palmeira de folhas flabelliformes (*Copernicia Cerifera*), de que se extráe uma cêra resinosa muito usada no Norte do Brasil, com a sua copa espherica, formando um ornamento de notavel effeito na paizagem, abundante no sertão, á margem dos lagos e dos grandes rios como o de S. Francisco, apparece designando grande numero de localidades e traduzindo-lhes o aspecto carateristico, sob as fórmas corruptas de *Carnahyba*, *Carandeúba* ou *Crundeúba* e até *Crindeúba*.

O nome *Carandá-hy*, rio das carnahubas, é frequente na região central.

Assim tambem o *burity* ou *murity*, a *Mauritia Vinifera* dos botanicos, com as suas bellas folhas espalmadas em leque, apparece dando o seu nome a grande numero de localidades nas

regiões dos campos elevados, onde ella cresce formando capões cerrados nas baixadas das cabeceiras dos rios. *Buritama*, a terra dos buritis; *Buritycoéra*, os buritis.

A *Macahuba* ou *bacahyba*, de que procedem por corruptella os nomes *bocayuva* e *macayba*, empresta o seu nome a não poucas localidades do Norte e Centro do Brasil.

Nos sertões do Norte, nas regiões seccas, é frequente o nome *Ouricury*, corruptella de *Iricury*, de que ainda procedem os nomes *Licury*, *Mucury*, *Nicury* com que se designam tantos logares daquelles sertões, onde medra a palmeira que von Martius denominou *Cocos caronata*.

No valle do Amazonas, como na matta littoranea, apparecem nas cartas geographicas os nomes *Indayá*, *Inajá*, ou *Anajá*, *Geribá*, *Peaçá* ou *peaçaba* e seus compostos; *Indayatuba*, *Anajatuba*, *Geribatyba*, *Peaçabuçú*, *Peaçagoéra*, como indicativos das palmeiras que no tupi trazem essas denominações.

Examinando-se ainda os mappas geraes, verifica-se a exactidão e rigor com que a Geographia reflecte a Botanica das regiões em que o paiz naturalmente se reparte por effeito da latitude, da altitude e da influencia meteorologica.

Assim é que na zona sertaneja do Norte, onde dominam as catingas, o sólo é arido, pedregoso e pouco visitado pelas chuvas, os nomes *Chique-chique*, *Quipá*, *Quipapá*, *Mandacarú*, revelam os logares em que medram as Cactaceas com o seu aspecto de tristeza e desolação. Na mesma zona encontram-se ainda localidades com os nomes: *Jurema*, *Quixaba*, *Umbú* ou *Imbú*, *Juá*, *Umburana*, *Mangaba*, e os seus derivados: *Quixabeira*, *Umbuzeiro*, *Juazeiro* e *Mangabeira*, traduzindo o aspecto da catinga propriamente dita, pelos typos dos seus vegetaes.

Assim tambem na zona littoranea, onde a matta é corpulenta e variada, e quasi sempre rendilhada de trepadeiras e cipós, os nomes das localidades de continuo o relevam, como se verifica pelos vocabulos tupis: *Sapucaya*, *Yequitibá*, *Yacarandá*, *Guapurubú*, *Embaiba*, e suas corruptellas: *Embaúba*, *Embaú: Sumaúma*, e suas corruptellas *Subaúma*, *Subaúna; Guararema*, ou *Ymirarema; Cabreúva ou Cabureiba*, *Araçayuba*, das arvores caracteristicas, assim como os nomes: *Taquára* ou *Taquá*, sob a forma contracta, e *Crissiuma*, *Samambaia*, *Guaymbé* ou *Imbé*, *Aninga*, *Guapé*, de que a corruptella fez *Aguapé*, *Caraguatá* de que procede *Gravatá*, *Naná* que a corruptella transformou em *Ananaz; Abacaxi*, *Ubá*, lembram outras mais humildes, ainda que não menos caracteristicas.

Na região dos campos de cima da Serra, no centro e sul do Brasil, os bosques de *Araucaria*, que os tupis denominavam *Curi*, como chamavam *Curityba* as formosissimas mattas destas plantas

sociaes, e as *Congonhas* deram o nome a grande numero de logares.

109 — No tupi designa-se o animal pela palavra *çoô*, que tambem significa a *caça*, a *carne*, ou um *bicho*, no sentido vulgar, não se empregando senão para os irracionaes.

Para designar o homem, a gente, ha o vocabulo *abá*; mas no sentido geral, empregando-se para exprimir o ente animado, se encontra o radical *guáy*, ora nos nomes de bichos como em *Guaynumbi*, beija-flor, ora em nome de gente ou povo, como em *Guayanã* nome da tribu que outr'ora dominou nos mattos da Serra de Paranapiacaba.

Bem estudado o radical *Guay* chega-se á conclusão de que elle exprime simplesmente o *individuo*, a *pessoa*, ou *aquelle que é*. Assim, por exemplo, *Guay-n-umby*, individuo verde, ou aquelle que é verde, para designar uma especie de beija-flor, *Guayanã*, individuo parente, aquelle que é parente ou irmão, e talvez fosse esse o tractamento que davam os *Tupiniquins* do littoral aos *Guayanazes* dominadores do campo; *Guay-curú*, iudividuo sarnento, aquelle que tem sarnas; *Aymorê*, ou, como escreveu Anchieta, *Guaimuré*, que se póde interpretar: *Guay-mur-ré*, individuo da nação differente, aquelle que é povo differente; *Guay-yá*, de que se fez por corruptella *Goyaz*, individuo egual ou semelhante, aquelle que é do mesmo povo.

O vocabulo *çoô* alterou-se porém, nos seus

compostos, por um processo de assimilação, dizendo-se *suaçu* por *çoó-açú*, animal grande ou veado, que outros chamam simplesmente *guaçú*; *suan* por *çoó-an*, a vertebra do animal, onde se presume estar a vida dos animaes; *saruê*, *sarigué*, por *çoó-r-iguê* animal dotado de sacco, o marsupio conhecido; *sussuarana* por *çoó-açú-arana* que quer dizer *tirando a veado*, apellido de uma onça parda, da mesma côr do veado; *sussuapára* por *çoó-açu-apar*, veado galheiro, ou dotado de grandes aspas; *suassuy*, por *çoó-açú-im*, veado campeiro; *suassú-birá*, por *çoó-açu-berá*, veado lustruoso ou luzido; *suaçú pitã*, veado vermelho ou mateiro; sabiá por *çoó-biá*, que quer dizer, *animal aprasivel*.

A geographia do paiz reflectiu tambem com mais ou menos precisão a fauna regional. Os nomes de localidades e rios como *Jaguar-y*, rio da onça: *Jaguamimbaba*, cães mansos; *Jaguarahyba*, cães ruins; *Jaguaretê*, onça verdadeira, lembram a abundancia ou frequencia dos felinos, ou a presença dos cães já introduzidos pelos europeos e que os selvagens tanto apreciaram depois.

As denominações: *Cutia* por *Agutí*; *Apereátuba*, abundancia de préas; *Paca-tuba*, abundancia de paccas; *Capivar-y* por *Caapiguar-y*, rio das capivaras; *Guabirútuba*, abundancia de ratos; *Tapeti*, o coelho, lembram os *Roedores* dos mais bem representados na fauna da paiz.

Os nomes *Tatú-yby*, terra dos tatús que foi a denominação primeira do arraial que é hoje a cidade da Limeira; *Tatú-hy*, rios dos tatús; *Tamanduá*, applicada a uma villa de Minas-Geraes; *Tamanduá-tey*, tamanduá grande, recordam os *Desdentados*, pelos seus mais caracteristicos representantes.

As localidades e rios com os nomes: *Tayaçú* ou *Tanha-oçú*, dente grande ou porco do matto; *Catéte*, *Caetetú* por *Taitetú*, porco de canella ruiva; *Tapira*, ás vezes alterado para *Tabira*, a anta; *Tapira-apé*, veredas das antas; *Tapira-hy*, rios das antas, exprimem que nessas paragens abundavam os pachydermas americanos.

Os logares denominados: *Guarapá-r-y* ou *Guaraguá-r-y*, rio do peixe-boi; *Pirápuan*, a baleia, recordam os cetaceos mais abundantes nos mares brasilicos.

As localidades conhecidas por *Guará-tyba*, a passarada, ou abundancia de aves; *Guará-hy*, rio dos passaros; *Guará-tinga-etá*, as garças; *Araraquára*, paradeiro das araras: *Yurujuba*, por *Ajurú-yuba*, papagaios de pescoço amarello, *Paraguá-y*, rio dos papagaios; *Graúna*, por *Guirá-una*, passaro preto; *Inhambu-y*, rio dos inambús; *Jacútinga*, jacú branco ou manchado de branco, e tantos outros, lembram a nossa riqueza ornithologica.

As denominações como: *Jacaré-hy*, rio do jacaré; *Corumbá*, o kágado; *Mboy*, cobra, aqui

entre os paulistas tão erroneamente pronunciado; *Boypeba*, cobra achatada; *Mogy* por *Mboy-gy*, rios das cobras; *Sucury-canga*, cabeça de sucury; *Cururú*, o sapo, recordam a frequencia dos reptis nesses logares.

As localidades e rios com os nomes: *Pirá-hy*, rio do peixe; *Pirá-cynynga*, de que por corruptella se fez *Pirassununga*, ronca-peixe; *Pirá-tininga*, ou sob a forma contracta *Pirá-tinim*, á moda guarany e significando o *secca-peixe*; *Pirápora*, ou *Pirapó*, a morada do peixe; *Curimatá-hy* ou *Curumbatá-hy*, o rio dos curimatás, *Piau-hy*, o rio dos piáus; *Piracanjuba* ou *Pirá-acan-yuba*, o peixe de cabeça amarella; *Surubim* por *Jurú-bi*, bocca fechada; *Ipirú-yg* e sua corruptella *Peru-hybe*, rio do Tubarão; *Parati*, corruptella de *pirá-ti*, peixe branco, ou a tainha, nos trazem á ideia a fauna ichtiologica.

Assim tambem os nomes: *Tucura-hy*, rio dos gafanhotos; *Cabuçú*, ou *Caba-uçú*, o vespão ou marimbondo; *Cáçununga* por *Caba-cyninga*, vespa zumbidoura; *Echá* ou *Eichá*, abelha do chão; *Mombuca*, uma variedade de abelha sylvestre; *Meru-óca*, paradeiro das moscas; *Maruim* por *Meru-im*, o mosquito; *Murutiba* por *Merá-tyba* o mosqueiro; *Yaquirana* ou *Yikirana*, a cigarra; *Nanduhy* ou *Nhandá-hy*, o rio das emas; *Papapaná-hy*, rio das borboletas e tantissimos outros dão-nos a fauna entomologica, a que se filiam ainda os seguintes não menos significativos:

Rerityba (1) (o primeiro *r*, brandissimo) que a corruptella transformou em *Lerityba*, osteira, ou logar onde abundam as outras e que nos recorda o sitio da costa do Espirito Santo, onde faleceu o veneravel Anchieta; *Lery* por *Riry*, a ostra, designando uma conhecida praia dos arredores do Rio de Janeiro; *Sergipe*, corruptella de *Cirigy-pe*, no rio dos siris; *Serinhaem* por *Siri-nheen*, onde rumoreja o siry, localidade que tanto se assignalou durante a guerra hollandeza; *Sernambytyba*, abundancia de conchas, conhecidas por *sernambi*, que é um notavel exemplo de quanto póde a corruptella, que o transformou em *Simão-de-Tyba* e ainda em *João-de-Tyba* como se verifica das mais modernas cartas do littoral bahiano; *Tambá-hy*, rio das conchas; *Sambaqui* por *Tambaqui*, ponta ou cumulo feito de conchas, servindo para designar os depositos antiquissimos, formados de cascas de ostra, de restos de cozinha, de residuos de varias procedencias, accumulados por um povo selvagem que habitou a zona littoranea em periodo pre-historico.

110 — As construcções dos selvagens, os pro-

(1) Este nome anda, em escriptos diversos, com a graphia *Reritygbá*, evidentemente errada, pois se compõe de *Riri*, a ostra, como tema e do suflixo *tyba* que exprime abundancia. *Riri-tyba*, quer dizer, *ostreira*.

dutos da sua industria rudimentar, os seus usos e costumes em sociedade tambem concorreram para as denominações geographicas do paiz.

Estudemos este assumpto com mais vagar e havemos de verificar quão larga foi a cópia de nomes e palavras que dahi passaram para a geographia e para a linguagem commum, alguns já assimilados, outros resistindo ainda á força modeladora da lingua culta prevalescente.

A noção de patria não tinham os tupis como hoje a temos. Designavam a patria como synonimo de *terra da propria habitação — Tetama*. Assim, dizia *Tupi-retama*, patria ou região dos Tupis; *Tapuyretama*, ou por abreviação *Tapuyrama*, região dos Tapuyas; *Pindóretama*, ou *Pindórama*, região das palmeiras; *Urubu-retama*, nome de uma localidade no Ceará, quer dizer região dos urubús; *Ibotirama*, terra ou paiz das flôres.

Ao natural do mesmo paiz, ao conterraneo, chamavam *cetamagóara*, que quer dizer habitante da minha terra e ao estrangeiro davam o nome *çobay-goara*, que significa: habitante de outra banda, e outras vezes *amoaba-retama-goara*, significando gente habitadora de outra terra. Não raro, para breviar, dizia simplesmente *amoaba*, para designar o estranho ou o forasteiro.

O nome *emboaba*, não terá vindo de uma simples corruptella de *amoaba* ou *amboaba?* E' bem provavel; tanto mais que só se applicava

ao estrangeiro ou ao portuguez principalmente, porque este era quasi o unico na colonia, onde só entravam os de outras nacionalidades com licença especial.

Este nome que se tornou celebre na historia do descobrimento das minas, designando com um cunho nativista o elemento estrangeiro que affluiu numeroso dos portos do littoral para disputar aos paulistas o ouro por elles descoberto em Minas, não exprime, de facto, senão o despeito do nacional contra o forasteiro. Dizer — *guerra dos emboabas* — vale o mesmo que dizer — *guerra contra o extrangeiro* ou *o intruso.*

Outra hypothese admissivel é a que faz derivar o nome *emboaba* do tupi *mbóaba*, de que se fez por corruptella *boava* e significa *vestido, coberto*, em allusão a se apresentarem os portuguezes ou estrangeiros trajando roupas desconhecidas e calçando largas botas para se protegerem contra os espinhos e os reptis.

111 — Para indicar-se a procedencia de um individuo qualquer, usava-se tambem do suffixo *guara,* juncto ao nome da terra ou paiz da procedencia. Assim é qne diziam: *Brazi-guara,* ou Brasileiro; *Paraguay-guara*, o Paraguayo; *Piauhi-guara,* ou Piauhense.

Tambem com os suffixos: *boc, oc, uc, ua* indicavam a procedencia do individuo.

Depois da invasão nos europeus e durante a catechese e colonisação muitos nomes se formaram traduzindo relações novas, e exprimindo a mescla das raças em presença.

Ao homem branco, quando tratado em bôa parte, denominava-se *caray,* e segundo os dialectos: *cariba* ou *carahiba*, cujo significado é: *superior, forte, astuto, sabio, santo,* pois que attribuiam aos europeus faculdades extraordinarias.

Ao descendente do branco denominava *cariboc*,que quer dizer tirado ou procedente do eu-europeu, donde se origina, por corruptella, o nome *cariboca*, tão usado no norte do Brasil para designar o mestiço que traz nas veias o sangue do branco.

O nome *carioca*, com que ainda hoje se designam os naturaes da cidade do Rio de Janeiro tem a mesma origem e significado, *cari-oc*, *cari-uoc*, ou *cari-boc*.

Assim tambem o nome *carijó*, que alguns chronistas hespanhóes escreveram *cario* e que, na verdade, se deve escrever *cari-yó*, fórma contracta de *cari-yóc* quer dizer — o que vem do branco ou de um povo superior.

Ao gentio manso, ou reduzido á civilisação, se começou desde logo a denominar *caá-boc*, que quer dizer— tirado ou procedente do matto, donde nos veiu o vocabulo *cabôco,* como ainda hoje o pronuncia o homem rustico, ou *cabôclo,* como já o adoptou o portuguez-brasilico.

Ao mestiço, oriundo do branco e do selvagem,

deu-se nos primeiros tempos o nome de *mamaluco*, que é como se lê em Gandavo (1576), em frei Vicente do Salvador, (1627) e em Simão de Vasconcellos, (1662). Só mais tarde é que se começou a pronunciar *mameluco*, confundindo-se com a denominação dada aos soldados escravos do sultão El Malek-el Saleh, do Egypto.

E', porém, vocabulo de procedencia tupi e não moura, o nome *mamaluco*, tal como ainda hoje o pronuncia o homem do sertão.

A' uma velha sertaneja, agóra moradora em S. Paulo, ouvi uma vez esta phrase bastante expressiva: «... milho branco com milho vermelho sae *mamaluco*...»

Donde se conclúe que, para o homem do interior, o nome *mamaluco* guardou a primitiva e unica verdadeira significação, continuando synonimo de *mixturado* ou *mestiço*. Ha, com effeito, no tupi o vocabulo *mamã-ruca* que se decompõe em *mamã*, mixturar, dobrar, abraçar, e *ruca* ou *yruuca*, que quer dizer tirar. O appellido historico se traduz, pois — *tirado da mixtura*, ou de *procedencia mixta*. Não é mister grande esforço para se explicar como de *mama-ruca* se fez *mamaluco*, segundo o escreveram os primeiros historiadores e depois *mameluco* como em geral se adoptou.

Não raro se empregava entre os tupis e europeus que falavam a lingua geral, o suffixo *ua*, fórma contracta de *ruca* ou *Iruuca*, para formar

nomes indicativos da origem ou nascimento do individuo. Dizia-se, por exemplo, *piraty-ua*, para significar oriundo de Piraty, nome primitivo da actual cidade de *Paraty; Mairy-ua*, oriundo ou procedente da cidade; *Caetéûa*, oriundo das mattas.

112. — As construcções do gentio eram toscas e rudimentares como as de um povo na infancia social. As suas casas *oca* muitas vezes de vastas proporções, e cobertas de folhas de sapé ou palma, e fechadas com estacas, tinham capacidade para muitas familias *ocape-guara*. Dispostas em torno de uma praça ou terreno rectangular *ocara*, e externamente envolvidas por uma estacada ou, ás vezes, por uma trincheira de folhagem ou feita de tranqueiras retiradas das queimadas, *caiçara*, constituiam a aldêa— *taba* ou *taua*.

Entraram estes nomes em larga cópia na geographia nacional, concorrendo para a denominação dos logares, como, por exemplo: *Tupanaroca*, casa de Deus ou egreja; *Itaoac*, casa de pedra; *Oca-una*, casa negra; *Ocamorôtim*, ou *Oca-tim*, casa branca; *Burici-oka*, paradeiro dos macacos; *Meru-oca*, paradeiro das moscas; *Tyjioca*, paradeiro das espumas, pelas muitas que se encontram naquella ponta de terra firme á entrada do Pará.

No territorio do Rio de Janeiro se encontram ainda os nomes *Ocaruçú (Ocara-oçú)*, praça ou grande terreiro, applicado á ponta ou cabo pro-

ximo da cidade de Paraty; *Itá-ocara*, terreiro de pedra.

Na Bahia encontram-se os nomes *Tapagype (Tabagy-pe)*, que se traduz — no rio da aldêa; *Tapéra*, equivalente a *Taba-oéra*, aldêa velha ou em ruina; *Taperoá*, ou *Tapera-guá*, morador nas ruinas ou as andorinhas.

Em S. Paulo distingue-se o nome *Taubaté*, corruptella de *Taba-êtê*, aldêa consideravel ou villa.

Davam á cidade, aos povoados grandes, como os europeus edificavam, o nome — *mairy;* de certo, depois que os francezes, *Mair*, começaram a frequentar a costa do Brasil e se estabeleceram em algumas partes della; pois que o vocabulo *mairy*, parece proceder de *mair-reiya*, reunião ou multidão de francezes.

O nome *Marim*, outr'ora applicado a Olinda de Pernambuco, fundada por Duarte Coelho, é simples corruptella de *mairy*, cidade.

Aos moradoras da aldéa denominavam-se *Taba-yara*, aos da cidade *mairyára*, cidadão; aos de aldêa differente *Tabaré*, donde, sem duvida, procede o nome *tabaréo*, usado entre os bahianos para designar um homem rustico ou matuto.

113. — As communicações entre as aldêas e povoados se faziam por caminhos ou veredas — *apé*, denominando-se *apé-açu* as estradas largas, como algumas se encontraram no interior.

Não eram raros, quanto se presume, os caminhos ou veredas do gentio penetrando do littoral para o interior. Glymmer, o auctor do roteiro de uma das primeiras *entradas* que se fizeram, no começo do seculo XVII, de S. Paulo para o sertão de Minas, refere ter encontrado bem no interior uma estrada larga e bastante trilhada.

A dispersão dos Tupinikins, que eram ao mesmo tempo assignalados em S. Vicente, no valle do S. Francisco e em Porto Seguro, demonstra cabalmente que, pelo interior, estes indios se communicavam, e está averiguado por um estudo bastante consciencioso e sério, do nosso illustre consocio, o dr. Orville Derby, que as primeiras *bandeiras*, que devassaram os sertões, o fizeram, trilhando as veredas dos gentios (1), guiados pelo selvagem reduzido e amigo.

114.—Quando os caminhos desciam até o mar ou grandes rios navegaveis, ao extremo desses caminhos, ordinariamente um porto, davam os tupis o nome *apéaçaba*, que quer dizer— *sahida* ou travessia *do caminho*, e de que, por corruptella, se fez *peaçaba; mbeaçaba* ou *imbiassape*, como se lê em Hans Staden, e ainda *peaçá*, sob a forma contracta e mais commum na composição dos nomes de algumas localidades.

---

(1) Orville Derby — «Os primeiros descobrimentos de ouro em Minas Geraes».

Assim, os nomes: *Peaçá-goéra*, porto velho ou extincto com que se designa uma localidade vizinha do *Cubatão*; *Peaçáboçú* ou *Peassabussú*, porto grande, designando uma villa alagoanna, á margem do rio S. Frańcisco, são compostos com o thema *apeaçaba*—sob a forma contracta.

O nome *piassaba*, ou, melhor, *peaçaba*, com que vulgarmente se designa a fibra resistente e utilissima da *Atlalea funifera*, palmeira abundante na zona quente do littoral, vem, de certo, do communissimo emprego nos portos (*peaçaba*), das cordas tecidas com a fibra dessa palmeira. No norte do Brasil, as amarras e cordoalha das embarcações pequenas, das jangadas e canôas era quasi que exclusivamente de *peaçaba*. Dizer-se, portanto, cordas de peaçaba vale como se dissesse *cordas do porto* ou *usadas nos portos*.

O nome *peaçaba*, ou *apeaçaba* que o vulgo alterou para *piassaba* ou *apiassava*, já não designa entre nós senão a fibra da *Altalea*; o primitivo e verdadeiro significado se perdeu para a lingua hoje falada no Brasil.

O nome *igara-paba* ou *igaro-paba*, que litteralmente significa—*termo* ou *fim da canôa*, tambem designava o porto, mas já na accepção de assento, descanso ou logar onde se encalhava a embarcação, deixando-a a secco.

115:—A navegação estava muito em voga entre os Tupis, quasi todos localisados no litto-

ral, donde outr'ora expulsaram os primitivos dominadores do paiz.

Pescavam muito no mar e nos rios, retirando dahi larga parte da sua subsistencia.

Habilissimos canoeiros e nadadores eximios, afrontavam as ondas, mar em fóra, com o maior desassombro. Contam mesmo alguns viajantes que esses barbaros, em avistando no horizonte embarcações em transito, nadavam muitas vezes ao encontro dellas para lhes vender *brasil*. Os Guaytacás, segundo Grabriel Soares (1) andavam a nado pelo mar dentro, accommettendo os tubarões (*ipirá*) e afogando-os com um páo agudo, que lhes mettiam com força pela garganta.

Os Tupis do Rio de Janeiro, como os de Paraty e Ubatuba, possuiam canôas tão grandes, feitas de um só tronco, que algumas dellas eram capazes de quarenta, sessenta e mais tripulantes. Martim Affonso de Souza, na sua viagem de 1530. assistiu, maravilhado, a uma encarniçada batalha naval entre os gentios de Itaparica e do continente na Bahia de Todos os Santos.

Dextros canoeiros, manejavam de pé o remo a compasso certissimo com o que muito maravilhavam aos europeus.

---

(1) G. Soares — «Roteiro do Brasil» cap. XIV, pags. 77 e 78.

A's canôas feitas de um tronco inteiriço chamavam *igara (yg-yara)*, isto é, que domina ou sobrepuja n'agua, fluctua ou sobrenada; e, por acharem semelhantes as embarcações introduzidas pelos europeus, chamavam-nas *igara-açû*, canôa grande ou barco.

A antiquissima villa pernambucana de *Igaraçú* deve o seu nome ao facto de ser o seu porto, desde os primeiros annos da colonia, visitado por barcos que o attingiam com o concurso da maré. Hans Staden, que o visitou e o ajudou a defender-se contra os Petiguaras em 1548, denominou-o *Garassú*, corruptella de *Igaraçú*.

O nome *Igrapiuna* de uma villa bahiana, vizinha de Camamú, é corruptella de *Igarapé-una*, isto é, caminho de canôa escuro, ou, melhor, rio de agua preta, allusão a algum canal ou estuario de aguas escuras.

A's canôas feitas de cascas de arvore, com pontaletes no meio e ajustadas com cipó davam o nome de *ubá*, em geral pequenas, leves e mal compostas.

O nome *ubá* confunde-se frequentemente com o vocabulo *uyba*, que quer dizer flecha, quando este entra como thema na composição de outros vocabulos, e a syllaba predominante se desloca para a penultima do vocabulo composto.

O nome *Ubatuba*, por esta razão, póde ser decomposto em *Ubá-tyba*, significando abundancia de canôas, como tantas havia nesta parte dos

dominios de Cunhambebe e de Aymberê, como póde ser tido por corruptella de *Uyba-tyba*, flechal, ou cannavial bravo.

A' vela ou panno da embarcação chamavam *cûtinga* (cû-tinga) que quer dizer — *lingua branca*, allusão á forma triangular, alongada, do panno; ao mastro chamavam *cutinguyba* (cuting-yba), litteralmente — *pau de vela*.

116.— As pescarias (*pirá-monhangaba*) começavam ordinariamente em agosto, na beira-mar (1) e davam logar a expedições numerosas para certos pontos da costa.

Empregavam para este mistér a rede — *pyçá*, o cercado—*pary*—o cesto *ururú*—e o *jiki*.

Nos rios, costumavam envenenar as aguas com o succo do *timbó* ou *tinguy*, para apanharem o peixe.

Com o commercio dos europeus passaram a usar do anzol metalico—*pindá*—,chamando aos pequenos anzóes prateados—*pindá-miri-tinga*.

E', porém, provavel que já empregassem o anzol grande, feito de qualquer substancia não metalica antes da invasão portugueza.

Não poucos logares no Brasil trazem nomes recordando esses instrumentos e usos do gentio. *Pary* ou *Paripe*; *Pariquera* ou *Pary-cóera*, cer-

---

(1) Hans Staden — Suas viagens e captiveiro, etc. Cap. XVII.

cado velho; P*indahyba*, vara de anzol. P*indá-monhangaba*, fabrica de anzóes; *Jiky-yá*, ou jiki aberto; *Ururu-hy*, rio do cesto; *Timbóhy*, rio do timbó, recordam sitios das pescarias de outr'ora.

117.—A caça era, como a pesca, a principal occupação do selvagem, e, para realisal-a, empregavam de preferencia o arco *yapara* e a flecha *uyba*, ou *uiba*, esta tendo a ponta ou simplesmente endurecida ao fogo, ou com um dente de tubarão, fragmento de silex, engastado com resina. O arco, feito de uma madeira rija, era mais alto do que um homem.

Além do arco e flecha empregavam para caçar *(caá-mondó)*, artificios mais ou menos engenhosos, ainda hoje utilisados pela gente do interior. A *juçana* era o laço armado para colher as aves; *mondé*, de que procede o vocabulo assimilado, *mundéo*, era empregado nas mattas para mattar os quadrupedes; a *guira-puka*, de que, por corruptella, se fez *arapuca*, apanhava os passaros.

Entre os indios do campo, a caçada era precedida de uma batida, cercando-se um trecho a que se punha fogo, e matando-se a caça a pau, á medida que ella procurava escapar ás chammas. Nas regiões centraes, as queimadas frequentes, que se avistam ao longe, onde a civilisação ainda não penetrou, não indicam outra coisa. A esse modo de caçar davam o nome *camondó-caia* que quer dizer: queimada para caçar.

As localidades com os nomes: *Japáratuba*, muitos arcos; *Japaroby*, arco verde; *Mondé-hy*, rio dos laços; *Uyba-hy*, rio das flechas, de que por corruptellas se fez *Ibahy* ou *Ivahy*, são recordações dos instrumentos venatorios dos selvagens, ou lembram phenomenos com elles comparaveis.

118—Os trabalhos agricolas eram rudimentares entre as tribus tupis por lhes faltar o uso do ferro.

O fogo era o seu principal agente no amanho da terra.

Escolhido o local para a lavoura, derrubavam-se-lhe as arvores de maior vulto, empregando-se para esse fim o machado de pedra *ji* ou *dji*, e lançava-se fogo em torno, escolhendo-se porém o lado do vento.

A' queimada, emquanto o fogo actua, davam o nome *caia* ou *caita* que quer dizer: o que se queima.

A derrubada ou limpa para roça denominava-se *cô* ou *cópichaba;* e a roça no acto de queimar-se *cô-y-uara*, de que se fez por corruptella *coivara*.

Aos paus retirados da queimada e dispostos em cerca ou trincheira em torno da roça ou da habitação davam o nome—*caiçara*, que muitas vezes apparece sob forma contracta *caiçá* ou *caçá* nos nomes compostos.

Muitos destes vocabulos ou outros delles derivados passaram para o portuguez falado no Brasil.

Do verbo *côpir*, tractar da roça ou limpal-a, se fez em S. Paulo o verbo *carpir*, com identico significado, e assim tambem *carpição* por *copichaba*.

Á roça extincta dava-se o nome de *cô-coéra* e tambem *côpoera*, de que procede o vocabulo *capueira*, com o significado que vulgarmente se lhe dá de roça abandonada e invadida pelo matto, visto que o mesmo vocabulo tambem procede de *caá-poéra*, matto extincto, ou que já uma vez foi cortado.

Muitas são as localidades no Brasil cujas denominações recordam os trabalhos agricolas dos selvagens ou mesmo dos Europeus nos primeiros annos da colonisação.

Ha nas visinhanças de S. Vicente uma localidade com o exquisito nome de *Cuçù*, cuja procedencia vem de certo desde aquelles remotos tempos, quando a ilha contava varios engenhos de assucar e possuia extensos cannaviaes de que Hans Staden nos dá noticia em 1548.

O nome *Cuçú* é composto de *Có-uçú*, e se traduz: — *roça-grande*, e tambem *limpo-grande*, empregando-se com este significado para designar *campo* ou *terreno limpo*.

No Rio Grande do Sul ha o rio *Cahy*, cuja traducção se pode fazer de dois modos: *Caahy*, rio da matta; ou *Cai-hy*, rio das queimadas.

O nome *Cassaquéra* com que se designa um ribeiro no municipio de S. Bernardo é o mesmo

que *caçácoéra* e significa *cerca-velha* ou simplesmente *as cercas*.

Assim tambem o nome *Caçápava* que, aliás, comporta duas interpretações: *Caça-paba*, fim de cerca, ou ponta de cerca; e *Caa-çapaba*, clareira ou aberta na matta.

Cultivavam os tupis o milho de preferencia, ao qual se póde, na verdade, dar o nome de trigo americano, porque era a base da alimentação do selvagem.

O *abati*, que é como entre o gentio se denominava o milho, amadurecia no mez de novembro, época, diz Hans Staden, em que se devem temer os assaltos dos selvagens, porque, diz o mesmo auctor citado, — quando voltam de uma guerra querem ter os *abatis* para fabricarem a bebida.

Além do milho, plantavam tambem a *mandioca*, o *aipi*, a batata (*jatyuca*), o *cará*, varias especies de abobora (*geremú*), a banana (*pacoba*), o *mandobi*, que dizemos amendoim.

Os nomes de logares como *Mandiotuba*, mandiocal; *Comandatuba*, feijoal; *Mangaratyba*, mangarazal e outros como *Camaratyba*, *Acajutyba*, *Amaniutyba*, *Pacótyba*, *Norantiba*, *Cannatyba*, *Natuba*, exprimem culturas de outr'ora, ou abundancia de camarás, cajú, algodão, banana, laranjas, canna e ananaz.

A canna e a laranja não eram indigenas da America, mas desde logo, nos primeiros annos

do descobrimento, foram introduzidas e cultivadas.

Em 1518, quando Fernão de Magalhães aportou ao Rio de Janeiro por occasião da sua memoravel primeira viagem de circumnavegação do globo, já encontrou cultivada pelos tupinambás a canna de assucar, de certo introduzida no paiz por alguns dos muitos navios que já por esse tempo frequentavam o Brasil e traficavam livremente com o gentio. Nos grandes rios da bacia do Paraná e do Prata, onde tão larga foi a acção dos jesuitas, um dos phenomenos que mais impressionam o viajante são os bosques de laranjeira selvagem, de fructos amargos, cujas sementes as aguas se encarregam de distribuir e propagar.

119. — Os alimentos (*tembiú* ou *temiú*) eram simples mas variados. Não era usado o sal como condimento, mas assando a carne, o peixe ou qualquer fructo ou raiz, mostravam apreciar a cinza como um succedaneo. Nenhuma caça ou peixe comiam crú.

Descendo o rio Paranapanema, em 1886, encontrei, sobre um lagedo á margem do rio, abundantes cascas de laranjas, assadas, despojos de uma refeição, apenas terminada, de uma familia selvagem, que assim usava do fogo para tornar mais toleravel o sabor amargo daquelles bellissimos fructos amarellos.

Da mandioca faziam varias especies de farinha,

cuy. A' que era fina como a de trigo dava-se o nome *carimã*; á meio cosida — *uy-tinga*; á bem cosida *uy-atã*, que era a farinha de guerra; á feita de mandioca cortada em roletes e secca ao sol, pisada depois ao pilão — *typyrati* e á que era feita com mandioca posta de molho por alguns dias — *uy-puba*, denominando-se *mandió-puba* a mandioca assim tractada.

A's cascas ou raspas imprestaveis da mandioca dava-se o nome de *corêra* de que por corruptella se fez a palavra *crueira*, á feição portugueza.

Moida a mandioca, exprimiam-na num cesto tubular elastico feito de folhas de palmeira a que chamavam *typity* e que alguns erroneamente dizem *tapity*.

Ao succo exprimido e assentado davam o nome de *typioca* de que por corruptella se fez *tapioca* geralmente entre nós usado.

Tambem do peixe faziam farinha como um dos mais seguros meios de o mais bem conservar, e lhe davam o nome de *pirá-cuy*. Entre os Tupinambás e Tamoyos, o peixe preferido para farinha era a tainha a que chamavam *piraty* e que por corruptella entre os portuguezes se passou a dizer *paraty*, *baraty* e até *barty*. No Amazonas prefere-se ainda hoje o *pirarucú*, peixe vermelho.

Da mandioca faziam bolos a que denominavam *mbeyú* donde vem o nome *beijú*, vulgar no Brasil, significando *enroscado*, *enrolado*; faziam

o *mingau* e varias bebidas fermentadas conhecidas por *cayçuma* e *tykyra*.

Com o milho preparavam a *cangica* (*acanjic*), grão cozido; a farinha, *abati-uy*; a *pamuna* ou *pamonha; pipoca*, que quer dizer *epiderme estalada; e* tambem uma bebida fermentada — *abati-y*.

Assavam carne ou peixe sobre brazas ou então sobre um gradeado de madeira, operação a que se dava o nome de *mokaen* de que procedem o nosso vocabulo *moquem* e o verbo *moquear*.

Ao assado envolvido em folhas, como faziam com o peixe, chamava *pokeka*, de que se fez por corruptella *moqueca* e significa *embrulho*.

A' carne ou peixe pilado e misturado com farinha davam o nome *poçoka (pó-çoka)* que quer dizer *pilado á mão*, ou *esmigalhado á mão*.

O *cauim* era o seu vinho mais estimado e feito do succo do cajú, donde lhe vem o nome *acayú-y*. Alargando, porém, o sentido do vocabulo, applicaram-no tambem para bebida fermentada feita de milho mastigado.

120. — No interior de uma cabana selvagem os utensis mais communs eram: a rêde para dormir *ini*, atada por cordas, *(ini-chama)* a dois fortes esteios, *okytá*.

A um lado via-se a lareira *(tatá-rendaba)* e sobre ella o *mokaen*, e mais alto, pendente da parede, a *urupema*, peneira ou cesto raso; o *urú*, cesto pequeno com tampa; o fuso *(y-yma)*.

Viam-se tambem a um canto mais abrigado a talha cheia d'agua *(ygaçaba)*, o pote de bocca pequena, *camuty* ou *camucim;* ao passo que os alguidares, *(nhaen)* e panellas *(nhaempepó)* alinhavam-se mais perto do fogo. Fóra da cabana, dependurada a uma ponta de caibro via-se o *typity* e encostado á parede, mas deitado por terra, o pilão (*induá*).

Muitos são os nomes de localidades no Brasil recordando os utensis e objectos de uso domestico entre os selvagens. *Moquem* em Goyaz; *Camucim*, no Ceará, *Itánhaen*, alguidar de pedra ou tacho, em S. Paulo; são exemplos assás notorios.

121. — Entre os objectos ornamentaes e servindo nas solemnidades e danças (*poracê*), distinguem-se o *acangatara*, feito de bellissimas plumas de garças, do camindé e das araras, servindo para ornar a cabeça; a *açayaba*, especie de manto tecido tambem de pennas, descendo dos hombros até os rins; a este manto tecido, como se fôra uma rêde, dava-se tambem o nome de *iniaóba*, que quer dizer *manto de rêde;* outras vezes, esse manto ornado e maculado de tintas diversas, simulava uma cobra, dahi o chamar-se — *boirangaóba* (*boi-rangá-óba*), que quer dizer manto da figura de cobra; a *ara-açoyaba*, especie de cocar eu chapéo; o *iampenambi* que se applicava ás orelhas.

Muitas vezes pintavam o proprio corpo com

as cores vivas do *urucú* e do *genipapo* para se mostrarem bizarros; unctavam-se de oleo ou resina e cobriam-se de pennas de varias côres picadas bem miudo; furavam o beiço inferior (*tembé*), e engastavam-lhe pedra de côr esverdeada ou branca mui polida a que chamavam *tembetá*, isto é, *tembé-itá*, pedra de beiço, por outros tambem designado *itametára*, botoque de pedra.

O uso de taes ornatos engastados no beiço, nas orelhas e até nas faces chegou a tal extremo que os primeiros viajantes asseguravam terem visto individuos com sete dessas pedras mettidas nas carnes do rosto. Até os meninos os usavam.

Havia botoques *(metara)* de todo o genero e de varias formas, uns de osso polido, outros de dentes de animaes, outros de resina amarella e translucida como o ambar, e ainda outros de madeira leve como a da barriguda ou paineira.

Os *Guaycurús* trouxeram-no de ouro.

Os *Aymorés*, os *Botocudos* faziam-no de madeira, dando-lhe forma circular e attingindo ás vezes um grande diametro.

Outros selvagens atravessavam pennas no nariz e outros ainda introduziam-nas nas faces.

Além destes barbaros ornamentos, traziam ao pescoço o *jacy*, lua, ou semi-circulo de osso alvissimo, e ás vezes um grande collar de dentes a que denominavam *ajucará*, (ajucá-rá), que quer

dizer — *tirado do que foi morto*, representando assim um tropheu de guerra, ou de caça.

Encontram-se na geographia do paiz muitos nomes recordando esses objectos ornamentaes do selvagem e suas festas. *Boracéa* por *Poracé*, reunião para festa, dança ou folguedo, nome que se encontra citado em velhos documentos dos archivos de S. Paulo; *Aaraçoyaba*, morro isolado, com a forma de chapéu, nas vizinhanças do Ipanema; *Arassoahy*, ou melhor *Araçoyá-hy*, rio, ou localidade em Minas Geraes; *Jacygoá*, valle da lua ou globo da lua; *Tametary* por *Itamerar-y* rio do botoque de pedra.

122. — Eram grosseiros e pouco sonoros os instrumentos musicaes do selvagem. Tinham como primeiro e mais excellente o *maracá*, chocalho feito de um cabaço em que se introduziam sementes ou pequenos seixos, e se ornava com esmero, porque era em algumas tribus considerado como sagrado; o *memby* ou gaita; o *boré*, a *inubia*, trombeta de guerra ou buzina, o *guarará* ou tambor.

Varias localidades entre nós trazem nomes destes instrumentos musicos dos selvagens.

A cidade de *Maracàs*, no interior da Bahia, e os montes *Guararapes*, famosos pelas victorias ahi alcançadas sobrs os hollandezes no seculo XVII, são recordações que persistem daquelles primitivos tempos.

O nome historico de *Guararapes* é, porém

simples corruptella de *Guararà-pe* e se traduz — *nos tambores*—.

Recordará por ventura esse nome tupi o ruido das caixas de guerra, num sitio onde tantas vezes ellas resoaram á frente das cohortes combatentes, ou lembram tão sómente uma feição topographica em que o relevo dos montes traz á idéa os toscos instrumentos do selvagem de outr'ora?

Não conheço a topographia do logar, mas opino pela primeira hypothese, aliás, naturalissima num paiz assolado pela guerra, e onde as populações se tinham familiarisado com os episodios e circumstancias minimas de uma lucta por longo tempo protraida.

123. – Depois da vinda dos europeus e do commercio com estes, começou o gentio a receber os instrumentos de ferro que tanto cubiçavam e que constituiam o artigo mais importante de todo o trafico com os selvagens nos primeiros annos da conquista. O machado *(itajy)*, a faca (*itakicê*), a foice *(kicêapara)*, a enxada *(itacyra)*, a thesoura *(pyranha)*, a serra (*kytyçaba)*, eram artigos regulamentados e quasi os unicos objectos de ferro que se consentia vender ao gentio.

Entretanto, e não obstante a prohibição formal das auctoridades, o selvagem foi adquirindo outros instrumentos como a espingarda ou fuzil *(mbocaba* ou *pocaba*), a espada ou facão *(kicê-*

gui), a polvora *(mocá-cui)* e, segundo o testemunho de viajantes francezes, até artilharia (*mocábucú)* possuia o famoso Cunhambebe, chefe dos tamoyos do *Ariró*.

Recebiam tambem os tecidos da Europa, a que denominavam *pana*, cujas peças não raro serviam de moéda para resgate de prisioneiros europeus.

Chamavam *pãnaçú* ao panno grosso, e *panapoî* ao panno fino. Os farrapos ou andrajos tinham o nome *panahyba*, donde é provavel que proceda por confusão de termo o vocabulo *pindahyba*, vulgarmente applicado como synonimo de penuria ou miseria.

Tinham em grande estima o espelho, a que chamavam *oaruá*, e faz lembrar o vocabulo francez *miroir*, suppondo-se, por isso, ter sido primeiro introduzido por francezes, que foram dos primeiros a traficar na costa do Brasil. Recebiam mais a aguardente *(cauim-tatá* ou *yahyba)* as contas ou missangas (*moboî* ou *poî*), o guizo ou cascavel metalico (*aguai*), denominado tambem *maracá-yuba* ou sob a fórma contracta *maracá-yú*.

Na geographia do paiz encontramos alguns desses nomes designando localidades: *Boim* (*mboim*) no Pará, *Maracajú*, serra da divisa entre Matto-Grosso e o Paraguay.

124. — Em torno da cabana selvagem, e invadindo-a mesmo com a maxima familiaridade, desenvolvia-se todo um mundo de animaes do-

mesticados, a que chamavam *mimbaba*. As aves de formosa plumagem como o *guará*, a *arara*, o *canindé*, o *tucano*; grande numero de perdizes (*anhamby* ou *inhambú*), *urús* e patos (*ipéca*); animaes como o *macaco*, o *quati*, a *irara*, o veado, o gato (*pichana*) e até cobras mansas se encontravam no mais intimo convivio.

Com o commercio europeu recebeu o gentio a gallinha (*uruguaçú* ou *çapocaia*) a que presavam em extremo, vendendo aos extrangeiros os ovos dellas (*rupiá*) em grande copia, assim como presavam os cães, a que chamavam (*jaguamimbaba*) que quer dizer — onça de creação. Nos pampas do sul, o cavallo (*cabarú*) introduzido pelos hespanhóes, desenvolveu-se rapidamente e tornou-se selvagem. Os Guayecurús caçavam-no e desde logo se tornaram destrissimos cavalleiros.

O boi (*tapira-çobayguára*), considerado como uma anta extrangeira, a cabra (*çoóaçúmé*), a ovelha (*obechá*), o porco (*tanha-açú-aia*), desenvolviam-se em torno das reducções ou aldéas, povoando de gado novo as campinas americanas.

125. — Tinham sua mythologia os povos da raça tupi, a despeito do que a principio disseram os chronistas e escriptores dos primeiros tempos que avançavam não ter o gentio nem *fé*, nem *lei*, nem *rei*, razão, diziam, porque na sua linguagem não ha as lettras *f*, *l*, *r*, iniciaes de taes palavras. Todavia era bastante singelo ou rudimentar o que possuia esse povo de idéa religiosa. Tinha

uma vaga noção do Ente Supremo a que denominava *Tupã* cuja voz se fazia ouvir por occasião das tempestades *Tupã-cynunga* ou o trovão e cujo reflexo ou claridade se denominava *Tupã-beraba*, ou relampago. O genio mau residia em *Anhánga* ou *Anhan*. (1) Serviam a *Tupã*, diz Ives d'Evreux, os bons espiritos *Apyáuêué*, e a Anhan os maus genios, conhecidos por *Uyáupiá; Gerupary* ou *Jurupary* era para uns o genio mau, e para outros, segundo o mesmo Ives d'Evreux, um servo de *Tupã*.

Dos genios bons recebiam os beneficios, tinham felicidade na caça, victoria nas suas guerras, e colheita abundante nas suas roças, porque a chuva em tempo opportuno era trazida por elles, *Amana-yára*, manda-chuva. Os maus genios, ao contrario, habitavam o escuro da floresta ou os cemiterios, assaltavam os caçadores, desviando-os no labyrintho dos bosques, ludibriando-os, maltractando-os de mil maneiras. Por causa delles o sol se fazia abrazador e a chuva não caia no tempo proprio.

Caapóra ou *caipóra*, genio anão de um pé

---

(1) *Anhan*, ou *Anhanga* (ã-nhã), genio andante, espirito andejo ou vagabundo. Alguns escriptores dão erroneamente *Anhangá*, que aliás não designa o genio, mas a acção deste, visto que *Anhangá* é já contracção de *Anhangába*.

só, ou de uma banda só, que ás vezes apparece cavalgando um *taitetú*, na clareira da matta, trazia a desgraça ou insuccesso para quem o avistava.

Curupira presidia aos maus pensamentos e fazia pesadellos.

Sassy tinha a figura de uma ave pequena.

Os bons genios, ou os antepassados mandavam avisos ou se faziam ouvir por meio do canto melancolico da *Acauan*. Por onde se vê que o gentio admittia uma outra vida, a qual se passava num paiz distante para além das montanhas visiveis.

Chamavam *an* o sopro da vida, ou a alma emquanto habitava o corpo de um vivente, e *an-goéra*, a alma de outro mundo, denominada tambem *maraguigana;* se annunciava a morte por meio de uma assombração, *angoéraba*.

Nas aguas dos rios e lagos denominavam genios femininos, ou *Uyáras*, dama das aguas, ou mãe d'agua, cujo canto seduzia os pescadores para os perder, mytho identico ao das sereias dos marujos de todos os tempos.

Guardavam os tupis a lembrança de um bemfeitor e legislador desapparecido a que chamavam *Sumé*, que lhes ensinara a viver em bôa regra, como lhe ensinara a cultivar a mandioca, desapparecendo depois para o lado do mar em cujas praias deixara impresso nas rochas mais duras as plantas dos seus pés sagrados. No littoral

da Bahia, caminho de Itapuan, o povo credulo procura ainda, na baixa mar, para mostrar aos viandantes, como a mim me mostraram, sobre duro granito, as pegadas indeleveis do mysterioso bemfeitor dos selvagens.

Tinham a tradição do diluvio a seu modo. —Quando as aguas cresceram, diz a lenda, cubrindo a terra, todos os viventes pereceram. *Tamandaré*, porem, com sua familia subiu, para o olho de uma palmeira, cujos fructos o sustentaram por todo o tempo que durou a inundação, até que elle pôde descer para tornar a povoar a terra.

O nome *Tamandaré* — da personagem mythica do diluvio dos salvagens encontra-se ainda no paiz designando mais de uma localidade.

Não esqueceu tambem a geographia brasilica o nome de *Sumé*, o ente mysterioso, tão cedo desapparecido, com o qual o espirito eminentemente religioso daquelles tempos procurou identificar a pessôa de S. Thomé.

Nas costas do Maranhão, vizinho de Gurupy, um rio obscuro leva ao mar, com o tributo das suas aguas, o nome *Maracá-sumé*, que quer dizer o *sino de Sumé*, recordação de quem, por seus beneficios, soube cavar fundo na alma simples do gentio.

Não poucas localidades no Brasil trazem nomes recordando os genios da mythologia selvagem.

O portuguez mesmo chegou a adoptar entre nós o vocabulo *caipóra*, como synonimo de desditoso, e delle fez ainda *caiporismo*, que já conquistou fóros de cidade.

126. — Era grosseiro e quasi nenhum o culto do selvagem, de preferencia destinado a propiciar os maus espiritos. Ives d'Evreux relata ter visto ou conhecido idolos feitos de cêra e guardados mysteriosamente no escuro das florestas pelos *Pagés* ou feiticeiros. Hans Staden fala de uma cabana mysteriosa onde se guardavam entre os tupinambás os maracás sagrados.

Os *Pagés*, *Payés*, *Piagas* ou *Carahybas* eram santões, adivinhos, medicos, sabios e conselheiros da tribu, cujas tradições guardavam.

Tinham grande poder suggestivo e sabiam os meios seguros de bem impressionar. Curavam soprando, chupando, friccionando com oleo a parte doente, defumando-a com plantas aromaticas. Conheciam os effeitos de certas plantas, formando uma therapeutica, cujo segredo, manhosamente guardavam, mas que os colonos europeus depois conheceram.

Tinham em grande veneração a memoria dos antepassados (*tamunhoéra*) e os mortos (*teonboéra*) eram sepultados com um ceremonial, como se partissem para uma longa viagem.

A' sepultura (*tibycoára*) desciam o cadaver envolvido na sua rêde, com as suas plumas e cocares, o seu arco e suas flechas e tambem as

provisões para o caminho da outra vida, que suppunha ser para além das montanhas azues, longinquas.

Não raro, introduziam o corpo dobrado e acocorado em umas urnas de barro ou potes (*igaçaba*) que iam enterrar nos logares mais escusos da floresta, ou nas cavernas quasi inaccessiveis para que quedassem isentas da profanação dos estranhos.

Muitos logares no Brasil trazem nomes que recordam as crenças dos selvagens e a sua grande veneração pelos mortos: *Pageú* (*Pagé-y*), rio do feiticeiro; *Carahyba*, o Santo; *Maracá*, o chocalho sagrado; *Tibicoary*, o rio das sepulturas; *Igaçaba*, urna; *Igaçatyra*, morro dos potes ou das urnas, são denominações que lembram as crenças desapparecidas dos tupis.

127. — O governo entre os individuos da mesma tribu era o resultado do ascendente assumido pelo mais valente, o mais forte, o mais respeitavel pelos seus antecedentes honrosos. Não havia hereditariedade no governo, e este só se tornava effectivo em tempo de guerra. O chefe, *morubichaba*, era um simples capitão dirigindo a lucta, conduzindo os seus á victoria.

O chefe ou principal, no regimen patriarchal em que viviam era o *Tubichaba* (Tub-ichaba (1),

---

(1) *Tubichaba* é o composto— *Tub-ichaba*—; *Tub*, é o pae, o principio gerador; *ichaba* vem de *teçá* ou *techá*,

no guarani *Tubichá*, que quer dizer *pae vigilante, attento*, ou *o primeiro alerta*. Em algumas tribus, por influencia dialectal, se dizia *Tuchaba*, ou *Tucháua*, em outras, *Tubirechá, Tubireçá, Tibireçá, Tybyreçá*.

128. — Depois da conquista européa modificaram-se por muito as condições de vida entre os selvagens.

O commercio com os brancos trouxe-lhes necessidades novas.

O christianismo, prégado pelos missionarios, fez-lhes perder as suas praticas e costumes barbaros, e o catechumeno mais humilde na verdade, menos fero e varonil por sem duvida, porem mais humano em todo o caso, apparelhou-se para a obra da civilisação que devia começar por elle.

O padre tal prestigio então adquiriu entre o gentio que lhe ficou parecendo um ente sobrenatural, um homem differente de toda a gente — *abá-ré*.

Aos padres da Companhia de Jesus, a que particularmente prezavam, chamavam *Pay-abuna (Pay-oba-una)*, padre de vestes negras; aos franciscanos com o seu pesado burel que os fazia

---

olhos, donde procedem *eçá*, ou *echá*, *eçaba* ou *echaba*, *reçá* ou *rechá*, e significa a *vigilancia*, a *attenção*, o *cuidado*.

parecer com o gafanhoto — *Pay-tucura;* aos leigos que só tinham a apparencia de sacerdote *Payapina*.

Em torno do missionario crescia a população dos reduzidos ou já convertidos, erguendo-se com a egreja nova uma aldêa nova, *Tapeçaçú*. Chamavam-se então *Tupanarayra*, filhos de Deus, aos recem-baptisados e *cerayma* ou, *sem nome*, os pagãos que ainda não haviam recebido um nome christão.

A arvore promissora da civilisação em terras da America, a cuja sombra esta nação hoje se abriga, aqui estava ainda em germen ou como uma tenra plantinha á mercê e protecção daquelles que prégavam a *bôa nova*.

Do devotamento delles pela raça do gentio é que se constituiu essa nação, consorcio de diversas raças aqui tornado possivel, cujo vasto territorio, nos campos como nas florestas, no valle como na montanha, no deserto como na cidade, attesta, por toda a parte, nas vozes tupis com que se designam, o esforço inolvidavel daquelles obreiros da palavra, cultores dessa lingua que elles salvaram do anniquilamento e que na geographia patria, ao menos, não perecerá jamais.

165

CAPITULO IV

Da interpretação dos nomes tupis com emprego na geographia e na historia nacional

129. — Nada mais ingrato nem mais exposto á controversia do que esse mister de interpretar palavras de uma lingua desapparecida ou que já não tem vida diante de outra que a supplantou e lhe absorveu parte do vocabulario, como é o caso do tupi para o portuguez falado no Brasil.

E, todavia, foram sempre tentadoras as investigações deste genero, como se verifica do numero não pequeno dos cultores delle.

O estudo etymologico dos vocabulos, para o fim de fixar-lhes o verdadeiro significado, foi sempre campo de larguissimas proporções, onde a imaginação, não raro, assume papel preponderante, e as hypotheses mais ousadas, como as explicações mais suggestivas, encontram guarida e se impõem ao senso commum, aureoladas

ainda por cima com esse prestigio que a erudição, de ordinario, lhes communica.

Nesse terreno das investigações linguisticas, o imaginario e o hypothetico, dando pasto amplo aos espiritos inventivos e imaginosos, aos que se sentem solicitados para as escavações difficeis, aos que se deixam seduzir pelos problemas de soluções transcendentes, deram já nascimento a um verdadeiro genero litterario.

Aqui, como em tudo mais, ha sempre um lado chimerico que deslumbra e captiva, como muita vez succede aos mineiros que se obstinam nas profundezas da terra a buscarem um veeiro cujos indicios não faltam nunca, mas de que jamais se lhes patenteia a esquiva realidade.

Certo, neste mister de interpretar, muito ha do mineiro, perseguindo a sua chimera.

Mas, assim como no minerar, mesmo buscando o imaginario, nem tudo é em pura perda, pois que, nesse ingrato labutar, não poucos segredos do solo se desvendam, assim, nos estudos linguisticos, nem tudo é vão e improficuo, uma vez que aberta fica a vereda por onde outros, quiçá mais felizes ou mais bem apparelhados podem attingir a realidade ou o verdadeiro.

E' mister, porém, reconhecer com justiça, que nesses tentamens de interpretar ou de restaurar vocabulos tupis etymologicamente, aos esforços expendidos têm quasi sempre correspondido resultados promissores.

No livro, como nas revistas, na imprensa diaria, como nas palestras litterarias, é o assumpto, de continuo, debatido, não raro com largueza e proficiencia, logrando sempre geral acceitação, o que anima e estimula os investigadores.

Observa-se, porem, e não ha negal-o, nas investigações deste genero entre nós, certa falta de methodo, uma tal ou qual discrepancia na applicação dos processos logicos de investigar, que não pódem deixar de affectar, tornando incompletos, os resultados obtidos.

Basta isto para justificar o que passamos a expender no presente capitulo.

130. — O estudo etymologico dos nomes tupis, com applicação na geographia ou na historia nacional, é, a meu vêr, um trabalho mais de investigação historica do que propriamente de lexicologia.

Sendo o tupi, como é, uma lingua agglutinante, com os elementos componentes quasi integraes, ou mui raramente contractos, a palavra, nesse idioma, com facilidade se analysa; e ainda quando mettida numa como que *encapsulação*, em que os varios elementos se envolvem uns aos outros, as linhas de separação destes não desapparecem totalmente, e a desaggregação desses elementos habilita o interpretador a traduzir. O poblema mais importante, o estudo mais serio, e a meu ver essencial, é o da *identificação histo-*

rica do vocabulo ou a restauração de sua graphia primitiva tal como ella symbolicamente representou, em outro tempo, a palavra falada.

E' mister, portanto, ler os documentos mais antigos, as chronicas, roteiros, relações de viagem, os mappas geographicos que primeiro se publicaram e que possam encerrar o thema ou o vocabulo a interpretar e ahi surprehender-lhe a graphia antiga, de certo, a mais verdadeira, pois que é de suppôr fosse a representação symbolica mais fiel dos sons recolhidos directamente do gentio ou dos seus immediatos descendentes, e, portanto, mais isenta dos effeitos provenientes do diuturno contacto com a lingua que ficou prevalescendo.

Conseguida a *restauração historica* do vocabulo, facil será explicar como elle se alterou ou como evoluiu até nós, porque invariaveis e positivas são as leis philologicas que regem a especie.

Sem a restauração do vocabulo com a sua graphia primitiva, como um processo previo e essencial, difficil e quasi insoluvel, em certos casos, é o problema linguistico, attinente aos nomes geographicos de procedencia tupi.

Firmado este ponto, é mister ainda considerar que o tupi, como todas as linguas barbaras, sem cabedal litterario ou com arte e vocabulario organisados por extranhos, é sujeito aos defeitos communissimos da homographia e da homophonia. Palavras, na verdade, differentes soaram e se escreveram por forma identica nos primeiros vocabularios.

Além disso, os dialectos numerosos, entre as tribus selvagens, não consentem palavras com formas fixas e definidas, entrando os vicios de pronunciação, as modalidades do falar, como causas inevitaveis da variação dos vocabulos.

As difficuldades do interpretador salientam-se ainda si se considerar que o tupi, em contacto com outras linguas americanas, como tantas houve no ambito do Brasil e nas suas fronteiras, não poucos vocabulos extranhos adquiriu, como não poucos foram os que o portuguez, por si mesmo, assimilou do *quichua*, do *kariry* e dos que geralmente se designam pelo nome *tapuya*. Dahi, a necessidade para quem interpreta de bem conhecer o tupi e os seus principaes dialectos, e de guardar a reserva mais cautelosa no decidir-se pela nacionalidade de um vocabulo duvidoso.

Este preceito é tanto mais de observar-se, quanto é certo que, não raro, os interpretadores se deixam possuir de verdadeira obsessão, querendo ver vocabulos tupis em quanta palavra espuria se lhes apresenta, com estructura apparentemente brasilica.

O nome *Jurumenha*, por exemplo, que se encontra entre nós, designando uma villa obscura do Piauhy, pode induzir em erro, pela sua es-

tructura tupi, o interpretador que se não recordar de que é esse nome de procedencia lusitana, e lembra um povoado alemtejano sobre a margem direita do Guadiana.

Von Martius interpretou-a como tupi, decompondo-a em *Jerumú-meeng* e traduzindo — *dar aboboras.*

Assim é que José de Alencar, nas suas notas ao romance *Iracema*, interpretou como tupi a palavra *Mecejana,* derivando-a de *Mo-cejar-ana,* quando é sabido ser esse o nome de uma antiga villa portugueza nos campos de Beja, no Alemtejo.

Carlos von Martius interpretou como se fôra um nome tupi a palavra *Quixeramobim*, fazendo-a derivar de *Qui-xere-amobinhê* phrase que assim traduziu — *Ah! meus tempos passados!...*, quando, aliás, é vocabulo tão *tapuya* como o são *Quixadá, Quixelô* e *Quixerá,* no valle do Jaguaribe, no Ceará.

Nas margens do S. Francisco, si se encontram nomes de localidades, como *Cabrobó*, *Pambú*, *Centucé,* que se reconhecem logo como de uma lingua tapuya, outros ha, porém, que, pela sua estructura, parecem tupi, induzindo em erro o interpretador. O nome *Orocó*, por exemplo, que alli se encontra designando um monte elevado e bastante distincto no seu aspecto, póde ser interpretado como alteração de *Urucú*, como póde ser identificado como o vocabulo *Orkó*, que na lingua quichúa quer dizer *monte.* Assim tambem o nome *Orobó* que, si não fôra tapuya, como parece que o é, levaria o interpretador a consideral-o como corruptella, por dialecto, do nome *Urubú.*

Os nomes *Jequié*, *Sincorá* e *Cochó* ou *Goyó*, que em lingua tapuya significam: *onça, fome* e *rio*, pela sua estructura aproximada do tupi, tambem podiam ser filiados a esta lingua.

O rio Belmonte que, dos sertões de Minas Geraes, traz o nome *Jequitinhonha*, é outro notavel exemplo. Muito provavel é que esse nome *Jequitinhonha* proceda da lingua dos botucudos, derivando-se de *Jequiétinhong,* que quer dizer — *rugido da onça ;* entretanto que no tupi póde muito bem ser identificado com a phrase *Jikyty-nhonhe*, que se póde traduzir *côfo na agua amarrado* ou *assentado.*

131. — A tendencia, para *tupinisar-se* um vocabulo de lingua extranha, não é todavia maior do que a de corromper o tupi, latinisando-o, ou ainda mais modelando-o á feição portugueza. O nome *Nhandui*, por exemplo, de um chefe de tribu selvagem da Parahyba, significando — *ema pequena*, ou figuradamente *habil corredor*, converte-se em *Jean Dovy,* na obra de Roulox Baro, e é latinisado em *Jandovius* na obra de Barlæus.

Do nome *Paracaurî*, que quer dizer — *papagainho*, depois alterado para *Percaauri* (1), com

---

(1) Roteiro de Pero Lopes, publicado por Varnhagen.

que se designava, nos antigos roteiros, uma ponta de terra ao sul do Recife de Pernambuco, se fez mais tarde *Pero Cavarim*, como se lê em o Roteiro do Brasil de Gabriel Soares, e depois ainda alterado para *Pero Cabarigo*, como se fôra intenção dos povoadores de perpetuar naquella aliás, obscura localidade, o nome de alguma notabilidade daquelles tempos.

Do nome *Sernambityba*, que quer dizer *deposito de ostras*, das que se conhecem pelo nome de *sernambi*, e que tambem vem citado no dito Roteiro de Gabriel Soares, se fez primeiro *Simão de Tyba* e depois *João de Tyba*, com que se designa, nos mappas modernos, o rio que desagúa no mar ao norte de Porto Seguro, duas leguas para além do rio de Santa Cruz (1).

132. — Do que deixamos exposto decorre que para bem interpretar nomes tupis, com emprego na geographia e na historia, se ha de adoptar como regra:

1.º Descobrir a graphia primitiva do vocabulo nos documentos mais antigos em que esse possa ter apparecido e, na falta desse elemento, procurar surprehender-lhe a pronuncia entre o povo rustico do interior, onde a corrupção dos vocabulos tupis é menos intensa e quasi que permaneceram intactas as tradições do falar.

---

(1) Ayres do Casal, Chorographia Brasilica, tomo 2., pag, 71.

do nome *Guayanaz* ou *Goyanaz*, por exemplo, desde longos annos modelado á feição portugueza, só se encontra a graphia primitiva — Guayanã — nos escriptos de Anchieta (1), e só entre os *caipiras* se lhe conserva até agóra a pronuncia verdadeira.

O nome *Mantiqueira*, modelado já á portugueza, só em documentos antigos guarda a primitiva graphia — *Amantiquira* — que se traduz: *a chuva gotteja* ou *pinga*.

A palavra *Goytacaz*, em outro tempo *Guaitacá*, fórma contracta de *Goatacára*, só no Diccionario Portuguez-Brasiliano de 1795, se encontra o termo primitivo com a significação de *passeador* ou *andarilho*, nómada.

2.º Analysar o vocabulo restaurado e verificar si, no seu longo evoluir, as modificações experimentadas se fizeram, segundo as regras philologicas que regem a especie, o que servirá de confirmação ao que se houver conseguido pelo processo historico. Assim, por exemplo, a palavra *bossoroca*, cuja procedencia é de *ybyçoroca*, significando *terra rasgada* ou *rasgão, ruptura*, uma vez analysada, se verifica como successivamente se lhe transformaram e cairam os sons que a compoem, segundo *a lei do menor esforço*.

---

(1) Padre José de Anchieta. — Informação dos casamentos dos indios do Brasil. — Revist. Inst. Hist. Georg. Bras. Tomo 8., pag. 254.

De *yby-çoroca*, se fez, pela defeituosa pronunciação do *y ubu-çoroca*, e, pela queda da vogal muda inicial, *bu-çoroca*, donde, sem mais esforço, se chegou á forma actual *buçoroca*, que é a mais conforme com a etymologia, ou *bossoroca*, *vossoroca* como já outros escrevem.

3.º Decompôr o vocabulo restaurado etymologicamente pelos seus elementos agglutinados, sempre faceis de destacar, collocando-o por esse modo em condições de ser traduzido. O nome *Jacarépaguá*, eminentemente descriptivo, quasi nenhuma corrupção expirimentou, a não ser a quéda de uma vogal muda no meio do vocabulo, e, portanto, facil é decompol-o nos seus elementos agglutinados: *Jacaré-upa-goá*, traduzindo-se: *valle da lagôa dos jacarés.*

4.º Ter sempre em vista que as denominações tupis das localidades ou dos individuos, como todos os epithetos de procedencia barbara, são de uma realidade descriptiva admiravel, exprimem sempre as feições caracteristicas do objecto denominado, como producto que são de impressões nitidas, reaes, vivas, como soem experimentar os povos infantes, incultos no maximo convivio com a natureza. Exprimem tambem meros accidentes em uma circumstancia qualquer, mas que deixaram viva recordação no animo do selvagem.

Assim é, por exemplo, que temos nomes propriamente descriptivos: *Butu-cabaru*, monte que

serve de cavallo ás nuvens; *Para-hy-tinga*, rio de agua branca; *Itá-hy*, rio das pedras; *Ibitiroy* (*Ybitirroy*), serro frio; como temos nomes recordando uma circumstancia habitual: *Jabacoára*, esconderijo de fujões; *Ara-coára*, esconderijo ou paradeiro das araras; *Pirati-óca*, morada ou paradeiro das tainhas. Outros accusam uma producção caracteristica: *Pirituba*, (Piri-tyba) juncal; *Caragoatátuba*, (Caraguatá-tyba) gravatásal; *Sepetiba* (Sapé-tyba), sapesal.

Outros dão o aspecto geral do relevo do solo como: *Inhoã* (Nhû-ã), campo alto; *Ybyã-paba*, extremo do escarpado; *Ybytyretê*, a serra por excellencia. Outros ainda recordam simples episodios ou acontecimentos: *Maran-goá-pe*, no valle da batalha; *Abaré-mandoaba*, lembrança do padre; *Caba-poama*, vespas assanhadas; *Avanhandava* (Abá-nhandaba) a carreira da gente, ou onde a gente corre.

Dahi resulta que, ao interpretar-se um nome tupi, si elle, por ventura, se applica a uma localidade, é mister conhecer desta as feições caracteristicas, quer topographicas, que indicadoras das suas producções mais abundantes, emfim conhecer-lhe a *caracteristica*, tanto a actual como a de outr'ora, que de certo deu origem á denominação que se investiga.

Os exemplos seguintes deixam bem patente o alcance dos preceitos que acabamos de expender.

Comecemos pelo nome *Bertioga*, do canal his-

torico, entre a ilha de Santo Amaro e a terra firme, que tão importante papel representou na incipiente colonisação da capitania de S. Vicente.

E' incontestavelmente o nome *Bertioga* um vocabulo tupi alterado pela dicção portugueza.

Os mais antigos escriptores e chronistas o attestam. Magalhães de Gandavo, no seu Tractado da Terra do Brasil (1576), escreveu *Britioga*. O padre Pero Rodrigues, contemporaneo de Gandavo, na sua biographia de Anchieta, ainda inedita, escreveu *Britioga*.

Simão de Vasconcellos, na Vida do Padre Joseph de Anchieta, escrevia ora *Beritioga*, ora *Piritioga*. João de Laet, que se apoiou nos escriptos de Hans Staden e de Fernam Cardim, escreveu *Britioca*. Entretanto, nas varias edições da obra de Staden se lê *Brikioka* ou *Brickioka*, graphia adoptada pelo auctor das Memorias para a Historia da Capitania de São Vicente, o qual, aliás, assevera ter encontrado em velhos documentos o nome *Buriquioca*, applicado antes a um monte fronteiro á barra do canal do que ao proprio canal e significando *casa de macacos buriquis*.

Erronea, porém, me parece a interpretação do auctor das Memorias, que, de certo, conhecia a obra de Staden, onde colheu o nome *Brikioka*, como colheu *Iwawasuppe*, por elle transformados, no cadinho da interpretação, em *Buriquioca* e *Enguaguaçú*.

Que o nome *Brikioka*, como se lê em Hans Staden, é um erro de cópia ou de composição dos editores da obra do mallogrado aventureiro, se verifica da graphia seguida por João de Laet, que ou teve bases para rejeitar ou corrigir esse erro, ou colheu o vocabulo de algum exemplar mais correcto.

Seja como fôr porém, o facto é que, em nenhum roteiro, chronica ou historia de fonte portugueza, se encontra jamais *Briquioca*, mas sim *Britioca*, *Bartioga*, *Bertioga*, etc. Estas são, portanto, as graphias primitivas e mais proximas da verdadeira, como passamos a demonstrar.

As varias graphias: *Britioca*, *Beritioga*, *Piritioga*, *Bartioga* e *Bertioga* encerram todas um mesmo thema alterado de diversas fórmas, e uma mesma desinencia commum, representados no vocabulo *Pirati-oca*, que quer dizer — *refugio ou paradeiro das tainhas*.

Do thema — *Pirati* — facil é explicar-se como podiam ter vindo — *Piriti*, e as fórmas *Briti*, *Beriti*, *Barti e Berti* pelo abrandamento da consoante inicial e pela quéda ou troca das vozes breves ou mudas.

No mesmo Hans Staden se lê o nome *Bratti* como applicado pelo gentio ao pescado que os portuguezes chamam — *tainha*. Portanto, *Bratioca* ou *Bertioga* têm a mesma traducção, porque constituidos dos mesmos elementos agglutinados:

Brati ou *Berti*, tainha; *oca* ou *oga*, casa, refugio, paradeiro.

A caracteristica do local outr'ora, como hoje, confirma a interpretação. O canal da Bertioga sempre foi muito piscoso, e as tainhas ahi se encontravam em grandes cardumes. Hans Staden refere que esse peixe costuma em certa época do anno deixar o mar e procurar os canaes ou esteiros para a desóva em sitio mais repousado. Por esse motivo as pescarias eram importantes na Bertioga, cuja posse os selvagens disputavam e os colonos portuguezes desde logo comprehenderam a necessidade de defender.

O capitão Burton, que visitou essa região, theatro das proezas e desditas de Staden, verificou em 1865 a abundancia desse peixe não só nas vizinhanças da Bertioga como em toda a costa para além de Ubatuba e *Paraty*, cidade esta cuja denominação procede exactamente de ser esse pescado abundantissimo nas suas aguas.

Como se vê, a interpretação do vocabulo, apoiando-se nas investigações historicas que lhe restituiram a graphia primitiva e verdadeira e tornaram possivel a traducção pela analyse dos elementos agglutinados, se confirma inteiramente pela *caracteristica* local.

Citemos outro exemplo.

O nome *Itaquaquicétuba*, com que desde época remota se designou uma missão ou aldeia de gentio, assentada á margem esquerda do Tieté,

no antigo caminho do Rio de Janeiro, não tem como ser interpretado si se lhe mantiver a graphia actual.

Entretanto, recorrendo-se a velhos documentos e escriptos do seculo passado, vamos encontrar o nome da antiga aldeia guayanã escripto — *Taquaquicétuba*, — como se lê em Antonil na sua *Cultura* e *Opulencia do Brasil*, obra do primeiro quartel do seculo XVIII, e *Taquaquicétyba*, na relação geral que d. frei Manoel da Resurreição, 3.º bispo que foi da diocese de S. Paulo, apresentou a d. Maria 1ª., ao findar o mesmo seculo.

Tapuaquicétyba é, pois, a graphia historica verdadeira, e ainda confirmada pela dicção vulgar da localidade. Separando-se então os seus elementos agglutinados, temos: *Taquaquicé-tyba*, de que a primeira parte ou thema designa uma variedade de *taquara*, que o caipira ora denomina *taóquicé*, ora *tauóquicé* e era abundante no lugar; e a segunda parte, o suffixo *tyba*, exprimindo essa abundancia.

Eis porque se deverá traduzir — *Taquaquicé-tyba* ou como hoje se escreve *Itaquaquicetuba*, por *taquaral da especie taquaquicé*.

Referem os chronistas e viajantes antigos que o gentio denominava — *Anhemby* — ao rio que banha esta capital e traz hoje o nome *Tieté*. De facto, examinando-se velhos documentos, se verifica que aquelle nome não só era o que com-

mummente se dava ao rio historico que foi em outro tempo a verêda dos *bandeirantes* e conquistadores de sertões, como que a graphia do vocabulo, com pequenas variantes, se conservou quasi intacta. No mappa dos jesuitas de 1639 lê-se — *Anyembi* — e nos outros mappas da mesma procedencia, de 1722 e 1732 — *Anembi.*

No mappa de d'Anville, publicado em 1734, conserva-se a graphia dos jesuitas — *Aniembi,* ou *Anhembi,* mas já na edicção de 1748 se lê — *Anhambi* ou Tietê.

No celebre mappa das Côrtes, de 1749, lê-se *Anhambú* ou Tietê, mas no mappa hespanhol de 1760 volta-se á graphia — *Anhembi,* escrevendo-se *Anembi* na edicção de 1768.

No mappa geographico de Silveira Peixoto, de 1768, o primeiro em que vêm figurado os rios entre o Tietê e o Paranapanema com os nomes — *Anembi-miri* e *Pirocaba*, lê-se—*Anembi-guaçû.*

No de Olmedilla, de 1775, o vocabulo conserva a primitiva graphia dos jesuitas—*Anemby*, ao passo que no de d. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão se escreve — *Niembi.*

Glimmer, no seu roteiro de 1602, escreveu *Anhembi* e João de Laet — *Iniambi.*

A graphia, portanto, mais antiga e mais corrente é pois *Anhembi,* que se deve adoptar como a mais correcta, e podendo-se identificar com a palavra *Inhamby*, ás vezes pronunciada *Inham-*

bú, com a qual se designa a perdiz, ave gallinacea, outr'ora abundante nos campos de Piratininga ou de cima da Serra.

Portanto, a denominação antiga, dada pelos primeiros colonos portuguezes, de *Rio Grande de Anhemby* se póde traduzir — *Rio Grande das Perdizes.*

Insistirei ainda no exame interpretativo de outros nomes tupis com emprego na nossa historia e geographia.

Estudemos o nome *Nitheroy* que, como *Guanabara,* já alterado pela dicção vulgar, designou a formosissima bahia do Rio de Janeiro.

Britto Freire, que parece foi o primeiro a divulgal-o, não lhe deu traducção. Antes delle, porém, Simão de Vasconcellos na sua *Vida do Padre Joseph de Anchieta*, refere que o gentio denominava aquella bahia — *Nitherô*, e Hans Staden, entre os portos do Brasil que diz visitados por navios francezes, ao tempo das suas aventuras e captiveiro entre os Tamoyos (1548), cita o de *Iteronne.* O conego Januario da Cunha Barbosa (1) dá-nos para traducção desse vocabulo tupi — *mar escondido.* De facto, examinando-se-lhe os elementos componentes, se verifica que o nome tupi se pode identificar com a palavra *Nhêterô-y*, que assim se explica: *Nhê*

---

(1) Revista do Instituto Hist. Tomo IV—Suppl. p. 8.

ou *anhê* se encontra no diccionario de Montoya com a significação de *abrigar, proteger; — terô*, segundo o mesmo autor, se traduz *coisa torta, encurvada, fazendo seio; y* exprime *agua*, no sentido geral.

A traducção do nome *Nítheroy*, é, pois, *seio de agua abrigado,* em outros termos — *bahia segura.* Entretanto, mais correcta que *Nheteroy* seria no tupi a graphia *Y-nhéterô*, que litteralmente se traduzia *agua abrigada em seio* e estaria mais conforme com as graphias de Staden e de Simão de Vasconcellos, fazendo além disso desaparecer o diphtongo final, difficil de explicar-se com a vogal guttural — *y*.

Não menos interessante para a historia nacional é a interpretação do nome *Cananéa*, que se tornou classico nas investigações deste genero. O senador Candido Mendes fez dessa palavra um estudo consciencioso e erudito, como quasi todas as suas investigações, attinentes á nossa historia; não logrou todavia explical-a completamente, mas fez avançar a questão até o ponto de poder-se admittir que o nome *Cananéa* não procede do calendario e nem relação alguma tem com a figura biblica da mulher de Sarepta (1).

---

(1) Candido Mendes.—Notas para a Historia Patria —Revista do Inst. Hist. e Geogr. Tomo 40, p. 206.

De facto, reccorrendo-se aos mais antigos viajantes e historiadores, se verifica que o nome *Cananéa* não é senão uma palavra tupi lusitanisada por simples homophonia.

Na narrativa de Hans Staden da primeira metade do seculo XVI, se encontra essa palavra com a graphia *Canínee* (1) e na «Historia do Brasil» de frei Vicente do Salvador (1627) *Canené*, palavras que se equivalem e se identificam com o nome *Canindé* de uma especie de arara provavelmente abundante na localidade, em cujas vizinhanças outro povoado e canal com o nome de *Ararapira* lembra ainda a frequencia dessa ave nos sitios que foram outr'ora considerados como limites entre Carijós e Tupinikins.

A corrupção da palavra tupi fez-se porém tão breve e tão profundamente que de *Canindé* ou *Caniné* se alterou para *Cananéa* e ainda para *Cananor*, como se lê na carta de Ruych, de 1508 e no mappa da America da edição de Ptolomeu de 1513.

133. — Não terminaremos esse capitulo sem dizer algumas palavras a respeito das difficuldades da interpretação provenientes da homographia ou homophonia.

Uma palavra tupi, como sóe acontecer em to-

---

(3) O volume da obra de Hans Staden que consultamos é um exemplar rarissimo da 1.ª edição, propriedade do dr. Eduardo Prado.

das as linguas no periodo da agglutinação, é quasi sempre um vocabulo composto.

Dahi vem que os elementos que se agglutinam numa mesma palavra, contraindo-se algumas vezes, ao entrarem na formação do vocabulo novo, perdem de precisão e individualidade, e de differentes que eram quando isolados, passam a dar resultados homophonos ou homographos. Para exemplificar, temos o nome *Guayanã* que se póde decompôr e traduzir de tres modos diversos: *Guayanã* que se traduz: *o que é parente* ou *povo irmão; Guayá-nã* que se traduz semelhante a carangueijo, traducção tanto mais admissivel quanto Gabriel Soares, descrevendo-nos os habitos deste gentio, refere que o mesmo «*vivia em covas pelo campo debaixo do chão*», a modo de carangueijo; *Guaya-nã* que ainda se póde verter por *manso devéras, bonachão,* o que tambem se póde justificar pelo que do mesmo gentio conta o dito Gabriel Soares que nol-o pinta como... «nada malicioso nem refalsado, antes simples e bem acondicionado e facilimo de crer em qualquer coisa...»

Com o nome *Itaguahy* se repete o mesmo facto: *Itágoá-hy,* rio do valle das predras; *Itá-aguai,* guizo ou cascavel metallico; *Taguá-hy,* como se lê em velhos documentos, e se traduz — *rio do tauá.*

Os exemplos na especie são innumeros.

134. — Não poucos erros de interpretação são

os que se originam da imperfeita decomposição do vocabulo e do exaggerado poder, attribuido á força corruptora do idioma.

Carlos von Martius era inquestionavelmente um dos raros homens de sciencia que bem conheciam o tupi. Os seus trabalhos na especie são com justiça considerados um thesouro na linguistica americana.

Martius, entretanto, não era um interpretador seguro. Querendo, por exemplo, traduzir o nome *Guaratinguetá,* o illustre sabio chegou a identifical-o com a phrase *coaracy-ting-oatá,* confiado em que a corruptella a teria modelado ou transformado de tal modo que veiu a constituir o vocabulo discutido, justificando tal identificação com dizer — que é logar *onde o sol chega e volta,* ou muda de curso, por estar a localidade, que traz esse nome, perto do tropico do Capricornio, como se os tupis soubessem astronomia.

Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, nas suas *Etymologias Brasilicas,* não vae tão longe nas suas explicações interpretativas, identifica *Guaratinguetá* com *guaratinga-eté* e o traduz por — *guará muito branco.*

Facil, entretanto, é a interpretação do vocabulo tupi, que, como vimos antes, é *Guaratinga-etá,* ou melhor *Guiratinga-etá,* significando as *garças.*

Freire Allemão traduziu *Araxá* por *bom tempo,* e Saint-Hilaire, que de certo ignorava o tupi,

refere haverem-lhe explicado esse nome, no interior de Minas, como uma phrase de portuguez cassange — *are axá* por *ha de achar*, resposta costumeira de um velho africano aos que lhe pediam noticia de uma mina de ouro, lendaria naquellas paragens. A isto é que Baptista Caetano mui precisamente qualificou *esgarafunchar etymologia*, mister ingrato de que elle mesmo não escapou, como não escapamos nós outros, trazendo até aqui esta ardua tarefa.

135. — Não são, comtudo, destituidos de valor nem de real interesse os estudos deste genero. Não poucas questões de historia por esse meio se acclararam e mais de um problema geographico por esse meio se solveu.

Tambem delle se pode utilisar o interesse da hora presente.

A administração publica, em difficuldades com a confusão oriunda do emprego dos mesmos nomes para mais de uma localidade, dentro ou fóra de uma mesma circumscripção territorial, recorre ao vocabulario indigena como o mais seguro meio de as mais bem distinguir ou assignalar, voltando-se, muita vez, ás denominações de outr'ora, como um recurso ás necessidades de hoje.

Demais, sempre é mais digno de nós, ao empregarmos uma linguagem extranha para designar os logares do nosso nascimento e da nossa habitação, enterdermos-lhe o sentido verdadeiro ou o real significado.

Só assim será menos barbara, se me permittem a expressão, a geographia do nosso paiz.

Humboldt, viajando pelas aguas do Orinoco, refere-nos, como uma lenda pungente, a historia de um papagaio, sobrevivente á extincção de toda uma tribu selvagem a quem essa ave pertencera.

Ficára elle só, o papagaio, unico, naquellas paragens, a repetir as vozes barbaras da lingua dos Aturés, desapparecida, havia tempo, com o ultimo representante da tribu, dizimada pela peste.

Pouzada sobre as ruinas da aldêa extincta, solitaria e triste, a ave fiel cortava o silencio daquellas solidões, monologando um idyllio talvez, naquella linguagem que ninguem mais comprehendia; era um phantasma, deante do qual, celeres nas suas canôas, passavam aterrorisados os novos dominadores da terra dos Aturés.

Não nos succeda o mesmo com as denominações antigas que o gentio brasileiro nos legou e que a nossa geographia patria não fale jamais essa linguagem incomprehendida da ave fiel, mas testemunha sinistra de uma raça que desappareceu.

THEODORO SAMPAIO.

189

Vocabulario Geographico Brasilico

Elucidario etymologico dos nomes tupis com applicação na Geographia e na Historia Nacional

191

Prefixos, suffixos, e elementos diversos que entram na composição dos vocabulos tupís

a pref. o fructo, a gente, a cabeça, o caroço, o botão. Serve para adjectivar substantivos. Ex. *y-agua*; *ay* aquoso.

á suff. tirar, colher, a acção de tirar, o que procede, o que resulta; feito de, composto de.

ã suff. alto, superior; pref. a alma, o espirito, a sombra; como contracção de *ama*, a estada em pé, a posição erecta, a haste.

ab suff. quebrar, ferir, offender.

ag suff. acre, amargoso, azedo, fermentado, venenoso.

aí suff. azedo, podre, acre, ruim.

an pref. e suff., o mesmo que *ã*.

áu suff. manchado, marcado, maculado.

bé suff. duravel, duradouro; junctamente; desde, mais; todo, de todo; como alteração de *peb*, baixo, chato, razo.

bira suff. indica a acção pela passiva, como *pyra*.

boéra suff. é indice de plural; tambem significa: extincto, passado.

boí suff. exprime: estar a pedir, sempre, de continuo.

bora, bor suff. vale pelo suffixo portuguez *ôso*. Ex: *tecotey* ocio; *tecoteybora*, o ocioso. Exprime o que padece ou soffre; o conteúdo; o morador. Vale o mesmo que *pora*, e se contrae frequentemente em *bó*, *pó*, conforme o thema.

bú suff. exprime: sair. resumar, surgir, ferver.

cê suff. exprime propensão, tendencia, inclinação, desejo de.

coéra suff. indice de plural, como *boéra*; e como adjectivo tem o mesmo sentido.

cui suff. indice de plural.

dê suff. exprime o mesmo que *cê, rê*.

ê suff. exprime: sabor de, gosto de.

é suff. differente, diverso, de outra natureza, como *rè*.

eê suff. doce, gostoso, saboroso; o mesmo que *enhê*.

enhê suff. o mesmo que *eê*.

enã suff. vigilante, vivo, alerta.

éra suff. indice de plural como *coéra*.

etá suff. indice de plural:

eyma, ey suff. exprime: falta de, privação de, falta, sem, não.

eiya suff. exprime reunião, bando, collecção, tropa.

guara, guá suff. significa: attinente, que diz respeito. Como prefixo, exprime: vivente, ente, individuo; morador.

guami pref. a comer, para comer; as provisões, os mantimentos; diz-se tambem *guabi*.

i, in suff. é signal de diminutivo; assente, pousado.

i, pref. aquelle que, o que.

mbái suff. mau, ruim.

mbaia suff. trançado, confuso, emaranhado.

moro pref. é indice de superlativo. Ex. *tinga* branco; *morotinga* muito branco, alvissimo. Vale como *poro*.

nã suff. parente, parecido, semelhante.

nhã suff. correr; corrente; que corre.

ó suff. exprime: tapar, cobrir, vedar, impedir, supprimir. E' o mesmo que *og*.

oá suff. cae, nasce; pendente; alteração de *uara*, morador, habitante.

oabo suff. caindo, nascendo; a cair, a partir-se.

oaé suff. é voz para exprimir: aquelle que diz, o que diz. E' o mesmo que *baé*.

ob, oba suff. dilatar, estender; cobrir; a folha; a roupa.

obá suff. aberto, pando, estendido.

oca, oga suff. tapando; a coberta, o abrigo, o refugio, a casa, o covil, o esconderijo, o paradeiro.

oéra suff. indice de plural, como *boéra;* exprime tambem cheio de, coberto de.

oó suff. ter carne, crescer; grosso, espesso, gordo, encorpado.

paba, pá suff. o fim, extremo; a estancia, logar, jazida, poizio.

paâ suff. exprime: estar mettido no meio.

paû suff. no meio entre dous, intervallo, entre.

pé, peba suff. chato, plano, razo, rasteiro. Altera-se segundo o thema em *bé, beba*.

piara suff. o que fica dentro, o que mora, o que reside.

poéra suff. o mesmo que *boéra*.

poí suff. delgado, fino, delicado, tenue.

rá suff. tirar, colher, desatar, soltar.

rab suff. velloso, cheio de pellos, hirsuto, cabelludo.

raca suff. desatando. desatado, desligado, desmanchado.

rana suff. exprime: semelhante, que imita; falso, apparente. E' o mesmo que *rã*.

ráu suff. o que falta inesperadamente, de subito.

rapichara suff. de natureza egual, semelhante a, como.

reá suff. vivente, frequentador, habitual.

ricí suff. serie, ordem, fileira, corda de.

riru suff. exprime: o que contem, o continente, a vasilha.

roá suff. o mesmo que *oá* ou *uara*.

ró, roba suff. amargo; acre

rur suff. o que vem, o que acontece, o successo.

ruru suff. inchado, aguado, aquosa, mucilaginoso.

ta pref. povo, povoação, aldêa; espiga. collecção.

tã pref. contracção de *tama, t-ama*, a estada em pé, a posição erecta; a haste, o tronco.

tê suff. cousa real, importante, verdadeira, seria.

tã pref. contracção de *tãe* ou *tanha*, o dente, a mandibula, o queixo.

tyba suff. exprime abundancia, frequencia; vale pelo suffixo portuguez-*al*.

u suff. agua, rio; comer, beber, morder;

û suff. negro, escuro, preto.

uára pref. e suff. o comedor, o bebedor, o mordedor, o devorador; o vivente, o individuo. E' o mesmo que *guara*, e se contrae em *uá, oá*.

uguaí suff. exprime: édulo, susceptivel de se comer.

y pref. agua, rio, liquido; elle ella, aquelle que; como suffixo: rio, agua; a, para, em.

yá pref. o individuo, o sujeito, o vivente; é contracção de *yara*, dono, senhor; o fructo, a cabaça. Como suffixo, exprime: senhor. dominador; capaz, apto, dextro, habil.

yara pref. e suff. o mesmo que *yá*.

yoca, yoc suff. tirado, procedente, oriundo. Por contracção *yó*.

yó suff. o mesmo que *yoca*.

yuca suff. podre, corrupto, desfeito. Por contracção *yú*.

yú suff. contracção de *yuba*, amarello, louro.

yupí suff. o mesmo que *uguai*.

yuquí. suff. exprime: susceptivel de servir de tempero ou adubo.

NOTA: A maior parte destes suffixos e prefixos são substantivos, adjectivos, verbos, preposições, conjuncções e adverbios, dada a indole aggluttinante da lingua.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Abreviaturas lexicas e bibliographicas usadas neste vocabulario

alt.	alteração de...	guar.	guaraní
ant.	antigamente em outro tempo.	m.	masculino
		pron.	pronuncie
br.	brasilico ou referente á *lingua geral*.	pref.	prefixo
		rad.	radical
c.	composto ou compõe-se de...	s.	substantivo
		suff.	suffixo
corr.	corrupção de...	syn.	synonimo
contr.	contracção de...	tp.	tupí
der.	derivado de...	tp. g.	tupí-guaraní
des.	desinencia	tp. am.	tupí do Amazonas
f.	femenino	tp. c.	tupí da costa
fig.	figurando ou figuradamente.	us.	usado ou usual
		vb.	verbo
		V.	veja

Al.	Alencar (José)	J. Bar.	Januario da Cunha Barbosa
Anch.	Anchieta		
Ant.	Antonil	M. Soares	Macedo Soares
Bap. C.	Baptista Caetano	Mont.	Montoya
Bar. Rz.	Barbosa Rodrigues	Marc	Marcgraff
Can. M.	Candido Mendes	Praz.	Prazeres (Frei Francisco dos)
Caz.	Cazal (padre M. Ayres)		
C. Mag.	Couto de Magalhães	Pis.	Piso
F. Fr.	Ferreira França	Rub.	Rubim (Braz da Costa)
Fr. Al.	Freire Allemão	R. I. H.	Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro
G. Dias	Gonçalves Dias		
G. Soares	Gabriel Soares		
H. St.	Hans Staden	Rot. Braz	Roteiro do Brasil de 1587
L. e Alm.	Lacerda e Almeida		
Ler.	Lery	Var.	Varnhagen
Iv.	Ives d'Evreux	v. Mart.	von Martius

NOTAS — Os accentos usados neste vocabulario são do mesmo valor que no portuguez.

Os algarismos constantes do elucidario indicam os paragraphos que se devem consultar no texto.

Os nomes dos Estados, apenas citados, indicam a procedencia da denominação.

1957

Vocabulario Geographico Brasilico

A

Aba, s. cabello, pello, lã, pennugem.
Abá, s. gente, pessoa, homem, varão; tp. g, e tp. c *abà;* tp. am. *auá*, contr. *a*.
Abacaxi, corr. *ibacaxi*, c. *ibá*, fructa, *caxi=catî*, rescendente, cheirosa. M. Soares.
Abaetê, c. *aba-êtê*, homem verdadeiro, isto é, illustre, forte corajoso, excellente; o varão.
Abaré, c, *abá-ré*, homem distincto, differente dos outros, o padre, ou missionario. 128, S. Paulo, Bahia, Pernambuco.
Abarébêbê, c. *abaré-bêbê*, ou *abaré-uêuê*, padre que vôa, padre ligeiro, incansavel; appellido do padre Leonardo Nunes entre o gentio de S. Vicente.
Abarémandoava, c, *abaré-mandoaba*, a lembrança, memoria ou recordação do padre; 132; S. Paulo.
Abaçay c. *abá-çai*, o homem que espreita perseguindo, o diabrete; genio malefico entre os indios.
Abatirá c. *ába-atirá*, os cabellos erguidos, levantados em topéte. Indios do Reconcavo da Bahia.
Abaoçanga c. *ába-oçanga*, os cabellos desgrenhados ou soltos. Nome de um valente chefe dos Tamoyos, refugiado nas montanhas de Macahé, no seculo XVI.
Abatituba corrr. *abati-tyba*, o milharal. Alt. *Batituba*.
Abaty corr. *ába-tî* os cabellos brancos, o milho, allusão aos fillamentos ruivos, esbranquiçados que envolvem a espiga por baixo da palha. (*Zéa Mais* L) Alt. *Avati*. V. *Ubatim*.
Abuna, c. *abá-una*, gente negra, pessoa vestida de preto.
Abutuhy, c. *abutu-y*, rios das abutuas, ou butuas; Rio Gr. do Sul.

——

Aca, s. ponta, corno, chifre.
Acã, s. contr. *acanga*. cabeça, creneo, botão, caroço, pomo.
Acaiacá, s. o cedro brasileiro (*Cedrella Brasiliensis*).
Acaiacatinga, c. *acaiacà-tinga*, cedro branco; corrompe-se em *caiacatinga*.
Acajú, s. *acâ-yú*, pomo amarello; o cajú (*Anacardium occid.*) tp. g
Acajutiba, c. *acayú-tyba*, cajueira ou cajual, abundancia de cajueiros; 118.
Acajutibiró, corr. *acayú-tebirõ*, o cajú espremido ou sem a castanha; Parahyba do Norte.
Acangatara, c. *acanga-tara*, ornato da cabeça; altera-se para *cangatar; canitar*.
Acangussú, c. *acanga-uçú*, cabeça grande, cabeçudo; altera-se para *Cangussú*.
Acapora, c. *aca-pora*, o conteudo do corno, do osso; o tutano, a medulla, o sabugo.
Acará, s. c. *a-cará* cabeça aspera, *o cascudo, o escamoso*, peixe escamoso d'agua doce, communissimo nos rios do Brasil, *(Ghromis acará)*, diz-se vulgamente—*cará*.

Acaracú, corr. *acará-hy*, pronunciado incorrectamente *acará-hú* e *acará-cu*, rio dos acaràs; 75, Ceará. Alencar interpretou erroneamente--*rio das garças*, confundindo com *aguará*, a ave vermelha, *Ibis rubra*.

Acarahú, v. *Acaracú*.

Acarahy, c. *acará-y*, rio dos acarás; altera-se ás vezes para *Carahy*; corr. *a-caray*, gente santa.

Acarape, c. *acará-pe*, nos *acarás*, Ceará 62.

Acarapeba, c. *acará-peba*, acará meúdo, inferior; altera-se para *carapeba* ou *carapeva*.

Acarapucú, c. *acará-pocú*, acará comprido, longo ou esguio; altera-se ás vezes para *carapucú* ou *carapicú*.

Acaraúna, c. *acará-una*, o acará escuro.

Acaray, V *Acarahy*.

Acarembó, c. *acará-yembó*, arroio dos acarás; 102; altera-se para *acarembú*.

Acari, s. peixe d'agua doce, vulgo *Cari* (*Loricaria plecostomus*).

Acauã, corr. *acã-uá*, contracção de *acã-uara*, o comedor de cabeças (de cobras). E' a ave protectora dos indios, por ser inimiga das cobras, a que ataca e devora. (*Falco cachinans*). Entre os guaranís é chamada *Macaguá*. V. *Macaguá*.

Acayá, *acã-yá* s. o caroço cheio, justo; fructo que é todo caroço, fructo conhecido, vulgo *cajà* (*Spondias brasiliensis*).

Acayaiba, corr. *acayà-yba*, arvore da cajá, o cajazeiro; pode ser tambem *acayà-aiba*, cajá azeda ou ruim; altera-se ás vezes para *Cajahiba*; Bahia.

Acayú, V. *Acajú*.

Açatunga, corr. *açá-tunga*, atravessa nuvem nos olhos, escurece a vista. Designa uma planta com propriedades medicinaes muito interessantes. V. *Guaçatunga*.

Açôcê, s. a abundancia, o que sobresae ou avulta; serve de nome de mulher. Prep. por sobre.

Açoyaba, participio do verbo *açoy*, cobrir, vedar, proteger; portanto, coberta, cobertura, véo, anteparo, abrigo, protecção; altera-se ás vezes para *açoyá, açoyava*.

Acre, corr. *akiry*, alterado em *acry* e *acre:* c. *akir-y*, rio verde; Amazonas, Bolivia.

Açú, adj. grande, eonsideravel; altera-se conforme a gamma do thema com que se combina em *ocú. uçú guaçú*.

Acú, s. quentura, calor ardente; S. Paulo.

Acupe, c. *acú-pe*, na quentura, no quente, no logar abrasado, Bahia. 62.

Acurú, s. *a-curú*, cabeça saliente; encaroçado; o seixo, o calháo, torrão, cascalho; V. *curú*.

Acuruy, c. *acuru-y*, rio dos calháos ou dos seixos.

Acuti, *a-coti*, individuo que se posta, ou se assenta, allusão ao habito desse animal de se sentar para comer; o animal roedor, vulgo, *cutia* (*Dasyprocta*).

—

Aguapé, corr. *guapé* como ainda em 1805 escrevia Martim Francisco em sua *Viagem Mineralogica*, e identico a *guapeba* ou *guapeva* como agora se diz. M. Soares bem interpretou, traduzindo *aguá-pé*, redondo e chato, alludindo á folha redonda, grossa e plana das nymphéas que cobrem alguns dos nossos rios e lagôas. *Aguá* ou *guà*, redondo, circular, curvo; *pé*, contr. de *peba*, chato, plano, nivelado.

Aguapehy, c. *aguapé-y*, rio dos guapés, ou nymphéas; S. Paulo, Matto Grosso; V. *aguapé*.

Aguará, s. nome de uma ave aquatica, a garça vermelha, *Ibis rubra*, tambem chamada *guarà*. Tambem designa confusamente um cão silvestre do Brasil, *Canis jubatus*. Desm. Azarae, *Canis vetulus* Lund. Deve-se antes dizer *aguàra* para designar o *cachorro do matto*.

Aguanambi, c. *aguà-nambi*, a orelha de cão. V. *Aguará*. Alt. *Eguanambi*. Ceará.

Aguaracá, c. *aguará-caba* ou *aguará-cá, a vespa de cão*, a vespa peçonhenta.

—

Aí, adj. contr. *aiba* e por corrupção *aiva*, que alguns escrevem *ahyba* ou *ahyva*, usado como suffixo para significar — ruim, máo, agro, azedo, insignificante, imprestavel. Como substantivo designa a *preguiça* animal da familia dos *Bradypodas*, isto é, o *Bradypus tridaclytus*, o mais commum na America do Sul. Segundo Tschudi, a denominação *Aí* procede do grito do animal que articula um *a* fechado muito prolongado, seguido de um *i* curto e aspirado.

Aî, adj. equivalente a *aim*, suff., crespo, enrolado, rugoso, aspero, murcho; aguçado, cortante.

Ãi, pronunciado *ãe*, equivalente a *anha*, suff., aguçado, pontudo; em gancho, encurvado.

Aíba, V. *aí*, adj.

Aiera, c. *aí-uéra* preguiça ladina ou experta, é a mesma *irára* ou papamel (*Galictis barbara*).

Aimirim, c. *aí-mirim*, preguiça pequena (*Bradypus pidactylus*).

Aimpim, c. *a-ipî* raiz enxuta, a mandioca mansa.

Aipixuna, c. *aí-pixuna*, a preguiça escura (*Brad. torquatus*); o aipim de casca preta.

—

Ajura, s. o pescoço, o collo, o gargalo.

Ajurí, s. *ajur-i*, pelo pescoço, no mesmo jugo. Reunião para trabalho confraterno. Amazonas.

Ajuricaba, s. o trabalho confraterno; o tempo para esse fim.

Ajurú, c. *ajur-û*, pescoço escuro, nome de uma casta de papagaios (*Psittacus*); altera-se ás vezes para *agerú* e *gerú*. M. Soares interpretou *a-jurú* boca de gente ou fala de gente.

Ajurú-curáu, o papagaio maldisente (*Psittacus amazonicus*).

Ajuruetê, c. *ajurú-êtê*, papagaio verdadeiro, ou legitimo.

Ajurim, c. *ajur-im*, collo breve, pescoço curto.

Ajurujuba, c. *ajurú-yuba*, o papagaio amarello, 109. Segundo os viajantes antigos, assim se appellidavam, entre o gentio, os francezes e allemães por trazerem barbas ruivas, isto é, *a-jurú-yuba*, litteralmente, gente de bocca amarella ou de barba ruiva.

—

Ayuruoca, c. *ajurú-oca*, paradeiro ou refugio dos papagaios; Mi-Geraes. V. *Ajurù*.

Aybirá, c. *a-ybyrá*, cousa feita de madeira, a fortificação, o forte, a fortaleza.

—

Alambary, corr. *araberî, arabé-r-î*, baratinha, peixinho; altera-se ás vezes para *lambary, aramary, aramery, aramaré*.

Am, suff. em pé, alto, erguido, tezo.
Amaetinga, corr. *embay-tinga*, a imbaúba branca. Alt.: *Maitinga*,.
Amana, s. a chuva, a nuvem chuvosa, nimbus; tp. g. *amã*.
Amanaçú, c. *amana-açú*, chuva copiosa, tempestade, nuvem pejada.
Amanajó, c. *amana-yó*, o que vem ou procede da chuva ou das nuvens; Parà, Amazonas.
Amanary, c. *amana-r-y*, a agua da chuva.
Amanayara, c. *amana-yara*, o senhor das nuvens, o manda-chuva.
Amantiquira, nome primitivo da Serra da Mantiqueira; c. *amãtykir*, a chuva gotteja ou cae aos pingos, allusão á constancia das nuvens chuvosas sobre o dorso dessa cordilheira. C. Mag. interpretava-*mã* ou *mbaê*, cousa, *tykir* que verte, que mina, isto é, a *vertente*, ou a Serra das vertentes, pelas muitas que ha nas encostas daquelles montes.
Amaniyú, s. o algodão; altera-se ás vezes para *maniú, mandejú*.
Amaniutyba, c. *amanyú-tyba*, algodoal, 118. Alt.: *amaniutuba*.
Ambaiba, corr. *embá-yba*, arvore deôco (*Cecropia*); altera-se ás vezes em *embaúba, imbaúba, embaú*.
Ambaitinga, c. *embá-yba-tinga*, contr. *embay-tinga*, a embaúba branca. Alt.: Amaitinga.
Ambú, s. o fructo do ambuseiro, diz-se commumente: *umbú* ou *imbú* (*Spondias tuberosa*).
Amoipiras, c. *amô-y-pira*, o que fica da outra banda ou margem, o visinho; nome de uma tribu selvagem das margens do rio S. Francisco.

—

An. s. o mesmo que *anga*, a sombra, o vulto, a alma, o espirito; 125.
Andá, corr. *a-ãtã* ou *ã-dã*, o fructo rijo, a noz, a amendoa dura.
Andaçú, c. *andá-açú*, a noz grande, a amendo grande. V. *Andá*.
Anacés, c. *anã-cê*, parente chegado, consanguineo; nome de uma tribu selvagem.
Anagé, s. o gavião; alt.: *Nagé*, Bahia.
Angaetá, c. *anga-etá*, as almas. 25. S. Paulo.
Anhemby, corr. *Inhemby*, c. *y-nhamby*, rio abaixo; nome do rio Tieté, ao tempo das expedições dos bandeirantes. Pode ser corr. *Inhambu-y*, o rio das perdizes. S. Paulo.
Anajá, s. a palmeira *inajá* (*Maximilianae*); Pará, Amazonas.
Anajatuba, c. *anajá-tyba*, palmar de inajás; Pará.
Anama, s. o parente, o consanguineo; contrahe-se muitas vezes em *anã*.
Andaiá, c. *anda-yá*. copioso em amendoas. V. Indayá.
Andarahy, corr. *andirá-y*, rio dos morcegos; Rio, Bahia,
Andirá, s. o morcego, vampiro.
Andiroba, corr. *nhandi-iroba*, oleo amargo, o fructo de que se extrahe esse oleo.
Audrequicé, corr. *andirá-kicé*, faca de morcego, especie de graminea; Alagôas, Minas Geraes.
Anga, s. a alma, a sombra, o vulto, o espirito; V. *an*.
Angá, contr. *angaba*, visão, apparição, phantasma, assombração; tambem designa a arvore commumente conhecida por *ingá* (*Inga dulcis*).
Angaiba, c. *anga-aiba*, alma infeliz, ou damnada, visão mà; tambem pode ser corrupção dc *ingá-yba*, arvore de *ingá* ou ingazeiro.
Angaturama, c. *anga-turama*, a vinda da sombra ou do espirito, bom presagio; V. *gaturamo;* Bar. Rz. traduz: bondade, virtude, alma bôa, justa.

Angoera, c. *ang-oéra*, alma passasada, o espectro, a alma de outro mundo; as almas. 25
Angoeraba, s. a assombração, a visão, o apparecimento de espectros.
Anhã, s. c. *an-nhan*, genio ou espirito que vaga, que corre, genio andejo, o diabo; altera-se o vocabulo ás vozes em *inhan;* H. St. escreveu *Ingange* e Lery *Aignan*, pron. *Enhan*.
Anhanga, s. o mesmo que *anhã*; G. Dias escreveu *Anhangá*, talvez por necessidade do verso; 124.
Anhangaba, s. a diabrura, o maleficio, acção do diabo, o feitiço. Contr. *anhangá*.
Anhangabahú, corr. *anhangaba-y*, rio ou ribeiro do maleficio, da diabrura ou do feitiço; 75; S. Paulo.
Anhangahy, c. *anhanga-y*, rio do diabo, ou agua do máo espirito.
Anhanguara, corr. *anhan-coára* ou *anhan-quára*, a morada ou esconderijo do diabo.
Anhangoéra, c. *anhan-goéra*, o diabo velho, o genio manhoso e velhaco; appellido de Bartholomeu Bueno da Silva, o descobridor de Goyaz; S. Paulo.
Anhangaquiabo, corr. *anhanga-kiaba*, pente do diabo, semente aspera com aspecto de pente, alojada n'uma fava ou bainha; *anangkibaba*, Rub., *anhanga-kiabo*, pente de phantasma, pente de macaco, v. Mart.
Anhanrupiá, c. *anhã-rupia*, raça ou descendencia do diabo.
Anhaú, corr. *anhã-ú* ou *anhã-û*, o diabo preto, o mesmo que *anhangahû*.
Anhonhecanhuva, corr. *anhanga-canhyma*, o sumidouro do diabo. Minas.
Antã, adj., suff., forte, duro, rijo; V. *ãta*; altera-se conforme o thema em *atã, çantã, e tã*.

—

Apé, s. o caminho, a vereda, o trilho; 113; alt.: *pé*.
Apeaçaba, c. *apé-açaba*, a sahida do caminho, onde vem ter o caminho, o porto; 114; altera-se não raro em *apeaçá, peaçá, beaçá, mbeaçá, mbeaçaba, peaçaba*.
Apeaçú, c. *apé-açú*, caminho largo, grande, estrada; 113.
Apereá, s. animal roedor, vulgo, *préa*, (*Cavia Apereá*); c. *apé-reá*, mora no caminho.
Apereatuba, corr. *apereá-tyba*, preás em ábundancia; 109; S. Paulo.
Apiá, contr. *apiaba*, s., o homem. o macho dos animaes; adj., o circumciso; adj., *a-piá*, manchado, pintado, marcado; s., *apiab*, cabeça arredondada, a glande, o castão; Bap. C.
Apiaba, s. o macho dos animaes, o homem, o varão; tp. g. *apiá*, tp. am. *apgáua, apigaua*.
Apichaim, c. *a-pichaim*, o cabello crespo, encaracolado, encarapinhado, rugoso; no Norte do Brasil se costuma diser—cabello *pichaim*.
Apigaua, s. o macho, o varão. *V. apiaba*.
Apicû, corr. *apé-cû*, lingua de caminho, restinga, cómoro de areia, duna.
Apihay, c. *apiaî-y*, o rio dos meninos. S. Paulo. V. *Apiaî*.
Apiaî, c. *apiá-î*, o homensinho, o menino, 28.
Apipucos, corr. *a-pipuc*, o tropel de gente. Pernambuco.
Aporá, corr. *a-porã*, elevação ou altura bonita, cabeço formoso, designando algum serro ou montanha destacada; Bahia, Pernambuco.

—

Aquiraz, corr. *a-qui-rá*, cata piolho. *A-qui* é o piolho de gente, ou o da cabeça; *rá*, é suffixo que exprime *tirar, colher*. Tambem pode ser corr. *aquîráa*, caroço grande de fructa. Mont. Nome primitivo de uma cabilda de selvagens do Ceará.

Ará, s. nome generico para as aves da familio dos papagaios (*Psittacidæ*); c. *a-rá*, tirando á gente.

Arabé, s. a barata, o bizouro, o escaravelho.

Arabery, c. *arbé-r-y*, rio das baratas; corr. *araberi*, a baratinha, o peixinho d'agua doce conhecido por *lambary*, ou *alambary*, (*Chalceus nematurus*).

Araboya, c. *ara-boy*, a cobra do ar, a serpente que salta pelos ares.

Arabutam, corr. *guarapitã*; pau vermelho, ou pau-brasil; a graphia *arabutan* é de Lery e dos autores francezes do seculo XVI.

Araçá, s. nome dado ás myrtaceas do genero Psidium; c. *ara-açá*, estação, epoca, Bap. C., allusão ao facto de apparecer o fructo do Psidium em tempo proprio.

Araçaiba, corr. *araçá-yba*, arvore do araçá, araçazeiro (*Psidium)*;

Aracajú, *ará-acayu*, cajueiro dos papagaios; Sergipe.

Araçari, s. especie de tucano (*Pteroglossus*).

Araçariguama, *araçari-guama*, comedouro ou viveiro de tucanos, araçaris. *V. Guama*; S. Paulo.

Araçatuba, corr. *araçá-tyba*, onde abundam araçás; alt: *araçatyva*. S. Paulo.

Araçoyaba, c. *ara-açoyaba*, o amparo contra o tempo, o chapéo, a cobertura. Nome dado a montes isolados com a forma da cópa de um chapéo. A denominação — *morro do chapèo* é traducção de *araçoyaba*. Alt: *araçoyá*. S. Paulo. V. *Açoyaba*.

Aracaty, corr. *ára-caty* ou *aracatù*, vento muito, ou rajada forte; designa, no Ceará, uma cidade das margens do Jaguaribe e um vento mui forte que ahi sopra de repente. Pode tambem ser: aragem cheirosa; vento que cheira.

Araçaubatuba, corr. *araça-yba-tyba*, araçaseiros em ambundancia, arvoredo de araçás; S. Catharina.

Araçoyá, contr. *araçoyaba*.

Araripe, corr. *arari-pe*, nas araraziinhas, nos papagainhos. Ceará, 28.

Aracê, c. *ara-cê*, o dia sai, desponta; a aurora. V. *Aracy*. Alt. *Arachê, Arachá, Araxá*. 4.

Arayboia, c. *arayb-boya*, a cobra de tempestade, ou do mau tempo. E' o nome de uma serpente aquatica. esverdeada e de cabeça escura que ao gentio parecia roncar com o mau tempo. O chefe dos *Temiminós*, que auxiliou os Portuguezes na conquista do Rio de Janeiro, expulsando os Francezes, chamava-se *Arayboia*, nome que Anchieta escreveu *Araygboia*. V. *Arayba* ou *Araiba*.

Aracapá, corr. *oáracapá*, o escudo, a rodella feita de vime, o pavez, usado pelos indios *Rodellas*. Bahia.

Araibú, c. *ará-ybù* ou *ará-ypú*, manancial dos papagaios, ou olho d'aguà dos papagaios. Ceará.

Arapiraca, corr. *ybyrá-pi-ráca*, o pau de casca que se destaca. V. *Ybyrá*.

Araiba. corr. *ara-ayba*, o tempo mau, a tempestade . Alt: *Aray*.

Araçoahy, cor. *araçoyá-y*, rio do chapéo ou do cócar de plumas; Minas Geraes.

Aracy, c. *ára-cy*, a mãe do dia, a aurora.

Araez, corr. *ará-ê*, o amigo dos papagaios, affeiçoado a estas aves; nome de uma tribu selvagem de Goyaz.

Araguá, c. *ará-guá*, valle ou baixada dos papagaios.

Araguay, c. *araguá-y*, rio do valle dos papagaios.

Araguaya, v. *araguay*.

Araguary, c. *araguá-r-y*, rio do valle ou baixada dos papagaios.

Aramaré, corr. *aramery* ou *aramary*.

Aramary, s. o mesmo que *arabery*, baratinha, peixinho, vulgo, *lambary* ou *alambary;* altera-se, ás vezes, em *alambaré* ou *lambaré*. (*Chalceus)*.

Aramery, V. *aramary*.

Arapehy, corr. *arabê-y*, rio das batas, ou dos lambarys.

Arapiranga, c. *ara-piranga*, clarão ou dia vermelho, barras do dia, arrebol; papagaio vermelho.

Araponga, V. *Guiraponga*.

Arapuca, V. *Guirapuca*.

Arapuá, corr. *ira-apoã*, mel redondo, ou ninho de abelhas redondo.

Araquã, s. ave conhecida (*Penelope Araquan*).

Araquara, c. *ará-quara*, paradeiro ou esconderijo dos papagaios.

Arara, s. augmentativo de *ará*, nome applicado aos papagaios grandes (*Psittaceus Macrocereus*) V. *Ará*

Ararà, s. o mesmo que *irará*, nome de uma formiga alada, v. Mart; Bahia.

Araracanga, c. *arara-acanga*, a cabeça d'arara; o arroio das araras.

Ararangaba, c. *ara-rangaba*, signal, medida do tempo, o relogio; tp. m. *ara-rangáua*.

Araranguá, c. *arára-anguá*, rufo, ou rumor dos papagaios; S. Paulo, Sta. Catharina.

Ararapira, c. *arara-apira*, cabeceira das araras; S. Paulo.

Araraquara, c. *arara-quara*, refugio ou viveiro das araras; S. Paulo.

Araray, c. *arara-y*, rio das araras; corr. *arara-î*, arara pequenina, ararasinha.

Arary, V. *araray*.

Araritaguaba, c. *arara-itaguaba*, barreiro das araras; S. Paulo; nome antigo da cidade de Porto Felix. V. *Itaguaba*.

Araruama, c. *arara-uama*, comedouro ou bebedouro das araras. V. *Guama;* Rio de Janeiro.

Arassari, V. *Araçari*.

Arassuahy, V. *Araçoahy*.

Arataca, c. *ara-tac*, colher batendo com estrepito, apanhar desabando sobre; armadilha usada para as aves, ou caça meúda.

Aratanha, c. *ará-tanha*, bico de papagaio, nome de uma Serra no Ceará.

Aratú, s. especie de carangueijo, *(Grapsus)*; Bahia.

Arauna, c. *ará-una*, papagaio escuro, quasi negro, especie de arara azul, o *canindé*.

Aricanduva, corr. *arican-dyba*, palmar de airis ou aricangas; aricangas em abundancia; S. Paulo.

Aririaia, corr. *airi-aia*, palma airi de boa qualidade; S. Paulo.

Ariró, c. *airi-roba* ou *airi-ró*, o *airi* amargo, o palmito amargoso. Rio.

Ariranha, corr. *Irarana*, c. *irárana*, parecido com a *irára*; é a lontra dos nossos rios. V. *Irára*.

Aruan, adj. quieto, pacifico, bem parecido, sympathico; nome de uma tribu da ilha de Marajó; Parà.

Arú, V. *Guarú*.

Arujá, c. *arú-yá*, pleno de barrigudos, cheio dos peixinhos barrigudos. V. *Guarú*. S. Paulo.

—

Assahi, corr. *yá-çai*, fructo que chora, reçuma ou deita agua, allusão ao côco da palmeira *Euterpe oleracea*, v. Mart., M. Soares; Pará.

Assaquera, corr. *açá-quéra*, a travessia de outr'ora, onde vinha crusar o caminho velho, o porto de outro tempo; S. Paulo.

Assaré, corr. *açá-ré*, travessia differente, atalho; Ceará.
Assu, adj. grande, consideravel; V. *açú*.
Assunguy, c. *a-çuguy*, o sangue de gente; corr. *açuguí-y*, o rio do sangue. S. Paulo. V. *Abá*.

—

Atã, adj. duro, rijo, apertado, si é corrupção de *âtâ*; meio, entremeado, espaçado si é de *atâ*. V. *Antä*.
Atíbaia, ant. *Tybaia* ou *Thibaia* como o escreveu Ayres do Casal. c. *ty-b-aia*, agua ou manancial saudavel. S. Paulo. Pode ser corr. *ty-baia*, a agua trançada, confusa ou revolta.
Atuá, s. a cerviz, o cogote, o pescoço.
Atuahy, c. *atuá-y*, rio do cogote.
Atyra, s. o mesmo que *ytyra*, altura, elevação, montão, cabeço, comoro; altera-se este vocabulo muitas vezes em *uityra*, *uitêra*, *tyra*, *tyr*, *tri*, *tra*, *tura*, *tur*. 79.

—

Avá, corr. *abá*. V *Abá*.
Avahy, corr. *abá-y*, rio da gente; pode ser ainda *aba-y*, rio dos cabellos; Paraguay.
Avanhandava, corr. *abá-nhandaba* a corrida da gente, o logar onde *a gente anda ás carreiras* para evitar perigos da navegação; nome de um salto do rio Tieté, S. Paulo; 120. Lac. e Alm.
Ayacá, s. o cesto, receptaculo feito de cannas, vulgo, *jacá*.
Aymberé, tp. g. *amberé*, a lagartixa, o lagarteto.
Aytinga, c. *ai-tinga*, a preguiça branca; S. Paulo.
Ayuru, V. *ajurù*.

B

Bacaetava, corr. *Yba-caitaba*, a queimada de arvores, a *queimada* como vulgarmente se diz; S. Paulo.
Bacanga, corr. *ybá-canga*, o carôço da fructa. Pode, porem, proceder de *ypá-canga* e então significa: a cabeceira da lagôa. Maranhão. *Ubacanga*, o osso da coxa.
Baê, corr. *mbaê*, a cousa, o objecto, o haver; altera-se muitas vezes na composição dos vocabulos em *mãe*, *baé*, *mã*. *bá*. 68.
Baependy, corr. *mbaê-pindi*, cousa aberta, limpa, ou simplesmente a *aberta*, o *limpo*, allusão a um campo ou clareira na matta marginal do rio Grande, facilitando a passagem do caminho aberto pelos Paulistas, descobridores das Minas Geraes. Nos antigos documentos e roteiros se lê *Maependi*; M. Geraes.
Bagé, corr. *pagé*, o feiticeiro, o santão do gentio; Rio Grande do Sul. V. *Maír*.
Baepina, corr. *mbae-pina*, a cousa limpa, o limpo; os pelaes.
Baiacú, ant. *maiacú*, corr. *mbaêcú*, cousa quente, bicho quente; nome de um peixe venenoso que se infla ao calor do sol ou por simples fricção da pelle da barriga. 68.
Bamba, palavra kichúa, o mesmo que *pampa*, campo, planicie; Perú, Bolivia.
Bambuhy, palavra hybrida e relativamente moderna, c. *bambú-y*, rio dos bambús; Minas, Rio de Janeiro.
Banabuihú, se fôr tupí, é corrupção de *paná-puyú*, brejo ou pantanal das borboletas; Ceará; V. *paná*, *puyú*.
Banharão, corr. *mbaê-nharon*, cousa braba ou bicho bravo, fera; 69; S. Pauo; Lac. e Alm.
Baracéa, corr. *pora-acê*, ajuntamente de povo, o festim, a dança, os folguedos; nome antigo de uma localidade em S. Paulo.

Babitonga, Antigamente *Bopitanga*, c. *bo-pitanga*, o signal vermelho, a mancha vermelha. S. Catharina.
Baguá, corr. *ypá-guá*, o morador ou vivente dos brejos; o *socó*, (Ardea).
Baguary, corr. *ypáguá-r-y*, o rio de socós. V. *Baguá*. E' tambem a ave aquatica do genero *Ciconia*, *Maguary*.
Barati, corr. *pirá-tî*, o peixe branco ou prateado. 132.
Barauna, corr. *ybyrá-una*, a madeira preta. Alt.: *Byrauna*, *Berauna*, *Barauna*. Rio de Janeiro, Bahia.
Baruery, corr. *mberuî-r-y*, o rio dos mosquitos. S. Paulo.
Bariry, corr. *mbaê-rirî*, cousa que corre, flue, se agita, ferve ou palpita; é como se dissesse o fervedouro, nome applicado ás corredeiras ou rapidos dos rios brasileiros; S. Paulo; 104.
Bartyra, corr, *botyra* ou *ybotyra*, a flor; é usado como nome de mulher. Quer a tradição que fosse esse o nome da mulher de João Ramalho e filha do principal Tibiriçá.
Bassuby, corr. *yba-açú-y*, rio da arvore grande, ou do pau grande; Rio de Janeiro.
Batatã, corr. *ybá-tãtã*, o fructo duro; a canna brava.
Batitinga, corr. *abati-tinga*, o milho branco. Alt.: *Vatitinga*.
Batovy, corr. *ybá-t-oby*, a fructa verde. Pode ser tambem corrupção de *ybatyb-y*, alterado para *ubatub-y*, o rio de pomar, ou do cannavial. V. *Ibatuby*.
Baturité, corr. *ybytyra-etê*, alt. *ubutur-etê*, *butur-êtê*, montanha verdadeira, a serra por excellencia; Ceará; V. *ybytyra*; 81.

—

Beijú, corr. *mbeijú*, enroscado, enrolado, bolo de mandioca torrado, 119.
Berá, corr. *beraba*, ; adj. resplandecente, brilhante, reluzente ; alt. *verava*, *verá virá*, *birá*.
Bertioga, corr. *parati-oca*, alt. *barati-oga*, *barti-oga*, *berti-oga*, casa, refugio ou paradeiro das tainhas; nome de um canal que separa a ilha de Sto. Amaro do continente, S. Paulo, 112, 129.
Betum, corr. *petym*, o tabaco, o fumo (*Nicotiana T.*)

—

Biaçá, corr. *mbeaçába*, alt. *beaçába*, *beaçà*, *biaçá;* c. *mbê* ou *pê* caminho, trilho, vereda, *açaba* ou *açá* travessia, córte, cruzamento, sahida, isto é, onde o caminho atravessa ou crusa um rio ou esteiro, o porto; altera-se muitas vezes em *embiaçá*, *imbia-çaba*.
Bibiribe, corr. *bibiry-pe*, c. *bibi-r-y-pe*, no rio do vae-e-vem ; pode ser ainda corr. *pipiri-y-pe por piripiri-y-pe*, no rio dos juncos, ou do juncal, Pernambuco.
Biboca, corr. *yby-boc*, alt. *bi-boc*, terra, chão, fendido ou rasgado, M. Soares; emprega-se tambem no sentido figurado como significado *casinha de palha*, *casebre barreado*, neste caso porém o vocabulo *biboca*, c. *yby-b-oca*, se traduzirá *casa de terra* ou *de barro*.
Biraçoyba, corr. *ybyrá-açoyba*, a cobertura de madeira.
Biriba, corr. *mbirib*, curto, breve, alludindo a um páo que serve de cacête ou porrete. Em Alagôas diz-se *imbirlba*. No Rio Grande do Sul, è appellido dos moradores de serra acima e dos paulistas, sinonymo de mattuto e desconfiiado; designa tambem uma arvore. V. *Miriba*.
Biritinga, corr. *pirí-tinga*. junco branco, Bahia.
Bitú, corr. *ybytú*, o vento, o sopro, a aragem; alt. *botú*, *butú* e *bitù*

quando entra da composição de outros vocabulos.

Biguá, corr. *py-goá*, o pé redondo, o palmipede.

—

Boa, corr. *mboy*, alt. *boy*, a cobra, a serpente, o ophidio; é especialmente usado para designar a giboia (*Boa constrictor*).

Boapaba, corr. *ybyapaba*, alt. *ubuapaba, buapaba, boapaba*; 76. V. Ibiapaba.

Boassu, corr. *mboy-açú*, serpente, cobra grande; Rio de Janeiro.

Boava, V. *Emboaba.*

Bocá, corr. *mbocaba,* alt. *bocaba, bocá*, a espingarda, o fuzil, o que dispara, o que estronda; V. *mocaba, Pocaba.*

Bocayuva, V. *Macahuba.*

Boigoatiara, corr. *mboy-quatiára*, cobra pintada; S. Paulo.

Boipeba, corr. *mboy-peba*, a cobra chata; do habito que tem este ophidio de se achatar quando provocado.

Boissucanga, corr. *mboy-açú-canga*, o esqueleto de cobra, a espinha da serpente.

Boitatá, Anchieta escreveu *Mbaetatá* c. *mbaé-tatá*, cousa que é toda fogo; fogo fatuo; phosphorescencia. V. *Macachêra.* E' um genio da mythologia indigena.

Boiquissaba, corr. *mboy-kiçaba*, ninho ou dormida de cobras, 68.

Boiroiçanga, corr. *mboy-roiçanga*, cobra fria; Anch.

Boissininga, corr. *mboy-cynynga*, cobra resonante, cobra chocalhante, a cascavel; altera-se não raro para *boicinunga* e *boiçununga*, Anch.

Boissú, corr. *mboy-oçù*, cobra grande, serpente.

Boituva, corr. *mboy-tyba*,, alt. *boytuba, boi-tuba,* o serpentario, o sitio onde as cobras abundam, S. Paulo.

Bongá, corr. *pongá* ou *pongaba*, o ruido, a zoada. Rio de Janeiro.

Bopi, corr. *mbo-pi*, fura a pelle; o morcego.

Boquira, corr. *mbo-quír*, faz que chova, o que provoca a chuva. Pode ser tambem *mboquira*, o piolho. Alt. *Moquira*. S. Paulo.

Boré, corr. *toré*, c. *tor-é*, contracção de *torô-ê*, feito do tatú (*toró*) V. *Toró*. Alt: *Torem.*

Borborema, corr. *pora-pora-êyma*, sem moradores, sem habitantes, o deserto, o sertão; 85; Rio Gr. do Norte e Parayba.

Bossoroca, corr. *yby-soroca*, a terra rasgada, ou fendida. Alt: *Ubusoroca, Bu-soroca,* 132. S. Paulo.

Boturoca, corr. *ybutú-r-oca*, a morada do vento, a cóva do vento.

Botucatú, corr. *ybytú-catú*, bons ares, bom clima; 77. S. Paulo.

Botucavarú, corr. *ybytú-cabarú*, o cavallo das nuvens, monte elevado onde as nuvens pousam; 129; S. Paulo.

Botujurú, corr. *ybytú-yurù*, a boca do vento, garganta ou quebrada por onde sopra o vento; 77; S. Paulo.

Boyguassú, corr. *mboy-guassù*, cobra grande, serpente.

Boypeba, V. *Boipeba.*

Boyguaçuguaba, c. *boy-guaçu-guaba*, a vivenda da serpente. S. Paulo.

Bracui, corr. *ybyrá-cuí*, a farinha de pau; os paus, as madeiras.

Brajaúba, corr. *ybirayá-yba*, a arvore de madeira forte ou rija; é uma palmeira.

Braúna, V. *Baraúna.*

—

Bu, corr. *ybú*, ou *y-bú*, a agua que surge, o olho d'agua, a fonte, o manancial. Alt: *Ubú, Obú.*

Bucuituba, corr. *ybycui-tyba*, o areal.

Bujuru, corr. *ybú jurú*, a boca da fonte.

Bupeva, corr. *yby-peba*, alt. *ubú-peba*, terra plana, chã. planicie; 76.

Burahem, corr. *ybyrá-nhê*, alt. *iburanhê, bura-nhem*, páo doce, sapotacea de casca adocicada. (*Chrysophyllum glycyphloeum Riedel*); Bahia.

Bury, s. palmeira communissima nos sertões do Norte do Brasil. (*Diplothemium caudescens* Mart.)

Buricica, ou *buracica*,, corr. *ybyrácica*, alt. *bura-cica*, resina de páo; nome de um *Laurinea* de que na Bahia se fabricavam cestas para trabalharem o assuccar, v. Mart.

Buriqui, ou *barigui*, ou *baregui*, nome de uma especie de simios amarellos, habitantes do littoral e que atttingem a 3 pés de altura (*Ateles hypoxanthus*; Max v. Neu Wied). Outros chamam *Muriki*, corr. *myra-kî*, gente ou povo sujo, immundo.

Buriquioca, c. *buriqui-oca*, casa, refugio, paradeiro dos macacos, *buriquis*, ou *murikis*; S. Paulo. 122.

Burity, corr. *mbîriti*. nome da palmeira (*Mauritia vinifera* v. Mart); alt. *miriti, muriti*; 108.

Bús, corr. *mbù*, o ruido, o estrondo. Era o nome de uma tribu selvagem do sertão, que se distinguia pelo seu vozear no acto de accometter. Bahia, Maranhão.

Butantan, corr. *yby-tantã*, terra firme; terra dura; taipa. Alt.: *Ubutantã, Butantã.* S. Paulo. 76.

Baurú, corr. *ypáu-rú*, a lagôa escura. S. Paulo. Pode ser tambem: *ybá-urù*, o cesto de fructas.

Butuquara, corr, *ybytu-quára*, o buraco do vento, garganta, bocaina. Pode ser derivado de *ybyty-quara*, que quer o buraco do monte. 77. S Paulo.

Butupoca, corr. *ybyty-poca*, a montanha furada, o vulcão. S. Paulo.

Butucarahy, corr. *ybyty-caray*, o monte santo, o monte sagrado. Rio Grande do Sul.

Buturúna, corr. *ybytyr-una*, alt. *ubutur-una, butur-una,* monte negro, montanha escura, serra negra; 81; S. Paulo. Minas Geraes.

C

Caá, s. a folha da planta; a planta, a herva, o vegetal; a arvore, o matto, o monte; o mate (*Ilex paraguayensis*); alt. como radical de muitos nomes em *ca.*

Caacupê, c. *caá-cupê*, atrás da matta; Paraguay.

Caaeté, c. *caá-etê*, as mattas, as arvores, as folhas. 25.

Caaguaçú, c. *caá-guaçû*, matto grande, matta virgem; S. Paulo, Paraguay.

Caazapá, tp-gr. *caá-zapá*, equivalente a *caá-çapaba*, no tp. c. clareira da matta, travessia ou vereda da matta; Paraguay; Argentina.

Cabapuama, c. *caba-puama*, vespas assanhadas.

Cabarù, corr. do vocabulo portuguez *cavallo*; tp. c. *cabarú*, alt. *cavarú*; tp. gr. *cabayù.*

Cabarù-pararanga, o relincho do cavallo.

Cabayba, c. *caba-ayba*, a vespa má, ou venenosa. Matto Grosso.

Cabaxi, corr. *caba-chiy*,, as vespas ligeiras, deligentes. Bahia. *cabachi*, as vespas luzidias, os marimbondos lustrosos.

Cabaquá, c. *caba-quá*, o buraco das vespas; o estilete ou aguilhão dos marimbondos. Rio Grande do Sul.

Cabrobó, E' vocabulo da lingua *cariry*; corr. *cropobó*, guerra. Pernambuco.

Cabiuna, corr. *caá-piúna*, folha ou madeira escura, jacarandá.

Caboclo, V. *cabôco.*

Cabôco, corr. *caá-boc*, tirado ou procedente do matto. 111.

Cabreuva, corr. *caburé-yba*, arvore ou páo de coruja (*Myro-spermum*); S. Paulo.

Cabuçú, c. *caba-uçù*, o vespão, o maribondo; uma especie de abelhas. 109.
Caburé, s. a coruja (*Strix brasiliana* Lath).
Caçá, contr. *caá-açá*, páos trançados ou crusados, estacas atravessadas, isto é, cercado feito de tranqueiras. 118.
Caçapava, corr. *caá-çapaba*, clareira da matta, aberta, travessia ou vereda na matta; S. Paulo, Minas, Rio Grande do Sul.
Caçaquéra, c; *caáça-quera*, cercado velho, malhada velha.
Cacatú, corr. *caá-catú*, matto ralo, facil de penetrar, o cerrado, 88,
Caçununga, corr. *caba-cynynga*, alt. *ca-çununga*, vespa zumbidora; S. Paulo; V. *caba*.
Caeté, corr. *caá-êtê*, matta real ou verdadeira, matto virgem; 88. Alt.: *Caheté*, Pernambuco.
Cahy, corr. *caá-y*, rio da matta; s. *caí*, especie de simio muito vergonhoso e timido, (*Cebus Azarae*); Rio Grande do Sul.
Caia, ou *caita*, a queimada, o incendio. 57.
Caiacica, corr. *acayá-cica*, a rezina de cajá. S. Paulo.
Caibù, c, *ca-ybù*, a fonte das vespas ou dos marimbondos; *caáybù*, o olho d'agua da matta. Rio Grande do Sul.
Cainana, corr. *acã-inan*, a cabeça agitada, a adoidada.
Caiacatinga, V. *acayacatinga*.
Caiçà, contr. *caiçara*.
Caipe, corr. *caá-y-pe*, no rio da matta; Bahia.
Cairuçú, c. *cai-r-uçû*, a queimada grande: Rio de Janeiro.
Caità, corr. *caitaba*, alt. *caitava*, *caita*, a quelmada, o incendio, a queimadura.
Caipora, corr. *caá-y-póra*, o que mora, habita ou frequenta a matta; genio da mythologia selvagem, 125.
Cajá, V, *Acayá*.
Cajalba, corr. *acayá-yba*, a cajazeira, a arvore da cajá (*Spondias brasiliensis*); Bahia.
Cajarana, corr. *acayá-rana*, cajazeira falsa, tirando á cajá (*Cabralea Cangerana* Vell.); alt. geralmente para *Cangerana*.
Cajubura, corr. *acayû-byra*, os renovos de cajueiro. S. Paulo.
Cajú, V. *acajù*.
Cajurú, corr. *caá-yurù*, a boca da matta; 88; S. Paulo, Minas.
Calindé, V. *Canindé*.
Calundû, corr. *acã-nundù*, cabeça esquentada, febre, e fig. nervoso, capricho, alvoroço.
Calumby, corr. *caá-r-omby*, a folha azul, o anil. V. *Cayoby*.
Cama, s. peito, seio, teta, mama; fig. elevação, proeminencia, cabeço; alt. *cam*, *cã*.
Camaquam, c. *cama-aquã*, peito agudo, elevação ponteaguda ou alongada; Rio Crande do Sul.
Camará, s. arbusto conhecido (*Lantana L.*).
Camaragibe, corr. *camará-g-y-pe*, no rio dos camarás; Pernambuco, Alagôas.
Camaratiba, c. *camará-tyba*, camarás em abundancia.
Cambucy, corr. *cambú-chi*, s. vaso d'agua, pote, cantaro, tina. Bap. C,; alt. *camucy*, *camucim*, *camutim*, *camoti*, *caá-mbocy*, fructo feito de duas partes junctas.
Cambuquira, corr. *caá-ambikira*, brotos de herva, grelos, folhas tenras.
Camby, s. leite; vb. tirar leite.
Camocim, V. *cambucy*. 70.
Camondó, c. *caá-mondó*, trabalhar no matto; caçar. 116.
Camoty, V. *cambucy*. 70.
Camirim, c. *caá-mirim*, folhilha, plantinha, pequena matta.
Camuri, s. o roballo (*Sciaena undecimalis Bloch*).

Cambuta, c. *cam-buta*, o peito que emerge, logar enxuto entre banhados ou mangues. Bahia.
Camamú, c. *cama-mú* ou *cama-mbú*, empolas, ondas, vagas ou ondulações successivas; peitos erguidos. Bahia.
Cambahy, c. *cambá-hy*, o rio dos negros. Rio Gr. do Sul.
Cambá, s. o homem preto. o negro entre os guaranís, No tupy *tapuyuna*.
Cambaquá, c. *cambá-quá*, ou *cambáquara*, a furna dos negros, o esconderijo dos negros. Rio Gr. do Sul.
Caminhoá, corr. *cami-oá*, o leite desce, o leite flue. *Cam-yoá*, o peito liso.
Camurupî, s. peixe conhecido, tambem chamado *comboropi*.
Camuciatá, corr. *camuci-etá*, os vasos, os potes. 25. Bahia.
Cangatar, V. *acangatar*.
Cangerana, V. *cajarana*.
Cangussú, corr. *acang-uçú*, cabeça grande; adj. cabeçudo, a; nome applicado a uma onça.
Canhanga, corr. *caá-nhanga*, planta viva, animada, odorifera, (*Myristica Macrophilla*), Amazonas.
Caneù, corr. *caneõ*, a canceira, a fadiga. S. Paulo.
Canindé, corr. *can-ndê*, anegrado, retincto, tisnado, escuro; nome de uma especie de arara (*Psittacus Araúna* L.) alt. *calindé*, *canendé*, *caniné*, 124.
Canitar, V. *acangatara*.
Cannatuba, palavra hybrida *cannatyba*, cannavial; 118.
Cannarana, palavra hybrida usada no Amazonas, para exprimir a canna falsa, ou canna brava.
Cangambá, corr. *acanganbá*, a cabeçaôca e desmiolada, o doudo.
Caobimpará, c. *caá-obî-pará*, *mar de anil*, nome que a lenda diz ter sido o de uma das indias amantes do *Caramurú* entre os Tupinambás.
Capané, contr. *capanema*. V.
Capara, corr. *yg-apára*, agua ou canal torto, rio curvo; 117; S. Paulo.
Capão, corr. *caá-patî*, a ilha de matto, em campo limpo. 88.
Capiberibe, antigamente *Capibaribe*, corr. *caapiuar-y-be*, no rio das capivaras. Pernambuco.
Capim, corr. *capyí* ou *caá-pyí*, a folha miuda, fina, a gramma. 73.
Capuame, corr. *caá-poã-me*, no matto levantado; ou *caapaû-me*, no capão, na ílha de matto. V. *Capão*. Bahia.
Capueira, corr. *caá-poera*, a matta extinta. 71; confunde-se com *copoéra* (*cô-poéra*), a roça velha, absndonada e invadida pelo matto. 118. Designa uma especie de perdiz (*Perdix dentata, Temm.)*
Cipó, corr. *içá-pó*, fibra que se agarra, ou adhére; galho que se prende, vime. Alt.: *Icepó*, *Cepó*, *Cipó*.
Capeba, corr. *caá-peba*, folha chã ou plana, planta rasteira.
Capemba, c. *caá-pemba*, a folha esquinada. Disigna o estojo dos cachos novos das palmeiras. Alt.: *Capema*.
Capibara, corr. *capyí-uára*, o comedor de capim, o herbivoro, (*Hydrochoerus Capybara*) 75; alt. *capivara*.
Capivara, V. *capibara*.
Capivary, c. *capiuar-y*, rio das capivaras; S. Paulo, Minas, Rio; 109, 75.
Capoava, corr. *caá-mboaba*, a construcção de folhagens, obra de palha. S. Paulo. V. *Mboaba*.
Caputera, corr. *caá-apytêra*, o meio da matta; S. Paulo.
Caputyra, corr. *caá-potyra*, a flôr da matta.
Capuva, corr. *caá-puba*, herva podre, páo mole, sem resistencia.

Cará, corr. *acará,* peixe d'agua doce, escamoso, (*Cromis Acará*); s. raiz tuberosa (*Dioscorea*). V. *Acará.*

Caracarà, corr. *carãe-carãe,* o arranhador, o arranha-arranha, (*Polyborus vulgaris* Vieill); alt. *carcará*; Ceará e Norte do Brasil.

Caracú, corr. *acaracú,* nome de um rio e de uma villa do sertão do Ceará, famosos pelo seu gado bovino. Designa no sul do Brasil uma especie de gado de pello fino e curto e cauda tambem fina. Como os curraes do rio S. Francisco, por muitos annos, se suppriram de gado cearense e piauhyense, e o gado mineiro, o goyano e o paulista procedem quasi todo daquelle rio (*Ant.*), mui provavel é que o apellido *Caracù* venha daquella villa Cearense que, segundo o padre M. Ayres do Casal, por muitos annos assim se denominou ; 75; V. *Acaracù.*

Caraguá, s. especie de bromelia cujas folhas dão fibras para tranças e para corda; alt. *carauá, crauá,* no Norte do Brasil; corr. *carâ-uã,* talo ou nervura farpada ou armada de espinhos.

Caraguatá, c. *carauá-tá,* o carauá rijo, duro; V. *caraguá,* alt. *caravatá carauatá, croatá, crauatá, gravatá.*

Caraguatatuba, c. *carauatá-tyba,* gravatàs em abundancia; 129; S. Paulo.

Caraguatahy, c. *carauatá-y,* rio dos gravatás.

Carahy, V. *carahyba; caray.*

Carahyba, adj. forte, valente, sabio, santo, sagrado; alt. *caray, cariba, cariua*; 110.

Carahipe, corr. *caray-pe,* no sagrado, no santo; *caráy-pe,* no rio do cará.

Carahí, s. especie de simio (*Nyctipithecus vociferans Spix).*

Carajá, corr. *carayá,* mono grande, simlo de grand estatura. O gentio costumava appellidar de *carayá* aos seus visinhos desaffectos. O gentio deste nome em Goyaz é assim appellidado pelos sens contrarios.

Caramurú, appellido de Diogo Alvares entre os Tupinambás da Bahia. Os primeiros historiadores ou chronistas deram-lhe por significado — *dragão sahido do mar* ou *homem de fogo.* Se o appellido barbaro não está alterado é o mesmo que *morèa,* especie de cobra marinha (*Lepidosiren paradoxa*); se, porem, está corrupto, pode vir de *caray-murù* que se traduz—*o homem branco molhado,* ou fig. o naufrago, o branco que deu a costa; V. *caray* ou *carahyba.*

Caramemoam, c. *caramé-moam,* pipa em pé, tonnel posto em pé, erguido; Bahia. Lery dá *caramemô* com o significado de pipa, tonnel, carcassa de tatú.

Caraná, ou *carandá,* escamoso, cascudo; nome da palmeira *Copernicia cerifera,* vulgo, *carnahuba, carnahyba, caranday;* 198.

Carancho, corr. *carãe,* o que dilacera com as unhas; S. Paulo.

Carandá, V. *caraná.*

Caranday, crr. *carandá-yba* ou *caraná-yba.* a palmeira carnahuba; pode ser tambem s. bica, cano, calha, Bap. C.; e ainda corr. *carandá-hy,* rio das carnahubas; Minas Geraes.

Carandeúba, corr. *carandá-yba,* a palmeira *Copernicia cerifera;* alt. *crandeùba, crendeùba, crindeùba;* Bahia.

Carapeba, V. *acarapeba.*

Carapicú, corr. *acará-pucù,* acará esguio, comprido.

Carará, s. o mergulhão, *(Sula brasiliensis),* Amazonas.

Carautà, V. *caraguatá.*

Carahy, appellido do homem branco entre os Tupís, significando o mesmo que *carahyba* de que é fórma contracta. V. *Carahyba.*

Carapiá, s. o troço, cousa curta, pedaço; bolota. O fructo da *Dorstenia.*

Caramequara, c. *caramé-quara,* o poço de pipa, ou fonte feita com um tonnel enterrado.

Cari, contr. *caray* ou *carai,* 110.

Cariba, V. *carahyba,* 110.

Cariboca, c. *caray-boc,* tirado ou descendente do branco, do européo. No norte do Brasil se diz *curiboca.*

Carijó, corr. *caray-yó,* descendente ou tirado dos *carahybas,* tem o mesmo significado de *cariboca,* 110; mixtura de branco, pedrez.

Carimã, s. massa da mandioca puba.

Carios, corr. *cariós* ou *caryós,* graphia usada pelos autores hespanhoes para o nome da tribu tupí-guarani que dominava na costa do Brasil de Cananéa para o sul, por outros chamados—*indios das Patos,* ou simplesmente *indios Patos.*

Carioca, o mesmo que *carió,* ou *cari-yó, cari-boc, cari-uoc,* descendente do branco, procedente do europêo, o mixtiço de procedencia do branco; V. *carijó,* 110; pode tambem ser *cari-oca,* a casa do branco ou do europeo.

Cariry, corr. *kiriri,* adj. taciturno, silencioso, calado; appellido do povo selvagem que outr'ora occupou grande extensão do Brasil, da Bahia, para o Norte, e mais tarde concentrou-se nos sertões de Pernambuco, Parahyba, Rio Gr. do Norte e Ceará.

Cariua, V. *cariba* ou *carahyba.*

Carnahuba, corr. *caraná-yba,* alt. *caraná-uba,* a palmeira conhecida (*Copernicia cerifera*), 108. V. Caraná.

Carovy, corr, *caá-rob-y,* rio das carobas, *Caá-r-oby* a folha azul, o anil. Rio Grande do Sul.

Caruára, *carù-uára,* comichão, sarna, boubas.

Carurú, *caá-rurù,* folha ou herva grossa, inchada, aquosa, folha mucilaginosa, Bap. C.; pode ser tambem corr. *caá-rerù,* prato de herva ou de folhas.

Carumbé, no tup. gr., a tartaruga. Designa um cesto raso. Alt.: *Carombé, Carambé, Caramé.*

Cassununga, V. *caçunnnga,* 108.

Catá, corr. *caá-tã,* folha aspera; *caá-atã,* matto espaçado, matto com abertas ou intervallos, matto ralo. E' o que se chama *cerrado* por ser um campo invadido de arvores disseminadas. 69.

Cataguazes, Antigamente *Cataguás,* corr. *caatã-guá,* o morador ou habitante dos *cerrados.* V. *Catá,* V. *Guara.* Minas Geraes.

Catanduva, corr. *caatã-dyba,* abundancia de cerrados; terreno em que abundam os cerrados; matto carrasquento em terreno de inferior qualidade. 88. S. Paulo.

Catapóra, corr. *tatá-póra,* fogo que irrompe, afogueamento da pelle, erupção; 78.

Catête, corr. *tatetù,* ou ontes *tãytétù,* c. *tãy* ou *tanha* dente, *titù* aguçado, ponteagudo; diz-se mais commumente *catetù* ou *caitetú.*

Catêto, V. *catête.*

Catetú, V. *catête.*

Catinga, corr. *caá-tinga,* matto branco, alvacento, especial das regiões seccas do Brasil; 73, 88.

Catolê, vocabulo que não parece da lingua tupi e que só se encontra no sertão; designa uma palmeira (*Atalea humilis*); *catulé, caculé, cacolé.*

Catú, adj. bom, bonito, conveniente; adv. bem, bastante.

Catuama, corr. *acatuã*, á direita, o lado direito. Pernambuco.
Caturama, c. *catú-rama*, boa ventura, bom-será. Alt. *Gaturamo*.
Catumby, corr. *caá-tumby*, á beira da matta, no sopé do monte. Rio de Janeiro.
Cauane, s. especie de tartaruga.
Caucaia, corr. *caá-ocai*, matto que se queima, a queimada, o incendio na matta. S. Paulo.
Cauim, corr. *acay*ú-y, vinho ou bebida de cajú; por extensão de vocabulo passou a designar a a bebida fermentada feita com o milho mastigado; 119.
Cauipe, c. *cauî-pe*, do vinho de cajú, allusão ao logar em que se o fabrica; Bahia.
Caúna, corr. *caá-una*, folha escura, qualidade de mate; Rio Gr. do Sul.
Cavarú, corr. do portuguez *cavallo*, que o gentio pronunciou *cabar*ú; 124.
Cavarú-canguera, a caveira do cavallo; a ossada desse animal.
Cavajuretã, corr. *cavayú-retã*, a região dos cavallos; é expressão guarani.
Caverá, corr. *caá-berà*, folha brilhante ou luzidia, qualidade inferior de mate; Rio Gr. do Sul.
Cavetá, corr. *caba-etá*, as vespas; 25.
Cayapó, corr. *caia-pó*, o que queima ou faz queimadas; nome de uma tribu selvagem do Goyaz.
Cayary, c. *acayá-r-y*, rio do cajá.
Cayrú, corr. *caá-y-rú*, a folha escura ou annegrada. Uma variedade mangue. Bahia.
Cayuá, corr. *caá-yuá*, *caá-yuara*, o morador do matto.
Cayubi, corr. *caá-oby*, a folha verde ou azul, o anil.

—

Ceará, com a graphia actual é *cê-ará*, canta ou fala o papagaio, que Alencar traduziu livremente *canto da jandaia*; 190.
Ceçary, c. *ceçá-r-y*, a agua dos meus olhos, a lagrima; *ce-eçáry*, minhas lagrimas.
Ceci, c. *ce-ci* ou *ce-aci*, meu pezar, minha dôr, meu soffrer; *ce-cy*, minha mãe, minha origem.

—

Chirú, c, *che=ce* meu, minha, *irù*, companheiro, semelhante; meu proximo, meu igual; Rio Grande do Sul. V. *Irumo*.
Choró, adj. correntoso, impetuoso. Ceará.
Chué, adj. tardo, vagaroso, manso, quieto; s. a. tartaruga.
Chuy, corr. *chué-y*, arroio manso, de curso vagoroso; arroio da tartaruga; Rio Gr. do Sul.

—

Cipoúba, corr. *cipó-yba*, a arvore dos cipós. V. *Cipó*, Ceará.
Cipó, corr. *içá-pó*, fibra que se agarra, ou adhére; galho que se prende, Alt.: *Icepó*, *Cepó*, *Cipó*.
Cipótuba, c. *cipó-tyba*, cipoal, lianas em ambundancia.

—

Cô, s. a roça, a colheita, a plantação, a limpa. 118.
Coaracy, corr. *guara-cy*, a mãe dos viventes, o creador dos entes.
Coaracyaba, V. *Guaraciaba*.
Çobayguara, c. *çobay-guára*, o morador d'alem, da outra banda, o estrangeiro; 110.
Cobé, s. a existencia, a vida.
Cocha, vocabulo da lingua kichúa significando—*lagôa, pantanal, brejo. Çaballochoca*, lagôa do cavallo; *Cochabamba*, campo da lagôa; Perú, Bolivia.
Coçn, c. *cô-oçú*, roça grande, limpa grande; S. Paulo; V. *cô*.
Coéra, adj. velho, extincto, passado antigo, o que já foi; V. *cuéra, quéra, quer, cué, goéra, boéra, moéra, poéra*. 72.

Coerana, corr. *kiy-rana*, pimenta falsa, fructa que imita á pimenta; Bahia. Alt.: *Coirana*.
Coité, corr. *cúi-êtê*, vaso real, verdadeiro, capaz.
Columinjuba, corr. *culumî-yuba*, o menino de ouro; nome de uma serra no Ceará. O menino amarello.
Comandá s. o feijão, o legume, a fava.
Comandatuba, corr. *comandá-tyba*, feijoal, feijão em abundancia; Bahia, 118.
Combuca, corr. *cuia-mbuca*, a cabaça furada.
Comunatî, corr. *comanà-tin*, feijão branco; Alagôas.
Condapuhy, corr. *cundá-poî*, o enroscado fino, o rolo fino, o busio.
Condeúba, corr. *cundá-yba*, a arvore do caracol, ou do fructo retorcido.
Congonha, corr. *congôi*, o que sustenta, a herva-mate; Bap. C.
Çoó, s. o animal, a caça, o bicho, a carne. Notavel é aqui a semelhança com o grego *zoô* que tem o mesmo significado; 100.
Copichaba, corr. *côpiçaba*, a acção de limpar, a roçada; 118.
Corumbá, c. *curú-mbá*, o banco de cascalho. V. *Curupá*; Goyaz, Mt. Grosso.
Corumbaba, V. *corumbá*.
Corumbatay, corr. *corimatã-y*, rio dos corimatás; 109.
Corutuba, corr. *curu-tyba*, seixal, seixos em abundancia.
Cotegipe, corr. *acuti-gy-pe*, no rio da cutia; Bahia.
Cotim, corr. *cû-tî*, a lingua branca, o panno triangular que serve de vela ás embarcações. Alt.: *Cutî*.
Cotindiba, corr. *cutî-dyba*, o mastro, a arvore ou pau da vela.
Cotinguiba, V. *Cotindiba*.
Crajaúna, corr. *carayá-una*, o mono preto, nome de um monte á margem do rio Una de Yguape; S. Paulo.
Cravassù, corr. *carauá-açú*, gravatás grandes; Bahia.
Cricaré, corr. *keri-kerê*, o que é propenso a dormir, o dorminhoco. Designa uma mimosacea cujas folhas se fecham ou dormem a certas horas. Espirito Santo.
Crueira, corr. *curuéra*, troços, fragmentos. 25.
Crumatahy, V. *corumbatahy*.

—

Cuca, s. o trago, o que se engole de vez. Designa uma especie de coruja.
Cuçù, V. *côçú*.
Cué, tp. gr. equivalente a *cuéra, coéra*; V. *cuéra*.
Cuéra, adj. velho, antigo, extincto; duradouro; velhaco, experto, entendido; suff. para indicar o passado dos substantivos no tupí, valendo pelo prefixo *ex* do latim; suff. para a forma plural. 25.
Cuí, s. a farinha, o pó, a poeira; alt. *cuy* e *uy*. 119; suff. para o plural.
Culumiú, corr. *cunumi-û*, o menino negro, o rapaz preto, o moleque.
Cumã, s. a foligem, o negro de fumo. Alt.: *Camá*. Maranhão.
Cumbaca, corr. *cû-mbaca*, a lingua voltada, é uma especie de rã como o *caçote*.
Cunhã, c. *cû-nhã*, lingua que corre, a linguaruda; a mulher, a femea dos animaes.
Cunhambebe, corr. *cû-nhã-bèba*, lingua que corre rasteira, allusão ao individuo que arrasta no falar. Nome do mais notavel dos chefes dos Tamoyos, morador no Ariró. Rio de Janeiro.
Cunhaú, corr. *cunhã-û*, a negra, a mulher preta; *cunhã-y*, aguada das mulheres. Pernambuco. 75.

Cunhapirú, c. *cunhã-pirú*, o passo, o váo, o secco da mulher, logar do leito do rio dando passagem a váo; Rio Gr. do Sul.

Cunhary, c. *cunhã-r-y*, rio das mulheres ou das femeas.

Cupecê, c. *cû-pecê*, lingua partida, campo partido; corr. *cô-pecê*, a roça dividida ou partida; S. Paulo.

Cupioba, corr. *cupî-oba*, a folha de cupim; a cobertura do cupim.

Curiachí, corr. *curiá-gy*, a agua dos patinhos (curiás). Bahia.

Curimbaba, corr. *quirey-mbamba*, a valentia, o valor, a coragem.

Curituba, V. *curityba*,

Curityba, c. *curi-tyba*, pinhal, matta de pinheiros, pinhões em abundancia; Paraná. 108.

Curuçá, corr. do portuguez *cruz* que no tp. gr. se pronuncia *curuzú*; S. Paulo, Rio de Janeiro.

Curucutú, s. especie de curuja parda com duas pennas da cabeça simulando chifres. Voz onomatopaica.

Curupá, corr. *curú-pá*, o extremo ou fim do cascalho; banco de seixos; o logar dos seixos.

Curupacé, corr. *curúpá-cê*, a sahida ou ponta do banco de cascalho.

Curupira, corr. *curupyra*, o chagado, o coberto de feridas ou tumores. Genio da mythologia selvagem que presidia os maus sonhos e pezadellos.

Cururipe, corr. *curú-r-y-pe*, no rio dos seixos, no rio dos calháus, Alagôas. Se o vocabulo é corrupto, ou deve ser escripto com a graphia *Cururuípe*, de que usou Frei Vicente do Salvador na sua Historia do Brasil, então é composto de *cururú-y-pe*, e se traduz — *no rio dos sapos*; nome do rio em cuja barra naufragou o primeiro bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha, assim como outros companheiros, nas costas das Alagôas.

Cururú, s. o roncador, o que ronca, o sapo grande (*Pipa Cururú*); Pará.

Cururupeba, c. *cururú-peba*, o sapo miudo. Nome um principal do gentio da bahia de Todos os Santos.

Curuzú, tp. g. è o vocabulo *cruz* pronunciando á moda guarani.

Cutia, corr. *aguti*, animal roedor, (*Desyprocta aguti*) 109.

Cutunduva, V. *cotindiba*.

Cuy, s. o ouriço (*Cercolabes villosus* v. Mart); diz-se vulgarmente *cuim*.

Cuyeté, c. *cui-êtê*, vaso verdadeiro, real.

E

Eçaúna, c. *eçá-una*, os olhos negros.

Eira, s. a abelha, a mãe do mel.

Eiratim, corr. *eira-tî*, a abelha branca. Alt.: *Iratim*.

Embahú, corr. *mbá-û*, o beber do extremo, a derradeira aguada.

Embaúba, corr. *embá-yba;* V. *embahú*.

Embayba, corr. *mbá-yba*, a arvore de vasio, ou de tronco ôco. Alt.: *Embaúba, Imbayba, Imbaúba*.

Embaés, corr. *mbaé*, os têres ou haveres, as cousas, os negocios. Bahia.

Embiaçaba, V. *biaçá*.

Embira, corr. *mbir*, pelle ou casca de arvore.

Embiruçú, c. *mbir-uçú*, casca grossa ou espessa.

Embiratanha, corr. *mbyr-ãtã*, a casca resistente, rija. Ceará.

Embiriba, corr. *mbyr-yba*, a arvore de embira.

Embiricica, corr. *mbyr-ricî*, fieira de embira, cambada. Ceará.

Embó, corr. *y-embó*, fio d'agua, lagrimal, arroio. Alt.: *Embú*.

Emboaba. Admitte varias interpretações. Como verbal de *mbo-ar*, exprime acção de fazer que surja; que se levante, é a *construcção*, o trabalho; como verbal de *mbo-ab*, exprime a acção de fazer que fira, a *aggressão*, a hostilidade, o assassinio. 110. Alt.: *Imboaba, Emboava, Boaba, Buava*.

Emboaçaba, corr. *mbo-açaba*, faz que atravesse, a acção de fazer atravessar, a *passagem*. Designa um logar á margem do Tietê, visinho de S. Paulo, onde se passava o rio na estrada do sertão e onde se mandou levantar um forte ou tranqueiras para defeza da cidade no seculo XVI. Alt.: *Emboaçava, Boaçava*. S. Paulo.

Emboassú, corr. *amboá-açú*, a centopéa grande. Rio de Janeiro.

Emboá, corr. *amboá*, c. *a-mbo-ã*, ente que faz rodilha, ou que se enrodilha. Insecto denominado *centopéa*, que se encaracola quando perseguido ou tocado.

Enconha, corr. *y-côi*, aquelle que é gémeo, o par.

Engaguaçú, corr. *Yguá-guaçú*, bahia grande, lagamar grande; H. St. 96.

Enapopê, corr. *y-nhã-pupê*, aquelle que anda ás carreiras. E' uma especie de perdiz (*Crypturus*). Bahia.

Enxú, V. *exu*.

Enxuí, corr. *exú-î*, variedade de vespa; a vespa pequena.

Epiacaba, s. v., a acção de ver, a vista, a observação. Alt.: *Epiacá*.

Era, V. *coéra*.

Eriry, corr. *ríry*, a ostra.

Esgaravatana, corr. *yguarapá-tã* ou *ybyrapá-tã*, o arco direito ou linheiro. Designa um canudo de dez a doze palmos de comprimento com que o selvagem sopra uma pequenina setta com buxa d'algodão. Amazonas.

Enxú, corr, *eichú*, ou *eira-chú*, abelha negra, que faz um ninho rugoso, aspero; nome de uma villa de Pernambuco. Alt.: *Enxú*.

G

Gaiamum, corr. *guayá-m-û*, o carangueijo preto, ou azulado. Antig. *goaiarará*, crustaceo dos mangues, mui liso e de côr apavonada, casco redondo. Alt.: *Guaiamú, Goayamû*.

Gambá, corr. *goá-mbá*, a barriga ôca, o ventre aberto (Didelphys). V. *Saruê*.

Gambôa, antig. *cambôa*, c. *caámbó*, o fecho ou cinta de ramagens. E' o cercado á entrada dos esteiros para apanhar peixe. No guaraní *caábó*,

Garaçú, corr. *igara-açú*, conôa grande, barco; 115; Pernambuco.

Garanhuns, corr. *guara-nhû*, os passaros pretos; individuos pretos, gente escura. Pernambuco.

Garapa, corr. *guarapa*, gerundio-supino de *guarab*, o resolvido, o remexido. Bebida adoçada com mel ou assucar para refresco. Hoje designa mais expecialmente o caldo de canna.

Gargaú, corr. *guaraguá-ú*, o peixe-boi pasta, logar onde come o peixe-boi. V. *Guaraguá*. Parahyba.

Garopá, corr. *ygara-paba*, o logar das canôas, o porto. Alt.: *Igarupaba, Igarupá*.

Garopaba, corr, *igara-paba*, porto, surgidouro da canôa ou barco; S. Catharina.

Gaturamo, corr. *caturama*, o que bom será, allusão a que a ave deste nome, si colhida em gaiola, se torna excellente no cantar. E' o *gurinhatá* do Norte do Brasil.

Geneúna, corr. *yani-una* ou *yandi-una*, o oleo escuro, o succo negro, allusão á polpa anegrada da fructa da arvore deste nome (*Cassia brasiliana* L.), mais conhecida por *Cannafistola*. Alt.: *Geneúva, Janauba, Janauma.*

Genipabú, corr. *yanipá-bú*, onde se come genipapos. Pernambuco.

Genipapo, corr. *yá-ndi-paba*, litteralmente—*fructos muitos estancia*; allusão á grande carga de fructos que traz essa arvore, (*Genipa brasiliensis*, Mart.).

Gerema, V. *Jurema.*

Geremarí, corr. *gerema-r-î*, a jurema miuda. Alt.: *Gerumari.* V. *Jurema.*

Geremoabo, corr. *gerema-oabo*, as jurenas brotando, ou renovos de jurema. Pode ser tambem—*geremú-oabo*, aboboras nascendo; a *vasaute* ou plantação das aboboros. Bahia. V. *Gerema.*
borá inteira.

Gericinó, Antig. *yarixinó*; c. *yaricîn-ó*, o cacho liso fechado, a bainha que resguarda o cacho das palmeiras antes de abrir. Nome de uma serra no Rio de Janeiro.

Gerú, V. *Agerù* ou *ajurú.*

Gês, nome de uma nação tapuya, nos sertões do Maranhão e de Goyaz, tambem apellidada *Cran*; não é tupi.

Gety, V. *Yety.*

—

Gia, corr. *gihi* o *juihi*, a rã grande, de côr escura (Roteiro do Brasil de 1587, cap. CXV.).

Giboia, corr. *gyi-boy*, cobra de gias, o ophidio que se alimenta de gías ou rãs e vive nos rios e lagôas, dormindo porem em terra. (Roteira do Brasil de 1587, cap. CIX).

Gijoca, corr. *gyi-oca*, o paradeiro das rãs. E' uma lagôa do Ceará.

Ginepabú, V. *Genipabu.*

Giparaná, c. *gi-paranã*, rio do machaco; Pará, Amazonas.

Girau, corr. *yi-ráu*, suspenso d'agua, levantado sobre a agua. Construcção de madeira sobre forquilhas para evitar os effeitos d'agua, da humidade e das inundações. Alt.: *Girá, Jiráo.*

Girimum, corr. *yìromú*, a abobora, Bap. C.

Gitirana, corr. *yety-rana*, a batata apparente, ou que simula batata.

Gitirana-boya, corr. *yakirana-boy*, a cigarra cobra, ou a cigarra com manchas e signaes como a cobra (*Fulgora lanternaria*). Sobre este insecto curioso peza a injusta accusação de venenoso. E' de todo innocente; 109.

Gitituba, corr. *yeti-tyba*, o batatal. Nome de uma serra em Alagôas.

—

Golarara, corr. *guayá-ra-ra*, o carangueijo furta-côr. Crustacio mui liso e de côr apavonada (Rot. do Brasil, cap. 139).

Gorutuba, corr, *curú-tyba*, seixal, pedregal; corr. *cory-tyba*, pinhal; Minas Geraes.

Goyá, corr. *guayá*, c. *gua-yá* individuo egual, gente semelhante, da mesma raça. Os documentos antigos falam em *Guayás e Guayazes*; 109.

Goyana, antigamente *Gueena* (Historia do Brasil de Frei Vicente do Salvador de 1627). *Gueena* é o gerundio-supino de *Gueê*, e se traduz—*o vomito*. Varias são as interpretaçães; veja-se porem *Guayana*, que designa uma planta indigofera.

Goyanaz, V. *Guayanaz.*

Goyaz, V. *goyá.*

Goytacaz, corr. *guay-atacara*, alt.: *guay-atacá*, gente ou povo corredor, veloz; o andarilho, o andejo, ou nomada; 109, 129; Rio de Janeiro.

Goytaraca, corr. *guay-taráca*, o que muda de côr, cousa ou objecto cambiante; nome de um trecho da Serra dos Aymorés; Bahia. Diz-se tambem—*Boytaraca.*

Goyty, V. *oity.*

—

Cramame, ant. *guiramame*, c. *guirá-mã-me*, no bando dos passaros. Em outros antigos docmentos *Aramame*, c. *ará-mã-me*, isto é, no bando dos papagaios. Parahyba do Norte.

Grapecica, corr. *guara-pecica*, a madeira lisa; S. Catharina.

Grapuetan, corr. *guara-puitã*, o individuo pardo, allusão á côr da madeira deste nome. Rio Grande do Sul.

Graúna, corr. *guirá-una*, passaro preto.

Grauçá, corr. *quára-uçá*, o carangueijo de buraco. Pequeno crustacio que vive em covas na arêa da praia e serve para isca aos peixes. Antigamente *guaiaussá.*

Gravatá, V. *carauatá.*

Gravatahy, corr. *carauatá-y*, rio dos gravatás; Rio Gr. do Sul.

Grumixama, antig. *guamichã*, c. *guami-chã*, o que pega ao comer; allusão ao fructo adocicado e mucilaginoso desta arvore do Brasil (*Eugenia brasiliensis*). Alt.: *Comichã, Guamichá, Guamichava, Gumichá, Grumichá, Grumichama, Grumichaba, Igramixama, Guabichã.* V. *Guami*, pref:

Grupiara, V. *Curupiara.*

—

Guabiju, corr. *guabi-yú*, o amarello a comer, allusão ao fructo amarello dessa planta. Rio Gr. do Sul. V. *Guami*, pref.

Guabiraba, corr. *guabi-rab*, a comida cheia de pello ou de casca felpuda, razão porque tambem se denomina *Cabelluda* a fructa desta arvore (*Eugenia brasiliensis*) V. *Guabiróba.* Alt.: *Guabirava, Guabirá.*

Guabiroba, c. *guabi-róba*, a comida amarga ou que trava ao comer. E' a mirtacea *Eugenia brasiliensis.* Alt.: *Guamiroba, Guabirova, Guaviroba.* V. *Guabiraba.*

Guabirotuba, corr. *guabiró-tyba*, guabirobal, ou guabirobas em abundancia; S. Paulo, 26.

Guabirú, c. *guabi-r-ú*, o que devora mantimentos, o rato. (*Mus tectorum* Alt.: *Guavirú, Guamirú.*

Guabirujú, corr. *guabirú-yú*, rato-espinho. (*Echynomys*).

Guabirutuba, corr. *guabirú-tyba* a rataria, ratos em abundancia; 109.

Guacho, voz onomatopaica da ave *Cassicus hœmorrhous* Daud.

Guaçatunga, c. *gua-ça-tunga*, contracção de *gua-açá-tunga*, o que atravessa nuvens nos olhos, ou o que turva a vista; é uma planta medicinal.

Guaçú, s. no guaraní ou tupi do sul, exprime *veado.* No tupi da costa se diz *çuaçú*, aliás, *çoóaçú* que vale dizer—a caça grande. Como adjectivo, exprime—grande, grosso, largo, amplo. Alt.: *uacú, oaçú, açú, uçú.*

Guaçuboy, c. *guaçú-boy*, a cobra de veado. V. *Guaçú.*

Guaçupitá, corr. *guaçú-pitã*, o veado vermelho ou pardo. Rio Gr. do Sul.

Guahyba, antig. *guahybe*, c. *guá-ybe*, na enseada, ou bahia. Rio Grande do Sul.

Guahibe, o mesmo que *Guahyba.* V. *Guahyba.* S. Paulo.

Guaiá, c. *goá-i-á*, o que é feito como bola, o roliço; o carangueijo; corr. *qua-yá*, o individuo de buraco, ou encovado. Alt.: *Goaiá, Guayá, Guajá.*

Guaimicoára, c. *guaimi-coára,* o buraco da velha.

Guaimihy, c. *guaimi-y.* o rio das velhas. Em documentos de 1602 e 1603, o grande affluente da direita do S. Francisco é chamado *Guaibihi,* que é o mesmo que *Guaimiy.*

Guajahú, corr. *goaiá-ú,* ou *guayá-ú,* os carangueijos comem, ou onde vivem carangueijos. Maranhão, V. *Guayá.*

Guajahy, corr. *guáiá-y* ou *guayá-y,* o rio dos carangueijos. Rio Gr. do Norte. V. *Guaiá.*

Guajajaras, corr. *guayá-yara,* o pega-carangueijos, o dextro na caça aos carangueijos. Indios do Maranhão.

Guajerú, corr. *guá-yaru,* o individuo que tem cacho, ou pau de pencas, allusão aos cachos de bolotas amarello d'ouro que tem a arvore deste nome (*Chrysobalanus, icaco*), Alt.: *Guajaru, Guajurú, Abagerú, Guajarahi.*

Guanabara, Antig. *Guanabará,* o seio semelhante ao mar, ou rio da bahia, allusão á barra do grande lagamar. 95. R. de Janeiro.

Guanandi, corr. *gua-nhandi,* o que é grudento, em allusão ao liquido gluttinoso e visquento, de um amarello fino que tem a arvore deste nome (*Calophyllum brasiliense* S. Hil.) Alt.: *Guanantim, Oanandy, Urandy, Olandy, Landy, Lantim.*

Guanhães, corr. *guá-nhã,* aquelle que corre. o corredor. Nome de uma tribu selvagem de Minas Geraes.

Guanumby, corr. *gua-n'-ombi,* o que é azul, o individuo verde ou anilado. E' a avesinha *beija-flôr.* Maregraff e Piso escreveram *guainumbi,* que se pode interpretar-*guaî* ou *guain* o mimoso, o delicado no diminutivo, *oby* ou *omby,* verde, anilado; *o mimoso azul* será então o significado de *guainumbi.* Os indios o tinham como o mensageiro da outra vida. Alt.: *Guanomby, Guaynambi.*

Guapaba, c. *guá-paba,* o extremo do valle. cabeceiras.

Guapácaré, corr. *guâ-upá-caré,* lagôa torta ou braço do rio da baixada; S. Paulo; Cas.

Guapé, c. *guá-apé,* o que serve de caminho; corr. *gua-peba* disco achatado, redondo e chato; alt.: *agua-pé (Nimphéa).*

Guapeva, corr. *gua-peba,* o individuo redondo e plano, o disco. E' a planta aquatica *Nymphea,* cujas folhas redondas, planas, cobrem os estagnados. No guarani diz-se *guapé.* Alt.: *Aguapé.* Designa tambem uma madeira branca (*Lucuma sp.),* empregada na fabrica de caixões, e de violas ou *guararapebas.* Alt. *Guapé.*

Guapi, V. *Guapira.*

Guapiara, c. *gua-piara,* o cascalho da bixada; corr. *curú-piara,* a jazida de cascalho, no diamantino. 109; alt *gupiara, grupiara.*

Guapiassú, *guapé-açú.* aguapé grande; corr. *guapy-açú* cabeceira grande; Rio de Janeiro; V. *Guapira.*

Guapimirim, c. *guapé-mirim* aguapé-pequeno; corr, *guapy-mirim,* cabeceira pequena; Rio de Janeiro.

Guapira, c. *guá-apira,* começo do valle, as capeceiras, as nascentes; alt.: *guapyra, guapy, gapira.*

Guapitanguy, corr. *gua-pitanga-y,* rio dos paus vermelhos. R. Gr. do Sul.

Guapuy, c. *gua-poî,* o individuo delgado, o pau delgado ou fino. Amazonas.

Guara, s. verb. de *gu* ou *u,* o que come, o comedor; o vivente, o ente, o individuo; o objecto. Alt.: *guá, guar, quá,*

Guará, s. a garça vermelha, a ave aquatica (*Ibis rubra*).

Guarabú, corr. *guara-b-û,* o individuo rôxo ou escuro; allusão á côr roxa da madeira desta arvore (*Astronium Concinnum* Schott.). Alt.: *Garabú; Guaravú, Guarahû.*

Guaracapá, c. *guá-aracapa,* o escudo, ou rodella de couro ou vime para servir de protecção contra as flechas.

Guaracapema, corr. *guara-acâ-pema,* o individuo de cabeça esquinada. E' o dourado (*Coryphaena Equiselis*).

Guaraciaba, c. *guaracy-aba.* os cabellos louros. Nome de mulher equivalente á *Laura.* V. *Guaracy.*

Guaracica, corr. *guara-icica,* o pau viscoso, que tem grude ou resina (*Lucuma fissilis* All.).

Guaracininga, corr. *guirá-cynynga,* a ave que zumbe ou troveja (*Pitylus cærulescens* Cab.).

Guaração, corr. *aguara-acã,* a cabeça de cão; (*Canis jubatus*).

Guaraguá, corr. *guára-guára,* o comilão, o que muito pasta. E' o peixe-boi *(Manatus australis*).

Guarahú, corr. *guará-ú,* as garças vivem, ou o viveiro das garças ou patos.

Guarahím, corr. *guará-î,* as garcinhas, a garça pequena. Pode proceder de *guirá-î,* que significa os passarinhos.

Guarahy, c. *guará-y,* o rio das garças ou dos patos.

Guarahype, c. *guará-y-pe,* no rio das garças ou dos patos. E- o nome primitivo da Ribeira de Iguape, S. Paulo.

Guaraitá, c. *guara-itá,* pau-pedra, ou pau-ferro. S. Paulo.

Guaranhem, corr. *guara-nhê,* o individuo doce, a madeira doce (*Chrysophyllum guranhem*). V. *Buranhem.*

Guaranhuns, corr. *guara-û,* ou *guara-una,* o individuo escuro, roxo ou preto. Pode se applicar á madeira *Guarabú.* V. *Guarabú.* Pode ser tambem corrupção de *guirá-û,* o passaro preto. Alt.: *Garanhuns.*

Guarani, corr. *guarinî,* o guerreiro, o que guerreia, ou lucta.

Guarantan, c. *guara-antã,* o individuo duro, a madeira rija (*Sapindacea*). Alt.: *Ibirantan; Guaratan.*

Guaraparaiba, corr. *guara-aparayba,* a arvore do pau d'arco.

Guarapari, corr. *guará-pari,* o cercado dos passaros, 100; corr. *guarapar-î* ou *im,* os arcos pequenos. Espirito Santo.

Guarapuava, corr. *guirá-puaba,* o ruido dos passaros, a zoada das aves. Paraná.

Guarapucú, c. *guara-pucú,* o ente ou individuo comprido. E' o peixe *Cavalla* (*Cybium Caballa Cuv. Val*). Alt.: *Guarapecú. Guarapicú.*

Guarapuitan, V. *Grapuetan.*

Guarapú, corr. *quá-r-apú,* a ponta romba, o corno não aguçado. Veado pequeno e vermelho (*Cervus simplici cornis).*

Guaraquissaba, corr. *guará-kiçaba,* o ninho das garças ou dos patos. Paraná.

Guarará, s. o tambor usado pelo gentio. 122. Tambem significa o monhoso, o investigador, Bap. C.

Guarara, corr. *gua-ra-ra,* o que é furta-côr, ou cambiante; nome de um peixe do mar.

Guararape, corr. *guarará-pe,* nos tambores; 122; Pernambuco.

Guaratiba, corr, *guará-tyba,* as garças em abundancia, o garçal. Rio de Janeiro; Paraná. Alt.: *Guaratuba.*

Guaratinguetá, corr. *guiratinga-etá;* as garças, os passaros brancos. 25; 134, S. Paulo.

Guaratuba, V. *Guaratiba.*

Guarauna. V. *Barauna.*

Guarayuva, c. *guara-yuba,* o individuo amarello, o pau amarello. Alt.: *Garajuva, Guariuva, Guarauba.*

Guararema, corr. *guara-rema,* individuo fetido, madeira de mau cheiro; é o pau d'alho (*Sequiera floribunda).*

Guaratereba, corr. *guara-tereba,* o individuo que deslisa; é um peixe do mar, citado por Marcgraff e Piso (Caranx fallax Cow).

Guarehy, corr. *guari-y,* o rio das guaribas ou dos macacos. 109. S. Paulo.

Guariba, corr. *guara-aiba,* individuo feio, gente ruim. Designa uma casta de macacos (*Mycetes*). Alt.: *Guariva, Guari.*

Guarichó, corr. *guirá-içó,* pronunciado *guirá-ichó,* o passaro que fura pau, ou esgaravata os paus apodrecidos, é o que talvez se chama em alguns logares *Coruyra (Motacilla furva Gmel).*

Guariroba, corr. *guara-iroba,* o individuo amargo; é um palmito (*Cocos oleracea* Mart.).

Guarirú, corr. *guá-rerú,* vaso, tina, vasilha para agua. Designa uma serra do sertão da Bahia.

Guaró, corr. *guar-ó,* por *guá-roba,* o individno amargo, o que é amargo; pode exprimir tambem o que está fechado.

Guarú, corr. *guara-ú,* ou *guar-ú,* o comedor que come, o que muito come; allusão ao enorme e desproporcionado ventre que tem o peixinho deste nome, tambem conhecido par *barrigudinho.*

Guarulhos, corr. *guarú,* nome de uma tribu indigena, cuja denominação lhe vinha de ter o ventre muito desenvolvido. Dizer *garulhos,* é o mesmo que chamar *barrigudos.* V. *Guarú.* Rio de Janeiro, S. Paulo.

Guarujá, corr. *guarú-yá,* o viveiro dos *guarús* ou *barrigudinhos.* S. Paulo. V. *Guarú.*

Guatambu, corr. *gua-atã-mbú,* o que é duro e sonoro. A madeira tambem conhecida por *piquiá* (*Aspidosperma sessiliflorum*).

Guatucupá, corr. *gua-atuc-apá,* o individuo corcunda, ou de dorso curvo. E' o peixe *Corvina* (*Otolithus Guatucupá,* Cuv).

Guaú, ou *guahú,* o canto, o cantar chorado dos indios quando recebiam hospedes; e tambem a dansa em geral.

Guaxenduba, corr. *guacî-dyba,* o vassoral de guaximas. Maranhão.

Guaxima, corr. *gua-cyma,* que se pronuncia *gua-chyma,* e significa —o que é liso ou lustroso, em allusão á fibra sedosa da planta desse nome (*Urena lobata*). Alt.: *Guaxuma, Guanchuma, Guajima.*

Guaxinim, corr. *gua-chinî,* o individuo que rosna, o roncador; allusão ao habito desse animal de rosnar ou roncar quando se lhe toca na cauda. *(Galictis vitata).*

Guayana, corr. *guayá-ana,* semelhante á guaiaba; é planta do Norte do Brasil que dá um anil inferior. (Piscidia Erythrina Vell). Alt.: *Goyana.*

Guaycanans, c. *guay-acã-nã,* individuo de cabeça grande, de craneo espesso; nome de uma tribu selvagem no Rio Gr. do Sul.

Guayanaz, corr. *guayanã,* como escreveu Anchieta; c. *guay-anam,* individuo parente, povo da mesma raça; tratamento, de certo, dos tupis do littoral para com os do campo de Piratininga; 69, 109, 129; S. Paulo.

Guayaó, corr. *guayá-ó,* a cova dos carangueijos. Alt.: *Guayó.* S. Paulo.

Guaycurú, c. *guay-curú,* individuo sarnento, cheio de feridas ou

pustulas, o perebento; nome ou apellido de uma nação selvagem das margens do Paraguay em Matto Grosso. O appellido é deprimente e applicado pelos seus contrarios, porque o seu nome nacional é *Yoage,* e entre os portuguezes e brasileiros—*Cavalleiro;*109.

Guayrá, corr. *qua-y-rã,* o intransitavel (passar não hade). Bap. C. Nome indigena do Salto das Sete Quedas.

Guayú, gerundio-supino de *ur,* exprime *a vinda,* a chegada, a invasão ou irupção. Designava as formigas de passagem, ou de *correição.*

Guebucú, corr. *guêm-bucú,* a queixada longa. E' o peixe que se chama *Bicuda. (Histiophorus americanus* Cuv).

Guigó, s. nome de uma casta de simios (*Simia Callithrix melanonochir* Neuw). Thevet assignala-os no Rio de Janeiro pelo nome de *Cacuyú* e J. de Lery chama-os *Cay.*

Guirá, s. a ave, o passaro, o volatil. Alt.: *Uirá, oirá, oerá, birá, virá, urá, hurá, huirá, ará, ourá.*

Guiramembé, corr. *guirá-membé,* a ave terna (*Coracina ornata).*

Guiranhengatú, corr. *guirá-nheê-gatú,* a ave que canta bem. E' o canario indigena (*Emberiza brasiliensis* Gmel).

Guirapá, c. *guara-apá,* ou *guara-apara,* o pau torto, encurvado, o arco. E' a forma guaraní; no tupi se diz *ɣapara* (*ɣa-apara*). Alt. *Grapá, Yapá, Japara.*

Guirapaçama, corr. *guarapá-çama,* a corda do arco; S. Paulo.

Guirapepô, corr. *guirá-pepô,* as azas do passaro.

Guirapereá, corr. *guirá-apereá,* o passaro que frequenta os caminhos (*Tanagra flava* L.).

Guirapiá, c. *guirá-apiá,* o grão do passaro, tambem chamado *Ururá-piá,* o grão de gallo.

Guirapirá, corr. *guirá-pir-á,* o passaro nuello, (*Tachypetes Aquilus* Vieill).

Guiraponga, c. *guirá-ponga,* passamartellante, ou sonante; V. *Araponga.*

Guiraquereá, corr. *guirá-kereî-á,* a ave sem somno, é o *bacuráo* ou *Curiangú* (*Caprimulgus torquatus* L.).

Guiraró, corr. *guirá-rõ,* o passaro bravo (*Muscicapa Joazeiro Spix*).

Guiratin, c. *guirá-tin* ou *guirá-tinga,* o passaro branco, a garça. Pode ser tambem *guirá-ty,* o bico da ave.

Guiratinga, V. *Guiratin.*

Guiratirica, corr. *guirá-tirica,* a ave timida ou esquiva. (*Fringilla dominicana* Neuw).

Guirareya, corr. *guirá-reiya,* o bando de passaros.

Guiraundi, corr. *guirá-undi,* o passaro azulado, o azulão. Alt.: *Gurundi.*

Gunú, não é tupi, mas corrupção do portuguez *cú-nú,* molestia do anus, tambem chamada a *molestia do bicho.* E' tambem uma variedade de *Tayuyá* ou herva do bicho (*Wilbrandia hibiscoides*).

Gupeva, corr. *cû-peba,* a lingua rasteira ou preza; allusão ao individuo de falar defeituoso. Nome de um principal dos Tupinambás da Bahia.

Gupiara, s. a lavra de cascalho diamantino, na encosta dos morros e nos altos á margem das torrentes. Corr. *curú-piara,* a jazida de cascalhos. Alt.; *Crupiara, Grupiara;* Minas Geraes.

Guri, corr. *guíri,* o bagre.

Gurinhatá, antig. *ulranhengatã* (Roteiro do Brasil de 1587, cap. 87); corr. *guirá-nheng-atã,* ave que canta firme ou alto. *(Euphoni-*

dæ). Em alguns logares se chama *Gaturamo*.

Gurinhem, corr. *guri-nhê*, o bagre rumoreja. Pode ser derivado de *guirá-nhê*, que exprime, o canto dos passaros. Parahyba do Norte.

Gurundiuna, corr. *guirá-undi-una*, o azulão escuro. V. *Guirundi*.

Guriry, c. *guri-r-y*, o rio dos bagres.

Gutí, corr. *gu-tî*, ou *u-ti*, o comer duro, allusão á dureza da massa granulosa da fructa (*oiti*) (*Brosimum*). V. *Oiti*.

H

Herù, corr. *eirú*, a abelha. V. *Eirú*.

Hicatú, corr. *y-catú*, a agua bôa. Maranhão.

Hotinga, corr. *y-tinga*, a agua branca. Alt.: *Utinga*, *Otinga*.

Huacâ, corr. *uã-cã*, a haste enxuta, madeira arroxeada de que os indios faziam remcs para as suas canôas. (Dasynema Schott). Alt.: *Guacá*, *Guacáo*.

Humaitá, corr. *mbaitá*, é o papagaio pequeno, tambem conhecido por *maitaca* (*Psittacus cyanogastra*). Designa no Paraguay a famosa fortaleza que tão importante papel representou na guerra da Triplice-Alliança de 1864 a 1870.

Humírî, corr. *y-mirî*, a agua escassa, o succo pouco, a essencia escassa.

Hy, corr. *y*, a agua, o rio. Alt.: *hi*, *yg*, *hú*, *ú*, *gy*.

Hyassú, corr. *y-açú*, a agua grande, o rio grande. Bahia.

Hybicuy. V. *Ibicuy*.

Hybipitá, corr. *ybi-pitã*, a terra vermelha, o barro vermelho.

Hycavo, corr, *ygaba*, c. *yg-aba*, os fillamentos ou cabellos d'agua, o limo.

Hygapó. V. *Igapó*.

Hynhangaba, corr. *y-nhangaba*, o curso d'agua, a corrente, o riacho. No guaraní — *ynhangá*.

Inhangabahú, corr. *y-nhangaba-û*, o curso d'agua turvo, como se vê da traducção literal: *y*-agua; *nhangaba*-carreira ou curso; *û*-escuro, turvo.

Hypanema. V. Ipanema.

Hypuaçù, corr. *ypu-açú*, a fonte grande, manancial grosso, o olho d'agua grande. Ceará.

Hypuacú, corr. *ypú-acú*, o olho d'agua quente, o manancial calido.

Hypu, V. *Ipú*.

Hyquara, corr. *y-quara*, o buraco d'agua, o poço.

Hyquarana, corr. *y-quarana*, o que imita o poço, é o sorvedouro no leito dos rios.

Hyrara, V. *Irara*.

Hytú, V. *Itú*.

I

Iacayoby, corr. *yacã-y-oby*, o ribeiro d'agua verde. Rio Grande do Sul.

Iaparyara, c. *y-apar-yara*, o que é destro no arco. o arqueiro.

Iapeyú, corr. *yapó-yú*, o pantanal, o estagnado. E' forma guaraní, correspondente a *yapoyuca* do tupi costeiro. Alt.: *Ipojú*, *Ipojuca*, *Pojuca*.

Iapenú, corr. *y-apênú*, as empolas d'agua, as ondas.

Iapenupã, corr. *yapenû-pã*, o tombo ou pancada das ondas, a arrebentação, a resáca.

Iapucanin, corr. *ya-pucá-nî*. aquelle que está a vir-se, o risonho ou escarninho. E' um gavião cujo grito simula o riso (*Spizætus Tyrannus*). Entre os Cayuás, *Nhapucanin*.

Iatitá, s. o caracol. No tupi *yapuruxitá*, o caracol de terra.

Iatuara, corr. *yatyara*, o fazedor de cuias. Rio Gr. do Sul.

Ibacurupary, corr. *ybá-curú-pari*, o fructo revestido de pontas ou

cheio de asperezas. (*Platonia insignis*). Alt.: *Ibacupary*, *Bacupary*.

Ibaê, c. *ybá-ê*, o fructo doce.

Ibaré, corr. *ybá-aré*,, a fructa cahida. Arroio no Rio Grande do Sul.

Ibaté, c. *y-ibaté*, o alto, o cume. S. Paulo.

Ibatuby, corr. *ybatyb-y*, rio do pomar, ou do cannival. V. *Ubatuba*, *Batovi*.

Iberá, c. *y-berá*, é a forma guaraní de *y-beraba*; exprime a agua clara, a agua limpida. Logôa na Argentina.

Ibí, corr. *yby*, a terra, o solo, o chão. 76. Alt.: *ubú*, *bú*. *bó*.

Ibiá, V. *Ibyà*.

Ibiaguy, corr. *ybyã-guy*, por baixo da terra alta; no sopé da escarpa.

Ibiapaba, corr. *ybyã-paba*, a estancia dos barrancos, ou das escarpas; o escarpado ou alcantilado. Serrania entre o Ceará e o Piauhy. Alt.: *Ibuapaba*, *Buapaba*, *Boapaba*. V, *Ibiá*.

Ibiapina, corr. *ybyã-pina* ou *ybyãapina*, a barranca despida, a terra alta sem vegetação; o alto calvo. Pode ser tambem *ybyapina*, exprimindo — terra limpa, terra pellada; os pellaes ou espaços naturalmente despidos de vegetação.

Ibiboca, corr. *yby-boca*, a terra rachada ou fendida. Chamavam os indios a cobra coral *Ibiboca*, talvez por habitar esta as fendas do solo. Alt.: *Ububaca*, *Buboca*.

Ibicaba, corr. *ybycaba*, fructa silvestre, preta, miuda e de sabor soffrivel. No Roteiro do Brasil de 1587 é chamada *ubucaba*, (Myrtacea). S. Paulo.

Ibicoara, corr. *yby-coára*, a cova, ou sepultura.

Ibicui, corr. *yby-cui*, terra fina, arêa, pó; 76.

Ibiculba, corr. *yby-cui-yba*, a arvore de fructo cadente; é a noz moscada do Brasil (*Myristica officionalis*). Alt.: *Bicuiba*, *ubucuhuba*, *bucuúba*, *bicuiva*, *biquiba*.

Ibicuy, corr. *ybycui-y*, rio da arêa.

Ibirá, s. corr. *ybyrá* páo, arvore, madeira; vara, viga, tóro, tronco; alt. *imirá*, *myrá*, *byrá*, *mará*, *burá*, *uará*, *vará*.

Ibirapitanga, c. *ybyrá-pitanga*, páu vermelho, páu-brasil, (*Caesalpinia echînata* L.); alt. *ibirapiranga*, *ibirapitã*, *ibirá-puitan*, *tmirapitan*.

Ibiraitá, corr. *ybyrà-itá*, o pau ferro. V. *Itá*.

Ibiratinga, corr. *ybyrà-tnga*, o pau branco; pau linheiro de que os indios faziam as suas lanças e arremeções.

Ibiratinin, corr. *ybyrá-tinî*, o pau secco. Nome de um principal dos Petinguaras no seculo XVI.

Ibiracica, corr. *ybyrá-cyca*, a rezina de pau; a almecega. Alt.: *Uburacica*, *Buracica*.

Ibiranhem, V. *Buranhem*.

Ibiraparaiba, corr. *ybyrá-apara-yba*, a arvore do pau d'arco, da qual os indios faziam os seus arcos. V. *Ubiraparaiba*.

Ibirapiroca, corr. *ybyrá-piróca*, o pau esfolado, ou cuja casca cae annualmente, criando-se outra por baixo (*Myrtacea*). Alt.: *Ubirapiroca*.

Ibiragara, corr. *ybyrá-ygara*, pau de canôa.

Ibirataya, corr. *ybyrá-táya*, o pau picante, ou madeira acre. (Laurus).

Ibiracoá, corr. *ybyrá-quá* ou antes *ybyrá-guá*, o morador nas arvore. Nome de uma cobra pequena que anda sempre em cima das arvores. (Rot. do Brasil, cap. 113).

Ibiraçoca, corr. *ybyrá-soca*, a lagarta de pau, o bicho da madeira,

o guzano. Alt.: *Ubiraçoca*, V. *Sóca*.

Ibirajacá, corr. *ybyrá-yacã*, o arroio da lenha. Rio Gr. do Sul.

Ibiriba, corr. *ybyrá-yba*,. a arvore de lenho, a madeira por excellencia para queimar. (Roteiro do Brasil de 1587, cap, 68) Alt.: *Biriba*.

Ibitinga, corr. *yby-tinga*, terra branca; 76.

Ibitipau, corr. *ybyty-pãu*, entre montes, no intervallo dos morros.

Ibitirehê, corr. *ybyty-rehê*, em cima da serra, sobre as montanhas.

Ibitiguira, corr. *ybyty-guir*, ao pé do monte, piemonte.

Ibitirama, corr. *ybytyr-am*, o monte alto; a região das montanhas.

Ibitiroy, corr. *ybyty-roy*, o serro frio, a montanha fria. 132.

Ibipitanga, corr. *yby-pitanga*, terra vermelha.

Ibitipoca, corr. *ybyty-póca*, a montanha partida, ou furada; o volcão. Minas Geraes; S. Paulo.

Ibitú, corr. *ybytú*, o vento, o ar agitado, sopro ou effluvio da terra; alt. *butú*, *botú*, *bitú*; 77. s. a nuvem, o ar. o clima.

Ibipetuba, corr. *ybypé-tyba*, o razio; bancos d'arêa em abundancia. Paraná.

Ibirocái, corr. *ybyr-ocái*, a praça ou terreiro cercado de paus; o curral de esteios, a manga, o potreiro. Rio Gr. do Sul.

Ibirocahy, corr. *ybyrocái- y*, o rio dos potreiros ou dos curraes.

Ibixuma, corr. *y-py-cyma*, pronunciado *y-py-chyma*, donde *ypixuma*, o que tem a casca ou pelle lisa (*Guazuma unifolia*). E a *mutamba* em Angola.

Ibiyau, voz onomatopaica da ave nocturna conhecida por *Mandalua*, *Anda-á-Lua* ou *Chora-á-Lua* (*Caprimulgus*).

Ibó, corr. *ybô*, o flechar, o a messo de flechas.

Ibondara, s. v. corr. **ybondara**, frecheiro.

Iborá, corr. y-*borã*, a agua bon. Rio Gr. do Sul. V. *Iporãnga*.

Ibotim, corr. *yboty*, tp. gr. a flô

Ibotirama, corr. *yboty-rama* regiã ou paiz das flores; 110.

Ibú, corr. y-*bú* ou y*bura*, a agua sair, o manancial, o minadouro surgente, olho d'agua. V. *Ipú*.

Ibyá, corr. *yby-á*, terra erguid terra que se levanta, terra em pé, região alcantilada ou talhad a prumo, barranca.

Ibytyruçú, c. *ybytyr-uçú*, serra grande, montanha, cordilheira; alt. *Buturuçú*. 90.

Icanga, corr. *y-acanga*, cabeça d'agua, o principio do rio, o regato, o corrego, o arroio, 102.

Icapara, corr. *yg-apára*, agua, rio ou canal curvo, torto; 117; S. Paulo.

Icarahy, corr. *y-caray*, isto é, a agua santa, agua benta.

Icatú, corr. *y-catú*, agua bôa, rio bom; 75; Maranhão.

Icerica, c. *y-cerica*, agua veloz, rio ligeiro; o rapido, a corredeira; 104. Alt.: *Ixirica*.

Icica, corr. *y-cyca*, o liquido chegado, ou parado, a resina.

Icicayba, corr. *ycyca-yba*, a arvore de resina; a almecega, segundo Maregraff.

Icipó, V. *Cipó*.

Icuré, s., nome de uma variedade de anta ou *tapir* no tp. g. (*Tapirus americanus*); alt. *iguré*.

Içá, antigamente *içã*, c. *y-çã*, a fio, em cordão; allusão á marcha das formigas desse nome quando atravessam as terras, como se fôra uma corda *(çam* ou *çã)*.

Içacá, corr. *yçá-cã*, os garavetos, os ramos seccos. Rio Gr. do Sul.

Içaúba, corr. *yçã-ub*, o pae da içá, a formiga mãe, o chefe do enxame. O nome *saúva* hoje designa a formiga de mandioca. Alt.: *Içauva*, *Saúva*.

Iembó, corr. *y-iembó*, o filete d'agua, o lagrimal; 102.

Ierê, corr. *y-ierê*, a agua em gyro, o redomoinho.

Igaba, c. *yg-aba*, os filamentos d'agua, o limo. V. I*cavo*.

Igaçaba, corr. *yg-açaba*, a acção de passar a agua; a tomada de agua; o vaso para agua, o pote ou cantaro.

Igaçatyra, c. *ygaçá-atyra*, outeiro ou morro dos potes, monte das urnas; 126.

Igapara, V. *Icapara*; 97.

Igapira, c. *yg-apira*, cabeceira d'agua, a parte mais elevada do rio, origem do rio.

Igara, corr. *yg-yara*, o superior á agua; o que sobrenada; a canôa, ou barco.

Igaraçú, c. *ygara-açû*, barco grande, navio, barca; 115; Pernambuco.

Igarapaba, c. *ygara-paba*, termo ou assento da canôa, o porto; 114.

Igarapé, c. *ygara-apé*, o caminho da canôa, o canal, o furo, o braço, o esteiro; 97, 115. Amazonas, Pará, Marahhão.

Igarapeúna, corr. *ygaripé-una*, a canôa de casca preta. Pode ser ainda *ygarapé-una*, o esteiro escuro, ou furo de agua preta. Bahia. V, *Igaripé*; 115.

Igaratá, corr. *ygara-atã*, o navio, o barco entre os guaranis. S. Paulo.

Igaretinga, corr. *ygara-y-tinga*, o branco da canôa; a vela, ou panno da embarcação; 115.

Igaripé, corr. *ygara-ipé*, a canôa de casca, entre os guaranis.

Igarité, corr. y*gara-etê*, canôa de vulto, barca.

Igaropay, corr. *ygarapá-y*, o rio do porto. V. *Igarapaba*.

Igoaguaçú, c. *yguá-guaçú*, bahia fluvial grande, estuario amplo, lagamar grande e tambem barra grande; 96; S. Paulo.

Igramirim, corr. *ygara-mirim*, a canoinha, o barco pequeno.

Iguá, c. *y-guá*, seio d'agua, bacia fluvial, bahia, lagamar; 84, 96. V. *yguape*.

Iguaguaçupe, corr. *yguá-guaçú-pe*, no lagamar grande. Hans Staden escreveu *Iwawasupe* de que por confusão, Frei Gaspar da Madre de Deus fez *Enguagassú* e traduziu—pilão grande.

Iguape, c. *yguá-pe*, no lagamar, na bahia fluvial; S. Paulo, Bahia.

Iguaraçú, corr. *ygara-açú*, canôa grande, barco de alto bordo, navio; 115; Pernambuco; V. *Igaraçú*.

Igurehy, c. *yguré-y*, rio das antas; Matto Qrosso. V. *icuré*. Varnhagen traduziu, nas notas ao Roteiro de Grabiel Soares, (*y-gurey*) rio da sêde ou sem agua.

Imbé, corr. *y-embé*, a orla d'agua, a margem, a riba, a praia.

Imbiaçá, corr. *mbê-açá*, forma guarani de *mbê-açaba*, a travessia do caminho; onde o caminho atravessa rio ou esteiro; o porto. V. *Peaçá*.

Imbira, corr. *y-mbyra*, a pelle da arvore; a casca da arvore; a fibra da entrecasca.

Imbiritî, corr. *ymbyra-tî*, a fibra branca, entrecasca de arvore de que os indios faziam cordas, e os negros aventaes; dava morrões de espingarda que não se apagavam. (R. do Brasil cap. 68).

Imbirussú, c. *ymbyr-uçú*, a imbira grande, a entrecasca grossa.

Imbú, corr. *y-mbo-ú*, o que faz beber; o que dá de beber, allusão aos tuberculos grandes desta planta que nas raizes seggregam agua abundante e matam a sêde aos viajantes do sertão em tempo de sec-

ca. (*Spondias tuberosa*). Alt.: *Umbú, Ombú, Ambú*. Norte do Brasil.

Imboáca, corr, *y-mbó-áca*, o que faz ponta ou saliencia. Ceará.

Imbuá, corr. *amboá*, ou *a-mbó-ã* os pellos erguidos ou levantatados; designava as lagartas felpudas, entre os indios. Outros dão esse nome á *Centopéa*.

Imbuhy, corr. *ymbú-y*, rio do imbú; corr. *mboi-y*; rio da cobra; pode ser ainda *ybú-y*, a agua da fonte ou do manancial; Rio de Janeiro.

Imburana, corr. *ymbú-rana*, o imbú falso, parecido com o imbú. (*Bursera leptophlocos*).

—

Inayê, c. *ina-yê*, o que está separado, o solitario, o gavião.

Indaiá. V. *Indayá*.

Indaiatuba, corr. *indayá-tyba*, palmeiras indaiás em abundancia, palmar de indaiás; S. Paulo; 108.

Indayá, c. *inda-yá*, a que sobresae. E' a palmeira *Attalea compta*. 108.

Induá, corr. *indoá*, o pilão. No guarani *angoá*.

Ingá, corr. *y-igá*, o que é embebido ou humido; allusão á polpa da fructa.

Ingahíva, corr. *ingá-yba*, a arvore de ingà. Entre caipiras o termo *ingahiba*, se applica ao individuo irritadiço e desconfiado; mas, neste caso, o vocabulo deve ser *angayba*, (*anga-ayba*) que se traduz—alma ruim, genio mau. («O Gunga-muquixa» de Waldomiro Silveira).

Inhã, corr. *y-nhã*, a agua corre, a enxurrada. Alt.: *Unhã, Unhão*. Bahia.

Inhambú, corr. *y-nhã-bú*, o que corre surdindo, ou sae a correr donde estava occulto. Baptista Caetano traduziu-o—o que se levanta a prumo. E' a ave gallinacea; *Crypturus*. Alt.: *Enambú; Nambú*.

Inhambúi, c. *inhambu-î*, perdiz pequena, a codorniz ou codorna, (*Crypturus maculosus* Temm).

Inhambuhy, corr. *inhambú-y*, rio das perdizes; alt. *inhamby;* 109.

Inhambupe, c. *inhambú-pe*, nas perdizes; Bahia.

Inhamuns, corr. *inhamû* ou *inhambú*; as perdizes; Ceará.

Inhabatan, corr. *ya-poatã*, individuo linheiro, o tronco recto. Nome de uma arvore que dá mastro para embarcações. Alt.; *Iabatã, Yaboatã, Yaboatão*.

Inhaybatã, corr. *y-nhã-yba-atã*, o mastro direito. V. *Inhayba*.

Inhayba, corr. *y-nhã-yba*, a arvore de andar ou correr n'agua, o mastro de embarcação.

Inhacundá, corr. *y-nhã-cundá*, a corrente sinuosa. Rio Gr. do Sul.

Inhancica, corr. *ynhã-ycica*, a rezina de jorro ou esguicho. E' uma *Acacia*. Minas Geraes.

Inhandijú, corr. *nhandi-yú*, o oleo amarello.

Inhancorá, palavra hybrida, c. *y-nhã-corá*, o curral da enxurrada. V. *Inhã*. Rio Gr. do Sul.

Inhatí, ou *y-hatí*, o que tem pontas ou cornos; o chifre, a tromba, o estilete, o aguilhão.

Inhatium, corr. *nhatî-ú*, o que pica com ferrão. E' o mosquito pernilongo (*Culex*) que zune á noite.

Inhobim, corr. *nhû-obî*, o campo verde. Parahyba do Norte.

Inhoã, corr. *nhû-ã*, o campo alto. Rio de Janeiro.

Inhuma, V. *anhuma*. Bahia.

Inhumirim, corr. *nhû-mirim*, campinho, 87 Rio de Janeiro.

Ini, s. a rede, a maca, o fio, a linha; 120.

Iniaoba, c, *ini-aoba*, o manto de rêde, panno ou capa com a trama da rêde de que usavam os chefes selvagens em dia solemne.

Iniguaçú, c. *ini-guaçú*, a rêde grande, ou o manto grande como o que usavam os chefes do gentio nos dias de festa. Nome de um principal dos Petinguaras.

Inimbola, corr. *y-nimbô*, o que é de cuspir, ou de salivar. E' a planta chamada *silva da praia* (*Guilandina* Bonduc), de cuja entrecasca se tira substancia que faz vomitar as salivas.

Inoby, corr. *nhû-oby*, o campo verde. Parahyba do Norte.

Inubia, João de Lery escreveu *yanubia*, que, pela prosodia franceza, deve ser *yanubiá*, e deulhe o significado de uma trombeta, usada pelos Tupinambás de Rio de Janeiro. O vocabulo *yanubiá* se decompõe—*ya-nú-biá* e litteralmente se traduz— o que sôa agradavel. Era uma trombeta de guerra, grossa, comprida e de grande abertura, cujo som se ouvia á grande distancia.

Intanha, corr. *yi-tã*, a rã forte, allusão ao coaxar do animal que imita o som do marfello na bigorna. E' a rã de chifre (*Ceratophrys dorsatus* Neuw). Alt.: *Itanha, Itânia*.

Insuacome, ant. *yuacema*, Cas.; V.

Inuçú, corr. *nhû-uçú*, o campo grande. Ceará, Piauhy.

—

Ipamerí, corr. *y-paûmc-rí*, ao entrerios, á mesopotamia. E' o nome actual da cidade de Entre Rios em Goyaz.

Ipané, V. *Ipanema*.

Ipanema, corr, *y-panema*, agua ruim, imprestavel; 76; S. Paulo; rio que não tem peixe.

Ipâuçú, corr. *ypaû-uçú*, a ilha grande. Nome de um chefe e feiticeiro dos Petinguaras no seculo XVI.

Ipeca, corr. *y-pega*, caminhante n'agua, o nadador, o palmipede.

Ipecacuanha, Antigamente *Ipicacuem*, c. *ypy-caá-gueê*, a raiz vomitiva; *ypy-caá*, a raiz, o pé da planta; *gueê*, vomitar, a vomitar. Outros escrevem *Ipecaconha*, (*ypeca-conha*) o penis do pato, assim denominada a planta pela semelhança da sua raiz com a forma do membro daquella ave. (*Cephaëlis Ipecacuanha*).

Ipecatiapoá, corr. *ypeca-tî-apoã*, o pato de christa levantada (*Anas carunculata* Illig). V. *Ipeca*.

Ipecutirí, corr. *ypeca-û-tiri*. o pato preto arisco. E' o *paturi* (*Anas brasiliensis* Briss).

Iperoba, corr. *ypé-roba*, a casca amarga. Alt.: *Peroba*. (*Aspidosperma*).

Iperoig, corr. *ypirû-yg*, rio do tubarão; 109; S. Paulo.

Ipetinga, corr. *ypé-tinga*, a casca branca. Rio Gr. do Sul.

Ipecû, corr. *ypec-û*, o pato preto. (*Anas viduata* Anser).

Ipeúva, corr. *ypé-yba*, a arvore da casca. Alt.: *Ipeiba, Ipeúba, Peúva, Piuva*.

Ipê, corr. *y-pé* ou *yb-pé*, a arvore cascuda ou a casca da arvore. (*Tecoma-Ipé*).

Ipiaba, corr. *y-peaba*, direcção ao rio, caminho que leva á agua; corr. *ypyaba*, fundura, profundidade, afastamento, retiro.

Ipioca, corr. *y-pioca*, a raiz d'agua. Pode ser tambem *yby-oca*, a casa do chão, a caverna ou furna. Alagôa. Alt.: *Ibioca, Bioca, Pioca*.

Ipuçaba, corr. *ypuçaba*, a minação d'agua. Ceará.

Ipiruquiba, corr. *ypirú-kyba*, o piolho do tubarão. E' o peixe companheiro inseparavel dessa fera marinha. (*Echeneis Rémora*).

Ipiruaçú, corr. *ypirú-açú,* o tubarão grande. Nome de um chefe dos Tamoyos, citado por Hans Staden.

Ipirú, corr. *y-por-ú,* o que come gente, a féra d'agua; o tubarão.

Ipitá, corr. *y-pytá,* a agua perenne.

Ipojuca, corr. *ypó-yuc,* estagnado podre, banhado de aguas pudridas; alt.: *pojuca*; 115; Pernambuco.

Ipopoca, corr. *y-popoca,* a agua que estronda ou arrebenta com fragor. Parahyba do Norte.

Ipú, c. *y-pú,* agua surge ou ferve; manancial, olho d'agua, fonte, minadouro; 103; Ceará.

Ipuacá, corr. *ypú-açú,* a fonte grande, o olho d'agua grande.

Ipuca, corr. *y-púca,* agua arrebenta, ou estoura, agua quebra.

Ipueira, corr. *y-poera,* agua que foi, curso d'agua extincto, braço ou canal de rio que não corre, sacco, bahia fluvial; 71; V. *poéra.*

Ipuichim, corr. *y-poî-cyn,* a agua tenue e luzidia, o filete brilhante.

Ipupiara, corr. *ypú-piára,* o que reside ou jaz na fonte; o que habita o fundo das aguas *ypypiara.* E' o genio ou animal mysterioso, que os indios davam como o homem marinho, e que fazia muito damno aos pescadores, mariscadores e lavadeiras. O encontro com esse monstro aterrava tanto que o paciente se quedava por muito tempo como apatetado e timido.

Ipuxi, corr. *y-puchi,* a agua suja; o rio feio.

—

Ira, corr. *eira=eir,* s. o mel, a abelha; c. *ê-ir,* doce desprende-se, doce sae; Bap. C.

Iracema, c. *ira-acema,* o fluxo de mel. Como nome de mulher é synonimo de *meliflua, doce*; corresponde à *Dulce, Melina, Dulcifera.*

Iracê, corr. *iracema,* c., *ira-acema,* a sahida, o fluxo do mel, a doçura. V. *Iracema.*

Iraê, c. *Ira-ê,* sabor de mel; a dulçurosa. Nome de mulher.

Irahy, c. *ira-y,* rio do mel.

Irajá, corr. *ira-yá,* o mel brota ou se produz; capaz de mel, a meleira; Rio deJaneiro.

Irajassê, c. *ira-yacê,* a sêde de mel.

Irajahy, corr. *irayá-y,* o rio da meleira, ou do cortiço. Bahia.

Irajahê, corr. *irayá-ê,,* propenso aos cortiços ou ás abelhas. Bahia.

Irajuba, corr. *ira-yuba,* o mel ruivo. Bahia.

Iramaia, c. *ira-maia,* a mãe do mel, a que gera o mel, a abelha.

Irapiranga, c. *ira-piranga,* mel vermelho.

Irapó, corr. *y-r-apó,* a agua crescida, a enchente; corr. *ira-pó,* a mão de mel.

Irapuá, corr. *ira-poã,* o mel levantado, ou fabricado no alto; 66.

Irára, c. *ira-ra,* o que colhe mel, o lambe mel, o papa mel *(Galictis barbara).*

Irará, c. *ira-r-á,* tira mel. Bahia.

Iraype, corr, *irá-y-pe,* no rio do mel. Bahia.

Irecê, c. *y-recê,* pela agua, pela corrente, á mercê das aguas, a tôa; abandonada; é usado como nome de mulher.

Irietê, c. *y-rî-etê,* agua que corre direito, trecho de rio largo e rectilineo, o estirão; 104.

Iriri, ou *riri,* s. a ostra.

Ririgo, corr. *y-ryryc,* o que escapole, o arisco. E' um lagarto verde, peqneno, que no Norte do Brasil se chama *Calango.*

Iry, corr. *yri,* o cacho. Designa uma palmeira que dá fructos em cacho muito conchegados (*Astrocaryum Ayri* Mart). Alt.: *Ayri, Airi, Hayri.*

Irohy, corr. *y-róy,* rio d'agua fria. Rio Grande do Sul.

Iruçú, corr. *ira-uçú,* o mel grande.

Irumoguaba, c. *irumo-guaba,* a vida junta, a convivencia, a sociedade, o gremio, a companhia. Alt.: I*rumoguá.*

Irumoguara, c. *irumo-guara,* morador junto, companheiro, socio, collega. Diz-se tambem *Irunamoguara.*

Irupirú, corr. *urú-pirú,* o que faz vez de gallinha (*Tyrannus Irupirú* Vieill).

Irutim, corr. *eira-tî,* a abelha branca.

—

Itá, c. y-*tá,* o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o rochedo, o seixo, o metal, o ferro; 107; o barro duro, a argilla estratificada; alt. *tá.*

Itabapoana, ant. *Cabapoama,* c. *caba-poama,* as vespas assanhadas ou levantadas; 107; Espirito Santo.

Itaberaba, c. *itá-beraba,* pedra que resplandece, pedra reluzente, crystal; 107. Minas, S. Paulo, Bahia.

Itaberabaetê, c. *itaberaba-êtê,* crystal verdadeiro, a pedra reluzente legitima, o diamante; 107.

Itabira, c. *itá-bir,* pedra que se levanta, pedra empinada; Minas Geraes; 109.

Itabirito, rocha siliciosa, quartzito ferruginoso, abundante no Brasil central; o nome procede de *Itabira*; 107.

Itaboca, corr. *itá-boc,* pedra furada. ou arrebentada, pedra solapada.

Itaborahy, corr. *itá-porã-y,* o rio da pedra bonita. Rio de Janeiro.

Itabubui, c. *itá-bubui,* a pedra que fluctua, a pedra pomes; 107.

Itaca, corr. *y-táca,* a agua ruidosa, ou bulhenta.

Itacambira, c. *itá-acambira,* o forcado de pedra ou ferro, o compasso, a tenaz.

Itachama, c. *itá-chama,* cadeia de ferro, corrente, 107.

Itacerangaba, corr. *itá-acé-rangaba* a figura ou imagem da gente de pedra, a figura humana feita de metal, a estatua.

Itaçocê, c. *itá-açocê,* sobre as pedras, em cima das pedras.

Itacuatiara, corr, *itá-cuatiara,* a pedra escripta; a inscripção da pedra; o lettreiro da pedra; 107.

Itaculumi, corr. *itá-curumim.* o menino de pedra, o filho da pedra; ou a pedra e seu filho; allusão a ser o pico, que tem esse nome, formado de um grande bloco rochoso tendo ao lado um outro muito menor, como se fôram mãe e filho; Minas Geraes.

Itacuruba, c. *itá-curuba,* fragmentos de pedra, seixos, cascalho; 107; alt. *itacurú.*

Itacurubí, c. *itacurub-î,* o pedregulho, seixos muidos. Alt.: *Itacuravi.*

Itacuruçá, c. *itá-curuçá,* a cruz de pedra, ou de ferro; 107.

Itacyra, s, a enxada; 123.

Itaem, c. *itá-em,* pedra hume; 107.

Itaetê, c. *itá-etê,* ferro verdadeiro, o aço; 107.

Itapagipe, antigamente *Tapagipe,* c. *taba-gy-pe,* no rio da aldêa, allusão á aldêa de *Moyrangaoba* que ficava por detraz da ponta peninsular de Itapagipe, na bahia de Todos os Santos. Pode tambem proceder de *itapé-gy-pe* que exprime—no rio da lage. A ribeira de Itapagipe de cima cae do alto de uma pedreira ou lage, visinha do logar onde se construiu o primeiro engenho no tempo de Mem da Sá. Bahia.

Itaguaba, c. *itá-guaba,* a comida de pedra ou de barro, isto é, a pedra ou barro que serve de comida aos animaes; é o que o vulgo denomina *barreiro,* ponto da margem do rio onde os animaes veem lamber a terra salgada ou salitrada; Alt.: *itaguá, taguá, tauá, tabá.*

Itagibá, corr. *itá-gybá,* o braço de ferro. Nome de um chefe Tobayara.

Itaguahy, antig. *Taguahy,* c. *taguáy,* o rio do tauá. Pode ser tambem *itaguá-y,* significando—rio dos barreiros. V. *Itaguaba.*

Itaguira, c. *itá-guîr,* por debaixo das pedras. Matto Grosso.

Itaguá, contracção de *Itaguaba,* o barreiro, o barranco de argilla que os animaes frequentam para comer. Alt.: *Taguá, Tauá.*

Itahiba, corr. *itá-yba,* a arvore de ferro, ou pau-ferro. Alt.: *Itajiba, Itaúba, Itaúva.*

Itahim, corr. *itá-im,* a pedra pequena, a pedrinha, concinha.

Itahype, c. *itá-y-pe,* no rio das pedras. Bahia.

Itaierê, c. *itá-ierê,* a pedra em gyro, a mó.

Itaimbé, c. *itá-aimbé,* pedra aspera, penedo afiado, cortante, ponteagudo; 82.

Itaigara, c. *itá-ygara,* o barco de ferro, a embaacação feita de ferro. Confunde-se com *itayquara* que quer dizer—o poço das pedras. Bahia.

Itaipava, corr. *itaî-paba,* a estancia do pedregulho ou de seixos. E' vocabulo indigena para exprimir um banco de cascalho, ou travessão de pedras miudas no leito dos rios. S. Paulo, Rio, Paraná; 104, 107. V. *Itahim,* 28.

Itaipu, corr. *itá-ypú,* o manancial da pedra, o olho d'agua das pedras; a fonte dos pedras.

Itajuba, corr. *itá-yuba,* a pedra ou metal amarello. o ouro; 107; Alt. *Itayú, Itajú.*

Itajubá, corr. *itayub-á,* a extracção do ouro, a mineração aurifera. Nome de uma cidade de Minas Geraes. V. *Itajuba.*

Itajahy, corr. *itayá-y,* o rio do pedregoso. V. *Itayá.* Pode tambem derivar-se de *Tayá-y,* e exprime então—o rio dos tayás.

Itajiba, V. *Itahiba.*

Itajyca, s. o estanho; 107.

Itakéra, c. *itá-kera.* a pedra dormente, a jazida de pedra, a pedreira, o lageado; 57, 107. São Paulo.

Itaky, geralmente escripto *itaquy;* c. *itá-ky,* pedra aguçada, ou afiada, pedra de amolar machado. 109.

—

Itamanduaba, corr. *itá-maenduaba,* o monumento de pedra, ou de ferro; o monumento, a estatua.

Itamaracá, c. *itá-maracá,* maracá ou chocalho de metal, o sino, a campa; 107; Pernambuco.

Itamaraty, corr. *itá-marã-ty,* a agua ou corrente das pedras soltas, allusão ao rio corrente no meio de blocos de pedras; Rio de Janeiro. Pode tambem ser *itá-morontî,* as pedras alvissimas. V. *Morotim.*

Itambé, corr. *itâ-bé,* as conchas razas. E' o rio tambem conhecido na historia por *Ituzaingó.* Rio Gr. do Sul.

Itambú, c. *itá-ambú,* pedra sonora.

Itamby, c. *itá-mby,* a pedra calçada. Rio de Janeiro.

Itamembeca, c. *itá-membecá,* a pedra flexivel, ou branda. E' como os indios denominavam a esponja. Tambem davam esse nome ao chumbo, metal molle.

Itametara, c. *itá-metára,* ornato de pedra ou de metal, botoque de pedra.

Itamirindiba, c. *itá-mirim-dyba,* cascalheira, seixal, pedrinhas em abundancia; 107; Minas.

Itamoabo, c. *itá-moabo,* a pedra eminente, ou levantada. Ponta meridional, em forma de promontorio, da ilha da Maré, na bahia de Todos os Santos.

Itamorendengue, corr. *itá-marâ-denga,* as pedras soltas esparsas. Rio Gr. do Sul.

Itamotinga, c. *itá-motinga,* a pedra esbranquiçada, ou feita branca.

—

Itan, corr. *y-tâ,* a concha, a colher. (*Mytilus).* Alt.: *Intâ.*

Itanbaem, c. *itá-nhaé,* bacia de pedra, vaso de metal, panella de ferro; 120; S. Paulo.

Itanguâ, c. *ytã-guá,* a baixada das conchas ou *itans.* Minas.

Itanhenga, corr. *itá-nheenga,* a pedra falante ou que tem echo. Rio de Janeiro.

Itanema, c. *itá-nema,* o metal fetido, o cobre.

Itanimbó, c. *itá-nimbó,* fio de ferro ou de metal, arame; 107.

Itanna, c. *itá-una,* pedra preta, ferro, minereo; 107.

—

Itaobím, c. *itá-obî,* pedra verde, esmeralda; 107.

Itaoca, c. *itá-oca,* casa de pedra, caverna, furna, lapa; 100, 112.

Itaocala, corr. *itá-ocái,* o recinto de pedras. Rio de Janeiro.

Itaocara, c. *itá-ocara,* terreiro ou praça calçada de pedra; 112; Rio de Janeiro.

Itaoka, V. *îtaoca.*

—

Itapacoroya, corr. *itapé-coroi,* lage que emerge, rochedo que surge; abrolhos; nome de uma enseada em Santa Catharina.

Itapanhunacanga, V. *Tapanhunacanga.*

Itapanhû, corr. *tapuy-û,* o extrangeiro negro, o negro africano. V. *Tapuyuna;* S. Paulo.

Itaparica, antigamente *Itapari,* c. *itá-pari,* cercado de pedras, allusão á corda de recifes que precede certas partes da costa. A ilha grande da bahia de Todos os Santos deve o seu nome a este facto; Bahia.

Itapé, contr. *itapeba,* c. *itá-peba,* pedra plana, lage, lageado; entra assim contracto na composição de muitos vocabulos; pode ser ainda corr. *itá-apé,* caminho de pedra, ou vereda calçada de pedras.

Itapeaçú, c. *itapé-açú,* lage grande, lageado extenso.

Itapeboçú, corr. *itapéba-oçú,* a lage grande; nome da primeira povoação fundada por D. Francisco de Sousa, no pé do Morro de Araçoyaba em 1600; S. Paulo.

Itapeby, corr. *itapeb-y,* o rio da lage. Rio Gr. do Sul.

Itapecerica, c. *itapé-ceric,* lage escorregadia, ou penha corredia; pode ser—*tapé-ceric,* caminho escorregadio; S. Paulo. V. *itapé.* 107.

Itapecum, c. *itá-apecû,* a lingua de pedra. S. Catharina.

Itapecurú, c. *itapé-curú,* a lage de cascalho, ou rocha formada de seixos aggregados, o conglomerado. Significa tambem—pedacinhos de lage, ou de pedras aplainadas; fragmentos de schistos. Alt.: *Itapicurú, Tapecurû.*

Itapecima, V. *Itapechinga.*

Itapechinga, c. *itá-pechinga,* penha lisa; corr. *itapé-ching,* lage polida. S. Paulo.

Itapemirim, c. *itapé-mirim*, lage pequena, laginha; pode ser ainda corr. *tapé-mirim*, caminho pequeno, vereda; Espirito Santo, Bahia.

Itapepucú, c. *itapé-pucú*, lage comprida; lageado extenso.

Itapetininga, c. *itapé-tininga*, a lage enxuta. Mas o vocabulo *itapé*, (*itá-apé)* tambem exprime—camnho dentro d'agua—ou o *vau* (*y-tapé*), e, neste caso, *Itapetininga*, significará — vau secco — passagem raza. Alt.: *Itapetinî*; S. Paulo.

Itapetinga, c. *itapé-tinga*, lage branca, penha alva; S. Paulo.

Itapeva, corr. *itá-peba*, pedra plana, lage, lageado; alt. *itapé*.

Itapeúna, c. *itapé-una*, lage preta, lageado escuro.

Itapicú, V. *itapucú*.

Itapicurú. V. *Tapicurú*.

Itapimirim. V. *itapemirim*.

Itapira, corr. *itá-apira*, a pedra empinada. E' o mesmo que *Itabira*. Julgou-se out'ora traduzir—*Penha do rio do Peixe* por *Itapira*, a tradução verdadeira seria—*Pirá-y-itaguaçú*, ou então, se preferirem *Piraytapeba* (*Pirá-y-itapeba*).

Itapirú, corr. *itá-apirú*, as pedras sobrepostas ou amontoadas.

Itapitanga, c. *itá-pitanga*, a pedra vermelha. Alt.: *Itapitã*.

Itapitocai, corr. *itapy-tocái*, o curral de pedra, ou recinto murado. Rio Gr. do Sul.

Itapiva, corr. *itá-pibo*, a pedra núa ou a descoberto. Minas.

Itaporanga, c. *itá-poranga*, a pedra bonita; 107. Alt.: *Itaporã, Itaborá*.

Itapororoca, c. *itá-pororaca*, a pedra estrondante, ou que arrebenta com ruido. Confunde-se geralmente com *Caá-pororoca* que quer dizer—pau que estala.

Itapuá, c. *itá-apuá*, a pedra redonda, rochedo arredondado, bloco. Confunde-se com *Itapuã* ou *Itapoã*.

Itapuã, corr. *itá-poã*, o mesmo que *itá-mbo-ã*, a pedra posta alta, a pedra empinada, o penedo levantado; 107. Bahia.

Itapúa, c. *itá púa*, a pedra sonora, o metal sonante, o sino; Paraguay.

Itapucú, c. *itá-pucú*, pedra comprida, rocha extensa, penha longa, barra de ferro; 107.

Itapura, corr. *itá-pura*, o salto da pedra. Pode ser tambem corrupção de *itá-apîra*, ou *îta-apura*, que exprime—pedra levantada.

Itapuy, corr. *itá-poi*, a pedra delgada, o schisto ou folhêlo.

—

Itaquá, c. *itá-quã*, as pontas de pedra, o dêdo de pedra, o pico.

Itaquaquicetuba, ant. *Taquaquicetuba*, c. *taquaquicé-tyba*, abundancia de taquaquicé, taquaral da especie taquaquicé; 107; S. Paulo. V. *taquaquicé*.

Itaquéra, corr. *itá-coéra*, as pedras, 25. No guarani *itá-cué*.

Itaquí, V. *Itaky*.

Itaquicé, corr. *itá-kicé*, a faca de pedra ou metalica; 123.

Itaráca, corr. *y-taraca*, o que é cambiante ou furta-côr.

Itararé, c. *itá-raré*, pedra excavada, conducto subterraneo, sumidouro; tubo, cano, canal; 107. S. Paulo.

Itatiaia, corr. *itá-tiâi*, o penhasco eriçado de pontas. E' o culminante do systema orographico brasileiro, na serra da Mantiqueira.

Itatiba, corr. *itá-tyba*, o pedregal. S. Paulo.

Itatiberaba, c. *itá-ti-beraba*, ponta de pedra relusente, o crystal; 107.

Itatim, c. *itá-tî*, ponta ou nariz de pedra, pico; 82; como forma contracta de *itá-tinga* quer dizer: pedra *b*ranca, prata, metal branco; 107.

Itatinga, c. *itá-tinga*, pedra branca, prata, metal branco; calcareo, gesso, cal; 107.

Itatinguy, corr. *itatíng-y*, o rio da pedra branca, ou rio da prata.

Itaty, c. *itá-ty*, liquido manado da pedra, manancial das pedras.

Itatyra, c. *itá-tyra*, o conducto de pedra, o cano de ferro.

Itatyraba, s. a canalisação de ferro. V. *Itatyra*.

Itaubira, c. *itá-o-bîr*, pedra que se levanta, serro empinado. V. *itabira*; Bahia,

Itaú, c. *itá-ú*, o manja-ferro. Nome de um chefe Tupinambá citado por Hans Staden. Pode ser *itá-û*, a pedra preta, o ferro

Itaúba, V. *Itahiba*.

Itayá, c. *itá-yá*, capaz de pedras, o pedregoso.

Itayuba, c. *itá-yuba*, pedra ou metal amarello, ouro, 107.

Itayubarana, c. *itá-yuba-rana*, pedra ou metal amarellado, o ouro falso, o cobre; 107.

Iteronne, graphia primitiva de *Niteroy* segundo Hans Staden; corr. *y-terõ*, agua em seio ou em concavo, enseada, ancoradouro.

Itinguaçú, corr. *y-tinga-açû* ou *y-tîguaçú*, a agua branca grande Alt.: *Utinguacú*. Rio de Janeiro.

Itiqueira, corr. *yty-coéra*, as vertentes.

Itíquira, corr. *y-tykyra*, a agua vertente, o minadouro.

Itiuba, V. *Tiúba*.

Itoby, corr. *y-t-oby*, a agua verde, o rio verde, ou azul. S. Paulo.

Itoroquem, corr. y-*toró-quem*, a agua jorra bulhenta, o jorro d'agua ruidoso. Rio Gr. do Sul.

Itù, c. *y-tú*, tombo ou queda d'agua, salto, catadupa. 104. S. Paulo.

Ituacú, c. *ytú-açú*, o salto grande. Assim é que na Bahia se traduziu *Brejo Grande*. A traducção verdadeira é *Yapó-açú*, ou *Yapoçú*.

Itupararanga, corr. *ytú-pararanga*, o ronco do salto. S. Paulo.

Itupeva, corr. *ytú-peba*, a queda d'agua rasteira, a corredeira, a cachoeira raza; 104. S. Paulo

Itupirú, corr. y*tú-pirú*, a corredeira secca; S. Paulo.

Ituporanga, corr. *itú-poranga*, o salto bonito.

Itupuy, corr. *ytú-poî*, o salto esbelto- a queda d'agua alta.

Itutinga, corr. *ytú-tinga*, o salto branco. S. Paulo.

Ituzaingo, corr. *ytú-çãingó*, salto pendente, ou dependurado, salto a prumo; Rio Gr. do Sul. Deve pronunciar-se *ituzaingó*.

Ityra, s. o mesmo que *atyra*, elevação, altura, cabeça, cumulo, monte. 79.

Ityrapina, c. *ityra-apina*, morro pellado, monte calvo; S. Paulo.

Ityruna, c. *ityra-una*, monte negro, serra negra.

—

Ivaica, corr. *ybá-ig*, o vinho de fructa. Rio Gr. do Sul.

Ivahy, corr. *ybá-y*, o rio das fructas. Pode ser tambem *yiba-y*, o rio das flechas. Paraná.

Ivinheima, não parece de procedencia tupi; mas si fôr, pode ser interpretado como procedente de *yby-eyma*, que exprime—*sem terra*, allusão de certo ás enchentes do rio deste nome que o transformam n'um grande alagado sem margens. Matto Grosso.

J

Jabá, corr. *yabá*, vb. fugir, esconder-se; s. fujão; no tp. c. *jabáu*.

Jabaquara, corr. *yabá-quara*, refugio ou esconderijo de fujões, vulgo, *quilombo*; 129. S. Paulo.

Jabebira, corr. *ya-pé-byra*, o individuo de pelle aspera, ou pelle de lixa. E' o nome generico das *raias* e peixes chatos. Alt.: *Jabebira*, *Jabybura*.

Jaboatão, V. *Inhabatam*.

Jaborandy, corr. *yá-mbó-r-endi*, individuo que faz salivar; é o arbusto medicinal *Pilocarpus sennatifolius*. Alt.: *Iaborandiba*, *Jebarandi*, *Iaburandi* e até *João-brandi*.

Jabuty, corr. *yá-ú-ti*, o individuo que nunca bebe; é o kagado que os indios tinham por incapaz de sêde, «criando-se pelos pés das arvores sem ir á agua». (*Testudo terrestris*).

Jabuticaba, corr. *yauti-guaba*, a comida de kagado. E' a myrtacea (*Eugenia cauliflora)*; 109. Alt.: *Jaboticaba*.

Jaburû, corr. *ya-abirú*, o individuo repleto, ou de papo cheio *(Mycteria americana*).

—

Jacá, corr. *ayacá*, o cesto, o tecido de taquara de forma cilindrica.

Jacamim, corr. *ya-acã-mû*, o individuo que move a cabeça; a mesureira. Bap. C. (*Psophia crepitans*).

Jacanhyoby, corr. *yacã-y-oby*, a cabeceira d'agua verde. Rio Gr. do Sul.

Jacapá, corr. *ya-cã-pã*, o individuo de peito sonoro. E' a ave canora *(Tanagra Jacapá* L.).

Jacapú, corr. *ya-cã-pú*, o individuo de peito ruidoso, o rumoroso. (*Tanagra loricata* Lichts). Ave canora do Brasil.

Jacaracia, corr. *ycaré-ycica*, a baba do jacaré, Lagôa em Sergipe.

Jacaracanga, corr. *yacaré-acanga*, a cabeça de jacarè. Pode ser tambem *yacaré-canga*, a ossada do jacaré; Bahia.

Jacarandá, corr. *ya-acã-rãtã*, o individuo de amago rijo, a madeira de cerne duro. (*Machœrium*).

Jacarapinima, corr. *yacaré-pinima*, o lagarto manchado; Rot. Braz. c. 114.

Jacaré, corr. *ya-caré*, o individuo curvo ou sinuoso. Pode ser *yechá-caré*, o que olha torto ou de banda. (*Crocodilus sclerops*).

Jacareguava, corr. *yacaré-guaba*, a comida dos jacarés, o comedouro desses animaes. S. Paulo.

Jacarehy, c. *yacaré-y*, rio do jacaré; S. Paulo; 109.

Jacarepuá, corr. *yacaré-puã*, ou *jacaré-puama*, o jacaré assanhado; nome de uma lagôa no Rio de Janeiro.

Jacarepaguá, corr. *yacaré-upa-guá*, baixa ou valle da lagôa dos jacarés; 84, 129; Rio de Janeiro.

Jacarepipira, corr. *yacarê-pipira*, o jacaré ferido, esfolado. Lacerda e Almeida interpretou — *pestana de jacaré*: S. Paulo.

Jacariní, corr. *ya-cã-r-iní*, o individuo de peito firme. Ave canora. (*Tanagra Jacarini*).

Jacatinga, corr, *ya-cã-tinga*, o individuo de peito branco. Marc.

Jacatirão, corr. *ya-catî-rô*, o individuo que cheira bravo, ou demasiado. E' um arvore de madeira branca, servindo para caibros (*Lasiandra*). Rio de Janeiro, Espirito Santo, Bahia.

Jacauna, corr. *y-aca-una*, o da cabeça preta.

Jaçanã, corr. *ya-çá-nã*, o individuo que grita deveras, o gritador. E' a ave aquatica. (*Parra jaçanã*).

Jaçanahú, corr. *yaçanã-ú*, a jaçanã come, onde vive a jaçanã. Designa uma lagôa no Ceará.

Jacê, corr. *yá-c-eé*, o fructo doce; a cabaça doce, ou bem a melancia. (*Cucurbita citrullus* L.).

Jaceguá, corr. *yacê-guá*, a baixa das melancias.

Jaceguay, corr. *yacê-guái*, a cabaça édula, a melancia.

Jaciguá, corr. *yacy-guá*, o globo da lua, a lua redonda. V. *Jacy*.

Jacerú, corr. *yacê-yrú*, o que contem melancias. Bahia.

Jaciguáy, corr. *yacy-guáy*, a cabaça ornada, on a cuia pintada ou decorada. V. *Jaceguáy*.

Jacina, corr. *ya-cina*, o individuo luzidio, ou de reflexos brilhantes. E' uma borboleta de azas azues, claras, brilhantes.

Jacobina, antigamente *Jacuabinas*, corr. *ya-cuâ-apina*, onde ha cascalho limpo, ou despido, isto é, jazidas de cascalho descoberto. E' o nome do sertão aurifero da Bahia.

Jacoca, V. *Joacoca*.

Jacú, corr. *y-a-cú*, o que come grãos, o que traga ou engole fructos. Bap. C. (*Penelope*).

Jacuacanga, corr. *yacú-acanga*, a cabeça de jacú; corr. *yaguá-canga*, a cabeça de onça. E' uma planta borraginea. *(Tiaridium indicum*). Logar no Rio de Janeiro.

Jacuhy, c. *yacú*-y, rio dos jacus.

Jacuhype, corr. *yacú-y-pe*, no rio dos jacús; Bahia, Pernambuco.

Jacundá, corr. *ya-cundá*, o individuo retorcido ou travado. E' um peixe fluvial vogaroso que se deixa pegar á mão. *(Bairachops*).

Jacuné, corr. *yacu-nê*, o jacú fetido ou catinguento.

Jacupema, c. *yacú-pema*, jacú inferior, alt. *jacubemba* (*Penelope superciliaris*); *pema* ou *pêba*.

Jacuricy, corr. *yacurì-cica*, a resina do *jacuri*, ou *guacurì*.

Jacuruna, c. *yacú-r-una*, o jacú preto. Bahia.

Jacurutuoca, c. *yacurutú-óca*, a casa da coruja. Designa uma lagôa no Ceará. V. *Jacurutú*.

Jacutinga, c. *yacu-tinga*, o jacú branco (*Penelope leucoptera*); nome de uma rocha friavel argillosa servindo de jazida ao ouro entre a rocha de *itabirito*; 107, 109.

Jacutyba, c. *yacú-tyba*, a abundancia dos jacús.

Jacy, c. *yá-cy*, a mãe dos fructos; a lua; o mez luar; o ornato feito de uma concha branco e talhado em forma de crescente; 120. *Jacy* ou *yã-cy*, é o fructo liso, polido; a cabaça redonda, partida ao meio. Alt.; *Jacê*.

Jacyrendy, c. *yacy-rendy*, o luar, a luz da lua.

Jaembê, corr. *nhaê-bé*, o prato razo, a panella raza, o alguidar.

—

Jaguá, V. *Jaguar*. Entre os guaranís designava o *cumeta*, como si esse astro errante fosse uma féra entre as estrellas. Denominavam *jaguá-bebê*, as estrellas cadentes e aerolithos.

Jaguacambé, corr. *yaguâ-acã-bé*, o cachorro de cabeça chata ou deprimida. E' o mesmo *guaxinim (Procyon cancrivorus*).

Jaguajira, corr. *yaguá-çira* (pronun. *yaguá-chira*), a onça pungente, ou aguilhoante, como se o indio visse no *escorpião* o valor de uma onça ou féra. (*Corpio*).

Jaguamimbaba, c. *yaguà-mimbaba*, onça de criação, o cão manso; alt. *yaguamimbaba*; S. Paulo 109; 124.

Jaguanão, corr. *yaguá-nã*, parente de onça, parecido com ella. Rio de Janeiro.

Jaguanambí, corr. *yaguá-namby,* a orelha d'onça. Ceará.

Jaguané, corr. *yaguá-nê,* o fetido da onça, a catinga de onça.

Jaguamitanga, corr. *yaguá.mitanga,* a onça pequena; o cachorro do matto (*Canis vetulus* Lund).

Jaguapeba, corr. *yaguá-peba,* cão meúdo ou inferior, cãosinho.

Jaguaquára, corr. *yaguá-quara,* a cova da onça. Alt.: *Jaguacoara.*

Jaguar, corr. *ya-guara,* aquelle que devora, ou dilacera, o comedor ou devorador. 109: no tp. g. *yaguà, yauàra.*

Jaguará, corr. *yaguà-rá,* tirado da onça, ficção de onça. E' um brinquedo que se fazia com o disfarce de uma onça, envolta em palha, ou folhas seccas. Pode ser tambem corr. de *Jaguar-ã,* a onça erguida, ou de pé. Bahia.

Jaguaraba, corr. *yaguar-ába,* o cabello ou pello da onça. Rio de Janeiro.

Jaguarapeba, corr. *yaguara-peba,* o cão miudo, rasteiro, tambem chamado *Jaguapeva.* Designava tambem a lontra.

Jaguarahyva, c. *yaguar-aiba,* a onça ruim, o cão ordinario; 109. S. Paulo.

Jaguarauna, c. *yaguara-una,* a onça preta, o tigre.

Jaguarapipo corr. *yaguara-pipo,* a onça em pé. Rio de Janeiro.

Jaguarão, corr. *yaguá-nharõ,* o cão bravo; a onça brava. Pode ser tambem *yaguar-ã,* o cão alto, ou grande. Rio Gr. do Sul.

Jaguaré, corr. *yaguar-ê,* sabe à onça, ou que tem cheiro de onça, a catinga da onça. S. Paulo.

Jaguari, V. *Jaguary.*

Jaguaribara, corr. *yaguary-uára,* os moradores do rio da onça. V. *Jaguary.* Tribu selvagem moradora de Jaguaribe. Ceará.

Jaguaribe, corr. *yaguar-y-be,* no rio da onça; Ceará; 75.

Jaguaryara, corr. *yaguar-yara,* o senhor da onça, o caçador de onça.

Jaguatirica, c. *yaguá-tirica,* onça timida, medrosa, fujona; (*Felis mitis).*

Jaguricatú, c. *yaguar-y-catú,* a agua bôa da onça.

Jaguaripe, corr. *yaguar-y-pc,* o mesmo que *jaguaribe,* no rio da onça; Bahia; 75.

Jaguaritê, c. *yaguar-etê,* a onça verdadeira. (*Felis onça*); 109.

Jaguary, c. *yaguar-y,* rio da onça; 75. 109.

Jaguaron, V. *Jaguarão.*

Jaguarurana, *yaguar-û-rana,* o semelhante á onça preta, isto é, o que imita o tigre. Nome de uma tribu selvagem no Ceará.

Jahó, voz onomatopaica da ave ou pomba, *Zabelê.* (*Crypturus noctivagus*). Alt.: *Jaó.*

—

Jaibaras, corr. *y-ai-uara,* os comedores de preguiça *(ai).* Indios do Ceará. V. *Ai.*

—

Jalapa, corr. *yá-rápa,* o individuo que solta, o solvente, o resolutivo. E' a planta de raiz purgativa. (*Piptostegia Pisonis*).

—

Jamacarú, corr. *ya-mã-curú,* o individuo que é um feixe de espinhos, o espinhento. V. *Mandacarú.* (Cereus). Alt.; *Jaramacarû, Jamandacarú.*

Jamundá, ant. *nhãmundá,* c. *yamundá,* aquelle que furta, gente ladra, povo de ladrões; Pará.

Janaúba, corr. *yandi-yba,* a arvore do oleo, do mel, do visco ou grude. Alt.: *Janayba, Jandiba.*

Jandaia, corr. *nhand-ái,* correndo sempre, o andejo, o errante. E' um papagaio pequeno de cabeça, peito e encontros amarellos. *(Psittacus surdus*). Em Minas Geraes, *Nhandaia.*

Jandaira, corr. *yandi-eira,* a abelha de mel, a melifera. Alt.: *Jandira.*

Jandira, corr. *yandi-eira,* a abelha de mel, a melifera. Pode ser tambem *yandê-ira,* o nosso mel. Nome de mulher. V. *Jandaira.*

Jandiroba, corr. *yandi-roba,* o oleo amargoso. (*Fenillea trilobata).* Alt.: *Nhandiroba.*

Janguruçú, corr. *yang-uruçú,* o uruçú de enxame; abelhas em enxame. Lagôa no Ceará.

Jandú, corr. *ya-andú,* o individuo que pre sente, ou percebe o minimo toque. E' a aranha. (*Aranea*).

Janduí, corr. *yandú-î,* a aranhasinha.

—

Japara, corr. *y-apara,* o que é curvo, ou torto, o arco para propellir a flecha; 116.

Japaratuba, corr. *yapara-tyba,* abundancia de arcos; corr. *y-apara-tyba,* a abundancia de voltas d'agua, isto é, rio sinuoso; corr. *çupára-tyba,* onde abundam os *juparas.* V. *Jupara.* No Rot. Braz. se lê *Ubirapatiba.* Nome de um chefe do gentio de Sergipe.

Japeaçaba, corr. *y-apeaçaba,* a travessia d'agna, a ponte. Designa tambem uma palmeira de que se tiram fibras resistentes, conhecidas por *piassaba.* V. *Peaçaba.*

Japecanga, corr. *yapé-canga,* a casca enxuta, (*Smilax*); corr. *ya-apé-canga,* o individuo espinhento, haste de espinho. E' a salsaparrilha do Brasil. Alt.: *Inhapecanga, Japicanga, Juapecanga, Jupicanga.*

Japejú, corr. *yapó-yú* o alagado podre, o pantanal. Rio Grande do Sul.

Japoahyba, corr. *yapó-ayba,* o pantano ou alagado ruim. Rio Grande do Sul.

Japoca, corr. *y-a-poca,* agua que se levanta arrebentando, agua impetuosa. Parahyba.

Japomim, corr. *yapó-mî,* o brejo pequeno, o brejinho. Pernambuco.

Japú, corr. *ya-pú,* o individuo ruidoso, o barulhento. (*Cassicus*).

Japuhyba, corr. *yapú-yba,* a arvore dos japús. Rio de Janeiro.

Japuiuba, corr. *yapú-yuba* o japú, amarello *(Cassicus hæmorrhous* Dand.). V. *Japú.*

Japurú, corr. *ya-purú,* o devorafructos; o bicho, o verme. V. *Taporú.*

Japuruchitá, corr. *yaporú-cy-itã,* o bicho que gera concha; o caramujo, o caracol. (*Murex).*

Japuteraba, c. *yapu-tereba,* o que tira peccados, o que leva as faltas, o que clama contra os vicios ou mentiras; o padre, o missionario.

Japy, corr. *yapy* ou *yapyra,* a cabeceira, a nascente.

—

Jaquá, corr. *ya-aquá,* o individuo proeminente, o culminante. (*Lucuma gigantea* Freire All.*)* Alt.: *Jaccá.*

Jaquirana, corr. *ya-ki-rana,* o individuo parecido com piolho (*ki* ou *kiba*). E' a cigarra cujo corpo parecia ao indio um piolho grangrande (*Cícada*). Alt.: *Juquirana, jiquirana.*

Jaracatiá, corr. *yara-catî-á*, o individuo de fructo queiroso. E' o mamoeiro brasilico. (*Cárica dodecaphylla* Vell).

Jaraguá, c. *yara-guá*, valle ou baixa do Senhor; enseada ou angra do Senhor; corr. *yara-quá*, ponta ou dedo de Deus, ponta proeminente. S. Paulo, Goyaz, Alagôas; 84.

Jararaca, c. *ya-rá–raca*, o que colhe ou agarra envenenando, ou, vulgarmente, o que tem bote venenoso; (*Bothrops*).

Jararacuçú, c. *yararac-uçú*, jararaca grande. (*Bothrops*).

Jararê, corr. *yá-raré*, o fructo subterraneo; designa o *mandobi* (*Arachis hypogea* L). Marc. e Pis.

Jaroba, corr. *yá-roba*, o fructo amargo (*Tanœcium Jaroba* L.)

Jaraticaca, corr. *yara-tic-aga*, o individuo que arroja fétido. E' um animal que, perseguido, arroja de si um liquido fétido insuportavel. *(Mephitis suffocans*). E' o mesmo *Cangambá* do Norte. Alt.: *Jaratacaca, Jcraticaca, Jeratataca.*

—

Jatahy, corr. *yá-atã-yba*, contracto em *yá-atã-y*, a arvore de fructo duro, (*yá-atã*). E' a arvore *Hymenea Cubaril*. Alt.: *Gitahy, Jatahy, Jutahy*. Designa tambem uma qualidade de abelha que toma esse nome pela predilecção que tem pela arvore.

Jateúca, corr. *y-ati-uca*, o que finca a tromba; o carrapato (*Ixodes)* Alt.: *Jatibuca, Jativuca.*

Jatí, corr. *ya-tî*, o individuo branco, a branca. E' uma casta de abelhas que se chama *Moça-branca* (Mosca branca?).

Jatiutuba, corr. *yatiú-tyba*, carrapatos em abundancias, o carrapateiro; pode ser ainda corr. *jatiútyba*, batatas em abundancia, o batatal; pois que *jatiuca*, é batata, como é carrapato (*Ixodes*), ainda que este ultimo mais correctamente se diga *jatebuca.*

Jatobá, corr. *yataybá*, c. *yatayba-á* o fructo do *yatay*. V. *Jatahy*. Alt.: *Jataibá, Jataubá, Jatubá.*

—

Javahê, corr. *y-abá-é*, aquelle que é gente differente, o que é povo á parte; Goyaz.

Javary, corr. *yauá-r-y*, o rio da onça. Amazonas.

—

Jauá, contr. *yauara*, V. *jaguar.*

Jaú, ou *jahú*, c. *ya-ú*, o que come, aquelle que devora. Peixe fluvial.

Jaurú, corr. *yaú-r-ú*, os jaús comem, ou onde ha jaús. S. Paulo.

Jaury, c. *yaú-r-y*, o mesmo que *jaurú*. O rio dos jahús.

—

Jererahu, corr. *yerê-raú*, redomoinho atôa, ou que faz gyros apparentemente. Lagôa no Ceará.

Jeribatuba, corr. *yaribá-tyba*, a abundancia dos *jiribás*, o palmar de jiribás. V. *Jiribá*. S. Paulo.

Jejuhy, graphia hespanhola de *chechuy* ou *chuchui-y*, rio dos pintasilgos; Paraguay.

Jenipapo, V. *genipapo.*

Jaricoaquara, corr. *yurucuã-quara*, paradeiro, buraco ou refugio das tartarugas; Ceará. V. *Jurucuá.*

Jetica, corr. *yetiyca*, a batata, o tuberculo. Alt.: *Jetuca.*

Jeticuçú, corr. *yetyca-uçú*, a batata grande. E' a batata purgativa. (*Convolvulus operculatus* Bern. Gomes).

—

Jiboya, V. *Giboya.*

Jiquí, corr. *y-iké-i*, aquelle em que se entra, o covo para apanhar peixe. Bap. C.

Jiquiá, corr. *yiqui-á*, o sal brota, onde apparece o sal; ainda corr. *yiki-yá*—o covo aberto; Alagôas.

Jiquitahy, corr. *yiquitai-y*, rio das formigas *jiquitaia*; Minas Geraes.

Jiquiranaboia, corr. *yakirana-boy*, a cigarra-cobra, allusão á forma e manchas do insecto e não ao veneno que não tem. (*Fulgora lanternaria).* Alt.: *Jiquiranaboy; Jitiranaboia.*

Jiquiricá, corr. *yuquiriçaba*, o logar do sal, a salina. Alt.: *Juquiriçaba.*

Jiquitaia, corr. *yiquitái*, o que é picante, o molho; a formiga.

Jiribá, corr. *yarî-ybá*, o fructo de cacho. E' uma palmeira esbelta do mato virgem. Alt.: *Jerivá.*

Jiroá, corr. *yerê-oá*, a cahida, a virada, o tombadouro.

Jitahy, V. *jatahy.*

Jiquitibá, corr. *yiki-t-ybá*, o fructo de *jiqui*, isto é, com a forma de cóvo ou nassa. O fructo do *jiquitibá* é pequeno e afunilado com a apparencia do *jiqui*. E' a arvore gigantesca do Brasil (*Couratari legalis*). Alt.: *Jequitibá, Gecuibá.*

Jiquitinhonha, corr. *yiky-tynhonhe*, cofo n'agua assentado, cofo ou covo mergulhado. E' provavel, porém, que o vocabulo seja da lingua dos *Batocudos*, dominante na região banhada por esse rio.

Joacoca, corr. *yuá-cóca*, a colheita de Juás. Parahyba.

—

Juá, corr. *yú-á*, o fructo de espinho.

Juacema, c. *yu-acema*, sahida dos espinhos. Bahia. Varn. interpretou—*juacê-eyma*, sem sêde.

Juarana, c. *yuá-rana*, o juá falso, ou semelhante ao Juá. Alt.: *Jueirana, Juairana.*

Juatinga, corr. *yuá-tinga*, o juá branco; abrolhos, espinhos. Rio de Janeiro. Alt.: *Juatî.*

Juatindyba, corr. *yuati-dyba*, o espinhal.

Jubaia, corr. *yub-aia*, o pouso ou mansão saudavel. Ceará.

Jucá, corr. *yucá*, matar. Nome de uma arvore de madeira rija de que o gentio fazia os seus *tacapes*, instrumentos de morte.

Juçana, s. laço para colher as aves, 116.

Juçara, corr. *yù-çara*, o espinho ligador ou a agulha de coser. Os espinhos da palmeira *juçára* serviam de agulha aos indios. A coceira.

Jucoex, Segundo Antonio Knivet, nas suas Peregrinações pelo Brasil no seculo XVI, os indios chamavam o Cobo Frio *Iocoex*, mais exactamente *Iucoê* que exprime: *garganta*, allusão ao canal estreito e fundo que dá entrada á lagôa e não ao promontorio rochoso.

Jucunen, c. *y-ucú-nem*, agua espraiada e fetida, nome de uma lagôa, no Espirito Santo. O jacú fétido.

Jucurutú, voz onomatopaica, para designar uma coruja (*Strix Nhacurutú* Vieill. Neuw.). Alt.: *Jacurutú, Nhacurutú.*

Juigiá, corr. *gyi-yiá*, o oriundo ou procedente de gia. E' uma rã brancacenta, cujo canto simula o chôro das crianças. Chamam-n'a *caçôte,* no Norte do Brasil, e *cumbáca*, isto é, *cûm-baca*, o que revira a lingua, no Sul.

Juihi, corr. *gyi-i*, o augmentativo de *gyi*, a gia grande ou rã grande (*Rana).* Rot. Braz. c. 115. Rã de côr escura e mui grande. Alt.: *Gia, yui, Juy.*

Juins, corr. *gyi-î*, as ransinhas, as gias pequenas. Rot. Braz. c. 115.

Juiperega, corr. *gyi-pererega*, a rã saltitante, conhecida vulgarmen-

te por *perereca*. Rot. Braz. c. 115.

Juiponga, corr. *gyi-ponga*, a rã sonante, cujo cantar imita o trabalho do caldereiro. Rot. Braz. c. 115.

Jundiá, c. *yu-ndi-á*, a cabeça de muitos espinhos ou armada de barbatanas; peixe d'agua doce (*Platystoma spatula*).

Jundiahy, c. *yundiá-y*, rio dos jundiás. S. Paulo.

Jundú, corr. *nhû-tû*, campo sujo, ou que começa a ser invadido pela vegetação mais alta á beira mar; S. Paulo.

Jupara, corr. *çûpára*, o movediço, o que de continuo muda de lugar. Animal do tamanho de um bogio, que vive aos saltos sobre as arvores. (*Cercoleptes caudivolvulus*). Alt.: *Xupára, Supara.*

Jupi, corr. *yú-py*, o pé de espinho; corr. *yú-pi*, o espiuho agudo. Pernambuco.

Jupira, corr. *y-upyra*, aquelle que foi comido, o devorado.

Juquery, corr. *yú-ker-i*, o espinheiro propenso a dormir. Nome comum ás *Mimosaceas*. Com a lixivia desta planta temperava o gentio os seus mangares.

Juquiray, corr. *yuquira-î*, o sal moido; sal e pimenta secca moidos juntamente para conserva. Rot. Braz. c. 48.

Juquiratiba, corr. *yuquira-tyba*, sal em abundancia, a salina; 107.

Juqueriquerê, corr. *yukeri-ker-ê*, o espinheiro muito propenso a dormir, a planta dorminhoca, a sensitiva (*Mimosa pudica*).

Jurará, s. a tartaruga, tambem chamada *jurucuá*.

Juréa, Antig. *yuré*, corr. *çur-é* (pronun. *chu-ré*), a saliencia notavel, a ponta distincta. E' o nome do promontorio na costa visinha da Ribeira de Iguape. S. Paulo.

Jurema, c. *yú-r-ema*, o espinheiro succulento; arvore espinhenta do sertão de que o gentio extrahia um succo capaz de produzir sonhos e extasis a quem o ingeria. (*Acacia Jerema* Mart. ou *Spina dulcis*). Alt.. *Geremma, Jerema.*

Jurú, corr. *yurú*, o pescoço, o collo, o gargalo, a garganta, a boca.

Juruá, corr. *yurú-á*, boca aberta ou ampla, barra larga; Pará.

Jurubim, corr. *yurú-bî*, a boca fechada, ou cerrada. Alt.: *Surubim.*

Jurucê, corr. *yurú-cê* a boca doce, a affavel. Nome de mulher.

Jurucuá, corr. *yurú-quá*, o pescoço que afunda ou se esconde; a tartaruga, o kagado; alt. *jericoá, jerequá.*

Jurujuba, corr. *yurú-yuba*, pescoço amarello ou ruivo; boca ruiva, barba ruiva ou loura; 199.

Jurumirim, corr. *yurú-mirim*, a boca pequena, a barrinha.

Jurumú, corr. *yurú-mû*, o gargalo ou pescoço apertado. E' uma especie de abobora (*Cucurbita maxima*). Alt.: *Gerimum, Jirimum.*

Juruoca, corr. *agurú-oca*, refugio ou esconderijo dos papagaios; V. *ajurú.*

Jurupari-kibaba, corr. *yurupari-kibaba*, o pente do diabo; é uma especie de *centopéa.*

Jurupari-pindá, corr. *yurupari-pindá*, o anzol do diabo. E' um peixe *Geophagus Jurupari* Heck.

Juruparioba, corr. *yurupari-oba*, a vestimenfa do diabo. Pernambuco.

Jurupencem, corr. *yurú-pencê*, boca partida ou dividida; Espirito Santo.

Jururê, s. a supplicante, a pedinte. Nome de mulher.

Jururú, corr. *yururú*, o calado, o silencioso, o triste.

Juruty, corr. *yurú-ty*, o collo firme, o pescoço tezo, allusão ao aspecto da pomba deste nome no acto de cantar. (*Peristera frontalis*).

Juruuna, corr. *yurú-una*, boca negra; alt. *juruna.*

Juturnabyba, ou *yuturnahy*, corr. *juturutú-nhã-y*, a agua das corujas. A ave *juturutu-nhã*, é uma coruja listrada. V. *yacurutú*. Designa uma lagôa no Rio de Janeiro.

L

Lambaré, corr. *arambaré* ou *aramaré*, c. *ara-maré*, a bruma, a nevoa, a mancha indistincta e distante. Dava-se esse nome ao vulto brumoso das montanhas longinquas.

Lambary, corr. *arambari*, peixinho d'agua doce, semelhante á sardinha. Alt.: *Araberi*; *Arambery*; *Alambary.*

Landy, V. *Guanandi.*

Lantim, V. *Guanandi.*

Lerimirim, corr. *rerî-mirim*, a ostra pequena. Rot. Braz. c. 146.

Leripeba, corr. *reri-peba*, a ostra rasa ou chata. Rot. Braz. c. 140.

Lerityba, corr. *reri-tyba*, a ostreira. logar onde abundam as ostras. V. *Reritýba, Lery.*

Leriuçú, corr. *reri-uçú*, a ostra grande. V. *Lery.*

Lery, corr. *rerì*, (os rr mui brandos sempre), a ostra. Alt.: *Irerì, Ririì.* Ha no Rio de Janeiro uma praia de *Lery*, que aliás não lembra o nome do celebre João de Lery, companheiro de Villegagnon, mas exprime simplesmente — a praia das ostras.

Licury, corr. *aricuri* on *yari-curi*, o cacho miudo, ou que da côcos muito miudos (*Cocos schizophylla* Alt.: *Urucuri* Rot. Braz.

Loca, corr. *roca*, (*o r brandissimo*), a casa delle, a habitação, abrigo ou refugio de referencia a alguem. E' termo vulgar para exprimir o esconderijo do peixe.

Locú, corr. *rucú*, ou *urucú*, o vermelhão.

Locurana, corr. *urucurana*, o urucú apparente, ou falso.

Lopo, corr. *ropa* (o r brandissimo) o errante, o vagabundo. Indios tapuyas da Serra da Mantiqueira, mui brutos e vivendo nos pinhaes. Eram tambem chamados *Bilreiros.*

M

Ma, contracção de *mbaé*, cousa, objecto, quando entra na composição de outros vacabulos. V. *Mbaé.*

Macaba, corr. *ma-caba*, contracção de *mbae-caba*, a cousa gorda, a fructa carnuda ou polposa. E' uma palmeira. (*Acrocomia sclerocarpa* Mart.) Alt.: *Macá, Bacá, Bacaba.*

Macabú, corr. *macab-ú*, a macaba preta, ou arroxeada. V. *Macaba.*

Macachera, corr. *macaiera*. V. *Macaiera.* O aipim, que se comia assado, se chamava *aipi-macaiera*, donde por erronia se fez *aipi-macacheira.* Pela mesma erronia se passou a designar os maus espiritos, os fogos mysteriosos que tomavam o caminho ao viandante nocturno, como o fogo fatuo e as phosphorescencias, por *macachêra.* Assim pois, *Macachêra*, corrupção de *Macaiêra*, outra cousa não é senão o mesmo *Mbaetatá* de que fala Anchieta e que elle nos descreve como «uma cousa toda de fogo».

Macaco, é vocabulo tomado dos Galibis da Guyana. O simio na lingua desses indios é *macaca.*

Macacú, V. *Macucú.*

Macaguá, corr. *mocâguá*, c. *moycã-guá*, o comedor de cabeças de cobra. E' o gavião (*Falca cachinans*) que devora as cobras e por isso era tido pelos indios como ave protectora. A mesma era chamada pelos Tupis do Brasil *Acauã*, de certo *Acã-uá*, (*acãuá* contracção de *acã-uara*, o comedor de cabeças).

Macahé, corr. *macá-ê*, a macaba doce. Rio de Janeiro. V. *Macaba.*

Macahiba, corr. *macá-yba*, a planta da macaba (*Acrocomia sclerocarpa* Mart.). Alt.: *Macahuba, Macauba, Macayuva, Bacayuva, Bocayuva.* V. *Macaba.*

Macahuba, V. *Macahiba.*

Macaia, corr. *ma-caia*, a cousa que arde, ou que abraza. Designava entre os indios—o fogo fatuo, as phosphorencias naturaes, as luzes mysteriosas que elles tinham como maus espiritos. V. *Ma.*

Macaiera, é o plural de *macaia* 25. V. *Macaia.*

Macambira, corr. *mã-cambira* o manojo picante; é uma bromeliacea de que no sertão se extranhem fibras para cordas, etc.

Macapá, corr. *macá-pá*, contracção de *macá-paba*, a estancia das macabas, o palmar de macabas. Pará. V. *Macaba.*

Maçambaba, corr. *moçambaba*, a união, a juncção. Nome de uma restinga de arêa entre a lagôa e o mar, fazendo a comunicação entre dous promontorios. Alt.: *Moçambá.*

Maçambará, corr. *moçambá-rá*, a restinga rôta. V. *Moçambaba.*

Maçaranduba, corr. *mo-çarandi-yba*, a arvore ou pau que faz resvalar; o pau de escorrego, que servia de longarina ou dormente para facilitar o transporte de madeiras na matta. Alt.: *Maçarandiba.*

Macuco, corr. *macucu*, c. *ma-cu-cu*, a cousa de muito comer, allusão ao physico da ave desse nome, a qual «tem no peito mais titellas que dous gallipavos». Rot. Braz. (*Trachypelmus brasiliensis*).

Macugê, c. *ma-cu-gê*, a cousa de comer doce ou agradavel. E' a planta apocynea do sertão do Norte. Alt.: *Mocugê.*

Maetaca, corr. *mbaé-taca*, a cousa ruidusa ou barulhenta. E' uma variedade de papagaio. V. *Humaetá.* Alt.: *Maitá, Baetaca.*

Maetinga, corr. *mbaé-tinga*, a cousa branca. Antigos documentos dão *Amaitinga* em vez de *Maetinga*, como o nome do ribeiro aurifero dos arredores do Morro do Jaraguá. Neste caso, *Maetinga* é contracção de *Ambaytinga* que exprime—a embaúba branca. Antonio Knivet escreveu *Mutinga.* S. Paulo.

Magé, antigamente *Magèpe*, c. *magé-pe*, no feiteceiro ou no curandeiro, de referencia á residencia deste. Rio de Janeiro, 6. Alt.: *Mbagé, Bagé, Pagé.*

Magoary, corr. *mbaguari*, o tardo, o vagaroso, o que anda pausado. No tupí é nome generico para cegonhas e garças. Alt.: *Baguari.*

Maiacú, V. *Baiacú.*

Maír, appellido dos francezes entre os Tupis do Brasil. Os guaranís do Paraguay chamavam aos Hespanhoes *mbaì.* Os dous vocabulos *Maìr* e *Mbaì* são formas contractas de *mbae-ira* que exprime—*cousa apartada, ente separado*, que vive distante, o solitario. De *mbaé-ira* procedem *mbaìra, maìra, maìr, mbaì.* Esse appellido davam os indios aos francezes e hespanhoes, não só por procederem de longe, como porque os equiparavam pelas suas qualidades e superioridade aos seus feiticeiros, chamados *pagés* ou *carahybas*, os quaes levavam vida solitaria no recesso das mattas, nas cavernas das montanhas distantes. O *pagé* era, portanto, um *solitario* (*maìr, mbaì*). De resto, o vocabulo *pagé* procede do mesmo radical, pois é contracção de *mbai-é*, isto é, o solitario de diversa natureza, *o solitario sobrenatural.* Do nome *mbaié* decorrem duas formas: *maié* que deu *majé* ou *magé*, e *baié* que deu *bajé* ou *bagé*, donde procede *pagé*. Do thema *mbaì* ainda procede *baì* on *bay* que deu *pay* ou *pahy*, como tambem se designava entre certas tribus o feiticeiro ou curandeiro, 112.

Mairapé, c. *mair-apé*, o caminho dos francezes, e tambem o caminho do feiticeiro. V. *Mair.*

Mairy, é o nome dado pelos Tupis ás cidades e povoações dos francezes (*Maìr*), depois da conquista. A cidade de Olinda era antigamente *Mairy.* O nome *Maìry* é a forma contracta de *mairreiya* que exprime — *reunião* ou *multidão de mair*, ajuntamento de europeus, francezes principalmente, 112. V. *Maìr.*

Mairyara, c. *mairy-uara*, o habitante da cidade, o cidadão. 112.

Majoy, corr. *mayui* ou *mbiyui*, a andorinha. Bap. Caetano tem o vocabulo por onomatopaico e generico das philomellas. Alt.: *Mijuim, Majuim.*

Maloca, corr. *mâr-oca* a casa de de guerra, a casa forte para a lucta (*marã*). Designa uma ranchada de indios bravos. Pará

Mamaluco, corr. *mamã-ruca*, o que procede da mixtura, o mixtiço. 110.

Mamanguaba, c. *mamã-guaba*, a comida de cerca, o pasto ou malhada. Alt.: *Mamanguá,*

Mamanguape, c. *mamanguá-pe*, nos pastos ou malhadas. V. *Mamanguaba.*

Mambucaba, corr. *mombucaba*, o furo, a aberta, a passagem, o rasgão.

Mamoã, c. *ma-moã.* a cousa que se levanta, a visão subita. Designa o vagalume. Alt.: *Memoã, Mimoã.* V. *Mbaé..*

Mampituba, antigamente *Mboiypatyba*, alterado para *Moiypatuba*, e *Moiypetuba*; c. *mboy-ypá-tyba*, em que *ypátyba* significa brejos ou lagoas em abundancia, o brejal; traduzindo-se *mboy-ypatyba* como o brejal das cobras. Nome do rio que faz a divisa entre S. Catharina e o Rio Grande do Sul, na zona costeira.

Manacá, corr. *mana-cã*, o ramalhete erecto, allusão á floração abundante desta planta (*Franciscea uniflora)* que a faz parecer com um ramalhete em pé. V. *Manda.*

Managé, corr. *amanayé*; a reunião ne povo, o ajuntsmento.

Manahi, s. o peixe-boi, tambem chamado *Guaraguá.* Alt.: *Manati.*

Manahyba, V. *Mandyba.*

Manda, gerundio supino de *mã*, envolver, amarrar. *Manda* exprime—o amarrado, o feixe, o montão, o manojo, pinha, ramilhete, maço, collecção, trôxa, ninho, pacóte, mólho. Alt.: *Mana, Mã, Manga.*

Mandacarú, c. *manda-carú*, o feixe ou mólho de espinho. V. *Jamacarú.* (Cereus). 108.

Mandaçaia, c. *manda-çãia*, o globo estendido, o ninho protuberante, allusão á forma do ninho feito de barro com um orificio de entrada saliente. E' uma especie

de abelha do Brasil. (*Melipona anthidivides* Lep.). V. *Manda*.

Mandaguai, c. *manda-guaî*, o ninho delicado, bonito. Especie de abelha (*Trigona Iheringi* Triese). V. *Manda*.

Mandaguassú, c. *manda-guaçú*, o ninho grande. Especie de abelha. V. *Manda*.

Mandahú, corr. *amanda-y*, o granizo, a saraiva, chuva de pedras. E' corrupção de *amana-ayba*, a chuva mà, a tempestade.

Mandaqui, corr. *manda-aquî*, o montão humido; corr. *manda-quî*, o pedunculo da fructa. V. *Manda*.

Mandioca, corr. *many-oga*, o procedente da *manyba* ou mandyba. E' a raiz da planta (*Jatropha manihot*). 118. V. *Mandyba*.

Mandiopuba, c. *mandió-puba*, mandioca fermentada ou apodrecida; 119.

Mandiotuba, corr. *mandió-tyba*, mandiocal, roça de mandioca. 118.

Mandiuçú, corr. *mandi-uçú*, o bagre grande, siluroide abundante nos rios da bacia do Prata. V. *Mandiy*.

Mandiy, s. o bagre (*Pimelodus maculatus* Lacep.). Alt.: *Mandi, Mandim*.

Mandiyuçúyara, c. *mandiy-uçú-yára*, o senhor dos bagrres grandes, isto é, quem é dextro em apanhal-os. Antonio Knivet, viajante do seculo XVI, encontrou nos sertões de S. Paulo, umas amazonas tapuyas que pescavam bagres grandes a arco e flecha e chamou-as *Mandiyuçuyaras*, de que o copista fez por erro. *Mandiscussianas*.

Mandobi, corr. *mand-ubi*, o pacóte estimavel. (*Arachis hypogea* L.). V. *Manda*. Alt.: *Manobi, Mandobi, Mendubi, Mundubi, Amendubi, Amendoim*.

Mandori, c. *manda-r-î*, o ninhosinho, o feixinho. E' a abelha *Melipona marginata* Lep. V. *Manda*.

Mandú, Modo incorreto de dizer *Manoel* entre os indios christãos. Designa tambem uma especie de fantasma, com a figura de um feixe de folhas, ou mólho de palhas. usado nas mascaradas ou festas das aldêas. E' tambem uma ave pequena, impassivel, da familia das *Bucconinœ*, chamado *Mandú-tolo*.

Mandyba, ou *manyba*, c. *mã-yba*, a planta de entorpecer, allusão ao succo venenoso da raiz (*yatropha manihot*) Alt.: *Mandayba, Manahyba, Manyva*. V. *Manda*.

Mangaba, corr. *mongaba*, a acção de grudar, o visco, o grude; a cousa pegajosa, allusão ao latex abundante da planta (*Hancornia speciosa*) Alt.: *Mongaba, Manguaba*.

Mangangá, corr. *mang-ã-caba*, contracto em *mang-ã-cá*, a vespa de gyro alto, ou que volteia alto; o vespão. Alt.: *Mangangaba, Mangancá*. V. *Caba*.

Mangaguá, corr. *manga-quã*, o montão de ponta alta, ou pontudo, o morro destacado e agudo. S. Paulo. V. *Manda*.

Mangará, corr. *manga-rã*, a pelota ou pacote apparente' o que simula batata ou tuberculo. E' uma especie de *Caladium*. V. *Manda*. Alt.: *Mangaraz*.

Mangarataia, c. *mangarã-taia*, o mangará acre ou picante. V. *Mangará*.

Mangaratiba, corr. *mamgarã-tyba*, mangarás em abundancia, magarazal. 118.

Manhuassú, ant. *amana-açú*, chuva copiosa, a tempestade; Minas Geraes.

Mantiqueira, V. *Amantiquira*.

Mapé, c. *ma-pé*, contracção de *mbaé-peba*, a cousa chata. E' uma qualidade de ostras tambem chamadas *leripebas*. Alt.: *Mapéle*. Bahia.

Mapele, V. *Mapé*.

Mapendipe, corr. *ma-pindi-pe*, na cousa limpa, ou no limpo. Designava outr'ora uma qualidade de fumo ou tabaco. V. *Mbaé*.

Manoá, s. a desmaiada, a desfallecida. Nome de mulher.

Marã, s. guerra, confusão, desordem, mixtura, revolução. 127; pref. de varios vocabulos tupis.

Marabá, corr. *maìr-abá*, gente de francez, isto é, oriundo ou filho de francez com mulher india V. *Maìr*.

Maracá, corr. *marã-acã*, a cabeça de fingimento, ou de ficção. Era um instrumento usado pelos feiticeiros (*pagés*), feito de um cabaço á modo de cabeça humana, com orelhas, cabellos, olhos, narinas e boca, o qual estribavam sobre uma flecha, como sobre pescoço e, quando querem dar os seus oraculos, fazem fumo dentro deste cabaço com folhas seccas de tabaco queimadas e do fumo que sae pelos olhos, ouvidos e boca da fingida cabeça, recebem pelos narizes tanto até que com elle ficam perturbados e como tomados do vinho e, neste estado, fazem visagens e ceremonias, dizem o futuro e tudo o que dizem crêem os outros indios como se foram revelações de algum propheta. (Simão de Vasconcellos Chron. da Comp. de Jesú — Liv. II p. C). Depois da conquista, o *maracá* ficou sendo um chocalho. 112.

Maracaboya, c. *maracá-boy*, a cobra de chocalho, o Cascavel (*Crotalus*).

Maracahype, c. *maracá-y-pe*, no rio do maracá ou do chocalho.

Maracajú, corr. *maracá-yú*, chocalho de metal, guizo, cascavel; 123.

Maracanã, c. *maracá-nã*, semelhante ao maracá, o que imita o maracá ou chochalho; nome de um papagaio (*Psittacus nobilis* Illig.)

Maracanahú, corr. *maracanã-ú*, as maracanãs comem, ou onde ha maracanãs. Ceará. V. *Maracanã*.

Maracanatiba, corr. *maracanã-tyba*, maracanãs em abundancia.

Maracatim, c. *maraca-tî*, prôa ou pontal de maracá; especie de barca que trazia á prôa um maracá.

Maracayá, c. *maracá-yá*, o dextro no maracá, o cocalheiro. E' um gato montez (*Felis Pardalis* New.). V. *Maracá*.

Maracayá-guaçú, c. *maracayá-guaçú*, o gato grande. Nome de um famoso principal dos *Temininós* do Espirito Santo, no seculo XVI.

Maracujá, corr. *maraú-yá*, o fructo do marahú (*Plassiflora*). V. *Marahú*.

Maragogipe, corr. *maraú-gy-pe*, no rio dos *marahús* ou dos *maracujás*. V. *Marahú*. Bahia.

Maraguí, corr. *mberú-guì*, a mosca pequena, o mosquito. Alt.: *Maruî*.

Marahú, corr. *ma-rã-ú*, a cousa de sorver ou que se toma de sorvo. E' a planta sarmentosa que dá o *maracujá* (*Passiflora*). Alt.: *Maragú, Maracú*.

Marajó, corr. *mbará-yó*, tirado do mar; e tambem o tapa-mar. E' a ilha da foz do Amazonas. V. *Mbará*.

Marambaia, corr. *mbará-mbai*, cerco do mar, restinga, recife, lingua arenosa cercando mar. Rio de Janeiro; corr. *marã-mbaia*, cerca, ou palissada de guerra.

Maranã, corr. *mbará-nã*, semelhante ao mar, rio caudaloso.

Maranguá, c. *marã-guá*, valle da batalha, da lucta ou da desordem; 94, 127.

Maranguape, c. *maranguá-pe*, no

valle da batalha ou da lucta, 127. Ceará.

Maranhão, corr. *marã-nhã,* o mar que corre, allusão ao grande caudal amazonico que simula um mar a correr. Alt.: *Maranã, Paranã.* 127. V. *Mbará.*

Marapé, corr. *mbará-apé,* o camido mar, 127. Bahia, S. Paulo.

Marapendi, corr. *mbará-pindi,* o mar limpo. Lagôa no Rio de Janeiro.

Marapinima, corr. *ymirá-pinima,* o pau manchado ou pintado. Alt.: *Mirapenima, Murapenima, Muirapinima.*

Maratataiba, corr. *ymirá-tatá-yba,* a arvore de pau de fogo.

Mari, nome generico entre os Tupís para as diversas especies de *Cassias.* Alt.: *Umarì.* V. *Umari.*

Maricá, c. *mari-cá,,* o umarí ou mari que fere, o espinheiro *marì* proprio para sébes. Rio de Janeiro.

Maricoabo, corr. *maricá-oabo,* o maricá de folha aberta. V. *Maricá.*

Marim, V. *Mairy.*

Mariquerê, corr. *mari-ker-ê,* o mari ou espinheiro propenso a dormir; especie de *Cassia* dormente. Nome de uma serra no Rio de Janeiro que, pela corrupção do nome indigena, se passou a chamar—*de Amar-e-Querer.*

Maroim, corr. *mberuî,* os mosquitos. Sergipe. 109.

Maruhy, corr. *mberúî,* os mosquitos. Rio de Janeiro.

Matá, corr. *ma-atã,* a madeira rija, o pau linheiro. V. *Uma.*

Mataripe, corr. *matã-r-y-pe,* no rio da madeira dura ou linheira. V. *Matã.* Bahia.

Matapy, corr. *matapi,* covo conico de pescar; Barb. R.

Matetê, c. *ma-etê-tê,* é o superlativo *maetê,* a cousa muito grande; enorme, excessivo, demaziado.

Matrinchã, corr. *ma-tirî-chã,* cousa que escapole da linha (do anzol). E' um peixe do rio de S. Francisco.

Matuim, s. uma ave dos mangues, ícthiophaga (*Charadrius*), tambem chamada *maçarico.* Bahia.

Maturi, c. *ma-turi,* cousa que está para vir. E' o fructo ainda tenro do cajueiro. Alt.: *Moturi, Muturi.*

Maty-taperê, corr. *matiî-taper-ê,* o pequenino propenso ás ruinas, isto é, o ente minusculo que gosta das tapéras ou as frequenta. *Matiî,* exprime: cousa muito pequena, o vulto insignificante. *Taperê* é *tapera-ê* ou *taper-ê,* que exprime: propenso ou dado ás ruinas. Para o gentio brasileiro o *maty-taperê* é o genio malefico que se abrigava nas velhas aldêas abandonadas e ahi perseguia ao imprudente que dellas se approximava. A andorinha custuma aninhar-se nesses logares e, por isso, o indio a appellidava *taperoá* ou *taperaguá* (*taperauá, tapera-guá*) que exprime: morador das ruinas; dahi o dizer-se que o *maty-taperê,* tomava sempre a figura de um passaro pequenino como a andorinha e assim se disfarçava.

Mauá, c. *mã-uã,* o que é elevado, onde está alto, ou firme; Rio de Janeiro.

—

Mbaê, c. cousa, bens, haveres; o que é; pref. para formar verbos absolutos e substantivos abstractos; alt.: *mãe, mã, baê, bã;* 68.

Mbará, s. o mesmo que *pará,* rio grande, mar, grande caudal; alt. *mará, pará, bará.*

Mbeaçá, contr. *mpê-açaba,* travessia do caminho, onde o caminho atravessa ou vem sahir; o porto. V. *Peaçaba, Piaçá.*

Mboy, s. a cobra, a ophidio; pronuncia-se *umboi* ou *imbú;* alt. *boi, boya, moì* ou *moya;* 68; S. Paulo.

Mboyuçú, c. *mboy-uçú,* a cobra grande, a serpente.

—

Meapé, corr. *mbeyú-pé,* o beijú chato; o pão.

Meary, corr. *mbiá-r-y,* o rio do povo, onde a gente navega; corr. *mbiá-rim,* que significa povinho, gentinha; corr. *mbiar-y,* o rio dos prisioneiros ou dos captivos. Maranhão.

Mêengaba, s. a dadiva, o presente, o dom.

Memby, s. a gaita, a flauta, o que sopra; alt. *mimbi;* 122.

Meoã, s. a macula, o signal. Nome de mulher.

Meoãeym, c. *meoã-eyma,* sem macula, a immaculada.

Merobi, corr. *merú-obi,* a mosca verde, a varejeira. Alt.: *Merubì, Merubi, Morumbì.* V. *Merú.*

Merú, corr. *mbir-ú,* chupa a pelle, a mosca; alt. *marú, murú, mirú, morú, berú, birú.* Desta palavra forma-se o vocabulo *marimbonbo* que é corrupção de *mirú-ybõ,* a mosca que flecha ou aguilhôa, Bap. C.

Meruóca, c. *merú-oca,* paradeiro das moscas, o mosqueiro; 109, 112; Ceará.

Meruipe, corr. *meruî-pe,* nos mosquitos. Parahyba.

Merurupiara, c. *merú-rupiara,* as larvas da varejeira. Amazonas.

Metara, corr. *mbetara,* o que orna, aformosea, ou faz bonito; objecto de ornato para o salvagem; alt.: *metá, mbtá.*

—

Miaçuba, s. a captiva, a serva. Nome de mulher.

Mimbaba, corr. *mymbaba,* s. cria, criação, criatura; animal domestico ou caseiro.

Mimoia, s. a que foi cosida ou fervida. Nome de mulher.

Minduba, corr. *mî-dyba,* o pé da lança, a haste.

Mingau, c. *mynga-ú* ou *monga-ú,* o comer visguento, as papas ralas da mandioca. O padre Figueira escrevia *mingaú* mais conforme com a etymologia do vocabulo.

Minguá, corr. *men-guá,* estragado, ruim, deteriorado. Dahi a expressão—*mbaé-menguá,* para dizer—destroços, cacaréos. Alt.: *Baemenguá, Baminguá.*

Minhoca, corr. *mî-nhoca* ou *minhoga,* o que é extrahido, arrancado ou tirado. E' o verme do chão.

Minhocuçú, c. *minhoca-uçú,* o minhocão, bicho monstrnoso e fantastico a que os indios attribuiam a solapa e subversão das barrancas do rio. V. *Minhoca.*

Mipibú, si fôr tupi, é corr. *mbipibú,* o ôdre de couro, vulgarmente—*borracha.* Rio Grande do Norte.

Miquí, corr. *mbi-quí,* a ponta da lança; significa tambem—as nadegas, o assento, o traseiro, o uropigio das aves. Alt.: *Myki, Miquira, Muquira, Muquì.*

Miquira, V. *Miquì.*

Miquiguaçú, c. *miqui-guaçú,* o trazeiro grande. Nome de um chefe Petinguara do seculo XVI, na Parahyba. V. *Miqui.*

Mira, corr. *myra,* povo, nação; alt. *mura, muira.*

Miracaia, corr. *pirá-caia,* o cardume de peixe. Alt.: *Piracaia.*

Miracãuera, corr. *myra-cã-oêra,* ou *myra-cangoéra,* a ossada de gente, o cemiterio. Pará.

Miramomís, corr. *myra-momî,* a gente miuda ou de pequena estatura. Era uma tribu tapuya que

habitava em S. Vicente, entre a serra e o mar, e ás vezes no alto dos campos, parecendo ter affinidade com os *Guarús* ou *Guarulhos*. Alt.: *Maramomins*; *Guaramomis*.

Miranga, V. *Piranga*.

Mirangaoba, corr. *mboyrangá-oba*, o manto de figura de cobra. Nome de um principal dos Tupinambás, senhor da aldêa de S. João, no esteiro de Pirajá, na Bahia. Os chefes indigenas, em dias de solemnidade, traziam um manto (*oba*) tecido e enfeitado de modo bizarro, manto que lhes descia da cabeça á cinta. O manto desse principal era tecido em figura de cobra (*mboy-rangá* ou *mboy-rangaba*).

Mirim, adj. pequeno, breve, pouco, miudo; adv. um pouco; alt. *mirî*, *minî*, ou *minim*.

Mirina, corr. *mirim*. V.

Miriná, corr. *mirinaba*, pequenez, miudeza, brevidade.

Miroró, corr. *miroiró*, o despresado ou repudiado.

Miryba, corr. *myra-ayba*, a gente má ou ruim, barbara. Alt.: *Biriba*.

—

Moacyr, corr. *mõ-acyr*, faz doer, faz magoa, o que molesta; o doloroso.

Mocá, V. *bocaba*.

Mocabuçú, c. *mocába-uçú*, o canhão; 123.

Mocacui, c. *mocá-cui*, a polvora, o pó de fuzil. 123.

Mocanguê, corr. *mocâe-guê*, os moquens, os varaes em tendal sobraseiro para assar a carne. V. *Moquem*. Rio de Janeiro. 25.

Mocayuba, V. *macahiba*.

Mocica, corr. *mô-cyca*, fazer chegar, puchar para si. attrahir; dar a *mocyca* é derrubar o gado na carreira, puchando-o pela cauda o cavalleiro que com elle se emparelha; Ceará.

Mocó, *mo-coó*, bicho que rôe, animal roedor; (*Cavia rupestris*).

Mococa, corr. *mo* ou *cóga*, fazer roça; a roçada, a plantação; *mo* ou *mbo* fazer, *coga*, s. a roça, a plantação; S. Paulo. V. *có*.

Mocoim, corr. *mocoó-î*, o que faz pungir miudinho; insecto minusculo e vermelho que morde acremente.

Mooca, c. *mõ-oca*, fazer casa, ou pouso; pousada, rancho; 112. S. Paulo.

Mocororó, corr, *mo-cororõ*, faz que ronque, allusão á fervura da fermentação do vinho desse nome. Maranhão.

Mocotó, corr. *mo-cotog*, ou *mocotô*, faz que jogue ou oscille; a juncta, a articulação, o artelho. No sentido vulgar exprime *mão de vacca*, ou de animal morto para o consumo, caso em que a explicação etymologica será *mbó-cotô*, as mãos bambas ou oscillantes.

Moçacá, corr. *mo-çá-cá*, faz que os olhos se quebrem, que se tornem ternos ou maviosos (*mbocçá-cá*); isto é, o amigo, o querida, o estimado. J. de Lery escreveu *moussacat* e Fernão Cardim *moçacara*.

Moçurana, c. *mocym-rana*, o moçum falso, parecido com o moçum. E' o nome de um ophidio que lucta, enlaçando-se com as outras cobras e as devora (*Rhachidelus Brazi.*). Designava tambem uma corda de que se serviam os indios para matarem em terreiro o prisioneiro tomado em guerra.

Moçum, corr. *mo-cym*, (pronunciado *mo-çüm*), faz que deslise, o escorregadio, o resvaloso. E' uma especie de eiró ou enguia de côr

amarello-pardo, que vive nos alagadiços, na lama ou em locas. Alt.: *Muçu*, *Moçú*.

Mucura, corr. *mo-cura*, faz que absorva, faz que suma dentro em si, allusão ao esconder o animal os seus filhos no saco ou bolsa que tem no ventre. E' o marsupio tambem conhecido por *gambá* ou *sariguê* (*Didelphis*).

Mucuripe, c. *mucury-pe*. nos mucurís. Ceará. V. *Mucury*.

Mucury, corr. *mocur-y*, o rio das mocuras ou gambás. Designa tambem uma arvore fructifera das mattas. Bahia.

Modahú, corr. *mondá-ú* ou *mondá-y* rio do furto; 75; Ceará.

Moéma, corr. *mo-êm*, fazer sahir ou emergir; o que faz nascer, ou apparecer; a manhã, a aurora; V. *Coema*.

Mogy, ant. *mboygy*, rio das cobras; 67, 75; S. Paulo.

Mogyquiçaba, corr. *mboy-gy-keçaba*, dormida ou pouso do rio das cobras, Bahia.

Mojú, corr. *mboy-ú*, as cobras comem, ou onde ha cobras; corr. *poyú*, o brejo, o alagadiço. Maranhão. 75.

Molopaque, corr. *murupac* ou *mirapac*, a gente experta, viva; povo activo. Tribu selvagem do Sul de Minas, descripta por A. Knivet, como gente branca, ruiva, á feição de flamengos ou inglezes.

Mombuca, corr. *mõ-buca*, o furo, o furado, allusão ao ninho da abelha desse nome (*Trigona mombuca*). 100.

Mombucaba, s. a acção de furar, ou atravessar; o furo, a passagem, o estreito ou garganta. Rio de Janeiro.

Mondehy, c. *mondé-y*, rio dos laços; 117.

Mondéo, corr. *mõ-ndé*, fazer sobrepor ou cobrir; o que envolve, o que se alça; corr. *mundé*, o laço, o alçapão; 116.

Monguba, c. *mõ-guba*, faz que permança, a que se mantem, a que atura. E' a paineira (*Bombax*), gigante das florestas.

Monhangaba, s. *monhang aba*, o logar onde se faz ou se fabrica; a officina, a fabrica, a producção; part. nom. do v. *monhang;* alt.: *mongaba*, *mõgaba*.

Monhangara, s. v. c. *monhang-ara*, o fabricante, o official, o operario, o autor, o productor; alt.: *monhara*, *mongara*.

Mony, corr. *mã-nî*, o que é enrugado ou encrespado, o ondeado; Maranhão.

Mopã, corr. *mo-pâa*, faz que se atole, o que se mette no lodo. E' uma qualidade de mangue. Nome de um chefe Tobayara da Parahyba no seculo XVII.

Moqueca, corr. *mo-qué* ou *pô-kê*, fazer embrulho, feito embrulho, envolvido; peixe assado entre folhas que o envolvem, dentro das cinzas. 119.

Moquem, corr. *mocaê*, o que faz seccar ou assar; gradeado de madeira sobre brasas para assar a carne.

Moranga, o mesmo que *poranga*, bom, bonito, excellente.

Morici, corr. *mo-rici*, faz que resine, é o pau resinoso *Byrsonima*.

Moriçoca, corr. *merú-soca*, a mosca pungente, a que dá ferrotoadas; o mosquito pernilongo.

Moroim, corr. *merú-î*, mosca miuda, mosquito; alt. *meruim*, *maruim*. *muruim*.

Morotim, corr. *moro-ti*, adj. no gráo superlativo—muito branco, alvissimo. Alt.: *Morontin*, *Morantin*, *Maratî*.

Morpion, palavra duvidosa quanto á sua origem. João de Lery diz que é o nome que os indios davam ao forte da Bertioga e The-

vet applica-o á terra da Capitania de S. Vicente, e Hans Staden á ilha de S. Vicente, mas com a graphia *Urbioneme*. *Morpion*, *Urbione* são decerto dous vocabulos procedentes do mesmo thema—*Uirá-ypaû*, exprimindo—a ilha dos passaros—, thema de que procedem as formas —*Uirá-upaon*, *Urapaon*, *Urpaon*, *Urpion*, *Urbione*. A graphia de H. Staden, *Urbioneme*, pronunciada com o accento na ante-penultima dá *Urbióneme*, equivalente á *Urbióne-me*, que significa —na ilha dos passaros. S. Paulo.

Mortugaba, corr. *mora-tocaba* ou *mora-togaba*, a morada do povo, habitação, rancharia, povoação. Thevet escreveu *Mortugabe*.

Morubichaba, corr. *mo-r-yby-chaba*, faz inspecção da terra. O termo *yby-chaba* é o mesmo que *yby-eçaba* (o *ç* é chiado no tupi) e significa—vista ou inspecção da terra. O thema *mo* ou *mbo* é o verbo coercitivo que exprime—*fazer com que*. *Morybychaba* ou *morubichaba*, significa assim—fazer a inspecção da terra, tomar conta da terra; é a funcção do chefe ou principal.

Morumbi, *mcrú-ōbí*, a mosca verde, a varejeira; *marã-mby*, lucta ou peleja occulta, guerra de emboscada, cilada; 127.

Morundu, corr. *mo-r-undú*, faz que avise, faz testemunha; monticulo, cone de terra.

Morungava, corr. *mo-rangaba*, faz faz signal, o marco, a balisa. Tambem pode proceder de *morangaba*, e exprime: belleza, formosura, tal como *porangaba*. S. Paulo.

Morurú, corr. *mo-rurú*, faz que amolleça ou se abrande.

Moryçá, s. a caricia, o agrado, a afabilidade; contr. *moryçaba*.

Mossoró, corr. *mõ-çoróc*, fazer rupturas, o que rasga, rompe ou abre fendas; Rio Gr. do Norte.

Motuca, c. *mõ-tuca*, a que perfura ou aguilhôa, a perfurante, a picante; alt. *mutuca*, *butuca*.

Motum, corr. *my-tû*, a pelle negra; a ave *Crax urumutum*. Alt.: *Mytum*, *Mutum*.

Moy, contr. *mboy*, a cobra, a serpente; alt. *boi*, *boia*, *moya*.

—

Munduba, corr. *mõ-nduba*, o que faz estrondar ou resoar; a estrondante, atroadora; S. Paulo.

Muquirana, corr. *mby-quì-rana*, o parecido com o piolho da pelle; o piolho grande.

Mura, V. *mira*.

Muribeca, corr. *merú-beca*, a mosca importuna, o mosquito persistente; Bahia.

Muritiba, corr. *merútyba*, moscas em abundancia, o mosqueiro; Bahia. 109.

Muruanha, corr. *merú-hãia*, a mosca de ferrão.

Myra, s. a gente, a pessôa. Nome de mulher.

Myruna, c. *myra-una*, gente negra, escura, individuo moreno.

N

Nagé, corr. *anagé*, o gavião (*Milvago*); Bahia.

Nahem, on *nhaê*, o vaso, a bacia, o prato, a vasilha, o alguidar; 120.

Nambiuvú, corr. *nambi-ú-ú*, a orelha que come, come, isto é, a comichão ou prurido das orelhas. E' uma molestia dos cães. Corr. *nambi-huú*, orelhas fôfas e humidas. V. *Uvú*.

Nambú, V. *inhambú*.

Nambys, c. *na-mbi*, s. a orelha, isto é, litteralmente; pelle de união, ou excrescencia de pelle; as orelhas, os ouvidos; Bahia.

Naná, corr. *nanã*, substantivo no gráo augmentativo, o aroma grande, o que sempre cheira. E' o ananaz. (*Bromelia*).

Nanaú, c. *nanã-ú*, comer ananaz, onde ha ananaz. Parahyba.

Nandú, V. *nhandú*.

Narandiba, c. *naran-dyba*; *naran* é corrupção do vacabulo portuguez —*laranja;* donde, *narandyba*, laranjal, laranjas em abundancia.

Natuba, c. *nanã-tyba*, ananazes em ahundancia, ananazal; 118; Bahia; corr. *nhá-tyba*, cocal.

Nhacorá, palavra hybrida do tupi e do hespanhol; *nhã-corá*, é o curral de correr, o pateo de corridas. Rio Gr. do Sul.

Nhaempepó, c. *nhaê-pepô*, o vaso de ferver, a panella; 120.

Nhamby, corr. *ya-mbì*, a herva de comer. Os indios comiam-n'a crua, a modo de coentro e temperavam com ella os seus manjares. Rot. Braz. c. 93.

Nhambú, c. *nhã-mbú*, a noz que arrebenta, a mamona (*Ricinus communis* L.). Alt.: *yambú*.

Nhandaya, V. *jandaia*.

Nhandí, s. c. *nhã-dí*, a seiva. o liquido de correr; o oleo, o grude, o latex. V. *Yandi*.

Nhandijara, corr. *nhandê-yara*, nosso senhor, tratamento para Deus.

Nhandú, c. *nhã-dú*, a que corre com estrepito, a corredora, a ligeira, a avestruz, a ema (*Rhea americana*), s. a aranha (*Mygale*).

Nhanduhy, c. *nhandú-y*, rio das emas; Matto Grosso; 109.

Nhanduty, c. *nhandú-ti*, teia de aranha, renda.

Nhanduçú, c. *nhandú-açú*, a aranha grande, a carangueijeira.

Nhanica, corr. *nhã-ica*, o fructo fluente ou mole. (*Eug. Nhanica*).

Nhanniroba, V. *Jandiroba*.

Nhapupê, corr. *nhã-pope*, a que corre em plano a que vôa em linha, a que vôa rasteiro, a perdiz ou inambú. (*Crypturus*).

Nhatí, V. *Jaty*.

Nhatium, V. *Jatium* ou *Inhatium*.

Nhaum, c, *nhaê-û*, o barro de panella, o barro proprio para louça, a argilla olar, alt. *inhauma*.

Nheê, s. a fala, a lingua, o idioma.

Nheembucú, c. *nheê-bocú*, a fala comprida; o falador.

Nheemongaba, corr. *nheê-mongaba*, a reunião para falar, a assemblea, o conselho.

Nheengaiba, c. *nheenga-aìba*, o que é má lingua; a lingua ruim, imprestavel ou incomprehensivel; nome de uma tribu selvagem da foz do Amazonas, catechisada pelo Padre Antonio Vieira. Pará.

Nheengatú, c. *nheê-gatú*, a fala boa, o idioma bom; o bom cantor, o canario (*Emberiza brasiliensis* Mar)

Nhioby, corr. *y-oby*, o rio verde, a agua verde.

Nhitinga, s. o mosquitinho branco, importunissimo, pousando nos olhos, narizes, nas feridas e logares impuros do corpo humano. Enxames desses mosquitos seguim as indias, nuas, quando sujas de seu costume. Rot. Braz. c. 93.

Nhuã, c. *nhû-ã*, o campo alto. V. *Inhoã*.

Nhû, ou *nhum*, o campo, o terreno limpo, a região plana com vegetação rasteira; alt. *nú*; *inhú*; 87.

Nhundiaquara, c. *nhundiá* ou *yundiá-quara*, o buraco do jundiá, a *toca* do peixe *jundiá*; actu. *Jundiaquara*.

Nhuguaçú, c. *nhû-guaçá*, o campo grande. 82.

Nhuoby, V. *Inhoby*.

Niá, corr. *nhã*, o fructo, a castanha, o côco. Alt.: *Ná*, *Yá*.

Nitheroy, corr. *nhê-terô-y*, agua em seio abrigada, habia segura; alt. *Iteró* ou *Iteronne*, segundo Hans

Staden; *Nictheroy*, segundo o conego Januario da Cunha Barbosa, significa—*mar escondido* (R. I. H. vol. IV); *Nitherô*, segundo o Padre Simão de Vasconcellos, *na Vida do P. J. Anchieta*. 132.

Noitibó, voz onom. do canto da ave nocturna, agoureira para o selvagem (*Caprimulgus grandis* v. Mart.)

—

Nuaçureê, corr. *nhû-açú-rehé*, pelo campo grande, através da campanha. Parahyba.

Nupeba, corr. *nhû-peba*, campo plano, a planicie limpa.

Nuporanga, corr. *nhû-poranga*, campo bello, campo formoso; 87, S. Paulo.

Nuputira, corr. *nhû-potyra*, a flôr do campo.

O

Oacaré. corr. *uá-caré* ou *guá-carê*, o busio curvo, liso de que se serviam as mulheres para burnirem e assentarem as costuras. Rot. Braz. c. 142.

Oaruá, no tupi c. o espelho; 123.

Oanandi, V. *Guanandi*.

Oatapú, corr. *y-atã-pú*, o que tem o som alto, o altisonante. E' um busio de grande boca de que os indios faziam bozina.

Oatapuçú, corr. *yatapú-açú*, o busio grande. V. *Oatapú*.

Oaxima, V. *Guaxima*.

—

Oberava, corr. *y-beraba*, alt,: *u-beraba*, a agua brilhante ou clara.

Obú, corr. *upù*, ou *y-bú*, agua que ferve ou surge, o manancial, o olho d'agua.

Oca, s. a casa, o coberto, o abrigo, o refugio, o paradeiro; alt.: *og*, *oka*, *roca*, *toca*, segundo o thema; no tupi am. *uca*, *r-uca*, 115.

Ocapeguara, c. *oca-pe-guara*, o morador na mesma casa; 112.

Ocara, s. a praça, o terreiro, o largo; 112.

Ocaruçú, c. *ocara-açú*, praça ou terreiro grande; 112, Rio de Janeiro.

—

Oerá-repoty, corr. *uirá-repoty*, o escremento de passaros. Planta medicinal (*Struthantus citricola*).

Oeraponga, V. *Guiraponga*.

Oga, o mesmo que *oca*. V. *Oca*

Oirá, corc. *uirá* ou *guirá*, a ave, o passaro em geral.

Oití, V. *Uitì*.

Oitibó, voz onomatopaica de uma especie de coruja. Alt.: *Noitibó*.

Oiticíca, c. *uiti-icica*, o *oiti* que pega, o *oiti* resinoso, pegajoso.

Olandim, V. *Landim*, *Guanandi*.

Orbióneme, V. *Morpion*.

Otinga, corr. *y-tinga*, alt. *u-tinga*, a agua branca ou clara; 75. Bahia.

—

Ourupema, V. *Urupema*.

Ouricury, corr. *arî-curii*, o cacho amiudado, ou repetido, o que dá cacho de continuo; (*Cocos coronata* Mart. ou *Altalea*); alt.: *uricuri*, *aricuri*, *licury*, *nicury*, *iricury*. 108.

Outú, corr. *y-tú*, o tombo d'agua, a catadupa, o salto; 75; V. *ytú*. *Outú* é como se vê escripto em muitos documentos do seculo XVII.

—

P

Paca, gerundio-supino do verbo *pag.*, despertar, accordar, avivar; *paca*, é, pois, a desperta, a accordada, a vívida. E' o animal roedor, (*Cœlogenys Paca*).

Pacaembú, corr. *paca-yembó* ou *paca-yembú*, o arroio das pacas. 102. S. Paulo.

Pacangoera, corr. *paca-cangoéra*, a ossada de paca.

Pacajás, corr. *Paca-yá*, o chamado *paca*, o que é denominado *paca*; egual ás pacas ou ligeiro como ellas; nome de uma tribu selvagem da foz do Amazonas; Pará.

Pacará, corr. *ybá-cará*, o fructo aspero ou cheio de picos. E' uma especie de anona. Alt.: *baycará*, *paicará*.

Pacatú, corr. *pa-catú*, forma contracta de *paba-catú*, o extremo bom, o bom fim, a estancia boa.

Pacatuba, corr. *Paca-tyba*, pacas em abundancia, sitio em que ellas abundam; Ceará.

Pacó, contr. *pacoba*. V.

Pacoba, c. *pac-oba*, folha de enrolar ou que se enrola; nome commum das *Musaceas* ou bananeiras; alt. *pacó*.

Pacobá, c. *pacob-á*, o fructo da bananeira, a banana; V. *pacoba*.

Pacobahyba, corr. *pacob-ayba*, a bananeira brava.

Pacotuba, c. *pacó-tyba*, bananal ou pacoval.

Pacoty, c. *pacó-ty*, curso d'agua, corrente, ribeiro do bananal; Ceará.

Pacova, V. *pacoba*.

Pacoval, V. *pacotuba*.

Pacuhy, corr. *pacú-y*, o rio do pacú.

Paçoca, corr. *po-çoca*, ger-supino de *poçoc*, esmigalhar à mão, desfiar, pilar, esfarinhar. *Poçoca* é, pois, o desfiado, o pilado, o esfarinhado. E' o alimento preparado com carne assada e farinha, piladas conjunctamente, constituindo isso uma especie de conserva, mui propria para as viagens do sertão. 119.

Pacú, corr. *pag-ú*, comer desperto, isto é, vívido no comer ou tomar a isca. E' o peixe fluvial *Prochilodus argenteus*.

Pagé, V. *Maír*.

Pagehú, corr. *pagé-ú*, o feiticeiro come, isto é, onde vive o feiticeiro. Pode ser corrupção de *pagé-y*, o rio do feiticeiro. Designa tambem uma planta *Triplaris Pachaú* Mart. Alt.: *Pajahù*, *Pacháu*. 126. Pernambuco.

Pajémarioba, corr. *pagé mari-oba*, a folha de marí do pagé. (*Cassia occidentalis*). E' uma especie de fedegoso. V. *Marì*.

Pajussara, corr. *peyuçara*. o soprador, o folle; Alagôas.

Pampa, vocabulo kechúa que se traduz—campo. planice limpa; corresponde a *nhû* do tupi; alt.: *bamba*.

Pana, corr. do vocabulo portuguez *panno*, 12o; vb. lavrar, cortar, 123.

Panaçú, c. *pana-açú*, panno grosso. 123.

Panacú, s. o cesto.

Panahyba, c. *pana-ahyba*, pannos ruins, rotos, andrajos; miseria, pobreza; 123.

Panamá, V. *Panapaná*.

Panapaná, s. a barboleta; alt.: *panã*, *panamã*, *banã*.

Panapoí, c. *pana-poî*. panno fino; 123.

Panaty, c. *panã-ty*, ribeiro das barboletas.

Panema, adj. ruim. imprestavel, inutil; infeliz, mal succedido; pobre, falho. esteril; no tp. gr. *panê*.

Papary, c. *pãpã-r-y*, rio saltado, rio encachoeirado; corr. *papar-y*, rio de contas.

Paquequer, corr. *pac-ker*, a paca dorme, a dormida das pacas; Rio de Janeiro.

Paquequera, corr, *paca-coéra*, è a forma plural de *paca* e se traduz: *as pacas*, como *paca-etá*.

Paquetá, corr. *paca-etá*, as pacas. 25. Ilha na bahia de Guanabara.

Pará, o mesmo que *mbará* ou *marú*, s. o mar; c. *y-pí-rá*. aguas todas colhe, isto é, o collecionador das aguas. Bap. C. No tupi c. *pará*, é o rio volumoso, o caudal; 91, 92.

Paracáu, s. o papagaio, no tp. gr.

Paracatú, c. *pará-catú*, o rio bom, practicavel; Minas Geraes, 92.

Paraguá, c. *pará-guá*, a corôa de plumas, o cocár, no guaraní. Significa tambem seio do mar, bahia, golpho, e ainda papagaio. V. *Paracau*.

Paraguaçu, c. *pará-guaçú*, mar grande, e tambem rio grande; pode ser ainda *pará-guá-açú*, seio grande do mar, bahia, golfo, 94. Nome da india tupinambá que foi mulher do *Caramurú*, e que, por este levada á França, segundo a lenda, tomou o nome de Catharina, sendo seus padrinhos de batismo os reis de França.

Paraguary, c. *paraguá-r-y* rio dos papagaios.

Paraguay, c. *paraguá-y*, rio dos papagaios, por corrupção de pronuncia é que se mudou o accento tonico para a penultima syllaba, ou antes fazendo-se dipthongo, quando devia estar na ultima, dizendo-se *paraguáy* em vez de *paraguahy*.

Parahyba, c. *pará-ahyba*, rio ruim, imprestavel ou innavegavel; 92, S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas Geraes.

Parahybuna, corr. *parahyb-una*, o parahyba preto, ou de agua preta. V. *Parahyba*. 92. S. Paulo.

Parahim, corr. *pará-î* marsinho, ou mar pequeno; Piauhy.

Parahypitanga, corr. *paray-pitanga*, o parahyba vermelho, ou de agua vermelha. V. *Parahyba*. 92.

Parahytinga, corr. *paray-tinga*, o parahyba branco, ou de agua branca. V. *Parahyba*. 92, 129. S. Paulo.

Paraminguá, corr. *pará-menguá*, cousas varias estragadas, trapos, cacaréos. Em outro tempo se dizia: *os meus paramingás*, para exprimir: os meus cacaréos. Bahia.

Paramirim, c. *pará-mirim*, marsinho, mar pequeno, o mesmo que *parahim*; riosinho, rio menor; Rio de Janeiro, Bahia.

Paramopama, corr. *pará-mo-pama*, mar que faz que se agite, o mar bravo. Sergipe,

Paranã, no tupi-guarani, c. *pará-nã*, semelhante ao mar; tão grande como o mar; no tupi, c. *pará-nã*, rio enorme, caudal immenso, o mar; 69; alt.: *paraná*, *parná*, *pernã*, *fernã*, 93, alt.: *maranã*.

Paranaguá, c. *paranã-guá*, seio do mar, bahia, lago, lagôa grande; 93; Paraná, Piauhy.

Paranahyba, c. *paranã-ahyba*, grande rio impracticavel, ou innavegavel; 93, Goyaz, Minas Geraes.

Paranaicica, c. *paranã-icica*, a resina do mar, o ambar, materia esta que tambem se chamava entre os Tupinambás do Maranhão: *paranã-potyra*, flor do mar. Iv.

Paranamirim, c. *paranã-mirim*, o mesmo que *paramirim*. V.

Paranapanema, c. *paranã-panema*, rio grande imprestavel, rio falso, anteposto a *paranã-etê* ou *ty-etê*. São Paulo.

Paranapiacaba, c. *paranã-apiacaba*, vista do mar, donde se vê o mar, miramar; S. Paulo.

Paranapitinga, c. *paranã-pitinga*, rio branco, o mesmo que *paratinga*.

Paranapocú, c. *paranã-pucú*, o mar cumprido, o braço de mar, o canal maritimo.

Paranapocuy, c. *paranã-pucú-y*, rio do braço de mar, agua do canal.

Paranatinga, c. *paranã-tinga*, mar branco, o grande rio branco. O Diccion. Port. Bras. diz que esse era o nome tupi do rio das Amazonas.

Paranauçú, c. *paranã-uçú*, o mar largo, o alto mar, o oceano, o mar undoso ou revolto.

Paraopeba, c. *pará-u-peba*, ou *pará-y-peba*, rio de agua raza; 75 e 92; Minas Geraes.

Parapamba, c. *pará-pamba*, ou *pará-pama*, mar erguendo-se, mar revolto.

Parapãu, c. *pará-paû*, entre rios, no intervallo de dous rios, a mesopotamia. V. *Ipameri*.

Parapaupina, c. *pará-paû-pina*, o entre-rios limpo ou descoberto, isto é, pelaes entre dous rios. Ceará. V. *Parapau*.

Parapitanga, c. *pará-pitanga*, mar vermelho, ou rio vermelho; 92.

Parapuitan, c. *pará-puitan*, rio pardo, ou mar corado.

Paraputanga, V. *parapitanga*.

Parateca, corr. *pará-tîca*, rio findo, braço sem sahida, sacco. Bahia.

Paratigy, corr. *paraty-g-y*, rio das tainhas. Bahia.

Paraty, corr. *pará-ty*, a estancia do mar, o lagamar, golpho; a tainha.

Parauna, c. *pará-una*, mar negro, ou rio negro.

Parì, s. cerca feita de cannas para apanhar peixe, o cercado; o curral de peixe; 116.

Parim, corr. *apar-î*, encurvado, ou coxo, o que tem uma perna mais curta.

Paripe, c. *parì-pe*, no cercado de peixe; Bahia; 75, 116.

Pariquera, c. *pari-coéra*, os cercados de peixe. 25. Significa tambem o cercado de peixe abandonado, extincto, velho.

Parnã, V. *páraná*.

Parnaguá, V. *paranaguá*. 93.

Parnahyba, V. *paranahyba*. 93.

Parnambué, corr. *paranã-mbo-é*, mar feito á parte, para exprimir uma represa ou tanque a serviço da lavoura ou da criação. Bahia.

Parobé, corr. *ypá-rob-é*, a lagôa de sabor amargo; corr. *ypé-rob-é*, a casca de sabor amargo. Rio Gr. do Sul.

Paroby, corr. *ypá-r-oby*, a lagôa verde.

Pataíba, corr. *paty-yba*, a madeira do paty; designava outr'ora *as ripas*, que se tiravam da palmeira *paty*.

Patatiba, corr. *paty-tyba*, o palmar de patys. Designa tambem uma ave canora do Brasil (*Fringilla plumbea* v. Neuw.

Patí, ou *paty*, a palmeira delgada e graciosa. (*Syagrus botryophora* Mart.)

Patype, c. *pati-y-pe*, no rio do *pati*, a palmeira (*Syagrus botryophora* Mart.); Bahia.

Paupina, corr. *ypau-pina*, a lagôa limpa ou descoberta. Ceará, Parahyba.

Pavuna, corr. *pab-una*, contracção de *paba-una*, a estancia preta, o logar escuro. Pode ser corrupção de *ypab-una*, a lagôa preta, o alagado escuro. Rio de Janeiro.

Pay, s. o sacerdote, o padre, o frade, o homem grave, o ancião, o pae.

Payabuna, c. *pay-oba-una*, padre de vestes negras ou de sotaina, o jesuita; 128. Dicc.-Br.

Payapina, c. *pay-apina*, o tonsurado, o padre que só tem corôa, o leigo; Dicc. Br.

Paytucura, c. *pay-tucura*, padre gafanhoto ou cujas vestes imitam ao gafanhoto, o frade franciscano; 128; Dicc. Br.

—

Peaçá, cont. *pé-açaba*, travessia do caminho, onde o caminho corta ou sahe, o porto. 104, 114.

Peaçaba, c. *pé-açaba*, o porto, o logar onde vem ter o caminho, a travessia do caminho, 114; alt. *piassava, peassava, biaçá, embiaçá*; nome que se dá á fibra da palmeira *Attalea funifera*; 104.

Peba, adj. plano, chato, baixo, rasteiro, inferior; nome de um tatú, (*Dasypus scynctus* L.); o aplainado, o nivelado; alt. no tupi g. *pé*, no tupi am. *peua*, no tupi c. *peba, peva.*

Pecacuem, V. *Ipecacuanha.*

Pecapara, corr. *ypeca-apara*, o pato de pernas tortas (*Podoa surinamensis*).

Penacama, c. *pena-cama*, quebra peitos. Nome de um chefe Petinguara da Parahyba, no seculo XVI.

Penú, corr. *penû* ou *pinon*, a onda, a ruga, a empola. V. *Iapenú*

Percaauri, corr. *paracáu-rî*, papagaiosinhos, papagaios pequenos. Pernambuco.

Pereá, V. *Apereá.*

Pereba, s. *pereba*, a cicatriz, a ferida com casca, a ferida velha, a mancha da sarna.

Percicaba, V. *Piracicaba.*

Pereira, corr. *pyr-era* ou *pyrêra*, as cascas, 25. Dizer —*pau-pereira*— é para exprimir *pau-pyrêra*, as cascas de pau, colhidas para medicamento.

Perereca, gerundio-supino de *pererég*, saltitar, andar ás tontas. *Perereca*, a estonteada, a que salta a torto e a direito. E' qualificativo de uma rã que vive nas arvores.

Perná, corr. *Paranã*; 93. V.

Pernaguá, V. *Paranagua*, 93.

Pernahyba, V. *Parnahyba*, ou *Paranahyba.*

Pernam, V. *Paranã*; alt. *fernam*; 93.

Pernambuco, Os *Caetés* da Capitania de Duarte Coelho chamavam *Paranambuca*, ou *Paranã-buca*, o porto onde está a cidade do Recife. Sabido que o nome *paranã* quer dizer, *semelhante ao mar*, claro é que o selvagem o applicava para designar o estuario ou lagamar interior, formado na foz dos rios Capibaribe e Beberibe, que é um espraiado ou bacia *semelhante ao mar*. O termo *buca* é o gerundio-supino de *pug*, que dá *puga* ou *puca*, cuja consoante inicial se abrandou em *b*, por effeito da nazalação precedente. *Puga, puca* ou *buca*, significam: *arrombado, partido, arrebentado; furo, buraco, entrada. Paranãbuca*, donde procede *Pernambuco*, quer pois dizer: *furo do lagamar, entrada da bacia fluvial*, applicado assim á *aberta* do recife por onde o lagamar se communica com o mar. O nome *paranãbuca* era mui commum na costa do Norte, no trecho della tomado pelos recifes, e o sentido que os indios lhe davam era o de *furo, buraco, entrada*, passagem naturalmente aberta na muralha do recife. Outros interpretam *Paranãbuca* como *mar que arrebenta*, ou *quebra-mar.*

Peroba, V. *Iperoba.*

Peruhibe, corr. *ipirú-y-be*, no rio do tubarão; 109. S. Paulo.

Pery, corr. *pìry* ou *pirí*, o junco.

Peteca, gerundio-supino de *peteg*, bater, dar golpe; *peteca*, a batida, a espancada; a *péla.*

Petîbáu, corr. *petym-mbáu*, o canudo de tabaco, o tubo de fumar, o cachimbo.

Petinguara, corr. *petym-guara*, o mascador de fumo. Nação do gentio da Parahyba, guerreira e valente. O indio dessa nação tinha por costume trazer uma folha de fumo (*petym*) na boca, entre o labio e os dentes; dahi o nome *petym-guara*. O donatario Duarte Coelho escreveu *Petinguara* e não *Potiguara*, que tem varios significados e um delles bem deprimente.

Petîtiba, corr. *petym-tyba*, o tabacal ou fumal, a plantação de fumo (*petym*).

Peúma, s. o genro da mulher, entre os Tupis. Alt.: *Piuma.*

—

Piabanha, corr. *piá-bãi*, o que é manchado. Bap. C.

Piaçá, V. *peaçaba*, 109

Piaga, corr. *epiaga*, gerundio-supino de *epiac*, o vidente, o que vê no futuro. E' o feiticeiro ou pagé do gentio.

Piaguhy, c. *piau-y*, o rio dos piaus.

Pian, corr. *py-ã*, a pelle alta ou crescida, o tumor. E' o nome de uma molestia de pelle de mau caracter, entre os indios.

Píapara, corr. *pì-apara*, os pés tortos. Nome de homem.

Piaroba, corr. *pyá-roba*, o coração amargo, o fel. Nome de gente.

Piatã, c. *pì-atã*, o pé firme; a firmeza, a fortaleza.

Piassabuçú, c. *peaçáb-uçú*, o porto grande. V. *peaçaba*, 114.

Piassaguera, V. *peaçaguéra.*

Piau, corr. *py-yáu*, a pelle manchada. Alt.: *Piaba, Piava.*

Piauhy, c. *piau-y*, rio dos piaus; 109.

Piauna, corr. *pyá-una*, o coração negro, o rancoroso. Nome de gente.

Picaçú, corr. *apicaçú*, a pomba torquaz.

Picuí, corr. *apicuî*, a rola, a pomba pequena.

Pinaúna, corr. *pindá-una*, os anzóes negros, o ouriço do mar.

Pindá, s. o anzol, o gancho, a garra, a fisga. 116; alt.: *pinã.*

Pindaguaçú, c. *pindá-guaçú*, o anzol grande. Nome de um chefe Tobayara da Parahyba.

Pindahyba, corr. *pindá-yba* a vara de anzol, a canna que serve para pescar a anzol; alt.: *pináhyba*; corr. *pindá-ahiba*. o anzol ruim; 116. A dicção popular—*estar na pindahyba*, significando miseria e penuria, não alludirá á pouca fortuna de um máo anzol, ou exprime simplesmente que se acha a pessoa reduzida *á vara do anzol* para viver? Baptista Caetano opina pela ultima hypothese que parece a mais provavel.

Pindamiritinga, c. *pindá-miri-tinga*, pequeno anzol prateado; grampo, colchete, 116.

Pindamonhangaba, c. *pindá-monhangaba*, fabrica ou officina de anzoes, 116; S. Paulo. V. *monhangaba.*

Pindaré, o anzol de outro genero, o anzol differente; o que é proprio de anzol. Maranhão; alt.: *pinaré.*

Pindoba, corr. *pind-oba*, contracção de *pindá-oba*, a folha de anzol, ou cujo talo serve para vara de anzol. (*Attalea compta* Mart.) Alt.: *Pindó, Pindova..*

Pindorama, contr. *pindó-rama*, a região ou o paiz das palmeiras.

Pinõ, corr. *pynõ*, o peido. Designava tambem o fructo de uma especie de jatropha, que crepitava ao sol (*Jatropha herbacea cnidosculus* Marc.). E' o pinhão (*pynõ*) bravo.

Pipira, corr. *py-pira*, os pés curtos ou as pernas curtas; o anão. Participio de *pipig*, ferver; o fervido; a borbulha; a fervura.

Pipiry, c. *pipìr-y*, a a agua de ferver; a agua borbulhosa.

Pipoca, corr. *py-poca*, a epiderme partida ou arrebentada; o grão de milho que arrebenta por effeito da torra. 119.

Piquira, corr. *py-quìra* ou *mby-quira*, a pelle tenra, mole; o pequeno, o miudo, o baixote, o curto; uns peixeinhos d'agua doce.

Piqueroby corr. *piquir-oby*, o peixinho verde. Nome de um chefe do gentio de Ururahy, em S. Vicente. V. *Piquira*.

Piquí, corr. *py-quì*, a casca aspera, espinhenta.

Piquiry, c. *piquir-y*, rio dos peixinhos.

Piquitim, corr. *py-quitî*, a pelle riscada ou lanhada.

Pirabebê, corr. *pirá-bêbê* ou *pirá-uêuê*, o peixe que vôa, o voador.

Piracaia, corr. *pirá-quaia*, o cardume de peixe. S. Paulo.

Piracanjuba, c. *pirá-acan-yuba*, peixe de cabeça amarella ou dourada.

Piracema, corr. *pirá-acéma*, a sahida do peixe, o cardume por occasião da desóva.

Piracicaba, corr. *pirá-cycaba*, a colheita ou tomada do peixe. 21. Designa local que, por accidente natural do leito do rio, não deixa o peixe passar e favorece a pesca. Assim, um salto ou queda d'agua é uma *piracycaba*. S. Paulo.

Piracuama, corr. *pirá-guama*, o comedouro ou céva do peixe.

Piracuca, s. a garoupa.

Piracué, s. p. os peixes. 25.

Piracuruca, c. *pirá-curuca*, a guebra do peixe. Piauhy.

Piracuy, c. *pirá-cui*, a farinha de peixe ou feita de peixe secco e pilado, 119.

Piraguara, c. *pirá-guara*, o comedor de peixe, o pescador.

Pirahy, corr. *pirá-y*, rio do peixe, 75, 109.

Pirajá, *pirá-yá*, capaz de peixe ou o viveiro de peixes: Bahia.

Pirajú. corr. *pirá-yú*, forma contracta de *pirá-yuba*, o peixe amarello, o dourado. S. Paulo.

Piraiquê, corr. *pirá-ikê*, o peixe entra; designa nos lagamares o esteiro, o estuario onde o *peixe entra* para a desova ou para comer. Alt.: *Piraquê*, *Pereq uê*.

Piramboeira, corr. *pirá-mboy-éra*, as enguias ou *moçûs*. V. *Piramboya*, 25.

Piramonhangaba, c. *pirá-monhangaba*, a pescaria, a caçada do peixe, 116.

Piramboya, c. *pirá-mboy*, o peixe-cobra, o *moçû*, S. Paulo.

Piran, contr. *piranga*, vermelho, rubro, ruivo.

Piranema, c. *pirá-nema*, peixe fetido ou morrinhento.

Piranga, adj. vermelho, rubro, cocorado, ruivo, alt.: *piran*, *pirã*.

Piranha, corr. *pir-ãi*, o que corta a pelle, a tesoura, a tenaz; nome do peixe voraz (*Pygocentrus*).

Piraoby, c. *pirá-oby* o peixe verde.

Pirão, corr. *pirõ*, o mingau grosso. crosta.

Pirapama, c. *pirá-pama*, bate o peixe, onde o peixe salta n'agua.

Pirapanema, c. *pirá-panema*, peixe escasso; o que é desditoso ou não tem sorte para peixe. Os guaranis appellidavam o planeta Mercurio—*Pirapanê*, porque a sua apparição no céo era signal de não haver peixe.

Pirapó, V. *Pirapora*.

Pirapoan-repoti, e escremento da baleia, o ambar, 197.

Pirapora, c. *pirá-pora*, o peixe salta ou pula. Tambem significa: a morada do peixe; o que contem peixe. No guaraní *pirapó*. 109. S. Paulo, Paraná, Minas.

Pirapoã, c. *pirá-po-ã* ou *pirá-mbo-ã*, o peixe que se empina; é a balêa; allusão ao seu nadar *empinando-se*, de quando em vez e arrojando a agua para o ar. 109.

Piraquara, c. *pirá-quara*, o buraco do peixe, a lóca. Confunde-se muita vez com *Piraguara*. V. *Piraguara*.

Pirarucú, o peixe *Sudis gigas* Cuv. da fauna do Amazonas; 119. c. *pirá-rocú*, o peixe vermelho.

Pirassununga, corr. *pirá-cynynga*, peixe roncando, ou o ronca-peixe. 109, S. Paulo; alt.: *piracinunga*, *piracininga*.

Pirati, c. *pirá-tî*, tp. gr. o peixe branco, a tainha, 110, alt.: *parati*, *perati*, *barati*, *bartì*, *bertì*.

Piratiua, c. *pirati-ua*, o natural ou procedente de *Parati*, 110.

Piratininga, c. *pirá-tininga*, o peixa a seccar, ou o secca-peixe. Designa rio que, por effeito dos transbordamentos, deita peixe fóra e deixa-o depois em secco, exposto ao sol. E' a explicação de Anchieta. Alt.: *Piratinim*, *Piratiny*.

Piratioca, c. *pirati-oca*, a casa ou refugio das tainhas; alt.: *bertioga*: 129. V. *Piratì*.

Piraty, corr. *pirá-tyba*, a feitoria para peixe, a armação.

Pirituba, corr. *piri-tyba*, junco em abundancia, juncal; 129.

Pirina, contr. *piringa*, a amedrontada, a timida. Nome de mulher entre os gentios.

Piririca, correntesa, rapido; 104.

Piripiripau, c. *piripirì-paû*; entre juncos. no meio do junco.

Piripiri, s. *piri*, no augmentativo, a palha comprida, o junco. Com o *piripirì* faziam os indios do baixo S. Francisco as suas balsas ou *juncadas*. Rot. Braz. c. 19.

Piripueira, corr. *piri-poéra*, os pirís, os juncos, 25.

Piruna, corr. *pyr-una*. a epiderme escura; a morena, a Maura ou Maurina. Nome de mulher.

Piró, corr. *pyr-ó*, contracção de *pyr-oba*, a roupa de couro, ou casaco de couro. Appellido do portuguez entre os indios, do costume de andar este encourado nas suas entradas pelo sertão. Os bandeirantes, no assalto das aldêas, traziam grande gibão de couro a modo de *dalmatica*.

Piruá, corr. *pyr-oá*, a epiderme que se levanta; a bolha, a empola; o umbigo.

Pitá, corr. *py-tã*, o pé firme. Como adjectivo: permanente, constante, perenne. Assim, *y-pytã*, exprime: agua perenne. Tambem pode ser corrupção de *pitã* ou *pitanga*, vermelho.

Pitanga, adj. o mesmo que *piranga*, vermelho, rubro, corado, ruivo; s. fructa acida; alt.: *pitã*, *pitá*, *puitã*.

Pitaguary, corr. *petynguar-y*, o rio dos petiguaras ou dos mascadores de fumo. V. *Petinguara*.

Pitanguy, c. *pitang-y*, rio das pitangas. Minas Geraes.

Pitimbú, corr. *petym-b-ú*, aspirar o fumo de tabaco, fumar.

Pititinga, corr. *py-tî-tî*, ou *py-tî-tin*, *py-tî-tinga*, forma emphatica para exprimir: *pelle muito branca*, como se fôra prateada. E' uma especie de sardinha. Bahia.

Pituba, s. o bafo, o halito, o sopro, a exalação; Bahia.

Pitú, corr. *py-t-ú*, a pelle ou casca escura. E' o camarão cascudo d'agua doce.

Pium, s. o mosquito miudo, cuja merdedura é mui acre.

Piumhy, corr. pium-y, o rio dos mosquitos (*piuns*). Minas Geraes.

Poatã, c. *pó-atã*, as mãos duras, fortes. Nome de homem.
Poaya, c. *pó-aya*, a raiz saudavel. (*Caphaelis ipecacuanha*).
Poaçú, c. *pó-açú*, as mãos grandes. Nome de homem.
Pocaba, s. v. o estouro, a detonação, o tiro; o fuzil, a arma de fogo. Alt.: *Pocava; Bocaba*; *Mocaba*.
Pocema, c. *pó-cema*, o batimento de mãos, o bate-palmas.
Pochi, adj. *pochîî*, feio, mau, ruim. Vocabulo injurioso na boca do selvagem a quem se recusava qualquer cousa. Os meninos dos indios, muito pedinchões, diziam aos que se recusavam satisfazerlhes os pedidos: «*y-pochì, nde angaipá ajucá!*», que quer dizer: —mau, tua ruindade eu mato! Alt.: *Poxim*.
Poçucaba, corr. *pó-cycaba*, a colheita da mão, o descanço da mão, o bastão, o cabo ou aza de qualquer cousa. S. Paulo.
Poera, V. *coéra* ou *quéra*.
Poeraba, s. v. de *poê*, metter a mão, manipular; *poêraba* a acção de manipular, a manipulação, o preparo de remedio, o remedio.
Poita, corr. *pó-itã*, a mão rija ou firme; a ancora; a mão afincada. Pedra amarrada á um cabo para servir de ancora.
Pojucá, corr. *pora-jucá*, por contracção *po-jucá*, mata a gente. Nome emphatico do guerreiro selvagem.
Pojuca, corr. *yapó-yuc*, pantano corrupto, podre; estagnado; alt.: *ipojuca*, *pojú*, *boyú*.
Pojuji, corr. *pó-yiyi*, a fibra mui rija, a carne durissima. E' o nome dado ás toninhas pelos indios. (*Scomber*).
Pombeva, corr. *pô-mbeba*, a mão chata, a fibra, a verga ou sipó chato.
Pomonga, corr. *pomonga*, o visgo, o grude, a massa pegajosa; visguento; Sergipe.
Ponga, gerundio-supino de *pong*, o baque, a queda com ruido.
Pongaba, s. v. de *pong*, a zoada, o barulho. Alt.: *Pongá*, *Pungá*.
Popoca, V. *pipoca*.
Poracé, corr. *pora-acê*, o ajunctamento do povo, reunião para dansar e para folguedos. Alt.: *Boracé*, *Baracé*, *Pracé*.
Porangaba, s. a belleza, a formosura; Ceará.
Poraqué, corr. *pora-ké*, a gente adormece, a gente entorpece. E' o peixe electrico (*Gymnotus electricus*). Alt.: *Pirakê*.
Porema, corr. *pora-eyma*, sem gente, falto de povo, deserto. Sertão, Alt.: *Boreyma*, *Borema*.
Poris, corr. *por-î*, gente pequena, povinho, individo de pequena estatura. Era uma nação tapuya. Rio de Janeiro.
Pororoca, gerundio-supino de *pororog*, o que arrebenta com estrondo. E' o macaréo. Pará, Maranhão.
Porús, corr. *por-ú*, come gente, o antropophago. Amazonas.
Potí, corr. *poty*, o camarão; confunde-se as vezes com a forma contracta de *potyra*, flôr. Designa tambem o excremento, a material fecal.
Potiguara, c. *potî-guara*, o papa camarões, o comedor dos camarões. V. *Petinguara*.
Potim, V. *Potí*.
Potingy, c. *potì-gy*, rio dos camarões. Rio Grande do Norte.
Potribú, corr. *potyra-ybú*, a fonte das flores. 103. S. Paulo.
Potumujú, corr. *potu-mo-yú*, a lavra que fica amarella, allusão à madeira deste nome que se torna amarellada ao trabalhar. *Le)-cythidea)*.
Preá, V. *Apereá*.

Promombó, corr. *pora-mã-mbó*, feito em conjuncto, tudo de uma vez. Modo de pescar em canôa nos rios, levantando-se e sentando-se a um tempo todos os tripulantes, com o que, abalada a agua, o peixe começa a saltar para dentro da embarcação. E' o que se chama. *pescar de promombó*.
Propriá, corr. *popiá*, o punhal, o ferrão, o dente de cobra; Alagôas.

—

Priaoca, corr. *apereá-oca*, o refugio das préas.

—

Puchirô, corr. *pychyrõ* ou *pycyrõ*, o soccorro, o auxilio, ajuda. Alt.: *Puchirum*, *Muchirõ*, *Muchirão*.
Puyra, ger-supino de *puyr*; a arrependida, a que se emenda.
Puxim, V. *Pochî*.
Pyçá, s. a rêde de pescar, alt.: *puçá*, 116.

Q

Quara, s. furo, cova, buraco; esconderijo, refugio; V. *coara*; alt. *quá*.
Quarahim, corr. *quara-î*, o buraquinho, o poçinho. Rio Gr. Sul.
Quati, c. *quá-tî*, riscado, punçado, ou o lanhado, o que traz riscas ou sulcos; o animal *Nasua*.
Quatiara, ger.-supino de *quatiar*; a escripta, a pintura, a lettra.
Queryma, c. *ker-eyma*, sem somno, a vigilante. Nome de mulher.
Quiapiã, voz onomatopaica da ave chamada *Corupião*.
Quicé, ou *kicé*, a faca, a lamina cortante, o instrumento que corta.
Quicéapara, c. *quicé-apara*, lamina curva, a fouce; 123.
Quieppe, corr. *quiê-pe*, na entrada; ilha ao entrar da bahia de Camamú; Cas. Bahia.
Quinimuras, nome de procedencia extranha e tomado por alguns escriptores como appellido de uma nação do gentio de Bahia. E' provavelmente de origem franceza e do seculo XVI, erronia do nome *Caramurú*, que alguns viajantes francezes daquelle tempo escreviam *Quirimure*.
Quininî, o mesmo que *quiririm*, s. o silencio, o socego, o repouso; adj. silencioso, calado, taciturno.
Quipá, c. *qui-pá*, *qui-pab*, a séde dos espinhos, o assento das pontas, ou tudo espinho. E um cardo rasteiro dos sertões do Norte.
Quipapá, c. *quipá-pá*, augmentativo *quipá*. V. *Quipá*.
Quiréra, c. *qui-r-éra*, os restos, as cascas, o farelo, os meudos.
Quiricaré, V. *Cricaré*.
Quiroã, c. *qui-r-oã*, as pontas erguidas, os espinhos eriçados. E' o nome indigena do ouriço cacheiro do Brasil.
Quiya, corr. *kiya*, a pimenta, o fructo picante. Alt.: *Quiynha*.
Quoniambec, graphia de A. Thevet para o nome *Cunhambebe*.

R

Repoty, E' o mesmo qne *potî*, no genetivo de possessão. V. *Potî*.
Reritigbá, E' erro de copia da Corographia Brasilica de Ayres do Casal, em vez de *Reritыba* ou *Reritygba*, como escreveu o Padre Anchieta; c. *reri-tyba*, a ostreira. V. *Lerityba*. 109.
Riri, s. a ostra. V. *Lery*, *Iriri*.
Rirityba, c. *riri-tyba*, ostras em abundancia, a ostreira; 109. Esrito Santo.
Roca, é o mesmo que *oca*, a casa, o abrigo; mas de referencia a alguem, no genetivo de possessão. O *r* é brando.

Rocái, é o mesmo que *tocái*, o cercado, o curral, a manga.
Ruca, o mesmo que *roca*, no tp. am, no genitivo de possessão.
Rucú, V. *Lucú, Urucú*.
Rupiá, contr. *rupiára*. V.
Rupiara, o mesmo que *upiara*, o ovo, o germem, a procedencia, ou descendencia, raça.

S

Sabahó, corr. *tambahó*, c. *tambáó*, a concha espessa, grossa. confunde-se muita vez com *Saboó*. V. *Saboó*.
Sabiá, corr. *çoó-biá*, o animal aprasivel, grato, agradavel Alt: *Sobiá*, (*Turdus sabiá*).
Sabará, ant. *Tabará* de que se formou *Tabaráboçù*, como se vê em velhos documentos. *Tabará*, é a forma contracta de *Itabaraba* ou *Itaberába*, c. *Itá-beraba*, pedra reluzente, penedia resplandescente; o crystal.
Sabarabuçú, ant. *Tabará-boçú*, corr. de *Itabarába-oçú*, o mesmo que *Itaberaba-oçú*, que litteralmente se traduz *pedra resplandescente grande*, ou antes *serra resplandescente*, logar que ficou lendario entre os colonos do primeiro seculo da conquista. Eis como o historiador Gandavo nos conta a origem dessa famosa legenda. «A esta Capitania de Porto Seguro, diz o citado historiador, chegaram certos indios do sertão a dar novas de umas pedras verdes, que havia n'uma serra muitas leguas pela terra dentro, e traziam algumas dellas por amostras, as quaes eram esmeraldas, mas não de muito preço; e os mesmos indios diziam que daquellas haviam muitas, e que esta *serra* era mui formosa e *resplandescente*...» Esta serra resplandescente que o gentio em sua lingua dizia—*Itaberaba-oçú*, e que a corruptella em labios portuguezes transformou em *Taberaboçú* e mais geralmente em *Sabaráboçú*, vae ser por todo o seculo seguinte o alvo das mais arrojadas expedições sertanejas conduzidas de S. Paulo em direcção ao valle de S. Francisco, das quaes não poucas vararam os sertões em busca de Porto Seguro ou do Espirito Santo, donde lhes vinha a longiqua tradição da *Serra das Esmeraldas*». (Th. Sampaio, Memoria lida no Instituto Historico de S. Paulo). Monsenhor Pizarro nas suas Memorias Historicas ainda escreveu *Tabaraboçú*.
Sabauna, corr. *tambauna*, c. *tambáuna*, a concha preta; uma especie de mollusco de agua doce. S. Paulo.
Sabogy corr. *çapó-g-y*, o rio dos sipós. Rio Gr. do Norte.
Saboó corr. *çapó-ó*, raiz mui grossa, como as da figueira brava. S. Paulo. Alt: *Sabohó*.
Saboúna, corr. *çapó-una*, a raiz negra; o tuberculo escuro.
Sacy, Voz onomatopaica da ave deste nome.
Saguim corr. *çá-guî*, os olhos vivos, expertos. (*Hapale*) Alt: *Saqui, Sahuim, sohuim*. pode ser corrupção de *çoó-î*, o animalzinho.
Sahi corr. *çá-î*, os olhos pequenos. E' uma ave do genero *Tanagra*.
Saican, corr. *îçá-î-cang*, o galho secco. Rio Gr. do Sul.
Saioby, corr. *çaì-oby*, os sahys azues. V. *Sahy*.
Sairê, corr. *çã-yerê*, a corda em gyro; é uma dança de rapazes. V. *Samba*.
Samba corr. *çama* ou *çamba*, a corda; a cadeia feita de mãos dadas por individuos em folguedo; a dansa em roda. Bahia, Norte do Brasil. Bap. C.
Sambá, V. *Tambá*.
Sambaqui, corr. *tambaquì*. c. *tambáquì*, o monticulo de ostras, ponta ou deposito de cascas de ostras, de formação antiga e, no geral, devido às nações indigenas de outr'ora. São monturos ou restos de cosinha na mór parte.
Sambarerê, corr. *tambarerê*, c. *tambá-rerê*, a concha acanalada ou fusiforme, buzio. Especie de mollusco.
Sambê, *çaimbé*. o cume, o alcantil. Rio de Janeiro.
Samborá, corr. *çá-bora-á*, o colhido dentro do olho, o que se retira do centro ou do interior; o pollen das flores; a massa amarella do ninho das abelhas; corr. *teborã* o que vae ser mel. Bap. C.
Samambaia corr. *çama-mbai*, o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito, cordas emaranhadas, allusão á trama confusa dessas plantas sociaes e invasoras (*Filix herbacea*); corr. *ça-hamb-ai*, o olho torcido e enrolado allusão ao broto que desponta encaracolado.
Samongo, corr. *ça-monga*, olhos viscosos, remellentos.
Sanga, corr. *çanga*, o que se espraia ou se estende, o espraiado, o alagado; Rio Grande do Sul.
Sangay, c. *çanga-y*, o rio do espraiado, ou do alagado; Rio Gr. do Sul.
Sanhaço, corr. *çaì-açú*, o sahy-grande. Sta, Catharina.
Sanharó, corr. *çoo-nharõ*. o animal bravo, bico brabo; é uma especie de abelha preta e mordaz. (*Trigona Amalthea* Oliv.). Alt.: *Sanharão, Sonharão*.
Saó, corr. *çá-ò*, olhos tapados.
Sapé, corr. *eçá-pé*, ver caminho, allumiar; gramminea de que se fazem fachos (*Saccharum sapé*).
Sapecar, voz de procedencia tupi; deriva-se de *çapec*, tostar, chamuscar, crestar ao fogo.
Sapiranga, corr. *çá-piranga*, os olhos vermelhos ou inflammados.
Sapiroca, corr. *çá-piroca*, olho esfolado, palpebras que descamam ou perdem a pelle.
Sapopema, corr. *çapó-pema*, a raiz esquinada, a que se dispõe em forma de parede, tal como as das figueiras bravas ou gameleiras, que não raro se levantam um a dous metros acima do solo como paredes de 20 a 30 centimetros de espessura. (Ficuum rel.).
Sapucaia, corr. *çapucaia*, s. o grito, o clamor; vb. gritar, clamar; s. o gallo ou a gallinha; corr. *ya-çapucai*, o fructo conhecido por *sapucaya* (*Lecythis*),
Sapucahy, c. *çapucai-y*, rio das sapucayas; Minas Geraes.
Sapupara, corr. *çapò-apara*, o cipó torto, ou retorcido. Ceará.
Sapupira, corr. *çapó-pyra*, a raiz firme, profunda. Alt.: *Sipipira*.
Saquarembó corr. socórembó, c. *çoò-cò-r-embó*, o arroio dos sócos. V. *Socò*,
Saquarema. Ant. *Socorema*, c. *çocó-rêma*, o fetido dos socós, o mau cheiro procecente desta ave. Rio de Janeiro.
Saracura. Parece voz anomatopaica da ave pernalta e de côr aleonada e que á noite, á beira d'agua, cacareja como perdiz. (*Aramides*). E' a gallinha d'agua, tambem chamada *Tres-pótes*. No Norte tem ainda o nome de *Serîcoia*. V. *Sericoia*. Si o nome fôr tupi, pode vir de *tara-cura*, engole milho.
Saracuruna, c. *saracur-una*, a saracura preta; Rio de Janeiro.

Sarambé, corr. *çarã-bè,* escorrega todo, falsê*a* de todo; no sentido vulgar — é aquelle que não tem idéas firmes.

Saran, corr. *çarã,* c. *cã-rã,* a corda desatada; hastil, guias; arbusto que se alonga ou deslisa á margem da corrente, e cresce sobre a pedra.

Sarandy, corr. *çará-dyba,* abundaneia de sarans; o saransal. Tambem pode ser *çarã--dy,* o rio dos *sarans.* Rio Gr. do Sul.

Sarará, corr. *yçá-rárá,* a formiga solta em quantidade, a formiga que enxameia; designa uma especie de formiga alada de côr arruivada que revôa ás primeiras chuvas. Designa tambem uma mariposa. Como verbo, *çararã* ou *çarã,* significa deslisar, resvalar, escorregar. Como adjectivo, no falar do vulgo—é o mulato que tira para ruivo.

Sararahy, c. *çarará-y,* rio das mariposas; Bahia.

Sarapó, c. *çará-pó,* desprende mão, ou o que escapa ou escorrega da mão; nome de um peixe fluvial.

Sarapuby, corr. *çarapó-y,* rio dos sarapós; S. Paulo; V. *Sarapó.*

Sariema, corr. *çariama,* c. *çari-ama,* a crista alta, ou levantada. (*Dicholophus cristatus* Ill.). Alt.: *Seriema.*

Sarué, corr. *çoó-r-ikê,* ou *çoó-r-ighê,* o animal de sacco ou de bolsa. *Ikê-ighê,* a entrada. o furo, o seio. (*Didelphis*). 109. Alt. *Sariguê, Carigueya, Sorighê.*

Sassú, corr. *çacy,* especie de beija-flôr, colibri (*Coraeina*) alt. *sassy, saçú.*

Sassuhy, corr. *çacy-y,* rio dos beija-flores ou dos colibris; Minas Geraes; V. *sassú.*

Sassurana, corr. *tatarana.* V. 78.

Saúna, corr. *çá-una,* os olhos pretos. Designa nm peixinho do mar de olhos muito pretos.

Saúva, corr. *yçá-ub,* o pae das formigas, a formiga mestra, no sentido de principal. Pode ser *yçáyba,* a formiga das plantas, o que ataca as plantas; derivando-se de *Yçayba* o nome *Yçaúba,* donde *çaúba.* No Rot. do Brasil se lê *Ussáiba.* Alt.: *Içáuba, Saúba.*

—

Serehyba, corr. *cirì-yba,* a arvore dos *siris,* porque de suas folhas amarellas, caidas, se nutrem os siris e carangueijos. Alt.: *Sarahyba, Sarayva.* Especie de mangue bravo,

Sergipe, ant. *Cirigype,* c. *ciri-gy-pe,* no rio dos *siris*; alt. *sergy*; 109.

Sericoia, corr. *çari-cõi,* crista gemea, ou dupla. E' a ave pernalta, tambem chamada *Saracura.* V, *Saracura.*

Serinhaem, corr. *cirì-nhaê,* bacia, vaso dos siris, viveiro dos siris; corr. *ciri-nheê,* o siri rumoreja, onde os siris fazem rnmor; Pernambuco; 109; ait.*:* *Serinheen, Scrinhenhen.*

Sepetíba, corr. *çapé-tyba,* sapesal, sapé em abundancia; Rio de Janeiro.

Sernambí, corr. *çuru-namby,* alarga orelha, orelha muito aberta; orelha ampla. E' marisco que se cria na vasa, com a casa muita redonda e grossa, do tamanho de ameijoas grandes. Rot. Braz. c. 141.

Sernambitiba, corr. *cerinambi-tyba,* o ameijoal, o viveiro de mariscos; o deposito de mariscos. No Norte do Brasil é equivalente ao *sambaqui* do Sul; V. *Sambaqui*; 109.

—

Sibipira. V. *Sapopira.*

Sinimbú, corr. *çoò-nimbú,* animal que cospe ou saliva. Alt.: *Cenembú, Cinembú, Sunimbú.* E' uma iguana.

Sipitiba, corr. *çapé-tyba,* ou *cçá-pé-tyba,* o sapesal. V. *Sapé.*

Sipó. V. *Cipò.*

Sipotuba, c. *cipó-tyba,* cipoal ou trançado de sipós ou cipós.

Sirí, corr. *cirì,* correr; o que corre ou dealisa; um crustaceo. Alt. *Seri.*

Sirihú, corr. *cirì-û,* os siris comem, onde ha siris. Sta. Catharina.

Siriry, corr. *cirì-r-y,* rio dos siris. Sergipe.

Siriobí, corr. *cirì-oby,* o siri verde- V. *Sirì.*

Siritinga, corr. *cirì-tinga,* o siri branco; corr. *ciriy-tinga,* a serehyba branca. Alt.: *Saratinga, Seritinga.* V. *Serehyba.*

Siupé, corr. *çoò-pé,* o trilho da caça. Ceará.

—

Sóca, s. a lagarta, a larva da borboleta.Rot. Braz. c. 116.

Socauna, c. *sòca-una,* a lagarta preta. Rot. Braz. c. 116.

Socatinga corr. *çoca-tinga,* a lagarta branca. Ceará V. *Sòca.*

Socó, corr. *çoó-có,* bicho que se arrima, ave que se sustenta ou se apoia, em um pé só; nome commum ás pernaltas. *(Ardea brasiliensis).*

Socó-boi, corr. *çoòcò-boy,* o socó-cobra, ave que tem por habito esconder o corpo debaixo d'agua, mostrando só a cabeça e parte do seu extraordinario pescoço, parecendo uma cobra. Casal. Chorogr. Bras. V. 2º, p. 144. *(Ardea scapularis* Ill.),

Socopenupã, corr. *çocó-apenupã,* a arrebentação dos socós, a resaca chamada dos socós; Rio de Janeiro. E' o nome primitivo da lagoa de Rodrigo de Freitas.

Solimões, corr. *çoriman,* alt. *sorimão, solimão*; plr. *solimões*; nome de uma tribu selvagem do Alto Amazonas e que deu o appellido a essa parte do grande rio; Cas.

Soó corr. *çoó,* o animal, a caça, o bicho, a carne.

Sorocaba, s. v. *çorocaba,* a ruptura, o rasgão; ás rasgaduras naturaes do solo, em torno da cidade. S. Paulo. V. *Bossoroca.*

Soriguê, V. *Saruê.*

—

Suaçucanga corr. *çoó-açú-canga,* osso do veado; é uma madeira branca imitando o malfim, propria para marchetaria. Rot. Braz. C. 69.

Suam corr. *çoó-û,* o alto do animal, a columna verteral, a espinha dorsal. Alt: *suã, soã.* S. Paulo, Minas. 109.

Suápe corr. *çoó-ã-pe, çoã-pe,* na espinha dorsal, allusão á localidade onde se deparou alguma ossada. Bahia.

Suassú, corr. *çoó-açú,* o animal grande, a caça mais avultada, o veado ou cervo; 109; alt. *suaçú, guaçù, sussù, assú.*

Suassubirá, corr. *çoóaçú-berá,* o veado lustroso ou luzidio; 109; corr. *çoòaçú-pirã,* veado vermelho; alt. *birá, virá.*

Suassugaia corr. *çoò-açú-caia,* a queimada dos veados. Parahyba.

Suassuhy, corr. *çooáçu-y,* rio dos veados. Minas Geraes; 109.

Suassumé, corr. *çooaçú-mé,* veado introduzido, ou importado, a cabra; 124.

Suassupe corr. *çoòaçú-pe,* nos veados. Parahyba

Suassupitã, corr. *çooáçú-pitan,* o veado vermelho; o mesmo *çooáçú-pirã,* ou *pitanga*; 109.

Subahê, corr. *çò-baé,* o que é partido ou dividido; Bahia.

Sucurí, corr. *çuú-curi*, morde ligeiro, atira o bóte rapido. Serpente aquatica (*Eunectes murinus*). Alt: *Socori*. Designa tambem uma especie de cação ou tubarão.

Sucuriú corr. *çuucuri-yú*, ou *çucuri-yuba*, a sucuri amarella. V. *Sucuri*. Alt: *Sucuriuva*.

Sucuriuba, c. *çuúcuri-yuba*, a serpente amarella, ou de escamas amarelladas; V. *sucuri*.

Sucurihy, corr. *çuucuri-y*, rio do sucury.

Sucuricanga, corr. *çuucuri-canga* a ossada do sucuri. Bahia corr. *çuucuri-acanga*, a cabeça do sucuri. Alt: *Sucricanga*.

Sucupira, V. *Sapopira*.

Suçuaya, corr. *çuçú-aya*, remedio de tremer, allusão ao tremor que produz o uso desta planta. E' o fumo bravo ou *Canudo*. E' tambem corr. *çooaçú-aya*, o veado manso, a cabra.

Suguaragy, corr. *çoò-guara-g-y*, o rio do papa-caça. O Padre L. Figueira dá-lhe o significado de *namorado*.

Sumaré, corr. *çumã-ré*, propenso a ligar, a unir; o grude, a cólla. E' uma planta parasita (*Lytopodium glutiniferum* Baddi), que dá succo equivalente à colla e se empregava out'ora no fabrico de instrumentos de corda.

Sumé, nome de um personagem mysterioso que appareceu entre os selvagens e lhes ensinou a cultivar a terra, e lhes ensinou o bem; alt: *Zomé, Tomé, Zumã*! 125.

Surubim, corr. *jurú-bî*, a boca pegada ou fechada. Peixe de couro do genero *Platystoma*. 109 Alt: *Soroby, Soruby, Suruvy*.

Surubiú corr. *jurubî-ú*, o surubim come; onde ha surubim.

Surucucú corr. *çuú-ú-ú*, morde muitissimo, cobra muito venenosa do Norte do Brasil (*Lachesis mutus Daud.*); corr. *çoó-ú-ú*, animal que morde muito 27.

Sururú, corr. *çoó-rurú*, o bicho humido, o mexilhão.

Sururuy, s. a casa de cupim de forma conica. Alt: *Suruhy*; corr. *cururú-y* o rio dos mexilhões V. Sururú

Sussuapara corr. *çoò-açú-apara*, o veado galheiro. 109. V *Suassú*.

Sussuarana, corr. *çoóaçú-arana*, o que se assemelha ao veado, o que tem côr de veado; nome de uma especie de onça de pello pardo, (*Feliz concolor*),

Sussuhy, corr. *çooaçú-y* rio dos veados: V *Suassuhy*.

T

Taba, s. a aldêa, o povoado, o arraial; no tp. gr. *taba*, no tp. am. *táua*; alt. *táuba, táua;* na composição dos vocabulos, ora é *tag*. ora *tap*. como nos nomes —*taguera* e *tapera*; 112.

Tabagy, corr. *taba-g-y*, o rio da aldêa.

Tabagype, corr. *taba-gy-pe*, no rio da aldêa; 75.

Tabajaras, corr. *taba-yara*, os aldeões, os moradores das aldêas, os senhores dos povoados; 112; V. *Tobayara*.

Tabatinga, corr. *tauá-tinga*, o barro branco, o barreiro de argilla branca. 107. Amazonas.

Tabatinguera, corr. *tauatinga-oéra*, ou *tauating-oéra*, é a forma plural de *tauatinga*, e significa: os barreiros. V. *Tabatinga*. Pode ser tambem—*taba-tinga-oéra*, a aldêa branca extincta. S. Paulo. 112.

Tabaréo, corr. *taba-ré*, a aldêa differente. Designa o individuo morador da aldêa, ou que a procura, neste caso, *taba-ré*, se traduz: propenso á aldêa, dado a vida da aldêa. Bahia. 112. O camponio, homem do matto,

Tabiá, corr. *tapiá*, os testiculos. Nome de um principal dos Tobayaras da Parahyba no seculo XVI, decerto procedente de algum defeito physico, origem de quasi todas as denominações ou nomes de individuos entre os povos barbaros.

Tabibuia, corr. *ta-bebúi*, haste que fluctua, tronco de madeira leve, e branca, servindo para tamancos, e instrumentos musicos.

Tabyra, corr. *itá-bira*, a penha empinada ou erguida. 109. Nome de um principal dos Tobayaras, que se converteu ao christianismo. Tão valente era e astucioso na guerra que no seu tempo se conriderava—o talisman das victorias.

Tabóca, c. *ta-bòca*, a haste furada, tronco ouco, Graminea conhecida. Alt.: *Tapoca, Touòca, Tabò, Taò*. (*Arundo, Bambusa*).

Taboó, corr. *tabó-ó*, a taboca grossa. V. *Tuboca*. Pode ser corrupção de *sabò-ò* ou *çapò-ó*, raiz grossa. V. *Saboó*.

Taborahy. V. *Itaborahy*.

Taburugy, corr. *tapurú-g-y*, o rio dos vermes ou bichos. Bahia.

Tacanhuna, corr. *taconhauna*, c. *taconha-una*, membrum nigrum. E' uma tribu de indios do Pará. Pode ser corr. *tacá-una*, o tacape preto, a massa ou clava pintada de preto.

Tacaré, c. *ta-caré*, a haste curva ou encurvada. E' uma especie de mandiaca.

Tacoativa, corr. *tacoá-tyba*, o taquaral ou as taquaras em abundancia.

Tacoara, c. *ta-coára*, a haste furada ou com buraco, Alt.: *Taquara, Taquá*.

Taconha, corr. *ta-côi*, o que está gemeo; as partes pudendas do homem.

Taconha-oba, s. *folium quo membrum involvunt*, como de costume entre algumas tribus. V. *Taconha*.

Taco-taco, corr. *tag-tag*, o estalido repetido; nome de uma especie de formiga que faz ruido quando corta as plantas.

Tacunas, corr, *tacô-una*, o quadril negro. o membro preto ou tincto de preto. Nome de uma tribu selvagem do Amazonas.

Tacupé, c. *ta-cupé*, atraz da aldêa, ou villa; os arrabaldes.

Tacuruba, c. *itá-curuba*, pedaços de pedra, cascalho, seixos.

Tacy, corr. *tacî*, a formiga. Alt.: *Tahy*.

Tacyba, s. a formiga em geral. Alt.: *Tacy, Tachi, Taçuba, Taçú*.

Taguá, contr. *itá-guaba*, pedra ou argilla de comer, barreiro; alt. *taguaba, taguá, tauá;* V. *itaguaba*; corr. *itá-guá*, pedra ou argilla variegada, de côres diversas.

Taguahy, corr. *taguá-y*, o rio dos barreiros ou dos tauás. V. *Itaguahy*. Rio de Janeiro.

Tagipurú, corr. *tay-purú*, veia ruidosa, canal por onde corre a agua com mais força. Designa um hraço do rio Amazonas, ao sul da ilha de Marajó. Significa propriamente:—braço de rio agitado.

Tagy, o mesmo que *tagy*, braço ou galho de rio, furo, canàl.

Taibú, s. corr. *tãi-bû*, o focinho preto ou queixada preta, o animal marsupio, chamado tambem *gambá*. Alt.: *Timbú*.

Taipoca, corr. *ta-y-poca*, a haste ou tronco que estala.

Tajuba, corr. *ta-yuba*, o tronco amarello, o pau-amarello. E' a mesma *Tatajúba*. V. *Tatahyba*.

Tajahy, corr. *tayá-y*, rio dos *tayás* ou *tajás* (*Aroideas*) uma planta tuberosa cultivada hoje com o

nome *tayoba* (*Caladium esculentum*); alt: *itajahy*, V.; Santa Catharina.

Tambá, c, *ta-mbá*, o que é concavo, a concha bivalva, o marisco, e, por semelhança com a concha, as partes pudendas da mulher. Alt.: *Sambá*.

Tambahú, corr, *tambá-ú*, a mexilhão ou morisco come, onde ha mexilhões ou conchas; corr. *tamba-y* o rio das conchas. 109. S. Paulo. Pode ser tambem corrupção be *tamba-û*, concha ou marisco negro, com o mesmo significado de *sambá-ü* ou *sambauna*.

Tambaiba, corr. *tambá-yba*, o pau de conchas.

Tambaquara, c. *tambá-quara*, o buraco das ostras, o furo da concha; o orificio vulvar, a vagina.

Tambaqúi, c. *tambá-quî*, restos de ostras ou mariscos, o cisco de ostras. Com este sentido Bap. Caetano interpretou *tambaqui, tambá-quib*. Pode ser tambem *tambá-qui*, a ponta, o cumulo de ostras, o casqueiro. V. *Sambaqui*.

Tamboeira, corr. *tambó-oéra*, a espiga extincta, o sabugo do milho, o carôlo. Maranhão, Bahia.

Tamburil, corr. *tamburî* ou *tambuî*, arvore de que o gentio fazia canôas.

Tamandaré, corr. *tamanduá-rè*, o prepenso a tamanduá, o que faz as vezes de tamanduà ou o imita. E' o nome do Noé do gentio brasilico na sua lenda do diluvio. 125. Pernambuco.

Tamanduá, corr. *tã-mondoara*, que se contrae para *tã-mondoá*, o caçador de formigas. (*Myrmecophaga tetradactyla*). 125.

Tamanduatehy, corr. *tamonduá-tey-y*, o rio do tamanduá grande. S. Paulo. 109.

Tamaquaré, corr. *tambá-quar-è*, o humor de vulva; o almiscar; o amavio usado pelos indios. Arvore do matto virgem que dá um oleo medicinal, talvez o *ybirá-payé*, ou a arvore dos encantadores, cuja rezina muito cheirosa se misturava com outras resinas para aromatisar as cousas. V. *Tambaquara*. V. *Tambá*.

Tamaracá, V. *itamaracá*; 107.

Tametary, corr. *itametar-y*, rio do ornato de pedra, ou do bodoque de pedra; 120; V. *Itametara*.

Tamoyos, V. *Tamuya*.

Tamuatá, corr. *tambú-atá*, caminha de tropel, que faz rumor ao andar. E' o peixe d'agua doce que anda no matto, onde se transporta por meio de estremeções com ruido. (*Cataphractus Callicythys*). Alt.: *Tamoatá, Cambuatá*.

Tamúya, s. o avô. Alt.: *Tamõe, Tamoyo, Tamoye*. Salvador Corrêa de Sá escreveu *Tamões*, de referencia ao gentio do Rio de Janeiro.

Tangará, corr. *atá-carã*, o que anda em volta, ou aos saltos, o que dansa aos saltos; o pulador; nome de uma ave do genero *Tanagra*.

Tanhanga. V. *Itanhanga*.

Tanhaçú, corr. *tanha-açù*, o dente grande; nome commum no tupi para designar o porco montez; 109, 124; alt: *tãyaçú*.

Tanajura, corr. *tã-ayura*, a formiga vinda, a que se ala e sae do formigueiro, a formiga grande cheia de ovos.

Tanguá, corr. *ità-guá*. o valle ou baixada dos *itans*, ou conchas grandes. Rio de Janeiro.

Taocara. V. *Itaócara*.

Tapacurá, s. os cueiros, as ligas.

Tapagyba, corr. *tatá-yba*, o pau de fogo, madeira de tinturaria. (*Maclura*). V. T*atahyba*. Alt.: T*apagy*.

Tapagype, V. *Tapagype*, 112.

Tapajós, ant. *Tapayó*, corr. *Tabáyó* procedentes das aldéas, vindo das povoações; nome de uma

tribu selvagem donde procede o do grande rio affluente do Amazonas.

Tapanhuna, corr. *tapuy-una*, o barbaro preto, o negro africano.

Tapanhunacanga, *tapuy-úna-acanga*, a cabeça de negro; 107; Minas Geraes.

Tapará, c. *ta-pará*, colhe ou prende o rio. E' agua do rio que permanece estagnada, por occasião da vasante e onde o peixe se accumula de modo prodigioso á medida que o estagnado se reduz com a secca. (Rangel). Amazonas.

Tapayuna-cuara, corr. *tapuy-una-cuára*, o refugio ou covil de negros, o quilombo. V. T*apanhuna*.

Tapebara, corr, *tapeuára*, c. *tapeuara*, o morador da tapera.

Tapecurú, V. *Itapicurú*, T*apicurú*.

Tapechay, corr. *tapichaî*, o crespo, o enrugado, o encarapinhado.

Tapeçaçú, corr. *tab-peçaçú*, aldêa nova, 128;

Tapemirim, corr. *itápé-mirim*, lageadinho, a lage pequena; V. *itapeba*; contr. *tapé-mirim, tapé* ou *apé* caminho, *mirim*, pequeno, estreito, caminho estreito, trilho, vereda; corr. *tapé-mirim*, a ruina pequena ou taperasinha; 107.

Tapendi, c. *tapé-ndì* companheiro de ruinas, o animal que mora em ruinas, assim como as curujas e andorinhas.

Tapera, corr. *tab-era*, aldea extincta, ruina, povoação de outr'ora; alt: *taguera*.

Taperá. V. T*áperoá*.

Tapes, corr. *tab*, aldea, povoação; corr. *ta-pe*, nas aldêas, nos povoados: nome de uma nação selvagem do Rio Grande do Sul.

Taperebá, corr. *tapereuá*, c, *toperuá*, o que vive em ruinas, a arvore que cresce nas ruinas. V. T*aperoá*.

Tapereira, corr. *taper-eira*. a abelha das taperas ou ruinas. E' abelha de côr preta, grande, e produz mel abundante e bom. S. Paulo.

Taperirica, corr. *tatá-pìririca*, o estalido do fogo, a faisca. Nome de um chefe dos Tobayaras.

Taperoá, c. *taper-uá*, forma contracta de *tapera-uára*, o vivente das ruinas, o morador em taperas; a andorinha. Bahia. 112. Alt.: T*aperaguá*, T*aperá*.

Taperobú, corr. *taper-oby*, a tapera verde, as ruinas invadidas de vegetação. Pode ser tambem corr. *taper-yby*, a terra das taperas ou das ruinas. Parahyba,

Tapepitanga, corr. *itapé-pitanga*. as lages vermelhas. Bahia.

Tapeti, s. o coelho silvestre; 109

Tapiá, c. *tapi-á*, os grãos de entrepernas, os testiculos. Arvore fructifera do matto virgem. (*Gallesìa Scorododentron*, Cas.).

Tapicurú, c. *tapì-curù*, as entrepernas rugosas, asperas. E' o nome de uma ave pescadora. (*Ibis cayennensis*, Gmel).

Tapimirim, V. T*apemirim*.

Tapinhoam, corr. *ta-pi-uã*, o que é para tumores. *Pi-uã* exprime a pelle que se levanta ou cresce, o tumor. (*Sylvia Navalium*, Freire Allem.) Rio de Janeiro. Alt.: T*apinhá*.

Tapira, s. a anta (T*apirus americanus*); alt; *tapir*, no tp. gr. *tapii*; 109; *tapüra*, o boi ou a vacca, tambem denominados — *tapiraçobayguara*.

Tapiranga, c. *ta-piranga*, plumagem vermelha, pennas rubras; nome da ave tambem conhecida por *tiê-sangue* (T*anagra brasilia*).

Tapirahy, c. *tapira-y*, rio das antas, 109.

Tapioca, V T*ypioca*.

Tapirapé, c. *tapir-apé*, vereda das antas; 109: Goyaz.

Tapirapoan, corr. *tapiira-poã*, a anta posta em pé, a anta erguida, a anta gorda ou rotunda. Matto Grosso.

Tapirema, corr. *tapiir-êma*, a anta fetida; a catinga de anta. Pernambuco.

Tapiruva, corr. *ptair-yba*, a arvore da anta. Alt.: T*apiruba*. Sta. Catharina.

Tapissuá, s. a abelha (T*rigona* T*ubiba*) no Rio Grande do Sul.

Tapitocáy, V. *Itapetocái*.

Tapitanga, o mesmo que *tapiranga* plumas vermelhas; corr. *itá-pitanga*, pedra vermelha; 107.

Tapixingui, corr. *ta-pi-chin-gui*, o que é de pelle lisa de fora, o pau de casca lisa. Alt.: T*apitingui*. S. Paulo.

Tapity, corr. *tapy-ty*, o membro duro, forte; o coelho ou lebre.

Tapoçoca, corr. *taboçóca*, c. *tabóçoca*, a larva da taboca, o bicho de taquara.

Taporú, c. *ta'por-ú*, cousa contida que come, o que corrôe; o bicho, o verme. Alt.: *Tapurú*, *Taburú*.

Tapurureya, corr. *tapurú-reiya*, a collecção de vermes, a bicheira.

Tapuyú, corr. *tapuy-ú*, o gentio barbaro come, onde vive o gentio, onde ha gentio barbaro. Ceará.

Tapuyrama, o mesmo que *tapuyretama*, a região dos barbaros ou dos tapuyas; 86, 110.

Tapuytapera, c. *tapuy-tapera*, ruina do gentio; Maranhão.

Tapy, c. *ta-apy*, o que está fundo; as entre-pernas; as partes pudendas.

Tapyá, c. *tapy-á*, os grãos de entre-pernas, os testiculos.

—

Taquaporú, c. *taquá-porú*, o bicho de taquará, verme de que algumas tribus indigenus se alimentavam.

Taquaquicé, c. *taquá-quicé*, taquara-faca ou laminar; especie de banbú que se emprega no tecido das peneiras ou cestas finas e delicadas; canna silvestre (*Banbusa*); alt: *taóquicé*, *taquaquicé*; S. Paulo.

Taquaquicetuba, corr. *taqua-quicétyba*, taquaral de taquaquicés; alt: *Itaquaquicètuba*: S. Paulo.

Taquarapaia, corr. *taquarambaia*, ou *taquara-mbaia*, o trançado de taquaras, Matto Grosso.

Taquaranchim, c. *taquara-achim*, a taquara crespa. Rio Grande do Sul.

Taquarapaba, c. *taquara-paba*, a estancia ou sitio das taquaras.

Taquarituba, corr. *taquarî-tyba*, taquaràl fino, ou taquaris em abundancia; Parahyba.

Taquaritinga, c. *taquarì-tinga*, o taquary branco ou a taquarinha nha branca. Pernambuco.

Taquarembó, corr. *taquara-iembò*, o fio de taquara, a fibra textil da taquara. Pode ser tambem — o riacho das taquaras. 102. Rio Grande do Sul.

Taquaruçú, c. *tãquara-uçú* a taquara grossa, bambú.

Taquary, corr. *taquar-i*, a taquarasinha, o taquarí. Pode ser tambem *taquar-y*, o rio das taquaras. Rio Grande do Sul.

—

Taracuá, corr. *tara-guá*, contracção de *tara-guara*, o devorador de espigas. E' o nome de uma especie de formiga. V. *Taracú*.

Taracú, c. *tara-ú*, devora espigas; é uma especie de formiga.

Tararé corr. *itararé*, sumidouro, caverna, conducto subterraneo; S. Paulo.

Tarairy, c. *tarayr-y*. o rio das trahyras. Alt.: *Tarehiri*, *Tareiri*. Rio Grande do Norte.

Tarauyra, s. o pequeno lagarto dos muros, a lagartixa. V. *Trahyra*.

Tarecayá, corr. *tarecayeá*, kagado, a tartaruga terrestre, a Tartaruga Redonda (*Emys Dumeriliana* Schweig.). Alt.: T*racajá*, T*racaxá*.

Tareiry, corr. *tarair-y*, rio das trahiras, Rio Grande do Norte.

Tatá, s. o fogo, o lume, a luz; 87

Tatagiba, corr. *tatá-gyba*, braço de fogo, labareda; Ceará.

Tatahyba, cor,, *tatá-yba*, pau de fogo; o pau-amarello (*Maclura*). Alt.: *Tataúba*, *Tatajuba*, *Tataiba*, *Tapajiba*.

Tataíra, corr. *tatá-eira*, a abelha de fogo; é a abelha tambem chamada: *mel de fogo*, *caga-fogo*. (T*rigona* T*ataira*).

Tatajuba, corr. *tatá-yuba*, antes *tatá-yba*, o pau de fogo, a madeira côr de fogo, preciosa para tincturaria (*Maclura tinctoria*). Alt.: *Tataúba*. V. T*atahyba*.

Tatamirim, c. *tatá-mirim*, o foguinho. Nome de um chefe tupinambá citado por Hans Staden.

Tatapirica, c. *tatá-pirica*, a faisca, a sentelha. Nome de um mamaluco que tomou parte na expedição de João Coelho de Sousa, quando foi da conquista do Ceará em 1603. Chamava-se João Vaz *Tatapirica*.

Tatarana, c. *tatá-rana*, imitando a fogo, a affogueada; a lagarta de fogo. Alt.: *Taturana*. 78.

Tatauhy, corr. *tatá-huy*, a flecha de fogo, a fiecha inflamada que, no ataque das aldêas, se lançava contra os tectos de palha das habitações. Bahia. 78. Pode ser corrupção de *tatá-y*, rio do fogo.

Tatinga, corr. *itá-tinga*, pedra branca ou a prata; Maranhão.

Tatú, c. *ta-tú*, casco encorpado ou denso, Bap. Caet.; (*Dasypus*).

Tátacetura, corr. *tatá-acetû-ara*, o toma cheiro do fogo, o que presente o cheiro do fogo á distancia, o farejador, o espia de guerra.

Tatuamnha, corr. *tatú-amõi*, o tatú avô, o tatú ruim de correr.

Tatuapara, c. *tatú-apara*, tatú arcado, ou que se dobra, o que vulgarmente se chama *tatú-bola*, (*Dasypus tricinctus*).

Tatuoca, c, *tatù-oca*, o covil do tatú. Pará.

Tatuhy, c. *tatú-y*, rio dos tatús; S. Paulo; 109.

Tatuybi. c *tatú-yby*, a terra dos tatus, antigo nome da cidade de Limeira; S. Paulo; 109.

Taú, s. fantasia; advinhação; captar a vontade de alguem; a visão.

Tauá, V. *taguá* 107.

Taubaté, corr. *taba-etê*, alt: *táuaetê*, villa consideravel; 115. S. Paulo.

Taumî, s. o phantasma; a visão.

Tauna, c. *ta-una*, o individuo preto, o negro; corr. *itá-una*, a pedra preta, o ferro. Rio de Janeiro.

Tauápe, c. *tauá-pe*, no barreiro. Ceará. V, *Taguá*.

Tayá, corr. *tay-yá*, egual á pimenta, cousa picante. (Caladium).

Tayabuçú. c, *tayá-buçù*, o tayá grande ou inhame. (*Colocasia antiquarum*).

Tayáçupeba, corr. *tãiaçú-peba*, o porço montez menor, o porquinho. (*Dicotyles*), Alt.: *Tayaçupeva*. S. Paulo. Nome de um principal do gentio do rio S. Francisco, no tempo do governador Luiz de Brito. Na sua Historia do Brasil, Frei Vicente do Salvador chama-o *Porquinho*,

Tayaçú, corr. *tãi-açù*, dente grande; V. *tanhaçú* 109.

Tayaçúaia, corr. *tãiaçu-aia*, o porco manso, o porco de papada.

Tayra, s. o filho, do lado paterno; oppõe-se a *membyra* que è o filho do lado materno.

Tayarana, c. *tayá-rana.* o tayá falso, o que imita o tayá. Nome de um chefe Carijó da Laguna. Sta. Catharina.

Tayoba, c. *tayá-oba,* a folha de tayá. (*Caladium*). V. T*ayá*. Alt.: T*ayaó*.

Tayuyá, corr. *tayó-yá,* o equivalente á *tayóba*; é a abobrinha do matto (*Trianosperma ficifolia).* Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Rio Grande do Sul. Desta planta ha muitas variedades, cujas raizes tuberosas têm valor medicinal como emetico e como drastico. V. *Tayoba.*

—

Tebí, s. o assento, as nadegas, o trazeiro.

Tecunas, corr. *tecô-una,* corpo preto, o vulto negro, nome de uma tribu selvagem no velho Maranhão — Perú.

Teçatunga, c. *teçá-tunga,* olhos anuveados, escurecidos. V. *Acatunga.*

Tendyiba, corr. *tendy-yba,* a arvore de saliva ou baba. *(Spilanthes).*

Tejubina, corr. *teyú-obî,* o lagarto verde.

Tejupá, corr. *teyi-u-paba,* a estancia onde vive o povo, a rancharia. T*eîi* ou *teyi,* é a communidade, a reunião, a companhia, o povo em conjuncto. No guarani-*teyupá,* é a rancharia. Alt.: T*ejupar, tijupá.*

Tembé, s. o labio inferior, o beiço; borda, margem, beira.

Tembetá, corr. *tembê-itá,* pedra de beiço, bodoque de pedra.

Tembiú, s. a comida, o alimento, a nutrição, o mantimento; alt: *temiù,* e segundo a relação — *remiú*; 119.

Temiminô, s. o neto do varão. Nome de uma nação dos tupis do Espirito Santo e do Rio de Janeiro.

Tendigura corr. *tendy-gúra,* a saliva engolida. S. Paulo.

Tendy, s. a saliva, o cuspo, a baba.

Tequara, corr. *te-quara,* cont. *tecô-quara,* o buraco do corpo, o anus.

Tereré, s. o fragor, o estrondo do que se quebra, a arrebentação. Alt.: T*araré*. S. Paulo, Bahia.

Tetama, s. a patria, o paiz, a região; segundo a relação — *retama;* e *rama* como suff. 117.

Teyú, corr. *ty-ú,* o que come escondido; o lagarto. Alt.; *Teyú, tijú.*

—

Ti, corr. *ty,* a agua, o liquido, o caudal, o curso d'agua; 105.

Tiaya, corr. *ty-aia,* a agua mansa, a agua saudavel, Ceará.

Tiapira, s. a vanguarda, o posto avançado. Especie de abelha.

Tibaia, corr. *tyba-aia,* pouso ou mansão saudavel; corr. *ty-baia,* caudal saudavel; corr. *ty-bai,* curso d'agua ruim ou màò; alt: *Atibaia.* S. Paulo.

Tibáu, corr. *ty-paû,* entre aguas, no meio entre duas aguas. Alt.: *Tybáu, Tibau.*

Tibagy, corr. *tyba-g-y,* o rio dos pousos; e tambem: rio da feitoria. Alt.: T*ibagi,* T*ibagiba,* T*ivagiva.*

Tibireçá, corr. *t-yby-reçá,* contracção de *tyby-r-eçaba,* a vigilancia da terra, o vigia ou inspector da região, o maioral au principal. Não se deve escrever *tebireçá,* que tem mau sentido. E' o nome do chefe do gentio catechisado em S. Paulo de Piratininga pelos Jesuitas, no seculo XVI.

Tibiry, corr. *tibí-r-y,* o rio da sepultura. Parahyba.

Tibycoara, c. *tyby-coára,* buraco do chão, a cova, a sepultura; 126.

Tibycoary, c. *tybycoar-y,* rio das covas ou das sepulturas. 126.

Tietê, c. *ti-êtê,* curso d'agua verdadeiro, caudal consideravel. 105; V. *Ti.* S. Paulo.

Tijuaçú, corr. *teyú-açú,* o lagarto grande. (*Teius Monitor* Merr.).

Tijuaê, corr. *tuyabaé;* o velho, o ancião; tambem se diz *tuya,* no guarani. Alt.: *Tuyauaé, Tuyauê.*

Tijuapé, corr. *teyú-apé,* a vereda dos lagartos.

Tijuca, V. *Tuyuca, Tijuco*; 99.

Tijuco, corr. *ty-yuc,* liquido corrupto ou podre, lama, brejo; no tp. g. *Tuyú.* 99.

Tijucopapo, corr. *ty-yuc-paba,* a estancia ou sitio dos brejos; o lamaçal, o lameiro, o atoleiro, Pernambuco.

Tim, corr. *tî,* ponta, nariz, saliencia, prôa; adj. contr. *tinga,* branco, alvo.

Timbaúba, corr. *timbó-yba,* a arvore de exhalação, de espuma. O fructo muito amargoso dà espuma, quando tratado com agua. Alt.: T*imboîba,* T*imboúba.*

Timbó, s. a planta cujo succo mata o peixe; vara, vergontea, cipó, (*Paulinia Pinnata* L.) 116.

Timbohy, c. *timbó-y,* o rio do timbò. V. T*imbó.* Pode ser tambem o rio das nevoas. V. T*imbora.*

Timbora, corr. *ty-mbóra,* o que se contem n'agua; o vapor, a nevoa, o bafo, a exhalação. Alt.: T*imbó.*

Timbyra, corr. *timbyra,* o amarrado, o que é amarrado, o escravo; Maranhão; Antigamente *Timbirá.*

Timonha, corr. *ty-môe,* a agua posta ou levada. Ceará.

Timusú, corr. *tî-uçú,* a ponta grande, o bico comprido; designa o peixe *Agulha.* (*Bellone timuçù* Cuv.).

Tin, V. *Tinga.*

Tinga, adj. branco, alvo, claro, candido; alt.: *tin, tî.*

Tingará, corr. *tinga-rã,* tirando a branco; é a ave *Dasycephala cinerea.* Gray.

Tinguá, corr. *tî-quâ* ou *tin-quâ,* o bico ou nariz ponteagudo, o pico. Pode ser tambem corr. *ty-quá,* contr. *ty-coára,* buraco d'agua, o pôço. Rio de Janeiro.

Tinguaciba, corr. *tinguâ-ç-yba,* a arvore de ponta aguda; corr. *tagua-c-yba,* a arvore de amarello (*Xanthoxylon*). Rio de Janeiro.

Tinguí, corr. *ty-gui* ou *tyghî,* o liquido que vem, o sumo, a espuma; enjôo, enfado. No guarani *tynî,* designando uma espuma tirada de cipós batidos com que se mata o pescado nos rios e lagoas. (*Jacquinia tingui — Lupinus cascavella*).

Tinharé, corr. *ty-nhã-ré,* o que tende a entrar n'agua, o que se adianta n'agua. E' uma ponta e ilha na Bahia.

Tinhorão, corr. *taynharô,* c. *taynharô,* contracção de *tayá-nharô,* o tayá bravo (*Caladium bicolor*). E' a planta da familia das aroideas, tambem chamada *Pé-de-Bezerro.* V. *Tayá, Tayoba,* Alt: *Tanhorom, Tanhorão.*

Tipá, corr. *ty-pá,* contracção de *ty-paba,* o fim ou extremo d'agua, a baixamar. Alt. *Tipáo.*

Tipi, corr. *typy,* a fundura, o que está fundo. Designa a planta chamada vulgarmente *Jarrinha* (*Aristolochia*).

Tipioca, c. *typi-oca,* tirado ou colhido do fundo; o sedimento, o coagulo, o residuo do succo da mandioca; 119; alt, *Tipioca, Tapioca.*

Tipuhy, corr. *Ty-poi,* a agua fina, delgada, o filete d'agua.

Tiquara, corr. *ty-quára,* o buraco d'agua, o poço. Designa tambem uma mixtura d'agua com farinha

de mandioca e assucar ou a *jacuba*.

Tiquaruçú, c. *tiquar-uçú*, o poço grande. Chefe dos Petinguaras que se rebellou contra os Portuguezes, quando foi da primeira invasão hollandeza. Vencido na Serra da Copaoba, foi executado a cutiladas.

Tiquira, corr. *ty-kira*, a agua vertendo, a vertente. Matto-Grosso.

Tiriba, voz onomatopaica da ave; papagaio (*Psittacus, Conurus cruentatus* Neuw.). *Tiriba-î* é o piriquito *Psittacus leucotis* Neuw.).

Tiribobô, corr. *yrybobô*, a ponte, a pinguella, tronco sobre a agua, atravessando a corrente. Rio de Janeiro.

Tiririca. Gerundio supino de *tiriri*, vibrar, brandir; *tiririca* exprime —*a vibrante*, a que vibra ou brande, a cortante. Designa uma planta cyperacea lacerante. (*Cyperus brasiliensis*). O povo diz: «tiririca é faca de cortar...».

Tiuba, corr. *tuî-yba*, a arvore dos tuins; corr. *tuyuba*, abelha pequena e amarella; Bahia.

—

Tobayara, c. *tobai-yara*, o individuo fronteiro; o competidor, o emulo; o cunhado da parte do homem.

Toca, s. abs. *oca*, a casa, o refugio, o esconderijo; 112. V. *oca*.

Tocái, s. o curral, a manga; no guarani.

Tocari, s. o castanheiro silvestre, chamado *a castanha da terra*.

Tocarijú, corr. *tocarì-yú* o espinho do tocarí. V. *Tocarì*.

Tocandira, corr. *tucandy*, c. *tucandy*, contracção de *tucaba-ndy*, exprime a acção de ferir muito, o que muito fere ou offende. E' a formiga preta de picada dolorossima, armada de um ferrão no abdomen, e venenosa. Dizem que a mordedura é aphrodisiaca e os indios *Mauhés* della se serviam para prova da fortaleza de animo dos mancebos.

Tohá, V. *Tauá*.

Toque-toque, corr. *toq-toq*, ou *toc-toc*, o que tapa muito, o que impede de ver. Designa quasi sempre as pontas ou saliencias da costa encobrindo ou vedando a vista em certa direcção.

Toré, s. a flauta, feita de taquára servindo para as danças. Amazonas. Alt.: *Torem, Boré*.

Toró, corr. *tò-r-ò*, contracção de *toc-r-ó*, a coberta grossa, o casco espesso; designa uma especie de tatú, o maior (*Dasypus Gigas;* é o *tatú-açú* ou *Tatú-canastra*, de cuja cauda faziam os indios o *toré* ou *boré*, flauta de que usavam.

Toropasso, Pode ser uma palavra hybrida *Toró-passo*. exprimindo o passo ou vau do *Toró* (Tatu-Canastra(; ou então é expressão castelhana para dizer—o passo do touro. Rio Grande do Sul.

Toropy, c. *toró-py*, o casco do *toró*, ou do tatu-canastra. V. *Toró*. Pode ser corrupção de *toròpy-y*, o rio do casco do tatú. Rio Grande do Sul.

Tororó, s. o jôrro. o enxurro, a enxurrada. E' voz onomatopaica. Alt.: *chorò, chororó*.

Torotama, c. *toró-tama*, a região dos tatús-canastras. V. *Toró*.

Toryba, s. alegria, felicidade; alt. *toryva*.

Tovacca, corr. *to-baca*, contracção de *toba-baca*, e exprime: o rosto voltado, o que volve a cabeça; allusão ao habito da ave deste nome, de acompanhar ou volver a cabeça na direcção do projectil que não a attinge. E' o *passaro tôlo*. (*Grallaria marginata*, Gray *Myioturdus*, Neuw.). Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas.

—

Traçanga, corr. *tara-çanga*, a formiga assanhada ou embravecida.

Trahira, corr. *tarauira*, c. *ta-raguira*, o que está de rôjo, um peixe d'agua doce, muito voraz. (*Erythrinus Tareira*. Cuv.). No guarani, *tarey*. Alt.: *Tareira, Taraira*. Designa tambem a lagartixa.

Traipú, corr. *ityra-ipú*, olho d'agua do monte, a fonte do morro.

Tramandahy, corr. *tara-manda-y*, o rio de feixe de espigas. *Taramanda* é o feixe de milho ou de espigas. Rio Gr. do Sul.

Trapiá, corr. *tapy-á*, o grão, a glandula, o testiculo. Designa um fructo silvestre da arvore (*Gallesia scorododendron Cas.*)

Trapoeraba, corr. *tarã-poêraba*, a manipulação da mulher, isto é, o remedio feito pela dona da casa, mezinha caseira. Designa a planta herbacea da familia das Comelianas (*Tradescancia diuretica* Mart.). Alt.: *Trapoerava, Trepoeraba, Trepoerava*. V. *Poeraba*.

Traripe, corr. *tarayr-y-pe*, no rio das trahiras. Bahia. Antigamente se dizia *Tararype*.

Tremenbé, corr. *tirì-membé*, contracção de *ty-rirì-membé*, a agua que se escôa mollemente; designa local embrejado, ou encharcado; o alagadiço. Nome de uma nação indigena da costa do Ceará, cuja denominação lhe vinha da região alagadiça que occupava. Ceará, S. Paulo. 100.

Tribuçú, corr. *turú-buçú*, o verme grande, o bicharôco. E' nome injurioso entre os que falam o tupi. Bahia.

Tripui, corr, *ityra-poì*, morro delgado ou esguio.

Truçú, V. *Turuçú*.

Tubî, corr. *tub-î*, o paesinho, a abelha miuda. V. *Tubiba*.

Tubiba, s. abelha miuda (*Trigona Tubiba*). Rio de Janeiro.

Tubicháua, corr. *tyby-eçaba* ou *tyby-echaba*, a vigilancia da terra, o governo da terra, o vigilante ou inspector; o maioral. V. *Tibireçá*.

Tubuna, c. *tub-una*, a abelha preta. *Tub*, é um nome generico para certa qualidade de abelhas. (*Trigona bipunctata* Lep.)· Alt.: *Tubyna, Tuvuna*. Rio Gr. do Sul, S. Paulo.

Tucano, corr. *tu-can*, bico osseo Bap. C.; corr. *tu-quã*, bico que sobrepuja, exagerado; nome da ave conhecida. (*Rhamphastus*).

Tucantins, corr. *tucan-tim*, nariz de tucano, ponta de tucano; nome de uma tribu selvagem que deu seu apellido a esse rio. Parà; alt. *Tocantins*.

Tucanguira, corr. *tucanguir*, c. *tucánguir*, contracção de *tucaba-nguir* e exprime—«a acção de ferir por baixo», isto é, o que fere com a parte inferior, allusão ao ferrão. E' uma formiga venenosa. V. *Tocandira*. Amazonas.

Tuchaua, corr. *tu-chaba*, contracção de *tub-echaba* (*tub-eçaba*), visto que o ç no tupi é levemente chiado; exprime *a vigilancia do pae*, a inspecção paterna, o governo patriarchal, como era de uso entre o gentio. Designa o individuo que exerce esta funcção, o chefe, o maioral ou simplesmente—o governo. Alt.: *Tuchava*.

Tucambira, corr. *tucã-mbyra*, a pelle do tucano.

Tucum, c. *tu-cû*, espinho alongado, púa. E' a palmeira *Astrocarium tucuma*, cuja haste é guarnecida de longos espinhos, e della se colhe uma fibra das mais resis-

tentes, servindo para linha de anzóes e para o fabrico das rêdes.

Tucunduva, corr. *tucû-dyba*, o palmar de tucuns. V. T*ucum*.

Tucupí, corr. *tycû-pi*, a decoada picante, o molho dos indios, feito com o succo da raiz da mandioca. Amazonas.

Tucura, s. o gafanhoto, (*Locusta*).

Tucurahy, c. *tucura*-y, rio dos gafanhotos; 109.

Tucuruvy, corr. *tucur-obi*, gafanhoto verde.

Tuguì, c. *tu-gui* (pronuncie-se *tughi*), o que sae do golpe, o sangue. No absoluto, *tughi*; nas diversas relações—*çugui, rugui*.

Tujucué, corr. *tuyuc-cué* ou *tiyu-cué*, é a forma do plural no guarani de *tuyuca*, quer dizer: os brejos, os atoleiros. Paraguay.

Tuim, s. uma especie de periquito. Nome de um chefe do gentio.

Tuimirim, c. *tuim-mirim*, o tuim pequeno. Nome de um lingua ou *trouchmen* francez, que vivia entre os Petinguaras da Parahyba, no seculo XVI.

Tuman, corr. *tymã*, as pernas. Chefe do gentio visinho da cachoeira de Paulo Affonso, no seculo XVII.

Tumbyra c. *tû-mbyra* ou *tun-byra*, o bichento, o que tem os pés cheios de bichos. V. *Tunga*.

Tunga, s. a nigua, o bicho de pé (*pulex penetrans*). Alt.: T*um* ou T*un*. E' tambem o gerundio-supino de *tun*, escurecer, anuvear. T*una* ou *tunga* exprime: anuveando, escurecendo ou anuveado, escurecido. No guaraní, *tung*, segundo Montoya, é *a nuvem do olho*, é o escurecimento da vista.

Tunguçú, c. *tung-uçú*, a pulga, o bicho ou nigua maior,

Tupá corr. *tú-pá*, contracção de *tupaba*, a estancia, o logar dos tombos, das pancadas, dos estrondos ou trovões. Neste caso, porem, *tupá* exprime antes—o céo, o espaço.

Tupã, corr. *tub-ã*, o pae alto, o pae que está no alto, o Altissimo. Alt.: T*upá*. Magalhães faz distincção entre *tupá*, o trovão e *tupana (tupa-an)* o autor do trovão, o trovejador, o tonante. (Rev. Inst. Hist. Tom. 23, p. 27) Os catechistas adoptarem este vocabulo para exprimir Deus.

Tupãboya, c. *tupã-boya*, o servo de Deus, o santo.

Tupãboyéra, c. *tupã-boy-éra*, é o plural de *tupã-boya*, os santos, os servos de Deus.

Tupaberaba, c. *tupá-beraba*, o céo reluzindo, o relampago. V. *Tupá*. Pode ser tambem *tupã-beraba*, Deus reluzindo. 125

Tupacinunga, corr. *tupá-cynynga*, o céo roncando, o trovão. Pode ser tambem *tupã-cynynga*, a voz ou ronco de Deus. 125.

Tupanceretan, corr. *Tupã-cy-retã*, a terra da Mãe de Deus, o patrimonio de Nossa Senhora. Rio Grande do Sul.

Tupanaroca, c. *tupãna-roca*, a casa de Deus, a egreja, a capella, o santuario; 112.

Tupi, c. *tu-upi*, *tu* ou *tub*, pae, *upi*, elevado, sublime, superior, isto é, o pae supremo, o grande pae, o primitivo, o progenitor. Esta interpretação corresponde á graphia franceza *tououpi*, que se encontra como radical do nome *tououpinambaoult*, segundo nol-o transmittiu João de Lery, viajante que Ferdinand Denis aliás reconhece ser de uma exactidão admiravel. Varnhagen interpretou *tupi* ou *typi*, os da primitiva geração. O Padre Simão de Vasconcellos interpretou *tupi* como synonimo de *tupã*, pois que *tupî* quer dizer—o pae supremo, e traduziu *tupinambá*, como *povo de Deus*. Cumpre notar que alguns viajantes e escriptores do seculo XVI escreveram tambem *tuppin* ou *tupin*, que quer dizer —*tio*—, o irmão do pae.

Tupinaês, corr. *tupi-nã*, parentes ou consaguineos dos tupis; corr. *tupin-aê*, amigo dos tupis ou seu affeiçoado; nome de uma tribu selvagem primitiva. Pode ainda *tupin-aen*, significar os tios supostos ou falsos; V. *tupì*.

Tupinambá, c. *tupi-nã-mbá*, descendente dos tupis; pois que *nã-mbá*, o mesmo que *anambá* significa — *derivado do parente*, ou *descendente* ; V. *tupi*.

Tupinambarana, c. *tupinambá-rana* os falsos *tubinambás*, os que falsamente descendem dos tupis.

Tupiniquins, ant. *tupinãkî*, c. *tupinãki*, galho do parente de tupi, os collateraes dos tupis; 109.

Tupirama, c. *tupi-rama* ou *tupi-retama*, a região ou patria dos tupis; 110.

Turí, s. a arvore tambem conhecida por T*uriuva* ou *Carapeirana*. (*Licania turiuva*) ; dá cachos como bolotas aureas. Alt.: T*ury*.

Turú, s. nome dado geralmente a animaes aquaticos e vermes· Alt.: *Surú*.

Turuna, corr. *tyr-una*, o cano preto, membrum nigrum.

Turyassú, c. *turí-açú*; o turi grande. V. *Turí*. Maranhão.

Tutoya, corr. *totoi*, interj. equivale a *oh! linda!*; que belleza!; que encanto! (Mont.)

Tuxava, V. *tuchaua*.

Tuya, s. a velhice, a idade avançada.

Tuyú, tp. gr., o brejo, a lama, o liquido corrupto ou podre; no tp. c.—*ty-yuca*.

Tuyuba, corr. *tu-yuba*. contracção de *tub-yuba*, a abelha amarella ou ruiva. (*Melipona rufriventris* Lep.) Alt.: *Tuyuva* em S. Paulo, T*iuba* nu T*heúba* no Bahia; T*uhuba*, T*uhuva*, T*uyú*.

Tuyuca, c. *ty-yuca*, o brejo, a lama, o tremendal, o liquido podre, o chareo, o paúl. 99; alt. *tijuca, tijuco, tujuco, tuyú*.

Tuyu-mirim, s. a abelha *tuyuba* pequena *(Trigona dorsalis* Sm.)

Tuyuty, corr. *tuyu-ti*, lameiro branco, barro branco, no tp. gr.; no tp. c. *tuyutinga*; 70.

Tuyuyú, no tp. gr. lama amarella, barro amarello; no tp. c. seria *tuyu-yuba*; nome das cegonhas pela razão, segundo Azara, de habitarem os brejaes. Baptista Caetano interpretou: *tu* ou *tî* bico, *yu-yu* muito amarello, isto é, a ave de bico muito amarello, (*Micteria americana*).

—

Ty, V. *tî*; 195.

Tyra, s. o cano, o tubo, o conducto. Alt. T*ir*, T*ur*.

Tyaia, s. o suor, o humor.

Tyjioca, corr. *tiyi-oca*, ou *tiyui-oca*, o paradeiro das espumas; 112; alt. *Tijioca, Tijoca*: Parà.

Typity, vb. expremer, tirar liquido por pressão; s. a prensa, o cesto tubular e elastico feito de folhas de palma e servindo para expremer a massa da mandioca ralada; 119; alt. *Tipiti, Tapiti*.

U

U, corr, *y*, a agua, o rio. A pronuncia da vogal guttural *y*, difficil aos estranhos, deu logar as formas *u, hu, cu*, que apparecem como suff, nos vocabulos como: *Cunhahú, Pagehú, Acaraçú*, equivalentes a; *Cunhã-ú, Pagé-hú, Acará-cú*, e respectivamente iden-

ticos a *Cunhã-y*, *Pagé*-y, *Acará*-y. *U* é tambem verbo, e significa comer, devorar, apresentando-se ás vezes sob a forma *hu*.

Uâ, s. o talo, a haste, o caule, o grelo, a columna vertebral, o dorso, o eixo: *uá-uà*, s. o vagalume, o pyrilampo.

Uauá, corr. *uâ-uâ*, o pirilampo, o vagalume. Bahia.

Uçãuba, corr. *yçá-yuba*, a formiga ruiva ou amarellada.

Uapicú, corr. *uapucu*, c. *uá-pucù*, contracção de *uará-pucú*, o individuo bicudo, a ave chamada vulgarmente—*pica-pau*, da ordem dos trepadores (*Picus*, (*Dryocopus*) *lineatus*).

Uara, part. do fut. do vb. *u*, o que hade comer, o comedor, o devorador. V. *Guara*.

Uaricury, corr. *yarì-curi*. V. *Ouricury*.

Uba, corr. *uyba* ou *huíba*, a flecha para o arco. No guaraní *hui*.

Ubá, corr, ybà, c. *yba-á*, o que se tira da arvore, o fructo. Tambem significa *canôa*, mas das fabricadas de casca de arvore.

Ubaia, corr. *ybá-aia*, fructo saudavel. *Eugenia campestris* Vell.). Alt.: *Uvaia Uvaya*. Rio de Janeiro, S. Paulo.

Ubajara, corr. *ybá-yara*, alterado para *uba-yara* que exprime — o canoeiro--Nome de um principal do gentio de Ibiapaba. Designa uma vastissima caverna, quasi inexplorada, da Serra de Ibiapaba, no termo da Granja. Ceará.

Ubarana, corr. *ybarana*, imitando o pau; designa um peixe, *(Bagrus reticulatus* Kner.)

Ubatã, corr. *yba-ãtã*, a arvore dura, tronco direito. E' o *Gonçalo Alves* (*Astronium fraxinifolium Schott*).

Ubatim, corr. *ybaty*, c. *ybá-tî*, o fructo de ponta, o grão ponteagudo. E' o milho dos indios (*Zea Mais* L.). E' tambem designado pelo nome *abaty* ou *abati*, c. *ábatî*, os cabellos brancos, allusão aos fillamentos ruivos ou brancos que envolvem a espiga por baixo da palha. V. *Abaty*.

Ubatuba, corr. *ybatyba*, o fructal, o horto; corr. *uybatyba*, o flechal, o cannavial bravo. 115. S. Paulo. Alt.: *Ubatiba*.

Ubayxi, corr. *ybá-chî*, o fructo miudinho. E' o arroz (*Orysa*). Dizse tambem *abaxi-î*; *abati-apé*; *abati-mirim*. Neste ultimo caso—milhosinho.

Ubay, corr. *ybá-y*, rio das fructas, ou *uyba-y*, rio das flechas ou das cannas bravas.

Ubayara, corr. *ybá-yara*, o hortelão; e tambem o canoeiro, e mais ainda o frecheiro, ou o individuo dextro em jogar a ficha.

Ubayéra, corr. *ybayéra* ou *ybaéra*, os fructos, as flechas, as cannas bravas, as canoas. 25

Uberaba, corr. *y-beraba*, a agua clara, crystalina. Minas.

Ubiracica, corr. *ybirá-icica*, a resina de pau; é a almecega.

Ubiraitã, corr. *ybirá-itá*, o páu de ferro.

Ubiracoá, corr. *ybirá-quã*, o pau pontudo; uma especie de cobra.

Ubiraem, V. *Buranhêm*.

Ubiraipú. corr. *ybirá-y-bù*, o que brota da arvore; é o nome de uma formiga que se cria nos pés de pau.

Ubiraparaiba, corr. *ybirá-apara-yba*, a arvore do pau d'arco.

Ubirapiroca, V. *Ibirapiroca*.

Ubirarema, V. *Ibirarema, Guararema*.

Ubirauna, V. *Barauna*.

Ubirataya, V. *Ibirataya*.

Ubu, corr. *yby*, a terra, o solo, servindo de prefixo em varias dicções. V. *yby*. 76.

Ububoca, V. *Ibiboca*.

Ubucaba, V. *Ibicaba*.

Ubucuúba, corr. *ybacuíba*, c. *ybá-cuî-*

yba,a arvore de fructo cadente. Alt.: *Ibicuiba, Ibucuhy, Bicuiba*.

Uçá. s. o carangueijo. (*Cancer*).

Ucima, V. *Guaxima*.

Uerana, corr. *uì-rana*, a canna brava, a flecha falsa. V. *Uba*.

Uéra, o mesmo que *oéra, cuèra. coéra, quéra*, e no tp. g. *cué*, velho, extincto, passado, o que já foi; suff. para o plural.

Uereré, corr, *y-ererê*, agua em gyro ou redomoinho.

Uiti, c. *ui-ti*, a massa apertada ou comprimida, allusão a ser a polpa dessa fructa um todo granuloso, humido e muito rijo. (*Brosimum*), Alt.: *Oyti, Guti. Guiti, Utim*.

—

Uma. E' uma das modalidades de *yma* ou *yba*, a arvore, a planta, o páu, a madeira. Alt.: *Ima, Iva, Uma, Ma*.

Umá, corr. *ybá*, o fructo. V. *Ubá*.

Umary, corr. *ymari*, ou melhor *ymoryi*, c. *y-mo-ri-y*, cantracção de *yba-mbo-ri-y* e exprime—«arvore que faz que verta agua», isto é, a arvore que dá agua, allusão ao phenomeno de dar no inverno tanta agua dos olhos que chega a molhar o solo. *Gcoffroya spinosa* L.) Ceará. Alt.: *Mary, Mariseiro*.

Umbú, V. *Imbú*.

Umburana, V. *Imburana*.

Umiri, corr. *ymirì*, c. *y-mirî*, contracção de *yba-mirim*, que exprime «a arvoresinha», o arbusto. (*Aumirium*). Alt.: *Humìri, Omiri*.

Umirim, corr. *y-miri*, aguinha, riosinho. 75.

—

Una, adj, negro, preto, escuro. Alt.: *huna, un, û, pixunu, mû*.

Unaim, c. *una-î*, pretinho, a; o moreninho, a.

Unhãu. corr. *y-nhã*, a agua correndo, a torrente, a enxurrada. Aft.: *Unhã*. Bahia.

Unapitinga, corr. *y-nhã-pitinga*, a torrente branca, o jorro d'agua branca. Pode ser tambem: *Unapitinga*. o preto e branco.

Unaúna, c. *una-una*, muito preto; é o bizouro ou colcoptero grande. com a cabeça, pescoço e pernas muito brilhantes e tudo muito duro, preto de azeviche. Rot. Brz. c. 93. (*Scarabeus, Geotrupes, Copris*),

—

Upá, corr. *y-pá*, contracção de *y-paba*, a estancia ou logar da agua, onde a agua fica ou permanece; a lagôa, o lago, o empoçado.

Upacarahy, corr. *ypá-caray*, a lagôa santa.

Upamoroty, corr. *ypá-moroty*, a lagôa muito clara. Rio Gr. do Sul.

Upanema, corr. *ypá-nema*, a lagôa ruim, isto é, que não dà peixe; Pode ser corr. *y-panema*, agua ou rio imprestavel. V. *Ipanema*.

Uparoba, corr. *ypá-roba*, a lagôa amarga. Pode ser corr. *yba-roba*, a arvore ou pau amargo. Alt.: *Iparoba, Paroba, Peroba, Perova*. V. *Iperoba, Peroba*.

Upeca, V. *Ipeca*.

Upé, corr. *ypé* contraccão de *yb-pé*, a casca de arvore, a casca. Nome de arvore (*Tecoma-Ipé*), cuja casca medicinal se emprega em gargarismos e contra ulceras de mau caracter. V. *Ipé*.

Uperú, V. *Iperú*.

Upeúva, corr. *ypé-yba*, a arvore do *ipê*, o tronco do ipê; a arvore da casca. V. *Ipeúva*.

Upiá, V. *upiára*.

Upiara, s. o ovo; a descendencia, a raça.

Upupiara, corr. *ypú-piára*, o residente na fonte, o que móra nas fontes. E' o homem marinho, que no seculo XVI, no Brasil, os colonos mais credulos diziam ter observado no mar, nos rios e nas fontes. Rot. Braz. c. 127. V. *Ipupiara*.

Upirú. V. *Ipirû*.

Upitanga, corr. y-*pitanga*, rio vermelho.

—

Ura, é forma contracta de *ymirá*. madeira, páu; arvore. Designa tambem o *berne*.

Urá, corr. *uîrá* ou *guîrá*, a ave, o passaro; corr. *ybirá*, a madeira, o páo.

Uraenhangatá, corr. *guirá-nheengatã*, passaro que canta firme. Alt,: *Gurinhatá*.

Urapinima, V. *Marapinima*.

Urarema. V. *Guararema*.

Urahy, corr. *uira-y*, rio dos passaros.

Uramaçã, corr. *uaramoçã*, c. *uáramo-çã*, individuo que quebra olho. ou entorta o olho. Designa um peixe da feição dos linguados, vivendo debaixo da vasa, chato, e deitado de uma banda só, o que lhe deforma a cabeça e entorta os olhos. Alt. *Uramaçá*, *Aramaçã*.

Urandi. V. *Guanandi*.

Urapiaguaras, corr. *uyrá-upiá-guara*. a comedora de ovos de passaros. E' uma cobra que anda pelas arvores salteando o ninho das aves. Rot. Braz. c. 113.

Uraquitã, corr. *ymirá-kitã*, o botão de pau, o botoque de madeira que o gentio usava trazer mettido no labio inferior: Alt. *myraquitã*, *muyraquitã*. Por extensão de vocabulo se applicou tambem esse nome ao botoque feito de pedra *itá-kitã*.

Uratáú, corr. *guirá-atã-ú*. o passaro que come espaçado; a coruja, o mocho (*Nyctibus aetherius*). Parece tambem voz onomatopaica. V. *Guirá*.

Uratauhy, corr, *urutau-y*, rio das corujas.

Urateonteon, corr. *guirá-teon-teon*, passaros que succumbem de continuo, allusão ao seu descanço ameudado sobre as aguas do mar, sobre o qual voam sempre. Rot. Braz. c. 84.

Uratinga, V. *Guiratinga*.

—

Urú, s. nome commum ás gallinaceas no tupi; a ave conhecida (*Odonthophorus dentatus*. Tom.). 124. Designa tambem um cesto tecido de palmas de carnauba.

Urbióneme, V. *Morpion*.

Urubú, corr. *uru-bû*, a gallinha preta, a ave negra. (*Cathardes*); alt. *urû-û*, a ave voraz.

Urubupungá, corr. *urubú-pungá*, contracção de *urubú-pungaba*, a zoada dos urubus, V. *Pongaba*. Salto no rio Paranã, pouco acima da foz do rio Tieté. S. Paulo, Matto-Grosso.

Urubuquara, c. *urubú-quara*, o refugio dos urubus.

Urubuqueçaba, corr. *urubú-keçaba*, a dormida ou ninho dos Urubus. S. Paulo.

Uruburetama, c. *urubú-retama*, a região ou paiz dos urubús; 110. Ceará.

Urubu-rubichá, s. o urubú-rei. (*Cathartes Papa*).

Urucaia, c. *urú-caia*, a queimada dos urús. Pode-se tambem traduzir—a gallinha saborosa.

Urucú, s. o vermelhão, a planta que o produz. (*Bixa Orellana*).

Urucapy, c. *urucá-py*, pé de *urucá*, modo de dançar do gentio, isto é, dança ao som do *urucá*.

Urpion, V. *Morpion*.

Urucury, corr. *yaricuri*, c. *y-aricuri*, o que dá cachos amiudados. E' palmeira que dá côcos miudos em cachos successivos, dos quaes côcos se come o de fóra por ser de soffrivel sabor e da amendoa que é oleosa e adocicada se alimenta o povo e a criação miuda. Do tronco que é fôfo e cheio de miolo alvo, solto, molle se faz mantimento apoz cuição branda que lhe tire a humidade. Rot. Braz. c. 55, Com esse nome se designam as palmeiras dos generos *Attalea excelsa* e *Cocos coronata*. Alt.: *Oacury*, *Guacury*. *Guaicury*, *Aricuri*, *Ouricury*.

Urucuya, corr. *urú-cúi*, as gallinhas, os urús. Minas.

Uruçança, corr. *y-roiçánga*, a agua fria. Alt.: *Ouriçanga*.

Uruçú, c. *urú-uçú*, o mesmo que *uru-guaçú*, a gallinha, o gallo: corr. *yrù-uçú*, o cesto grande ou côfo grande; corr. *eir-uçú*, *abelha grande* de côr avermelhada e que não morde: (*Trigona subterranea Triese*).

Uruçui, c. *uruçú-î*, abelha *uruçú* pequena, menor do que uma mosca e amarella.

Uruçumirim, c. *uruçú-mirim*, o mesmo que *uruçui*, V.

Uruçuhy, corr. *uruçú-y*, rio das abelhas *uruçús*, rio do côfo grande. V. *Uruçú*.

Uruguá, c. *uru-guá*, o caracol, o carangueijo, o buzio.

Uruguaçu, V. *uruçú*, 124.

Uruguay, antigamente *Uruay*, como se lê na carta de Diogo Garcia de 1526, e assim sendo, *Uruay*, c. *Uruá*-y ou *Urugoá*-y, exprime—rio dos caracóes ou dos buzios. O Padre Montoya, no seu «Tesoro». explica: y-*ruguai*, como sendo «o canal por onde vae a madre do rio».

Uruhú, c. *urú-ú*, o urú come, onde vive o urú. V. *Urú*.

Uirandi, corr. *guirá-andi*. o grude de passaro. E' a arvore *Landi*. V. *Guanandi*.

Urumbeba, c. *ymira-mbeba*, alterado para *yr-mbeba* ou *urumbeba*, a madeira, o tronco chato, a madeira em forma de espatula; o cardo de folha chata, lisa, espinhosa onde se cria a cochonilha. (*Cæreus*).

Uruoca, c. *urú-oca*, esconderijo dos urús.

Urupuá, corr. *urupoá*, c. *urú-poá* ou *urú-poaba*, a arribação dos urús; a zoada dos urús. Rio Grande do Sul.

Urupé, s. o cogumello, o fungo, a orelha de pau; corr. *urú-peba*, o cesto chato, a peneira.

Urupema, c. *uru-pema*, o cesto esquinado, rectangular. 120. Alt.: *Gurupema*.

Urupé-nambí, s. o cogumello-orelha, o fungo *orelha de pau*.

Urupuca, c. *urú-puca*, o cesto que desaba, armadilha para passaro.

Urutú, corr. *u-u-tú*, por euphonia *u-ru-tú*, exprimindo litteralmente *—come, come de arremesso*, o que muito come aos bótes; o que morde dando bótes. Designa uma especie de bagres, de pelle amarella e que mordem a linha todo o anno (Rot. Brar. c. 132), e tambem um ophidio dos mais venenosos do paiz (*Crotalus urutú*).

Urutueira, corr. *urutú-oéra*, é uma forma plural de *urutú*, 25, exprime—as que mordem de bóte. E' uma especie de abelhas. V. *Urutú*.

Urussanga, corr. *y-roiçanga*, agua fria; alt: *Ourissanga*.

Urussuhy, V. *Uruçuhy*.

Utú, corr. *y-tú*, tombo, queda d'agua, catadupa; alt: *Outú*, *Itú*, V. *Itú*.

Utinga, corr. *y-tinga*, agua branca; alt: *Otinga*, *Itinga*; 75.

Utupanema, corr. *ytú-panema*, o salto que não dá peixe, imprestavel.

Utupeva, V. *itupeva*.

Uvaia, V. *Ubaia*.

Uvú, é corrupção de *ú-ú*, que se pronuncia levemente gattural, a ponto de dar as formas *hú-hú*, *cú-cú*, *gù-gú*. O verbo *ú* exprime *comer*; *ú-ú* exprime comer de continuo, com intensidade; isto é, *a comichão*, o prurido forte. A forma *uvú*, corrupta, lembra o seu tanto de guttaral do verbo repetido. A expressão *nambi-uvú* é a mesma *nambi-u-û*, que ao pé da lettra diz: *orelha come, come*, isto é, *comichão de orelha*, bem expressiva da enfermidade desse nome que affecta os orgãos auditivos dos cães. Pode tambem *uvú* originar-se de *huû*, que quer dizer: fôfo, mole e tumido, e ainda—podre—quando se trata de carne ou de fructa, como se lê em o Diccionario de Montoya.

—

Uy, s. a farinha, o pó.

Uyá, V. *uyara*.

Uyara, corr. y-y*ara*, a senhora d'agua, a que mora n'agua, a dama do rio, a sereia: 125.

Uyarupiara, yy*ara-rupiara*, a raça das sereias; alt: *Uya-rupiá*; 125.

Uypuba, c. *uy-puba*, farinha de mandioca amollecida n'agua; 119.

Uytan, c. *uy-tã*, farinha dura ou bem cosida; 119.

Uytinga, c. *uy-tinga*, a farinha branca, a meio cosida; 119.

V

Vacacahy, O padre Gay traduziu: o rio da bosta de vacca. Pode ser corrupção de *vacca-caá-y*, rio do matto da vacca; como tambem *ybá-cacaî*, o gavião das fructas, uma ave de rapina dos campos do Rio Grande do Sul.

Vaccahy, parece palavra hybrida: *vacca-hy*, rio da vacca. Pode tambem ser corrupção de *ibacay* que exprime: agua do céo. Cumpre notar que no tupi não ha a lettra *v*. Rio Grande do Sul.

Vacaquá, parece palavra hybrida: *vacca-quá*, contracção de *vacca-quaba*, a passagem da vacca, o passo da vacca; e ainda: *vacca-quá* ou *vacca-quara*, o poço da vacca. Rio Gr. do Sul. Pode ser corrupção de *ibaca-quá* que exprime: estrondo do céo, o trovão. Rio Gr. do Sul.

Vahy, corr. *ybay*, c. *ybá-y*, rio das fructas. Rio Gr. do Sul. V. *Ivahy*.

Vacarapi, corr. *vacca-rapi*, a vacca esfolada. Nas antigas colonias espanholas do Rio da Prata, palavras hybridas como esta eram communs. *Vaccapi*, c. *vacca-pi*, o couro de vacca; V. *Vacca-hy*.

Vamicanga, corr. *guaimi-canga*, osso de velha, ou cabeça de velha; alt: *Guamicanga*, Lac. e Al.

Vaycurituba, ou *guaycurytuba*, c. *guaicury* ou *guacurî-tyba*, cocal de guaicury; Lac. e Al.

Vacary, corr. *uacaray*, c. *uá-caray*, o individuo velhaco, o manhoso, o experto. E' uma especie de macaco. (*Pithecia rubicundus*. Geof. St. Hil.).

—

Viatã, corr. *ubi-atã*, a flecha rija, esforçada, a flecha valente, nome de uma tribu selvagem do Norte de Brasil, que, segundo Fernam Cardim, se confundia com os Petinguaras.

Viba. V. *Uba*.

Virajuba, corr. *uirayuba*, c. *uirá-yuba*, o passaro amarello; é uma especie de papagaio. (*Psittacus chrysopterus*).

Virá, corr. *bîrã* ou *pirã*, forma contracta de *piranga*, vermelho, rubro, pardo. E' adjectivo, mas serve para designar por modo abreviado uma casta de veados. Diz-se commumente *virá* por *suaçú-virá*, ant: *suassubirá*, que, por sua vez, é corr. de *çooáçú-pirã*, veado vermelho. Pode ser tambem corrupção de *berá*, brilhante, reluzente, luzidio, lustroso; 109; e de *uirá*, passaro.

Viruá, corr. *bîroã* ou *pyroã*, o umbigo.

Viruçú, corr. *uirauçú*, c. *uirá-uçú*, a ave grande. (*Lipaugus*, *Muscicapa*, *Virussú Natterer*).

Virury, corr. *birury* ou *biryry*, corredeira, cachoeira.

Vivia, voz onomatopaica *ui-uia*, da lontra brasileira, (Rot. Braz. c. 101), E' a *ariranha* dos nossos rios. V. *Ariranha*.

—

Vorá, corr, *borá*, c. *bor-á*, tirado do conteúdo; é uma massa amarella, amarga, feita do pollen das flores, que se encontra dentro do cortiço das abelhas; é o mesmo *Samborá* ou *Tamborá*. Designa varias especies de abelhas. S, Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul,

Vossoroca, ant. *bossoroca*, corr. *yby-çoroca*, terra que se rasga, que se fende, terra rasgada; alt; *ubuçoroca*, *buçoroca*, *boçoroca*, *vossoroca*; S. Paulo; 129; V. *Bossoroca*.

Votu, ant. *botú*, corr. *yby-tú*, o vento, o sopro do ar; alt: *ubutu*, *butù*, *botú*, *votú*. 77.

Votura, corr. *ybytyra*, o monte; o outeiro, a encosta, a ladeira; alt: *ubutura*, *butura*, *botura*, *votura*. 77.

Voturantim, corr, *ybytyrantî*, c. *ybytyr-ã-tî*, monte alto branco; pode, porem, ter outra interpretação, como derivado de *ybytyrrã-tî*, que exprime: monte simulado branco, que vale dizer: o que imita uma montanha branca, allusão á massa branca de espumas que cae de encosta abaixo no salto desse nome, no rio Sorocaba. S. Paulo. V. *Votura*. 77. 81.

Voturoca, corr. *ybytú-roca*, casa do vento, desfiladeiro donde sopra o vento, bocaina; alt: *ubutú-roca*, *buturoca*, *boturoca*, *voturoca*. V. *Votu*. 77.

Voturuna, V. *Buturuna*.

—

Vuarame, corr. *guarema*, c. *guarêma*, individuo fetido. E' uma planta Sterculiacea (*Helicteres*). Alt.: *Guarama*.

Vupabussú, corr. *ypab-uçú*, lagôa grande; alt: *upabuçú*, *vupabuçú*, 98; Minas Geraes.

Vuturuá, corr. *ybytyr-uá*, o dorso do monte, o cume da montanha; alt: *ubuturuá*, *buturuá*, *vuturuá*; S. Paulo; V. *Votura*.

X

Xanchim, corr. *Chanchim* ou *çamci*, (pronunciados os çç chiados como é da indole da lingua), a corda lisa, a fibra macia. (*Cyathea Schanchim* Mart.). E' uma planta. S. Paulo.

Xandú, corr. *yandu* a aranha; alt: *Jandú*.

Xique-xique. Não é voz tupi.

Xará, diz-se tambem *Chará*, c. *che-rera-á*, tirado do meu nome, ou *o meu nome tira*; designa o individuo que tem o mesmo nome que outro. No Pará diz-se: *Xêra* que é *che-rêra*, o meu nome.

Xuri, corr. *churi*, a ema, o avestruz, tambem denominada *nhandú*.

Xerimbabo, corr. *che-remimbaba*, animal de minha estima.

Xiririca; corr. *y-chiririca*, agua ligeira, veloz; a corredeira, o rapido; S. Paulo; 104.

Xoró, corr. *choró*, verter, jorrar, correr. V. *Toró, Tororó*.

Xororó o mesmo que *tororó*, manar, correr, deslisar; *y-chororó*, agua corrente, sussurrante.

Y

Y, s. a agua, o liquido, o fluido, o rio, o curso d'agua; segundo o thema com que se combina, toma as formas; *gy, hy, yg*, e, segundo as corruptellas; *u, hu, cu*; é a vogal guttural do tupi; 75, 76, V. *U*.

Yá, V. *Yara*.

Ybá, c. *yb-á*, o que se colhe da arvore: o fructo. V. *Ibá, Ubá*, Alt.: *Ivá, Uvá*.

Yby, s. a terra, o chão, o solo, o orbe, o mundo. Alt.: *ubu; bu; bo; ibi. bi, vi. vu, vo,*.76

Ybyrá, c. *yby-rá*, o que é nascido da terra, o que brota do sólo, a arvore, a madeira, o páu. Alt.: *Ymyrá, Ibira, Umirá, Ubirá, Muirà, Iburà, Burà, Barà, Brà*.

Ybytyra, c. *yby-tyra*, a altura ou elevação da terra, o monte, o morro, a serra. Alt.: *Ubutura, Butura, Botura*. 80, 81. No tupi amazonico *uitêra*, no Cayuá *uitêra*.

Yacaracica, corr. *Yacaré-acica*, a posta ou pedaço de jacaré; corr. *yacaré-ycica*, a espuma ou baba do jacaré; Sergipe.

Yacoca, c. *ya-coca*, abrir roca, roçar; a roçada; Parahyba.

Yacoaracica, corr. *yaguar-ycica*, a baba da onça; Sergipe.

Yacotyba, corr. *ya-cô-tyba*, roças ou plantações em abundancia; Rio de Janeiro.

Yacuecanga, corr. *yacú-acanga*, a cabeça do jacú; corr. *yacú-ycanga*, ou *yacú ycanga*, cabeceiras ou nascentes dos jacús; R[illegible] Janeiro.

Yacuricy, corr. *yacuri-ycica*, res[illegible] do *yacuri, ou guacuri*.

Yapi, V. *Yapira*.

Yapira, o principio do rio, a nascente, a cabeceira. Alt.: *yapi, ygapira, gapira. guapira*.

Yapó, c. *y-apó*, a agua que trans[illegible] borda, que inunda; a inundação, a cheia do rio; os alagados margem dos grandes rios. Alt.: *Ygapó*. 99.

Yapoyú, c. *yapó-yuca*, o brejo, o estagnado podre V. *Pojuca*.

Yara, c. *y-ara*, aquelle que supera, que fica de cima, ou se scbrepõe; o senhor, o dono, o dominador; como adjectivo: — dextro, habil, capaz. Alt.: *Yá*.

—

Yembó, c. *y-embó*, o fio d'agua, o lacrimal, o arroio. V. *Iembú*.

Yerê, c. *y-erê*, a agua em gyro, o redomoinho. 104.

Yg, s. a agua. V. Y.

Ygaçaba, c. *yg-açaba*, a retenção d'agua, o vaso para guardal-a; o cantaro ou pote. Alt.: *Yaçaba, Yaçá*.

Ygara. V. *Igara*.

Ynhã, c. *y-nhã*, agua corre, o jorro, a enxurrada. Alt.: *Inhã, Unhão*.

Ynhamgaba, c. *y-nhangaba*, a carreira d'agua, o curso d'agua, o ribeiro.

Ypá, c. *y-pá*, contracção de y-*paba*, a estancia ou logar da agua, a lagôa. V. *Ipà*.

Ypaba, c. y-*paba*, o logar da agua, ou a agua confinada, limitada; a lagôa. Alt.: *Ipaba. Upaba, Upá, Ypá, Upava. Pá*.

Ypaû, c. *y-paû*, entre duas aguas, o meio entre ellas; a ilha. Alt.: *Upaû, Upaon, Ipaon, Upeon, Urpion*. V. *Ipaù*.

[illegible], c. y-*penú*, a agua empolada, [illegible]rugada, a onda.

[illegible], c. y-*pú* ou y-*bú*, a agua surge, o minadouro, a fonte, o olho, d'agua. V. *Ibú, Ipú*.

Z

[illegible]eiê, é voz espuria ou onomatopaica. E' a ave *Crypturus notivagus*, especie de nambú.

[illegible]bucaia, V. *Sapucaia*.

[illegible]rabatana. Escrevem outros *esgaravatana* que parece corrupção de *y-guarapatã*, c. *y-guara-apá-tã*, o arco direito ou rectificado, allusão ao facto de ser o instrumento d'este nome, um canudo ou busina direita que arroja as settas. Estas, muito pequenas e com bolinhas de algodão n'uma das extremidades, são arremessadas por um sopro forte através desse instrumento.

Zopiá, corr. *çupiá, rupiá*, o ovo, as ovas; a descendencia.

Zoó, corr, *çoó*, a caça, a carne; o animal, o bicho, a veação em geral.

Zereré, V. *Tererè*.

Zuinara, corr. *çooeyndara*, c. *çoóeym-dara*, aquelle que não se alimenta. E' o nome generico de umas aves nocturnas que os indios suppunham abstinentes (*Strix. Caprimulgus*). Alt.: *Suindara, Suindá, Suinara, Suiná*.

Zururú, corr. *çoó-rerú*, vaso de carne, bicho de receptaculo; é um mexilhão ou concha; corr. *çoórurú*, bicho humido ou encharcado. Alt.: *Sururù, Surerù*.

FIM

ERRATA

PAG.	LINHA		
20	14	DIGA —	Historisches Jahrbuch der Goerres — Gesellschaft
29	12		Dr. C. Ph. von Martius
35	5	»	Dr. C. Ph. von Martius
131	22	»	Echú ou Eichú
195	19	»	Marcgrave (2.ª columna)
197	8	»	craneo (2.ª columna)
198	43	»	azedo (1.ª columna)
199	27	»	tridactylus (1.ª columna)
202	10	»	familia (1.ª columna)
203	14	»	baratas (1.ª columna)
207	42	»	desconfiado (2.ª columna)
207	36	»	maribondo (2.ª columna)
208	33	»	maribondo (1.ª columna)
208	45	»	queimada (1.ª columna)
208	3	»	o cajazeiro, arvore do cajazeiro (2.ª columna)
209	21	»	abandonada (2.ª columna)
210	7	»	seus (2.ª columna)
212	40	»	anegrada (1.ª columna)
216	24	»	aboboras (1.ª columna)
216	2	»	macaco (2.ª columna)
216	39	»	interpretações (2.º columna)
217	9	»	documentos (2.ª columna)
218	46	»	Marcgrave (1.ª columna)
220	13	»	» »
224	37	»	» (2.ª columna)
227	32	»	martello (1.ª columna)
230	27	»	conchinha (1.ª columna)
230	36	»	embarcação (1.ª columna)
230	47	»	bodoque (2.ª columna)
231	16	»	Itanhaem (1.ª columna)
231	28	»	Itaúna (1.ª columna)
232	10	»	caminho (1.ª columna)
232	1	»	confunde-se (2.ª columna)
235	42	»	vagaroso (1.ª columna)
235	17	»	branca (2.ª columna)
238	2	»	cheiroso (1.ª columna)
239	19	»	matta (1.ª columna)
239	21	»	Cabo Frio (2.ª columna)
242	7	»	Falco (1.ª columna)
243	31	»	ajuntamento (2.ª columna)
245	3	»	chocalho (2.ª columna)
249	2	»	tocas (1.ª columna)
251	13	»	abundancia (1.ª columna)
259	48	»	mordedura (2.ª columna)
263	44	»	bicho (1.ª oolumna)
270	23	»	taquarinha branca (2.ª columna)
278	21	»	flecha (2.ª columna)
279	11	»	coleoptero (2.ª columna)
280	22	»	Cathartes (2.ª columna)
281	13	»	cocção (1.ª columna)

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Leanepratz – Jatenca

Balata – jetic

Dzgantzya – [illegible] – Tarangya